



A continuação de
Apenas um Dia

apenas um ano

DA AUTORA DO BEST-SELLER **SE EU FICAR**
GAYLE FORMAN





sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[parte um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[parte dois](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[agradecimentos](#)

Tradução
Ana Paula Doherty



© 2014 by Gayle Forman
© 2015 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Forman, Gayle

Apenas um ano / Gayle Forman ; tradução Ana Paula Doherty. -- Ribeirão Preto, SP :
Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: Just one year.
ISBN 978-85-8163-673-3
1. Ficção norte-americana I. Título.

14-10806 | CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



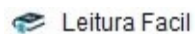
Save the Children

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



Para Marjorie, Tamara e Libba
Filhos criados, trabalho dobrado...

Quando eu estava em casa, estava em um lugar melhor:

mas os viajantes precisam estar sempre contentes.

De *Como Gostais*, de William Shakespeare

parte um 

UM ANO

agosto

Paris

É o sonho que eu sempre tenho: estou em um avião, bem acima das nuvens. O avião começa a descer, e eu tenho um pânico repentino porque percebo que estou no voo errado, viajando para o lugar errado. Nunca fica muito claro onde estou pousando — em uma zona de guerra, no meio de uma epidemia, no século errado —, mas eu sei que é num lugar onde eu não deveria estar. Algumas vezes tento perguntar à pessoa ao meu lado para onde estamos indo, mas nunca consigo ver seu rosto, nunca consigo ouvir uma resposta. Acordo em um suadouro desorientado ao ouvir o som do trem de pouso descendo, com o eco do meu próprio coração. Geralmente levo alguns momentos para me recompor, para me situar — um apartamento em Praga, um albergue no Cairo —, mas, mesmo depois de isso ter sido estabelecido, a sensação de estar perdido permanece.

Acho que estou sonhando agora. Como sempre, ergo a cortina da janela para dar uma espiada nas nuvens. Sinto o solavanco hidráulico das turbinas, o puxão para baixo, a pressão nos meus ouvidos, a ignição do pânico. Viro-me para a pessoa sem rosto ao meu lado, mas desta vez tenho a sensação de que não é um estranho. É alguém que eu conheço. E isso me enche de um alívio profundo. *Nós dois* não podemos ter embarcado no voo errado.

— Você sabe para onde estamos indo? — pergunto. Inclino-me mais para perto. Estou quase lá, quase a ponto de ver o rosto, quase a ponto de ter uma resposta, quase prestes a descobrir aonde estou indo...

E então ouço sirenes.



A princípio ouvi as sirenes em Dubrovnik. Eu viajava com um cara que

conhecera na Albânia quando ouvimos uma sirene passar. Parecia do tipo que tinha nos filmes americanos, e o cara com quem eu viajava comentou que cada país tinha seu próprio som de sirene.

— É útil, pois, caso você esqueça onde está, sempre pode fechar os olhos e as sirenes lhe dirão — ele me disse. Já fazia um ano que eu viajava, e levei alguns minutos para me lembrar do som das sirenes de casa. Elas eram quase musicais, sobe e desce de *lá lá lá*, como se alguém estivesse cantarolando, alegre e distraidamente.

Não é *aquela* sirene. É um monótono *mée-mée, mée-mée*, como o berro de uma ovelha eletrônica. O barulho não fica mais alto nem mais baixo à medida que se aproxima ou se afasta; é apenas um som estridente contínuo. Por mais que eu tente, não consigo localizar essa sirene, não tenho ideia de onde estou.

Só sei que não estou em casa.



Abro os olhos. Há uma luz forte por toda parte, vinda não só de cima, mas também de meus próprios olhos: pequenas alfinetadas explosivas que causam uma dor infernal. Fecho meus olhos.

Kai. O cara com quem eu viajara de Tirana a Dubrovnik se chamava Kai. Bebemos uma fraca cerveja pilsner croata nos arredores da cidade e depois rimos muito enquanto urinávamos nas águas do Mar Adriático. O nome dele era Kai. Ele era da Finlândia. As sirenes ressoam. Ainda não sei onde estou.



As sirenes param. Ouço uma porta se abrir, sinto água sobre minha pele. Um movimento do meu corpo. Sinto que é melhor manter meus olhos fechados. Não quero testemunhar nada disso. Mas, então, sou obrigado a abrir os olhos, e há outra luz, mais forte e dolorosa, como naquela vez em que passei tempo demais olhando para o eclipse solar. Saba havia me avisado para não olhar, mas

de algumas coisas é impossível se afastar. Depois daquilo tive dor de cabeça durante horas. Enxaqueca eclíptica. Era assim que a chamavam nos noticiários. Muitas pessoas tiveram depois de olhar fixamente para o sol. Também sei disso. No entanto, ainda não sei onde estou.

Agora há vozes, como se ecoassem de dentro de um túnel. Posso ouvi-las, mas não consigo distinguir o que estão dizendo.

— *Comment vous appelez-vous?* — alguém me pergunta em uma língua que não é a minha, mas que eu compreendo. *Qual é o seu nome?*

— Pode nos dizer qual é o seu nome? — A pergunta novamente, em outra língua, que também não é a minha.

— Willem de Ruiter. — Desta vez é a minha voz. Meu nome.

— Bom. — É a voz de um homem. Ela volta para a outra língua. Francês. A voz diz que eu falei meu nome corretamente e eu me pergunto como é que ela sabe. Por um segundo, acho que é Bram falando, no entanto, por mais desorientado que esteja, percebo que isso não é possível. Bram nunca aprendeu francês.



— Willem, colocaremos você sentado agora.

As costas de minha cama — *acho que estou em uma cama* — se dobram para a frente. Tento abrir meus olhos de novo. Tudo está encoberto, mas consigo definir luzes brilhantes sobre minha cabeça, paredes arranhadas e uma mesa de metal.

— Willem, você está em um hospital — o homem informa.

Sim, acabo de me dar conta disso. Também explica minha camiseta coberta de sangue, e a própria camiseta em si, que não é minha. A camiseta é cinza e tem a inscrição SOS em letras vermelhas. O que significa SOS? De quem é esta camiseta? E de quem é o sangue que está nela?

Olho ao redor. Vejo o homem — um médico? — usando jaleco, a enfermeira ao lado dele, segurando uma compressa de gelo para mim. Toco minha bochecha. A pele está quente e inchada. Meu dedo sai com mais sangue. Isso responde a pergunta.

— Você está em Paris — diz o médico. — Sabe onde é Paris?

Estou comendo tagine em um restaurante marroquino em Montorgueil com Yael e Bram. Estou passando o chapéu depois de uma apresentação com os acrobatas alemães em Montmartre. Estou doidão, suado, em um show da *Mollier than Molly* no Divand du Monde com Céline. E estou correndo, correndo pelo mercado de Barbès, de mãos dadas com uma garota.

Que garota?

— Na França — consigo responder. Minha língua parece tão grossa quanto uma meia de lã.

— Consegue se lembrar do que aconteceu? — o médico pergunta.

Ouçó botas e sinto gosto de sangue. Há uma bola de sangue dentro de minha boca. Não sei o que fazer, então a engulo.

— Parece que você se envolveu em uma briga — o médico continua. — Terá de fazer um boletim de ocorrência. Mas antes precisaremos dar pontos no seu rosto e fazer um ultrassom de sua cabeça para ter certeza de que não há um hematoma subdural. Está de férias por aqui?

Cabelos escuros. Respiração suave. Uma sensação atroz de que eu havia perdido algo precioso. Bato a mão no bolso.

— Minhas coisas? — pergunto.

— Encontraram sua mochila e tudo o que tinha dentro espalhado pelo chão. Seu passaporte ainda estava lá dentro. E sua carteira também.

Ele a passa para mim. Olho para a carteira. Há mais de cem euros lá dentro, apesar de eu me lembrar de ter muito mais. Minha carteira de identidade desapareceu.

— Também encontramos isto. — Ele me mostra uma pequena caderneta preta. — Ainda tem algum dinheiro na sua carteira, não é? Não parece ter sido um assalto, a não ser que você tenha lutado com seus agressores. — Ele franze o cenho, presumo que pela aparente tolice de sua manobra.

Será que eu fiz isso? Um nevoeiro baixo se instala no céu, como a bruma vinda dos canais pela manhã, quando eu costumava observá-la e desejar que se dissipasse. Eu sempre estava com frio. Yael dizia que era porque, apesar de eu parecer holandês, o sangue mediterrâneo dela corria em minhas veias. Eu me lembro daquilo, me lembro do áspero cobertor de lã no qual me enrolava para me aquecer. E, apesar de agora saber onde estou, não sei por que estou aqui. Eu não deveria estar em Paris. Eu deveria estar na Holanda. Talvez isso explique a sensação de desconforto.

Vá embora. Vá embora, peço em pensamento ao nevoeiro. Mas o nevoeiro é tão teimoso quanto o nevoeiro holandês. Ou talvez o meu desejo seja tão fraco quanto o sol do inverno. De qualquer maneira, ele não se vai.

— Sabe que dia é hoje? — pergunta o médico.

Tento pensar, mas as datas flutuam como folhas em uma sarjeta. Isso não é

novidade. Nunca sei as datas. Não preciso saber. Balanço a cabeça.

— Você sabe em que mês estamos?

Augustus. Août. Não, em francês não.

— Agosto.

— Dia da semana?

Donderdag, diz algo em minha cabeça. Quinta-feira.

— Quinta-feira? — tento.

— Sexta-feira — o médico corrige, e a sensação de desconforto aumenta. Talvez eu devesse estar em algum lugar na sexta-feira.

O interfone toca. O médico o atende, fala por um minuto, desliga e se vira para mim.

— O pessoal da radiologia estará aqui em trinta minutos. — Em seguida ele começa a conversar comigo sobre *commotions cérébrales*, concussões, perda temporária de memória, ultrassons e tomografias computadorizadas, e nada disso tudo faz muito sentido.

— Há alguém para quem possamos ligar? — ele pergunta. Sinto que há, mas de maneira alguma consigo pensar em quem. Bram se foi, Saba se foi e Yael talvez já tenha ido também. Quem mais está lá?

A náusea toma conta, rápido, como uma onda para a qual eu houvesse dado as costas. E então há vômito por toda a minha camiseta ensanguentada. A

enfermeira é rápida com a bacia, mas não o suficiente. Ela me passa uma toalha para que eu possa me limpar. O médico diz algo sobre náusea e concussões. Há lágrimas em meus olhos. Eu nunca aprendi a vomitar sem chorar.

A enfermeira limpa meu rosto com outra toalha.

— Ah, me esqueci de um lugar — diz ela, com um sorriso meigo. — Aqui, no seu relógio.

Em meu pulso há um relógio, reluzente e dourado. Não é meu. Por um rápido momento, vejo-o no pulso de uma garota. Subo a mão até um braço fino, um ombro forte, um pescoço de cisne. Ao chegar ao rosto, imagino que seja indecifrável assim como o rosto em meu sonho. Mas não.

Cabelos escuros. Pele clara. Olhos ardentes.

Olho para o relógio novamente. O cristal está rachado, mas ele ainda está funcionando. Marca nove horas. Começo a suspeitar do que eu me esquecera.

Eu procuro me sentar mais ereto. O mundo se dissolve.

O médico me empurra de volta para a cama com uma mão em meu ombro.

— Você está agitado porque está confuso. Isso tudo é passageiro, mas precisaremos fazer uma tomografia para ter certeza de que não há uma hemorragia no cérebro. Enquanto esperamos, podemos cuidar de suas lacerações faciais. Primeiro vou lhe dar algo para anestesiá-lo localmente.

A enfermeira passa alguma coisa cor de laranja em meu rosto.

— Não se preocupe. Não mancha.

Não mancha; apenas arde.



— Acho que eu deveria ir embora agora — digo quando as suturas estão feitas.

O médico ri. E, por um segundo, vejo a pele pálida, porém morna, por baixo, coberta pela cal branca. Uma sala branca. Uma sensação latejante em meu rosto.

— Tem alguém me esperando. — Eu não sei quem é, mas sei que é verdade.

— Quem está esperando você? — pergunta o médico.

— Não me lembro — admito.

— Sr. De Ruiter. Precisa fazer uma tomografia. E, depois, eu gostaria de mantê-lo aqui em observação até que recobre sua clareza mental. Até que saiba quem está lhe esperando.

Pescoço. Pele. Lábios. A mão frágil e forte dela sobre meu coração. Passo a mão sobre meu peito, sobre o jaleco verde que a enfermeira me deu depois que cortaram minha camiseta ensanguentada para verificar se havia alguma costela quebrada. E o nome está na ponta da língua.

Os funcionários do hospital me levam em uma maca para outro andar. Estou ligado a um tubo que faz um barulho metálico em volta da minha cabeça. Talvez seja o barulho, mas, dentro do tubo, a névoa começa a se dissipar. No entanto, não há o brilho do sol por trás dele, apenas um céu pesado e plúmbeo no momento em que as peças se encaixam.

— Preciso ir. Agora! — grito de dentro do tubo.

Há silêncio. Então o clique de um interfone.

— Por favor. Fique parado — pede em francês uma voz sem corpo.



Sou levado de volta para o andar de baixo para esperar. Já passa do meio-dia.

Espero mais. Eu me lembro dos hospitais, me lembro exatamente do motivo pelo qual os odeio.

Espero mais. Passo da adrenalina à inércia: um carro de corrida preso no trânsito. Tiro uma moeda do bolso e faço o truque que Saba me ensinou quando eu era um garotinho. Funciona. Eu me acalmo e, ao fazê-lo, outras peças perdidas se encaixam. Viemos juntos para Paris. *Estamos* juntos em Paris. Sinto a mão suave dela na minha cintura enquanto ela se senta na garupa da bicicleta. Sinto a mão dela, não tão suave, quando nos abraçamos com força. A noite passada. Em um quarto branco.

O quarto branco. Ela está no quarto branco esperando por mim.

Olho ao redor. Os quartos de hospital nunca são tão brancos quanto as pessoas pensam. Eles são bege, terra, rosa queimado: tons neutros feitos para tranquilizar corações partidos. O que eu não daria para estar em um quarto verdadeiramente branco neste momento.



Algun tempo depois, o médico entra novamente. Está sorrindo.

— Boas notícias! Não há hematoma subdural. Apenas uma concussão. Como está sua memória?

— Melhor.

— Que bom. Vamos esperar pela polícia. Eles pegarão seu depoimento e então eu poderei liberá-lo para que possa se encontrar com seu amigo. Mas você vai ter de pegar leve. Eu lhe darei uma folha de instruções com relação aos cuidados, mas está em francês. Talvez alguém possa traduzi-la, ou podemos achar uma na internet, em inglês ou holandês.

— *Ce ne sera pas nécessaire* — digo.

— Ah, você fala francês? — ele pergunta em francês.

Confirmo, meneando a cabeça.

— Voltou à minha memória.

— Que bom. Todo o resto também voltará.

— Então já posso ir?

— É necessário que alguém venha buscá-lo! E é preciso fazer um relatório para a polícia.

Polícia. Isso levará horas. E eu não tenho nada para dizer a eles, sinceramente. Pego a moeda de volta e começo a brincar com ela pelos nós dos dedos.

— Sem polícia!

O médico segue a moeda enquanto ela gira pela minha mão.

— Você tem algum problema com a polícia? — ele pergunta.

— Não. Não é isso. Tenho de encontrar alguém — respondo. A moeda cai tilintando no chão.

O médico pega a moeda e a dá de volta para mim.

— Encontrar quem?

Talvez tenha sido o modo casual como ele perguntou; meu cérebro machucado não tem tempo para repassar tudo antes de colocar algo para fora. Ou talvez o nevoeiro esteja se dissipando agora, e deixando para trás uma dor de cabeça terrível. Mas lá está ele, um nome, em meus lábios, como se eu o dissesse o tempo todo.

— *Lulu.*

— Ah, Lulu. *Très bien!*

O médico junta as mãos.

— Ligaremos para essa Lulu. Ela pode vir buscá-lo. Ou poderemos trazê-la até você.

É coisa demais para explicar. Eu não sei onde Lulu está. Só sei que ela está em um quarto branco e que espera por mim; que espera por mim há bastante tempo. E tenho uma sensação horrível, e não é só por estar em um hospital, onde as coisas geralmente não têm rotina, mas por outro motivo.

— Preciso ir — insisto. — Se eu não for, poderá ser tarde demais.



O médico olha para o relógio na parede.

— Ainda não são duas horas. Não está nem um pouco tarde.

— Será tarde demais para mim. — *Poderia ser.* Como se o que quer que fosse acontecer ainda não tivesse acontecido.

O médico olha para mim demoradamente. Em seguida, balança a cabeça.

— É melhor esperar. Em algumas horas sua memória estará de volta e você a encontrará.

— Eu não tenho algumas horas!

Eu me pergunto se ele pode me manter aqui contra a minha vontade. Pergunto-me, neste momento, se eu ainda tenho alguma vontade. Mas algo me puxa para a frente, através da bruma e da dor.

— Preciso ir — insisto. — Agora.

O médico olha para mim e suspira.

— *D'accord.*

Ele me passa um maço de papéis, me diz que preciso descansar nos próximos dois dias, limpar minha ferida diariamente e que os pontos se dissolverão. Em seguida me passa um pequeno cartão.

— Este é o inspetor de polícia. Direi a ele para esperar sua ligação amanhã.

Assinto, num gesto com a cabeça.

— Você tem para onde ir? — ele pergunta.

A boate de Céline. Digo o endereço. A parada do metrô. Disso eu me lembro com facilidade. Eu consigo encontrar.

— Certo — diz o médico. — Vá até o departamento de cobrança fazer o check-out e depois pode ir.

— Obrigado.

Ele me toca no ombro e me lembra de que tenho de pegar leve.

— Sinto muito que Paris tenha lhe trazido esse infortúnio.

Viro-me para encará-lo. Ele está usando um crachá com o nome, e minha visão embaçada desapareceu, de modo que consigo focar no crachá. DOCTEUR ROBINET, ele diz. Embora minha visão esteja boa e o dia continue cinzento, ainda tenho essa sensação. Uma sensação de algo nebuloso — não tanto de felicidade, mas de solidez; a sensação de pisar na terra depois de ter estado muito tempo no mar — toma conta de mim. Ela me diz que, seja lá quem for essa Lulu, algo aconteceu entre nós em Paris, algo que foi o oposto de um infortúnio.

No departamento de cobrança, preencho milhares de formulários. Fico em apuros quando eles me pedem um endereço. Não tenho nenhum. Não tenho endereço há bastante tempo. Mas eles não me deixam ir embora enquanto eu não der um. A princípio penso em lhes dar o de Marjolein, a advogada de minha família. É a ela que Yael confia toda a sua correspondência importante, e era com ela que, percebo tarde demais, eu teria de me encontrar hoje — ou será amanhã? Ou teria sido ontem? — em Amsterdã. No entanto, se chegar uma conta de hospital para Marjolein, tudo vai direto de volta para Yael, e não quero explicar nada a ela. E eu também não quero *não* explicar se por acaso ela não perguntar sobre o que aconteceu.

— Posso lhe dar o endereço de uma amiga? — pergunto à atendente.

— Não estou nem aí se me der o endereço da rainha da Inglaterra, contanto que eu tenha algum lugar para onde mandar a conta — diz ela.

Posso dar o endereço de Broodje, em Utrecht.

— Um momento — peço.

— Leve o tempo que precisar, *mon chéri*.

Inclino-me sobre o balcão e fuço em minha caderneta de endereços, passando pelos conhecidos acumulados ao longo do último ano. Há inúmeros nomes de pessoas das quais não me lembro, nomes dos quais não me lembrava nem mesmo antes de ganhar esse calombo horroroso na minha cabeça. Há um bilhete dizendo *Lembre-se das cavernas de Matala*. Eu me lembro das cavernas e da garota que escreveu o bilhete, mas não por que eu deveria me lembrar dessas coisas.

Encontro o endereço de Robert-Jan bem na frente. Leio-o para a atendente, e, ao fechar a caderneta, ela cai e se abre em uma das últimas páginas. Há ali uma caligrafia desconhecida, e, a princípio, imagino que minha visão deve realmente estar turva, mas então percebo que é apenas porque as palavras não estão em inglês ou holandês, mas em chinês.

Por um segundo, não estou aqui no hospital, mas em um barco, com ela, e ela está escrevendo em minha caderneta de anotações. Eu me lembro. Ela falava chinês. E o mostrou para mim. Viro a página e lá está aquele símbolo.



Não há tradução ao lado, mas, de algum modo, sei o que o símbolo significa.

Dupla felicidade.

Vejo o símbolo aqui na caderneta. E o vejo, maior, em uma placa. Dupla felicidade. Seria aqui que ela está?

— Sabe se há um restaurante ou uma loja chinesa aqui por perto? — pergunto à atendente.

Ela coça a cabeça com um lápis e pergunta a uma colega. As duas começam a discutir sobre o melhor lugar para comer.

— Não — explico. — Não para comer. Estou procurando isto aqui. — Mostro a elas o símbolo em minha caderneta.

Elas se entreolham e dão de ombros.

— Uma Chinatown? — pergunto.

— Fica no décimo terceiro distrito — uma delas responde.

— Onde é isso?

— Do lado esquerdo do rio.

— Seria possível uma ambulância ter me trazido de lá até aqui? — pergunto.

— Não, claro que não — ela responde.

— Há uma menor em Belleville — a outra atendente comenta.

— A alguns quilômetros daqui, não muito longe — a primeira diz e me explica como chegar ao metrô.

Coloco minha mochila nas costas e saio.

Não chego muito longe. A mochila parece conter cimento fresco. Quando saí da Holanda, dois anos atrás, carregava uma mochila enorme com muito mais coisas. Mas, então, ela foi roubada e eu nunca a substituí. Em vez disso, passei a usar uma menor. Com o passar do tempo, as mochilas ficaram cada vez menores, pois, na verdade, uma pessoa precisa de realmente poucas coisas na vida. Atualmente, tudo o que eu tenho são algumas poucas mudas de roupa, alguns livros, alguns itens de higiene, mas agora até mesmo só isso parece ser muito. Ao descer as escadas até o metrô, a mochila bate em minhas costas a cada passo e a dor penetra em mim feito uma faca.

— Ferido, mas não destruído — o Dr. Robinet me disse antes de eu sair. Achei que ele estivesse falando de meu espírito, mas ele se referia às minhas costelas.

Na plataforma do metrô, tiro tudo da mochila, exceto meu passaporte, minha

carteira, minha caderneta de endereços e a escova de dentes. Quando o trem chega, deixo todo o restante na plataforma. Agora estou mais leve, mas isso não tornou as coisas mais fáceis.

A Chinatown de Belleville começa logo depois da estação do metrô. Tento combinar as placas do símbolo dela em minha caderneta, mas há tantas placas, e os letreiros de neon não se parecem em nada com as linhas suaves que ela desenhou. Pergunto ao redor pela dupla felicidade. Não faço ideia se estou procurando um lugar, uma pessoa, uma comida ou um estado de espírito. Os chineses parecem assustados comigo, e ninguém responde. Começo a me perguntar se talvez não esteja realmente falando francês, mas apenas imagino falar o idioma. Finalmente um deles, um velho com mãos enrugadas agarradas a uma bengala ornamentada, olha fixamente para mim e diz:

— Você está muito longe da dupla felicidade.

Estou prestes a lhe perguntar o que aquilo quer dizer, onde ela está, mas então dou uma olhada em meu reflexo na vitrine de uma loja, meu olho roxo inchado, o curativo no meu rosto molhado de sangue. E compreendo que ele não está falando de um lugar.

De repente vejo as letras familiares. Não os símbolos da dupla felicidade, mas as letras SOS da camiseta misteriosa que eu usava mais cedo no hospital. Vejo as letras em outra camiseta, em um cara da minha idade com o cabelo pontudo, os braços cheios de argolas de metal. Talvez ele, de alguma forma, tenha alguma ligação com a dupla felicidade.

Aperto o passo até alcançá-lo meio quarteirão acima. Ao colocar a mão em seu ombro, ele se vira e dá um passo para trás. Eu aponto para a camiseta. Estou prestes a lhe perguntar o que as letras significam quando ele me pergunta em francês:

— O que aconteceu com você?

— Skinheads — respondo em inglês. É a mesma palavra em qualquer lugar do mundo. Explico, em francês, que estava usando uma camiseta igual a essa antes.

— Ah — diz ele, meneando a cabeça. — Os racistas odeiam o Sous ou Sur. Eles são bem fascistas.

Assinto, embora agora me lembre por que eles me bateram, e tenho quase certeza de que teve pouco a ver com a minha camiseta.

— Pode me ajudar? — pergunto.

— Acho que você precisa de um médico, meu amigo.

Balanço a cabeça. Não é disso que preciso.

— O que você quer? — o cara me pergunta.

— Estou procurando um lugar por aqui com um símbolo como este.

— O que é isso?

— Dupla felicidade.

— E o que é isso?

— Não tenho certeza.

— O que está procurando?

— Talvez uma loja. Restaurante. Boate. Sinceramente, não sei.

— Não sabe merda nenhuma, não é?

— Sei que não sei de merda nenhuma. Isso já serve para alguma coisa. — Aponto para o galo em minha cabeça. — As coisas ficaram meio embaralhadas.

Ele dá uma olhada para minha cabeça.

— Deveria cuidar disso aí.

— Já cuidei. — Aponto para a gaze cobrindo os pontos em minha bochecha.

— Não deveria estar descansando ou fazendo alguma coisa do gênero?

— Mais tarde. Depois de encontrar isto. A dupla felicidade.

— O que há de tão importante nessa dupla felicidade?



Então eu a vejo; não apenas a vejo, mas eu a sinto, seu hálito suave contra meu rosto enquanto sussurrava algo para mim quando eu pegava no sono na noite passada. Não ouvi o que ela disse. Só lembro que estava feliz. Por estar naquele quarto branco.

— Lulu — digo.

— Ah. Uma garota. Estou indo ver a *minha* garota. — Ele puxa o celular e digita uma mensagem de texto. — Mas ela pode esperar; elas sempre esperam! — Ele dá um sorriso para mim, mostrando um conjunto de dentes atrevidamente tortos.

Ele está certo. Elas esperam. Mesmo quando eu não sabia que elas esperavam, mesmo quando estive longe por muito tempo, as garotas, elas esperavam. De um jeito ou de outro, nunca me importei.

Saímos subindo e descendo os quarteirões estreitos, o ar espesso com o cheiro de miúdos cozidos. Sinto que estou correndo para acompanhá-lo, e o esforço deixa meu estômago embrulhado de novo.

— Você não parece muito bem, amigo — ele me diz assim que vomito bile dentro do bueiro. Parece levemente assustado. — Tem certeza de que não quer um médico?

Balanço negativamente a cabeça, limpo minha boca, meus olhos.

— Tudo bem. Acho que devo levá-lo para conhecer minha garota, Toshi. Ela trabalha nesta região, então pode conhecer esse tal lugar da dupla felicidade.

Sigo-o por alguns quarteirões. Ainda estou tentando encontrar o símbolo da dupla felicidade, mas agora está ainda mais difícil, porque vomitei um pouco em cima da minha caderneta de endereço, borrando toda a tinta. Além disso, há pontos negros dançando diante dos meus olhos, tornando mais complicado enxergar onde está a calçada.

Quando finalmente paramos, quase choro de alívio, pois nós o encontramos, o tal lugar da dupla felicidade. Tudo é familiar. A porta de aço, o andaime vermelho, os autorretratos tortos, até mesmo o nome desbotado na fachada, Ganterie, em homenagem à fábrica de luvas que um dia funcionou ali. Este é o lugar.

Toshi vem até a porta, uma garota negra miúda com rastafáris apertados, e eu quero abraçá-la por me levar ao quarto branco. Quero correr direto até o quarto branco e me deitar ao lado de Lulu, sentir tudo em seu lugar novamente.

Tento dizer isso, mas não consigo. Mal consigo mexer minhas pernas, pois o chão sob meus pés se transformou em algo liquefeito e ondulante. Toshi e meu samaritano, cujo nome é Pierre, estão discutindo em francês. Ela quer ligar para a polícia e Pierre diz que eles precisam me ajudar a encontrar a dupla felicidade.

Está tudo bem, quero dizer a ele. *Eu encontrei*. O lugar é este. No entanto, mal consigo fazer as palavras saírem corretamente.

— Lulu — consigo dizer. — Ela está aqui?

Algumas pessoas se juntam em volta da porta.

— Lulu — digo novamente. — Eu deixei Lulu aqui.

— Aqui? — Pierre pergunta. Ele se vira para Toshi, aponta para a cabeça dele e depois para a minha.

Fico repetindo o nome dela: *Lulu, Lulu*. Em seguida, paro, mas o nome dela continua, como em uma câmara de ressonância, como se minhas súplicas viajassem pelas profundezas do prédio e pudessem trazê-la de volta de onde quer que ela tivesse ido.

Quando o grupo se dispersa, penso que aquilo realmente funcionou. Que minhas palavras foram buscá-la e a trouxeram de volta para mim. Que, a única vez que quis que alguém esperasse, esse alguém esperou.

Uma garota sai de dentro do grupo.

— *Oui, Lulu c'est moi* — diz ela, delicadamente.

Mas aquela não é Lulu. Lulu era esguia, tinha cabelos negros e olhos igualmente escuros. Esta garota é uma bonequinha de porcelana loira. Ela não é Lulu. E é então que me lembro que Lulu tampouco é Lulu. Lulu foi o nome que eu dei a ela. Não sei o seu verdadeiro nome.

A multidão olha fixamente para mim. Ouço a mim mesmo resmungar, dizendo que preciso encontrar Lulu. A outra Lulu. Eu a deixei no quarto branco.

Eles olham para mim com expressões estranhas no rosto, e então Toshi pega seu celular. Ouço-a falar; ela está pedindo uma ambulância. Levo um minuto para me dar conta de que é para mim.

— Não — digo a ela. — Já estive no hospital.

— Eu detestaria tê-lo visto antes — a Lulu Errada diz. — Sofreu um acidente?

— Ele levou uma surra dos skinheads. — Pierre conta a ela.

Mas a Lulu Errada tem razão. Foi por acaso que a encontrei. E foi por acaso que a perdi. É preciso dar crédito ao universo, à maneira como ele nivela coisas desse tipo.

3

Tomo um táxi até a boate de Céline. A corrida come até meu último tostão, mas não tem problema. Só preciso do suficiente para chegar a Amsterdã, e já tenho uma passagem de trem. Durante o curto percurso até lá, cochilo no banco de trás e só quando paramos em frente ao La Ruelle é que me lembro de que deixamos a mala de Lulu ali.

O bar está escuro e vazio, mas a porta está destrancada. Arrasto-me pelos degraus até o escritório de Céline. Também está escuro ali, apenas o brilho acinzentado do monitor do computador ilumina o rosto dela. A princípio, quando levanta os olhos e me vê, sorri um daqueles seus sorrisos, como um leão que acabou de acordar de um cochilo, descansado porém faminto. Então eu acendo a luz.

— *Mon dieu!* — ela exclama. — O que ela fez com você?

— Ela esteve aqui? Lulu?

Céline revira os olhos.

— Sim. Ontem. Com você.

— E depois?

— O que aconteceu com seu rosto?

— Onde está a mala?

— No depósito, onde nós a deixamos. O que aconteceu com você?

— Me dê a chave.

Céline semicerra os olhos com um daqueles seus olhares, mas abre a gaveta da escrivaninha e joga as chaves para mim. Eu destranco a porta, e lá está a mala. Ela não voltou para pegá-la, e, por um momento, sinto-me feliz porque isso significa que ela ainda deve estar aqui. Ainda em Paris, procurando por mim.

Mas então penso no que a mulher do Ganterie disse, a que desceu as escadas depois que minha visão escureceu e Toshi ameaçou chamar a ambulância novamente e eu, em vez disso, implorei por um táxi. Essa mulher disse que viu uma garota correr porta afora quando a destrancara naquela manhã. “Eu gritei para que ela voltasse, mas ela simplesmente correu”, disse-me a mulher, em francês.

Lulu não falava francês. E não sabia andar por Paris. Ela não sabia chegar a uma estação de trem na noite passada. Também não sabia chegar à boate. Não saberia onde a mala estava. Não saberia onde eu estava, mesmo se quisesse me encontrar.

Pego a mala, procuro pela etiqueta de bagagem e não encontro nada: não há uma etiqueta com o nome nem uma etiqueta da companhia aérea. Tento abri-la, mas está trancada. Paro por um segundo antes de arrancar o cadeado frágil. Assim que abro a mala, sou tomado pela familiaridade. Não pelo conteúdo — roupas e suvenires que nunca vi antes —, mas pelo cheiro. Pego uma camiseta meticulosamente dobrada, coloco-a no rosto e inalo.

— O que está fazendo? — Céline pergunta, aparecendo de repente à porta.

Bato a porta na cara dela e continuo remexendo as coisas de Lulu. Há suvenires, incluindo um daqueles relógios de corda como o que olhamos juntos em uma das barraquinhas perto do Sena, alguns adaptadores de tomada, carregadores, itens de higiene pessoal, mas nada que me leve de volta a ela. Há uma folha de papel em um saco plástico, e eu pego aquilo, esperançoso, mas não passa de algum tipo de lista.

Enfiado embaixo de um suéter há um diário de viagem. Passo o dedo pela capa. Estava em um trem rumo a Varsóvia, mais de um ano atrás, quando minha mochila foi surrupiada. Eu tinha meu passaporte, meu dinheiro e minha caderneta de endereços comigo; assim, tudo o que os ladrões levaram foi uma mochila usada com um monte de roupas sujas, uma velha máquina fotográfica e um diário. Provavelmente jogaram tudo fora assim que perceberam que não havia nada para vender. Talvez tivessem conseguido uns vinte euros pela máquina fotográfica, apesar de ela ter um valor muito maior para mim. Quanto ao diário, não valia nada. E torci para que o tivessem jogado fora. Não suportava a ideia de alguém lendo aquilo. Foi a única vez, nos últimos dois anos, que considerei voltar para casa. Não voltei. No entanto, quando comprei coisas novas, não substituí o diário.

Pergunto-me o que Lulu pensaria se soubesse que eu li seu diário de viagem. Tento imaginar como eu teria me sentido se ela tivesse lido todas as minhas declarações bombásticas sobre Bram e Yael em meu diário roubado. Quando o faço, não é o embaraço costumeiro nem a vergonha ou o desprezo que tomam conta de mim. É algo tranquilo, familiar. Algo parecido com alívio.

Abro o diário, folheando as páginas, sabendo que não deveria. Mas estou procurando uma maneira de entrar em contato com ela, ainda que, talvez, eu esteja procurando por mais dela. Um jeito diferente de absorvê-la.

No entanto, não encontro nem mesmo o cheiro dela. Nem um único nome ou endereço: nem o dela nem o de ninguém que ela conheça. Há apenas algumas anotações vagas, nada revelador, nada de Lulu.

Vou até o final do diário. O miolo é rijo e se quebra. Atrás da contracapa há um maço de cartões-postais. Examino-os, procurando um endereço, mas estão em branco.

Pego uma caneta em uma das prateleiras e começo a escrever meu nome, número do telefone, endereço de e-mail e, por precaução, o endereço de Broodje em cada um dos cartões-postais. Escrevo para mim mesmo em Roma, Viena,

Praga, Edimburgo, Londres. O tempo todo, me pergunto por quê. *Mantenha contato*. É como um mantra de viagem. Essa coisa que se faz. Mas isso raramente acontece. Conhecemos pessoas, partimos, às vezes os caminhos se cruzam novamente. Geralmente não.

O último cartão-postal é sobre William Shakespeare, de Stratford-upon-Avon. Eu disse a ela para abrir mão de *Hamlet* e, em vez disso, vir nos assistir. Disse a ela que a noite estava linda demais para tragédias. Deveria ter pensado melhor antes de dizer uma coisa dessas.

Virei Shakespeare do outro lado. “Por favor” — começo. Estou prestes a escrever algo mais: *Por favor, mande notícias. Por favor, me deixe explicar. Por favor, me diga quem você é*. Mas meu rosto está latejando e minha visão está novamente embaçada, estou exausto e pesado de arrependimento. Assim, termino o “por favor” com arrependimento. “Sinto muito”, escrevo.

Coloco os cartões-postais de volta na mala e, em seguida, o diário. Fecho o zíper e ponho a mala de volta no canto. Fecho a porta.

Da última vez que estive no apartamento de Céline, mais de um ano atrás, ela atirou um vaso de flores mortas na minha cabeça. Eu tinha estado com ela por mais ou menos um mês e lhe disse que era hora de seguir em frente. Fazia mais calor do que o normal e eu tinha ficado mais do que de costume. De repente, o clima ficou frio e eu senti a claustrofobia voltar. Céline me acusou de ser um namorado apenas para seus momentos bons, e ela não estava errada com relação ao momento, mas eu, na verdade, nunca tinha sido namorado dela, nunca prometi ficar. Houve gritos, xingamentos, e em seguida o vaso voando pelo ar, sem acertar a minha cabeça, mas se espatifando na parede azul desbotada. Tentei ajudar com a bagunça antes de ir embora, mas ela me proibiu.

Acho que nenhum de nós dois jamais esperou que eu pusesse os pés aqui novamente. Acho que nunca pensamos que nos veríamos de novo. Mas então dei de cara com ela no La Ruelle poucos meses depois. Ela tinha sido recentemente promovida a hostess e parecia bastante feliz em me ver. Me deu bebidas grátis durante a noite toda e me convidou para descer até seu escritório para ver o catálogo de bandas que ela havia agendado para tocar nos meses seguintes. Eu a acompanhei, apesar de ter certeza de que não era o calendário que ela queria me mostrar, e, obviamente, assim que chegamos ao escritório ela trancou a porta e jamais ligou o computador.

Havia um acordo tácito de que eu nunca voltaria ao apartamento dela. Eu tinha um lugar para ficar, de qualquer forma, e iria embora na manhã seguinte. Depois disso, eu a via toda vez que passava por Paris. Sempre na boate, no escritório, com a porta trancada.

Assim, acho que ambos ficamos surpresos quando perguntei se poderia ficar no apartamento dela.

— Sério? Você quer?

— Se você não se importar. Pode me dar as chaves e me encontrar depois. Sei que precisa trabalhar. Vou embora amanhã.

— Fique quanto quiser. Deixe-me ir com você. Posso lhe ajudar.

Meus dedos, sem querer, tocaram o relógio, ainda no meu pulso.

— Não precisa. Só preciso descansar.

— Você vai ficar com ele? — ela pergunta, o tom de voz agora mais ácido.

Eu aquiesço. Céline começa a protestar, mas eu levanto a mão para fazê-la parar. Mal tenho energia para ficar em pé. Mas ficarei com o relógio.

Céline revira os olhos, mas desliga o computador e me ajuda a subir as escadas. Ela chama Modou, que agora está enfiado no bar, e diz que me levará para casa e não voltará mais naquela noite.

— O que aconteceu com a sua amiga? — Modou pergunta, levantando a cabeça de volta.

Eu me viro na direção dele. As luzes estão fracas e o braço de Céline está ao meu redor, me apoiando. Eu mal consigo vê-lo.

— Diga a ela que sinto muito. A mala dela está no closet. Se ela voltar. Diga isso a ela. — Quero pedir a Céline para fazer questão de que ela leia os cartões-postais, mas ela está me puxando pela porta. Do lado de fora, eu esperava que estivesse escuro, mas não, ainda é dia. Dias como este duram anos. Justamente os dias que queremos que durem são aqueles que se vão em um, dois, três segundos.



A marca de onde o vaso se quebrou na parede ainda está lá. Assim como as pilhas de livros, revistas, CDs e as cambaleantes torres de discos de vinil. As janelas emolduradas, que ela nunca se dá ao trabalho de cobrir, nem mesmo à noite, estão escancaradas, deixando entrar a luz do dia interminável.

Céline me dá um copo de água e eu finalmente tomo os anestésicos que o Dr. Robinet me deu antes de sair do hospital. Ele me aconselhou a tomá-los *antes* que a dor chegasse, e continuar a tomá-los até que a dor passasse. Mas eu estava com medo de que, ao ingeri-los antes da hora, pudesse anestesiar algo que ainda restasse em mim.

As instruções na embalagem recomendavam um comprimido a cada seis horas. Tomo três.

— Erga suas mãos — Céline instruiu. E é como se fosse ontem, quando ela estava me fazendo trocar de roupa e Lulu entrou e nos viu, e eu achei bonitinho que ela tivesse tentado esconder seu ciúme. E então Modou a beijou e foi minha vez de esconder o meu ciúme.

Não consigo levantar meus braços acima da cabeça, então Céline me ajuda com o avental do hospital. Ela olha demoradamente para o meu peito. Balança a cabeça.

— O quê?

Ela estala a língua.

— Ela não deveria ter lhe deixado assim.

Começo a explicar que ela não me deixou assim, não de propósito. Céline me ignora com um aceno de mão.

— Sem problemas. Você está aqui agora. Vá ao banheiro e se limpe. Vou cozinhar alguma coisa.

— Você?

— Não ria. Posso preparar ovos. Ou fazer sopa.

— Não se incomode. Estou sem apetite.

— Então vou lhe preparar um banho.

Ela prepara um banho de banheira. Ouço a água correndo e penso na chuva que parou. Sinto as drogas começarem a fazer efeito, os tentáculos macios do sono me puxam vagarosamente para baixo. A cama de Céline é como um trono, e eu me jogo em cima dela, pensando em meu sonho do avião mais cedo hoje e como eu o sentia levemente diferente de um pesadelo comum. Um pouco antes de pegar no sono, uma das minhas falas — uma das falas de Sebastian — de *Noite de Reis* me vem à mente: “Se é para sonhar, então me deixe dormir!”.



A princípio, acredito estar sonhando de novo. Não o sonho do avião, mas um sonho diferente, um sonho bom. Uma mão que sobe e desce pelas minhas costas, escorregando cada vez mais para baixo. Ela manteve a mão no meu coração. A manhã inteira enquanto dormimos naquele chão duro. Esta mão faz cócegas em direção à minha cintura e então desce um pouco mais.

— *Ferido, mas não destruído* — dissera o médico. Em meu sono, sinto a minha força voltar.

Minha própria mão encontra o corpo morno dela, tão macio, tão convidativo. Escorrego minha mão por entre as pernas dela. Ela geme.

— *Je savais que tu reviendrais.*

E então começa o pesadelo novamente. Lugar errado. Pessoa errada. Voo errado. Dou um sobressalto na cama, empurro-a com tanta força que ela cai no chão.

— O que está fazendo? — grito para Céline.

Ela fica em pé, despidoradamente nua no brilho da luz da rua.

— Você está na *minha* cama — ela aponta.

— Você deveria estar cuidando de mim — digo. Isso soa ainda mais patético porque ambos sabemos que não quero que ela faça isso.

— Achei que estivesse — ela diz, tentando dar um sorriso. Ela se senta na ponta da cama, bate a mão no lençol ao lado dela. — Você não precisa fazer nada a não ser deitar e relaxar.

Não estou vestindo nada além de minha cueca boxer. Quando foi que tirei meu jeans? Vejo-o meticulosamente dobrado no chão, junto com meu avental do hospital. Alcanço o avental. Meus músculos protestam. Fico em pé. Eles uivam de dor.

— O que está fazendo? — pergunta Céline.

— Indo embora — digo, arfando pelo esforço físico. Não tenho certeza se consigo sair daqui, mas sei que não posso ficar.

— Agora? Está tarde. — Ela parece incrédula. Até eu vestir meu jeans. É um processo dolorosamente lento, e dá a ela tempo para digerir a ideia de que eu, de fato, estou indo embora. Posso ver o que acontecerá: a reprise da última vez que

estive aqui. Uma enxurrada de xingamentos em francês. Sou um canalha. Eu a humilhei.

— Eu lhe ofereci minha cama, ofereci a mim mesma, e você me afastou. Literalmente. — Ela está rindo, não porque isso seja engraçado, mas porque é inconcebível.

— Sinto muito por isso.

— Mas você veio até *mim*. Ontem. Hoje de novo. Você *sempre* volta para mim.

— Foi só para ter um lugar onde deixar a mala — explico. — Foi pela Lulu.

O semblante dela está diferente da última vez, quando arremessou o vaso em cima de mim, depois que eu lhe disse que estava na hora de seguir em frente. Aquilo foi fúria. Isso é fúria antes de ter tempo para digerir, crua e sangrenta. Que tolice ter ido visitar Céline. Podíamos ter encontrado outro lugar para aquela mala.

— Por ela? — Céline grita. — Por ela? Ela não passa de uma garota qualquer. Nada especial! E olhe para você agora! Ela o deixou desse jeito. É sempre para mim que você corre, Willem. Isso significa alguma coisa.

Eu não achava que Céline fosse uma daquelas que esperam.

— Eu não deveria ter vindo aqui. Não farei isso de novo — prometo. Pego o restante de minhas coisas e me arrasto para fora do apartamento dela, descendo as escadas até a rua.

Um carro de polícia passa, as luzes piscando pelas ruas finalmente escuras, a sirene tocando: *mée-mée, mée-mée*.

Paris.

Não estou em casa.

Preciso ir para casa.

setembro

Amsterdã

O escritório de Marjolein fica em uma casa estreita do canal, perto de Brouwersgracht, o interior todo branco e moderno. Bram o decorou, chamando-o de um de seus “projetos de vaidade”. Mas não há um pingo de vaidade em Bram; esse era apenas o código dele para não cobrar nada.

O trabalho diurno de Bram era desenhar abrigos de crises temporárias para refugiados, algo em que ele acreditava, mas que não desafiava seu lado criativo. Assim, ele sempre buscava maneiras de exercitar sua perspicácia moderna — como transformar um barco de transporte em um palácio flutuante de vidro, madeira e aço que certa vez fora descrito como o “Bauhaus sobre o Gracht” em um jornal de design.

Sara, a assistente de Marjolein, senta-se atrás de uma mesa de acrílico transparente, um vaso de rosas brancas sobre a escrivaninha. Ao entrar, ela me dá um sorriso nervoso e lentamente se levanta para pegar meu casaco. Eu me inclino para lhe dar um beijo de “oi”.

— Desculpe, estou atrasado — digo.

— Está atrasado *três semanas*, Willem — ela diz, enquanto me apressa para dentro da sala, aceitando o beijo, mas não o contato visual.

Dou meu melhor sorriso de canalha, apesar de repuxar a cicatriz em meu rosto, que agora coça.

— Mas valeu a pena esperar?

Ela não responde. Foi há mais de dois anos que Sara e eu tivemos nosso momento. Eu passava muito tempo neste escritório na época e lá estava ela, a assistente de nossa advogada de família. No início, quando aconteceu, fiquei enlouquecido, Sara, a mulher mais velha com os olhos tristes e a cama azul. Mas não durou. Nunca dura.

— Tecnicamente eu estava só alguns dias atrasado — digo a ela agora. — Foi Marjolein quem nos atrasou por duas semanas.

— Por que ela saiu de férias — Sara diz, estranhamente irritada. — Que ela tinha marcado, de propósito, para depois do fechamento.

— Willem — Marjolein aparece na porta, naturalmente alta e ainda mais alta nos saltos *stilletto* que ela sempre usa. Ela me acompanha até o escritório dela, onde a sensibilidade moderna de Bram está em todo lugar. As pilhas horríveis de papéis e arquivos são a contribuição de Marjolein.

— Quer dizer que me deu o cano por causa de uma garota — Marjolein diz, fechando a porta atrás dela.

Eu me pergunto como é possível que Marjolein saiba disso. Ela olha fixamente para mim, claramente surpresa com alguma coisa.

— Eu liguei de volta para você, sabe?

No trem de Londres para Paris tentei mandar uma mensagem de texto sobre o meu atraso para Marjolein, mas meu telefone não tinha sinal e estava para ficar sem bateria, e, por alguma razão, eu não queria contar nada disso a Lulu. Então, quando vi uma das garotas belgas mochileiras no café, peguei emprestado o telefone de uma delas. Tive de fuçar na minha mochila para procurar o telefone de Marjolein na caderneta de telefones e acabei espalhando café em cima de mim e da garota belga.

— Ela parecia bonita — Marjolein diz, com um sorriso ao mesmo tempo brincalhão e repreensivo.

— Era mesmo — concordo.

— Elas sempre são — Marjolein diz. — Bem, venha me dar um beijo. — Dou um passo à frente para ser beijado, mas antes de fazê-lo ela me para. — O que aconteceu com seu rosto?

Uma das coisas boas de nosso encontro ter sido postergado é que deu tempo de os ferimentos desaparecerem. Os pontos também já se desmancharam. Agora tudo o que resta daquele dia é uma marca espessa que esperava passar despercebida.

Como eu não respondo, Marjolein o faz.

— Enrolado com a mulher errada, hein? Namorado bravo? — Ela aponta para a recepção. — Falando nisso, Sara está com um cara italiano legal, então fique longe. Ela ficou atordoada por meses depois que você foi embora da última vez. Quase tive de mandá-la embora.

Ergui minhas mãos e fingi inocência.

Marjolein revira os olhos.

— Isso foi realmente por causa de uma garota? — Ela aponta para o meu rosto.

Colocada dessa forma, a história aproxima-se da verdade.

— Bicicleta. Cerveja. Uma combinação perigosa. — Faço graça imitando uma queda de bicicleta.

— Meu Deus. Será que ficou tanto tempo fora que não sabe mais beber e dirigir uma bicicleta? — ela pergunta. — Como pode ainda se considerar holandês? Trouxemos você de volta a tempo.

— Parece que sim.

— Venha. Vou lhe oferecer um café. E tenho chocolate escondido em algum lugar por aqui. Depois assinaremos os papéis.

Ela chama Sara, que traz duas xícaras pequenas de café. Marjolein remexe as gavetas até tirar uma caixa de chocolates duros e macios. Pego um e o deixo derreter sobre minha língua.

Ela começa a explicar o que estou assinando, apesar de não fazer diferença, pois minha assinatura é necessária somente devido a formalidades burocráticas. Yael nunca pediu a cidadania holandesa, e Bram, que costumava dizer “Deus está nos detalhes” quando se referia à meticulosidade de seus designs, aparentemente tinha uma opinião oposta em relação a seus assuntos pessoais.

Tudo o que ela quer dizer é que minha presença é necessária para finalizar a venda e abrir os vários *trusts*. Marjolein tagarela enquanto eu assino e assino e assino de novo. Aparentemente, o fato de Yael não ser holandesa e não morar mais nem aqui nem em Israel, mas estar flutuando por aí como se fosse uma refugiada sem lar, é, na verdade, uma grande vantagem fiscal para ela. Ela vendeu o barco por setecentos e dezessete mil euros, Marjolein explica. Uma parte vai para o governo, mas uma parte maior vai para nós. Ao final do dia amanhã, cem mil euros seriam depositados em minha conta corrente.

Enquanto assino, Marjolein continua olhando para mim.

— O quê? — pergunto.

— Tinha me esquecido do quanto você se parece com ele.

Faço uma pausa, a caneta parada sobre outra linha de “juridiquês”. Bram costumava dizer que, apesar de Yael ser a mulher mais forte do mundo, de algum modo seus genes de modos brandos encobriram suas tintas israelenses escuras.

— Desculpe — Marjolein diz, de volta aos negócios. — Onde tem ficado desde que voltou? Com Daniel?

Tio Daniel? Não o vejo desde o funeral, e antes disso apenas algumas poucas vezes. Ele mora no exterior e aluga seu apartamento. Por que eu ficaria lá?

Não, desde que voltei é quase como se ainda estivesse no circuito viajante. Fiquei preso ao raio em torno da estação de trem, perto dos albergues da juventude baratos e do distrito da luz vermelha. Em parte, isso era necessidade. Não tinha certeza se teria dinheiro suficiente para passar algumas semanas, mas, de algum modo, minha conta-corrente não tinha chegado a zero. Poderia ter ido ficar com velhos amigos da família, mas não quero que ninguém saiba que estou de volta. Não quero revisitar nenhum daqueles lugares. Certamente não cheguei nem perto de Nieuwe Prinsengracht.

— Com um amigo — respondi vagamente.

Marjolein entende errado.

— Ah, com *uma amiga*. Compreendo.

Dou um meio sorriso de culpa. Deixar que as pessoas tomem conclusões precipitadas às vezes é mais simples do que explicar uma verdade complicada.

— Tome cuidado para que essa amiga não tenha um namorado bravo.

— Farei o melhor que puder — eu digo.

Termino de assinar os papéis.

— Então é isso — ela diz, abrindo a escrivaninha e puxando um arquivo de papel pardo. — Aqui estão algumas correspondências. Eu solicitei que qualquer coisa que vá para o barco seja antes enviada para cá até que você me dê um novo endereço.

— Poderá levar um tempo.

— Tudo bem. *Eu* não vou a lugar nenhum. — Marjolein abre um compartimento do armário e tira uma garrafa de uísque e dois copos. — Você acabou de se tornar um homem de posses. Isso merece um drinque.

Bram costumava brincar que, até onde Marjolein sabia, a cada minuto que o ponteiro do relógio passasse do doze era um momento para um drinque. E eu aceito o copo.

— A que vamos brindar? — pergunta ela. — Aos novos empreendimentos? Um novo futuro.

Balanço a cabeça.

— Vamos beber aos acasos.

Vejo o choque no rosto dela, e percebo tarde demais que isso soa como se eu estivesse falando sobre o que aconteceu com Bram, ainda que aquilo não tivesse sido um acidente, mas uma ocorrência estranha.

Mas não é disso que estou falando. Estou falando de *nosso* acaso. Do acaso que criou nossa família. Com certeza Marjolein deve ter ouvido a história. Bram adorava contá-la. Era como se fossem um mito sobre a origem da família, um conto de fadas e uma canção de ninar, tudo junto:

Bram e Daniel dirigindo por Israel em um Fiat que quebrava toda hora. O carro quebrou um dia nas redondezas da cidade de Netanya, à beira-mar, e Bram tentava consertá-lo quando um soldado, com um rifle pendurado no ombro, o cigarro quase caindo, caminhou vagorosamente até ele. “A visão mais assustadora que se pode imaginar”, Bram dizia, sorrindo com a lembrança.

Yael. Unindo-se de volta à sua base militar na Galileia depois de uma folga de fim de semana passada em Netanya, na casa de uma amiga, ou talvez de um amigo, em qualquer outro lugar exceto o apartamento onde crescera com Saba. Os irmãos iam em direção a Safed, e, depois de ela ter reconectado a mangueira do radiador, eles lhe ofereceram uma carona. Bram galantemente ofereceu o banco da frente, afinal de contas ela tinha consertado o carro. Mas Yael, ao ver o banco de trás apertado, disse: “Quem é mais baixo deve se sentar atrás”. A sua alegação destinava-se a si mesma, e não havia percebido qual irmão era mais alto, pois Daniel estivera no assento do passageiro, enrolando um cigarro com haxixe libanês que comprara de um surfista em Netanya.

Mas Bram não entendeu direito e, depois de uma medida desnecessária, ficou resolvido que Bram era mais alto por três centímetros, e Daniel sentou-se no banco de trás.

Eles levaram a soldada de carro até a base. Antes de se separarem, Bram deu a ela seu endereço em Amsterdã.

Um ano e meio depois, Yael terminou o serviço militar e, determinada a criar uma distância entre ela e tudo com o que cresceu, pegou o pouco de dinheiro que tinha guardado e começou a fazer o caminho em direção ao norte. Ela aguentou quatro meses e chegou até Amsterdã antes de ficar sem dinheiro. Então bateu em uma porta. Bram a abriu e, apesar de não vê-la durante todo aquele tempo, e apesar de não saber por que ela estava ali, e ainda que aquele não fosse

exatamente o jeito dele, surpreendeu-se e a beijou. “Como se estivesse esperando por ela o tempo todo”, ele dizia com uma voz sonhadora.

“Veja como a vida é engraçada”, Bram costumava dizer como o epílogo para a épica história de amor deles. — Se o carro não tivesse quebrado lá, ou se ela não tivesse ficado sem dinheiro em Copenhague, ou se Daniel fosse o mais alto, nada disso teria acontecido.

Mas eu sabia que o que ele realmente dizia era: “Acaso. Tudo é culpa do acaso”.

6

Dois dias depois, cem mil euros aparecem em minha conta bancária, como num passe de mágica. Mas, claro, não há mágica. Já faz muito tempo que fui expulso de meu curso de Economia, mas desde então passei a entender que o universo opera de acordo com as mesmas teorias gerais de equilíbrio através das quais os mercados operam. O universo nunca lhe dá algo sem fazê-lo pagar por isso de alguma forma.

Compro uma bicicleta usada de um viciado em drogas e outra muda de roupa em um mercado de pulgas. Posso até ter dinheiro agora, mas me acostumei a viver com simplicidade, possuindo apenas aquilo que consigo carregar. Além disso, não vou ficar por muito tempo, então é melhor deixar a menor quantidade de pistas possível.

Ando para cima e para baixo na Damrak olhando agências de viagem, tentando decidir para onde ir depois: Palau. Tonga. Brasil. Assim que o leque de opções aumenta, tomar uma decisão fica cada vez mais difícil. Talvez eu vá me encontrar com o tio Daniel em Bangcoc, ou será que ele está em Bali agora?

Em uma das agências para estudantes, uma garota de cabelos escuros atrás de uma mesa me vê espiando os anúncios. Ele prende meu olhar, sorri e faz um gesto para eu entrar.

— O que está procurando? — pergunta em um holandês levemente com sotaque. Ela parece ser do leste, talvez Romênia.

— Algum lugar que não seja aqui.

— Poderia ser um pouco mais específico? — diz ela, com um pequeno sorriso.

— Algum lugar quente, barato e longe. *Algum lugar onde, com cem mil euros, eu possa ficar perdido quanto quiser, penso.*

Ela ri.



— Isso é a descrição de pelo menos metade do mundo. Vamos selecionar um pouco mais. Você quer praias? Há alguns lugares fantásticos na Micronésia. A Tailândia é bem barata. Se está a fim de um ambiente cultural mais caótico, a Índia é fascinante.

Balanço a cabeça.

— Índia não.

— Nova Zelândia? Austrália? As pessoas estão elogiando muito o Malaui, na África Central. E também tenho ouvido coisas fantásticas sobre Panamá e Honduras, apesar de terem tido aquele golpe lá. Por quanto tempo quer ficar fora?

— Indefinidamente.

— Ah, então deveria analisar a passagem de volta ao mundo. Temos algumas em promoção. — Ela digita no computador. — Aqui tem uma: Amsterdã, Nairóbi, Dubai, Déli, Singapura, Sidney, Los Angeles, Amsterdã.

— Tem alguma que não passe por Déli?

— Você realmente não quer a Índia, não é?

Eu apenas sorrio.

— Tudo bem. Então, qual parte do mundo você realmente quer ver?

— Não me importo. Qualquer lugar está bom, de verdade, desde que seja quente, barato e longe. E que não seja a Índia. Por que não escolhe para mim?

Ela ri, como se aquilo fosse uma piada. Mas estou falando sério. Estou mergulhado em algum tipo de inércia desde que voltei, passando dias inteiros em camas de albergue tristonhas, esperando meus encontros com Marjolein. Dias inteiros, muitas horas vazias, segurando um relógio quebrado, mas ainda funcionando, me perguntando coisas inúteis sobre a garota a quem ele pertence. Está tudo fazendo um pouco de sentido em minha cabeça. Razão ainda maior para voltar à estrada.

Ela bate os dedos no teclado.

— Você precisa me ajudar. Para começar, onde já esteve?

— Aqui. — Empurro meu passaporte surrado pela mesa. — Ele tem a minha história.

Ela o abre.

— Nossa, tem mesmo? — ela afirma. A voz dela mudou de amigável para charmosa. Ela folheia as páginas. — Você roda muito, não é?

Estou cansado. Não quero dançar essa música, não agora. Só quero comprar minha passagem aérea e ir. Uma vez fora daqui, longe da Europa, em algum lugar quente e distante, voltarei a ser eu mesmo.

Ela dá de ombros e volta a folhear meu passaporte.

— Ops. Sabe de uma coisa? Não posso marcar nada para você.

— Por que não?

— Seu passaporte está prestes a expirar. — Ela fecha o passaporte e o desliza de volta para mim. — Você tem carteira de identidade?

— Foi roubada.

— Fez boletim de ocorrência?

Balanço a cabeça. Nunca liguei para a polícia francesa.

— Não importa. De qualquer maneira, precisa de um passaporte para a maioria desses lugares. Mas tem que renová-lo.

— Quanto tempo demora?

— Não muito. Algumas semanas. Vá até a prefeitura pegar os formulários. — Ela me fala dos outros documentos dos quais precisarei, não tenho nenhum deles aqui.

De repente sinto-me preso, e não tenho certeza de como aquilo aconteceu. Depois de conseguir ficar dois anos sem colocar os pés na Holanda? Depois de ter percorrido caminhos absurdos para passar por cima deste pedaço de terra pequeno, porém central — por exemplo, convencer Tor, o diretor ditatorial do Will Guerrilheiro, a não se apresentar em Amsterdã e, em vez disso, ir para Estocolmo, com uma história meia-boca sobre os suecos serem as pessoas mais shakespearianas na Europa depois dos ingleses?

Na última primavera, porém, Marjolein tinha finalmente conseguido organizar o bagunçado patrimônio de Bram e o documento de transferência do barco para

Yael, que comemorou colocando imediatamente à venda a casa que ele construía para ela. A esta altura eu já não deveria mais me surpreender.

Mesmo assim, me pedir para vir assinar os papéis? Isso parecia rancoroso. “*Chutzpah*”, Saba teria dito. Eu entendia que para Yael era uma questão de praticidade. Eu estava em uma viagem de trem, ela, em uma viagem de avião. Para mim seriam apenas uns poucos dias, um pequeno inconveniente.

Mas vim com um dia de atraso. E, de algum modo, isso mudou tudo.

outubro

Utrecht

Passa pela minha cabeça, tarde demais, que talvez eu devesse ter ligado antes. Talvez no mês passado, quando cheguei. Com certeza antes deste momento, antes de aparecer na porta da casa dele. Mas não liguei. E agora é tarde demais. Estou aqui. Esperando que essa experiência seja o menos dolorosa possível.

Na casa dele em Bloemstraat, alguém trocou a velha campainha por uma com o formato de um olho que olha de volta de um jeito repreendedor. Isso parece um mau presságio. Nossa correspondência, sempre irregular, foi inexistente nos últimos meses. Não consigo me lembrar da última vez que mandei um e-mail ou uma mensagem de texto pra ele. Três meses atrás? Seis meses? Mais uma vez, tarde demais, me ocorre que ele poderia nem estar mais morando aqui.

No entanto, de alguma forma, sei que ainda está. Broodje não teria se mudado sem me dizer. Ele não teria feito isso.

Broodje e eu nos conhecemos quando tínhamos oito anos de idade. Eu o peguei espiando nosso barco com um binóculo. Quando perguntei o que estava fazendo, ele me explicou que não estava *nos* espiando. Houve um surto de assaltos em nossa vizinhança e os pais dele falaram em ir embora de Amsterdã para algum lugar mais seguro. Ele preferia ficar no apartamento da família, assim, cabia a ele encontrar os culpados. “Isso é muito sério”, eu disse a ele. “Sim, muito”, ele respondeu. “Mas eu tenho isto aqui.” E de dentro da cesta de sua bicicleta ele tirou o restante de seu kit de espião: um decodificador de área, fones de ouvido que aumentavam o ruído, óculos de visão noturna, que ele me deixou experimentar. “Se precisar de ajuda para encontrar os caras maus, posso ser seu parceiro”, ofereci. Não havia muitas crianças em nosso bairro, no extremo leste do centro de Amsterdã, nenhuma criança nas casas flutuantes

anexas a Nieuwe Prinsengracht, onde os barcos se atracavam, e eu não tinha irmãos. Passava grande parte do meu tempo chutando bolas no píer, contra o casco do barco, perdendo a maioria delas nas águas turvas do canal.

Broodje aceitou minha ajuda, e nos tornamos parceiros. Passávamos horas investigando o bairro, tirando fotos de pessoas e carros de aparência suspeita, desvendando o caso. Até que um velho nos viu e, pensando que estivéssemos trabalhando com os criminosos, nos delatou à polícia. A polícia nos encontrou agachados perto do píer de nosso vizinho, olhando pelo binóculo para uma van suspeita, que parecia estar ali regularmente (pois, como descobrimos depois, ela pertencia ao padeiro da esquina). Fomos interrogados e ambos começamos a chorar, pensando que iríamos para a prisão. Gaguejamos enquanto explicávamos nossa estratégia de combate ao crime. Os policiais ouviram tentando não rir, antes de nos levar para casa e explicar tudo aos pais de Broodje. Antes de sair, um dos detetives deu um cartão a cada um, piscou e disse para ligarmos se tivéssemos alguma pista.

Eu joguei fora meu cartão, mas Broodje guardou o dele. Durante anos. Eu o vi quando tínhamos doze anos, pregado no quadro de avisos de seu quarto no subúrbio, para onde finalmente acabamos nos mudando. “Ainda tem isso?”, perguntei a ele. Ele se mudara dois anos antes e não nos víamos frequentemente. Broodje olhou para o cartão, e então de volta para mim. “Será que não sabe, Willy?”, ele disse. “Eu guardo as coisas.”



Um cara magrelo com uma camiseta do PSV, o cabelo duro com gel, abre a porta. Sinto meu estômago afundar, pois Broodje costumava viver aqui com duas garotas, ambas com quem ele sempre, e sem sucesso, tentava dormir, e um cara magrelo chamado Ivo. Mas então os olhos do cara se arregalam ao me reconhecer, e percebo que é Henk, um dos amigos de Broodje da Universidade de Utrecht.

— É você, Willem? — ele pergunta, e antes que eu pudesse responder está gritando para dentro da casa. — Broodje, Willem voltou.

Ouço barulho e o rangido da madeira velha do chão, e então lá está ele, uma cabeça menor e um ombro mais largo do que o meu, uma disparidade que acabou fazendo o velho da casa flutuante perto da nossa nos apelidar de Espaguete e Almôndega, uma brincadeira da qual Broodje gostava muito, afinal uma almôndega era muito mais gostosa do que um macarrão, não era?

— Willy? — Broodje para por meio segundo antes de se atirar em cima de mim. — Willy! Achei que tivesse morrido!

— A volta do morto-vivo — digo.

— Verdade? — Os olhos dele eram tão redondos e azuis, como moedas brilhantes. — Quando chegou? Há quanto tempo está aqui? Está com fome? Gostaria que tivesse me avisado que estava chegando, eu teria preparado alguma coisa. Bem, posso fazer um bom *borrelhapje*. Entre. Henk, veja só, Willy está de volta.

— Estou vendo — Henk diz, balançando a cabeça.

— W — Broodje chama. — Willy está de volta.

Entro na sala. Antes, era tudo relativamente arrumado, com toques femininos ao redor, como velas com aromas de flores de que Broodje fingia não gostar, mas que acendia mesmo quando as garotas não estavam em casa. Agora, tudo cheira a meias sujas, café velho e cerveja derramada, e o único resquício das garotas é um velho pôster de Picasso, com a moldura torta, em cima da lareira.

— O que aconteceu com as garotas? — pergunto.

Broodje sorri.

— Bem típico de Willy perguntar primeiro sobre as garotas. — Ele gargalha. — Elas se mudaram para o próprio apartamento no ano passado, e Henk e W se

mudaram para cá. Ivo acabou de ir embora fazer um curso na Estônia.

— Letônia — Wouter, ou W, corrige, descendo a escada. Ele é ainda mais alto do que eu, com cabelo curto naturalmente espigado, e um pomo de Adão tão grande quanto uma maçaneta.

— Letônia — Broodje diz.

— O que houve com seu rosto? — W pergunta. Ele nunca foi ligado em cortesias sociais.

Passo a mão pela cicatriz.

— Caí da bicicleta — digo. A mentira que contei a Marjolein sai automaticamente. Não tenho certeza do porquê, exceto pelo desejo de estabelecer a maior distância possível entre mim e aquele dia.

— Quando voltou? — W pergunta.

— É, Willy — Broodje repete, resfolegando e fazendo festa como um cachorrinho de estimação. — Há quanto tempo?

— Uns dias atrás — respondo, caminhando por águas perigosas, entre verdades dolorosas e mentiras deslavadas. — Precisei resolver umas coisas em Amsterdã.



— Estive pensando por onde você andava — Broodje diz. — Tentei ligar para você um tempo atrás, mas entrou uma gravação estranha, e você é uma merda com e-mail.

— Eu sei. Perdi meu telefone e todos os meus contatos, e um irlandês me deu o dele, inclusive o chip. Pensei que tivesse lhe passado uma mensagem de texto com o novo número.

— Talvez tenha mandado. De qualquer forma, entre. Deixe-me ver o que tenho para comer. — Ele vai direto para a cozinha minúscula. Ouço as portas dos armários abrindo e fechando.

Cinco minutos depois, Broodje volta com uma bandeja de comida e cervejas para todos nós.

— Então, conte tudo. A vida glamorosa de um ator itinerante. É uma garota a cada noite?

— Meu Deus, Broodje, deixe o cara se sentar — Henk diz.

— Desculpe. Eu vivo indiretamente através dele; tê-lo ao redor era como ter um astro de cinema em casa; e ultimamente tenho estado num período de seca.

— Quando diz ultimamente você quer dizer vinte anos? — W pergunta, brincalhão.

— Então, estive em Amsterdã? — Broodje pergunta. — Como está sua mãe?

— Não sei — digo baixinho. — Ela está na Índia.

— Ainda? — Broodje diz. — Ou foi e voltou?

— Ainda. Esse tempo todo.

— Ah. Estive no nosso antigo bairro recentemente; o barco estava todo aceso e havia mobília lá dentro, então achei que ela tivesse voltado.

— Não, devem ter colocado mobília lá dentro para parecer habitado, mas não está. Não por nós, de qualquer modo — explico, enrolando um pedaço de linguiça e o enfiando na boca. — Foi vendido.

— Você vendeu o barco de Bram? — Broodje pergunta, incrédulo.

— Minha mãe o vendeu — esclareço.

— Ela deve ter “embarcado” uma grana — Henk faz piada.

Faço uma pausa rápida, de algum modo incapaz de lhes contar que eu também. Então W começa a falar sobre um artigo que leu no *De Volkskrant* sobre europeus que pagavam uma dinheirama por velhos barcos de habitação em Amsterdã, pelos direitos de ancoragem, que valiam tanto quanto os próprios barcos.

— Não este barco. Deveria tê-lo conhecido — Broodje diz. — O pai dele era arquiteto; o barco era lindo, três andares, varandas, vidro por todo lado. — Ele parece sonhador. — Do que mesmo aquela revista o chamou?

— Bauhaus no Gracht. — Um fotógrafo tinha vindo tirar fotos do barco, conosco dentro dele. Quando a revista foi publicada, a maioria das fotos era do barco, mas havia uma de Yael e Bram, emoldurados pela janela, as árvores e o canal refletindo como um espelho atrás deles. Eu estava no original daquela foto, mas devo ter sido cortado. Bram explicou que usaram aquela por causa da janela e do reflexo; era uma representação do design, não de nossa família. No entanto, também achei que tinha sido uma descrição bem apurada de nossa família.

— Não acredito que ela o vendeu — Broodje comenta.

Em alguns dias eu também não consigo acreditar e em outros acredito absolutamente. Yael é do tipo capaz de cortar a própria mão caso precise fugir.

Ela já fez isso antes.

Os caras estão todos olhando para mim agora, o rosto estampado com um tipo de preocupação à qual não estou mais acostumado, depois de dois anos de anonimato.

— Então, Holanda e Turquia hoje à noite? — começo.

Por um momento, os caras olham para mim. Em seguida concordam, balançando a cabeça.

— Espero que as coisas melhorem para nós — digo. — Depois das ofertas durante a Eurocopa, não sei se consigo mais aguentar. Sneijder... — Eu balanço a cabeça.

Henk é o primeiro a morder a isca.

— Está de brincadeira? Sneijder foi o único atacante que mostrou brio.

— De jeito nenhum! — Broodje interrompe. — Van Persie marcou aquele golão contra a Alemanha.

Então W começa com a conversa matemática, algo sobre regressão na direção do empate provando a melhora depois de um ano terrível, e agora não há outra coisa a fazer a não ser ir para cima, e eu relaxo. Existe uma linguagem universal de conversa fiada. Na estrada, é tudo sobre viagem: alguma ilha desconhecida, ou um albergue barato, um restaurante com um bom preço fixo. Com esses caras é futebol.

— Vai assistir ao jogo com a gente, Willy? — Broodje pergunta. — Vamos ao O’Leary’s.

Não vim para Utrecht atrás de conversa fiada, futebol ou amizade. Vim atrás dos documentos. Uma rápida visita à universidade para conseguir alguns documentos para o meu passaporte. Assim que ajeitar isso, voltarei até a agência de viagem, talvez dessa vez convide a atendente para tomar um drinque e descubra para onde ir. Talvez compre minha passagem. Talvez faça uma viagem a Haia para tirar alguns vistos, dê uma passada pela clínica de viagem para tomar algumas vacinas. Um trem até o aeroporto. Uma inspeção minuciosa dos oficiais de imigração, pois um homem sozinho com uma passagem de ida é sempre motivo de suspeita. Um voo longo. Jetlag. Imigração. Inspeção aduaneira. E, então, finalmente, aquele primeiro passo dentro de um lugar novo, aquele momento de regozijo e desorientação, um alimentando o outro. Aquele momento quando qualquer coisa pode acontecer.

Tenho apenas uma coisa para fazer em Utrecht, mas, de repente, o restante das coisas que precisarei fazer para conseguir sair dali parece não ter fim. Mais estranho ainda, nada disso me anima. Nem mesmo chegar a um lugar novo, o que sempre fazia todo o trabalho valer a pena. Tudo parece simplesmente exaustivo. Não consigo juntar a energia para o trabalho árduo que terei para sair daqui.

Mas O'Leary's? O'Leary's é bem ali na esquina, nem chega a um quarteirão daqui. Isso eu consigo fazer.

8

Outubro fica frio e úmido, como se tivéssemos usado toda a nossa cota de dias claros e quentes durante a onda de calor do verão. Está particularmente frio no meu quarto no sótão da Bloemstraat, o que me faz pensar se me mudar para cá foi a coisa certa a fazer. Não que tenha sido uma coisa pensada. Depois de acordar no sofá do andar de baixo pela terceira manhã seguida, não tenho feito muito durante meus dias em Utrecht. Broodje sugeriu que eu me mudasse para o quarto do sótão.

A oferta não foi tão tentadora por ter sido apenas um *fait accompli*. Eu já estava morando aqui. Às vezes os ventos levam você a lugares inesperados; às vezes também levam embora desses lugares.



O quarto no sótão é frio, com janelas que rangem ao vento. De manhã, vejo minha respiração. Manter-me aquecido passa a ser a minha principal vocação. Na estrada, sempre passei dias inteiros em bibliotecas. Pode-se sempre encontrar revistas e livros, independentemente do tempo ou de seja lá do que esteja fugindo.

A biblioteca da Universidade Central oferece todos os confortos de sempre: grandes janelas iluminadas, sofás confortáveis e uma fila de computadores que posso usar para pesquisar na internet. O último é uma faca de dois gumes. Na estrada, meus companheiros de viagem eram obcecados por manter o e-mail em dia. Eu era o oposto. Odiava checar as mensagens. Ainda odeio.

Os e-mails de Yael entram como um relógio, uma vez a cada duas semanas. Acho que ela deve ter anotado na agenda, juntamente com todas as outras tarefas. As mensagens nunca dizem muita coisa, o que faz com que responder a elas seja algo perto do impossível.

Uma mensagem chegou ontem, um pouco de algo inútil sobre tirar um dia

para ir a um festival de romeiros em um vilarejo. Ela nunca me diz do que tira folga, nunca comenta sobre o trabalho dela lá, sobre sua rotina, que é um grande mistério, os contornos preenchidos apenas por alguns comentários improvisados de Marjolein. Não, os e-mails de Yael para mim são todos como um tipo de cartão-postal. A conversa fiada perfeita, dizendo pouco e revelando menos ainda.

“Oi, mãe”, começo a responder. Então olho para a tela e tento pensar no que dizer. Sou tão versado em todo tipo de conversa fiada, mas me vejo sem palavras quando o assunto é minha mãe. Quando eu estava viajando, era mais simples, pois podia apenas enviar um cartão-postal: “Na Romênia, em algum dos resorts no Mar Negro, mas é baixa estação e está tudo tranquilo. Fiquei observando os pescadores durante horas”. Embora até mesmo aquilo causasse alguns adendos em minha cabeça. Observar os pescadores em uma manhã tempestuosa me lembrava de nossa viagem em família à Croácia quando eu tinha dez anos. Ou onze? Yael dormiu até tarde, mas Bram e eu acordamos cedo para descer até o cais, para comprar os peixes do dia, trazidos pelos pescadores que acabavam de voltar do mar, todos cheirando a sal e vodca. Mas, a exemplo de Yael, extirpo esses pequenos momentos de nostalgia de minhas missivas.

“Oi, mãe”. O cursor pisca como se me desse uma bronca, e não consigo mais passar disso, não consigo pensar no que dizer. Volto para a minha caixa de entrada, retornando no tempo. Os últimos anos e as mensagens esporádicas de Broodje, e algumas mensagens de pessoas que conheci ao longo da jornada — promessas vagas de encontros em Tânger, Belfast, Barcelona e Riga —, planos que raramente se materializavam. Antes disso, uma enxurrada de e-mails de vários professores da faculdade de Economia, me avisando de que, a não ser que eu apelasse para “circunstâncias especiais”, corria o risco de não receber um pedido para voltar no ano seguinte. (Eu não apelei e não fui expulso.) Antes disso, e-mails de condolências, alguns deles ainda sem abrir, e, antes ainda, mensagens de Bram, a maioria sobre coisas bobas que ele gostava de me enviar, uma crítica de um restaurante que ele gostaria de experimentar, uma foto de um pedaço de arquitetura particularmente monstruoso, um convite para ajudar com seu projeto de reforma mais recente. Vou para as mensagens de quatro anos atrás, e lá estão os e-mails de Saba, que, nos dois anos entre descobrir o e-mail e se cansar de tanto usá-lo, se deliciara nessa forma instantânea de comunicação, onde se podem escrever páginas e páginas sem nenhum custo adicional.

Volto até a mensagem para Yael. “Oi, mãe. Estou de volta a Utrecht agora, passando um tempo com Robert-Jan e os caras. Sem muitas novidades. Tem chovido muito nos últimos dias; nem sinal de sol há uma semana. Fique feliz por não estar aqui. Sei o quanto odeia o cinza. Falamos depois. Willem.”

Linguagem de cartão-postal, a mais sucinta das conversas fiadas.

Os caras e eu íamos ao cinema, junto com a nova namorada de W. Algum filme do Jan de Bont no Louis Hartlooper. Não gosto dos filmes de De Bont desde... Nem consigo me lembrar. Mas perdi na votação porque W tem uma namorada, e isso é uma grande coisa, e, se ela quer explosões, então assistiremos a explosões.

O complexo de cinemas está lotado, pessoas saindo pelas portas da frente. Atravessamos a multidão com dificuldade até a bilheteria. E é aí que eu a vejo: Lulu.

Não a minha Lulu. Mas a Lulu de quem tirei o seu nome. Louise Brooks. O cinema tem muitos pôsteres de filmes antigos na entrada, mas eu nunca tinha visto esse, que não está na parede, mas sim colocado em um cavalete. É uma pose tirada de *A Caixa de Pandora*. Lulu servindo um drinque, a sobrancelha levantada em divertimento e desafio.

— Ela é linda. — Eu levanto os olhos. Atrás de mim está Lien, a namorada intimidadora de W, formanda em matemática. Ninguém consegue entender direito como ele conseguiu, mas aparentemente eles se apaixonaram por teorias numéricas.

— É — concordo.

Olho o pôster mais de perto. Está fazendo propaganda de uma retrospectiva cinematográfica de Louise Brooks. *A Caixa de Pandora* será esta noite.

— Quem era ela? — Lien pergunta.

— Louise Brooks — Saba havia dito. — Olhe aqueles olhos, tanto prazer que é evidente que há muita tristeza escondida. — Eu tinha treze anos e Saba, que

odiava os verões mercuriais de Amsterdã, tinha acabado de descobrir os *revivals* do cinema. Aquele verão fora particularmente tedioso, e Saba me apresentara a todas as estrelas dos filmes mudos: Charlie Chaplin, Buster Keaton, Rodolfo Valentino, Pola Negri, Greta Garbo e a favorita dele, Louise Brooks.

— Uma estrela dos filmes mudos — digo a Lien. — Tem um festival acontecendo. Infelizmente é hoje à noite.

— Em vez de assistir ao outro, podíamos ver esse. — Não consigo dizer se o tom dela é sarcástico; ela é tão seca quanto W. Mas, quando chego à frente da fila para comprar os ingressos, me dou conta de que estou pedindo cinco para *A Caixa de Pandora*.

A princípio, os garotos ficam perplexos. Acharam que eu estivesse brincando, até eu apontar para o pôster e explicar sobre a retrospectiva. Daí eles não ficaram tão perplexos.

— Tem um pianista ao vivo — digo.

— Isso é para nos fazer sentir *melhor*? — Henk pergunta.

— De jeito nenhum eu vou ver isso — W acrescenta.

— E se eu quiser ver? — Lien questiona.

Eu ofereço a ela um obrigado silencioso, e ela me dá uma levantada de sobrancelha perplexa de volta, mostrando seu piercing. W concorda, e todos vão atrás dele.

No andar de cima, tomamos nossos assentos. No silêncio é possível ouvir as explosões da sala de cinema ao lado, e posso ver que os olhos de Henk ficam tristes.

As luzes se apagam, o pianista dá início à abertura e o rosto de Lulu enche a tela. O filme começa todo arranhado em preto e branco; quase se pode ouvi-lo ranger como um velho LP. No entanto, não há nada de velho sobre Lulu. Ela é eterna, flertando alegremente no clube noturno, sendo pega com seu amante, atirando no marido na noite do casamento.

É estranho, pois eu já havia visto esse filme antes, algumas vezes. Sei exatamente como termina, mas, à medida que ele acontece, a tensão começa a crescer, um suspense, queimando desconfortavelmente em meu estômago. Precisa-se de certo tipo de ingenuidade, ou talvez de estupidez, para saber como as coisas terminarão e, mesmo assim, esperar pelo contrário.

Agitado, enfio as mãos nos bolsos. Apesar de tentar não fazê-lo, meu pensamento fica indo até a outra Lulu naquela noite de agosto. Joguei a moeda para ela, como já tinha feito com tantas outras garotas. Mas, diferentemente de outras garotas, que sempre voltam — esperando em volta do palco provisório para devolver minha valiosíssima moeda imprestável e ver o que ela poderia comprar —, Lulu não voltou.

Aquilo deveria ter sido o primeiro sinal de que a garota conseguia enxergar além dos meus atos. Mas tudo o que pensei foi: *Não é para ser*. Tudo bem. Eu tinha um trem para pegar no dia seguinte, e um longo e tenebroso dia depois daquele, e nunca dormia bem com estranhos.

De qualquer maneira, não tinha dormido bem e havia acordado antes do horário para poder pegar um trem mais cedo para Londres. E lá estava ela, no trem. Era a terceira vez, em vinte e quatro horas, que eu a via, e, quando passei por ela na cafeteria do trem, lembro-me de ter sentido um puxão. Como se o universo dissesse: *Preste atenção*.

Então, prestei atenção. Eu parei e nós conversamos, mas então estávamos em Londres e prestes a ir cada um para o seu lado. Àquela altura, o nó de tristeza que estivera crescendo dentro de mim desde o pedido de Yael para que eu voltasse para a Holanda para assinar os papéis de venda da minha casa tinha se solidificado em um punho fechado. A conversa amigável com Lulu a caminho de Londres tinha desatado o nó, de alguma maneira. Mas eu sabia que, assim que

pegasse o próximo trem para Amsterdã, aquilo cresceria, corroeria minhas entranhas, e eu não conseguiria comer ou fazer coisa alguma, exceto rodar uma moeda nervosamente sobre os ossinhos da mão e focar no “próximo” trem ou voo no qual eu embarcaria. Na próxima partida.

Então, quando Lulu começou a falar sobre sua vontade de ir a Paris, e eu tinha todo esse dinheiro que ganhei no verão com o Will Guerrilheiro, dinheiro do qual eu não precisaria por muito mais tempo. E naquela estação de trem em Londres eu pensei: tudo bem, talvez *isso* fosse para acontecer: o universo, eu sabia, amava apenas o equilíbrio, e ali estava uma garota que queria ir para Paris e aqui estava eu, alguém que queria ir para qualquer lugar, exceto de volta a Amsterdã. Assim que eu sugeri que fôssemos para Paris, o equilíbrio foi restabelecido. O nó no meu estômago desapareceu. No trem para Paris, eu estava mais faminto do que nunca.

Na tela, Lulu está chorando. Imagino minha Lulu acordando no dia seguinte e não me encontrando lá, lendo um bilhete no qual eu prometia voltar logo, o que nunca se concretizou. Eu me pergunto, como já fiz muitas vezes, quanto tempo ela levou para pensar o pior de mim quando ela já *tinha* pensado o pior de mim. No trem de Londres para Paris, ela começou a rir descontroladamente, pois havia pensado que eu a deixaria lá. Eu tinha feito uma piada daquilo, e, obviamente, não era verdade. Não planejava aquilo. Mas fui pego de surpresa, porque foi meu primeiro aviso de que, de algum modo, aquela garota me viu de uma maneira que eu não pretendia ser visto.

À medida que o filme prossegue, desejo e saudade e arrependimento e críticas a tudo sobre aquele dia começam a tomar corpo dentro de mim. É tudo sem sentido, mas, de alguma forma, reconhecer apenas deixa tudo pior, e aquilo aumenta e aumenta e não tem para onde ir. Enfio minhas mãos mais fundo nos bolsos até fazer um buraco.

— Porcaria! — digo mais alto do que gostaria.

Lien olha para mim, mas finjo estar absorvido pelo filme. O pianista está aumentando para um crescendo quando Lulu flerta com Jack, o Estripador, e,

sozinha e derrotada, o convida para subir ao seu quarto. Ela acha que encontrou alguém para amar, e ele pensa que encontrou alguém para amar, e então ele vê a faca, e já se sabe o que acontecerá. Ele simplesmente voltará a agir como antes. Tenho certeza de que é isso o que ela pensa de mim, ou talvez ela esteja certa por pensar assim. O filme termina com um floreio frenético do piano. E então tudo fica em silêncio.

Os garotos ficam sentados por um minuto e então começam a falar todos de uma vez.

— É isso? Então ele a mata? — Broodje pergunta.

— É Jack, o Estripador, e ele tem uma faca — Lien responde. — Não estava cortando um pedaço de peru de Natal para ela.

— Que beleza! Tenho de admitir uma coisa: não foi chato — Henk diz. — Willem? Ei, Willem, está aí?

Eu dou um pulo.

— Sim. O quê?

Os quatro olham para mim durante o que pareceu ser um longo tempo.

— Você está bem? — Lien pergunta finalmente.

— Estou bem. Estou ótimo! — sorrio. Parece tão falso que quase posso sentir a cicatriz em meu rosto puxar como um elástico. — Vamos beber alguma coisa.

Vamos todos até um café lotado no andar de baixo. Peço uma rodada de cerveja e então uma rodada de jenever, só por precaução. Os caras me dão uma olhada, embora eu não saiba se é por causa da bebida ou por estar pagando tudo.

A esta altura eles já sabem da minha herança, mas ainda esperam a mesma frugalidade de mim, como sempre.

Seco minha dose e depois minha cerveja.

— Uau! — W diz, me passando a dose dele. — Sem *kopstoot* para mim.

Também mato a dose dele.

Todos estão em silêncio olhando para mim.

— Tem certeza de que está bem? — Broodje pergunta, estranhamente hesitante.

— E por que não estaria? — O jenever está funcionando, me esquentando e queimando as lembranças que ressuscitavam no escuro.

— Seu pai morreu. Sua mãe foi embora para a Índia — W diz, objetivamente.
— E seu avô também morreu.

Há um momento de estranho silêncio.

— Obrigado — digo. — Tinha me esquecido de tudo isso. — Quis que aquilo saísse como uma piada, mas acabou saindo tão amargo quanto a bebida que queimava em minha garganta.

— Ah, não ligue para eles — Lien disse, beliscando a orelha de W com carinho. — Ele está trabalhando nos sentimentos humanos, tal como a simpatia.

— Não preciso da simpatia de ninguém — digo. — Estou bem.

— Tudo bem, é que você não parece você mesmo desde... — Broodje recua.

— Você passa muito tempo sozinho — Henk solta.

— Sozinho? Estou com vocês.

— Exatamente — Broodje diz.

Há outro momento de silêncio. Não sei exatamente do que estou sendo acusado. Então Lien esclarece.

— Pelo que entendo, você sempre teve uma garota, e agora os garotos estão preocupados porque está sempre sozinho. — Lien explica. Ela olha para os caras. — Entendi direito?

— *Mais ou menos, sim* — eles todos resmungam.

— Quer dizer que têm falado sobre isso? — Deveria ser engraçado, mas não é.

— Achamos que você anda deprimido por não estar fazendo sexo — W diz. Liem bate nele. — O quê? — ele pergunta. — É uma questão fisiológica viável. A atividade sexual produz serotonina, que aumenta o nível de bem-estar. É pura ciência.

— Não é à toa que gosta tanto de mim — Lien brinca. — Toda essa ciência pura.

— Ah, quer dizer que agora estou deprimido? — Tento parecer divertido, mas é difícil manter aquele tom de algo mais em minha voz. Ninguém olha para mim, exceto Lien. — É isso o que vocês acham? — pergunto, tentando fazer piada daquilo. — Estou sofrendo de um caso crônico de saco roxo?

— Acho que não é o seu saco que está roxo — diz ela, despretensiosamente.
— É o seu coração.

Há um minuto de silêncio, e então os garotos interrompem com uma gargalhada estrondosa.

— Sinto muito, *schatje* — W diz. — Mas isso seria um comportamento anômalo. Você não o conhece ainda. Está mais para uma questão de serotonina.

— Eu sei do que estou falando — Lien diz.

Eles todos começam a discutir sobre isso e eu me pego desejando o anonimato da estrada, onde não se tem passado nem futuro, apenas um momento no tempo. E, se aquele momento viesse a ser pegajoso ou desconfortável, haveria sempre um trem partindo para o próximo momento.

— Bem, se ele está com o coração partido ou com o saco roxo, a cura é a mesma — Broodje afirma.

— E o que é? — Lien pergunta.

— Dar uma trepada — Broodje e Henk falam juntos.

É demais.

— Preciso fazer xixi — digo, ficando em pé.

No banheiro, jogo água no rosto. Olho para o espelho. A cicatriz ainda está vermelha e furiosa, marcante, como se eu a estivesse cutucando.

Do lado de fora, o corredor está lotado, outro filme que havia terminado, não o de Bont, mas uma daquelas comédias românticas britânicas pegajosas, do tipo que promete um amor eterno em duas horas.

— Willem de Ruiter, em carne e osso.

Viro-me, e saindo do cinema, com os olhos encobertos de falsa emoção, está Ana Lucia Aurelano.

Eu paro, deixo-a me alcançar. Damos um beijo de olá. Ela faz sinal para os amigos, pessoas que reconheço da University College, para seguirem em frente.

— Você nunca me ligou — diz ela, colocando no rosto uma expressão de garotinha que, de alguma forma, parecia charmosa nela, embora qualquer coisa nela pareça charmosa.

— Eu não tinha o seu número — explico. Não tenho motivo para ficar encabulado, mas é como um reflexo.

— Mas eu o dei a você. Em Paris.

Paris. Lulu. As emoções do filme começam a voltar, mas eu as afasto. Paris foi faz de conta. Nem um pouco diferente do filme romântico que Ana Lucia acabou de ver.

Ana Lucia chega mais perto. Ela tem um cheiro bom, de canela, fumaça e perfume.

— Por que você não me dá seu número de novo? — pergunto, sacando meu celular. — Assim posso te ligar mais tarde.

— Por que se incomodar? — ela diz.

Eu dou de ombros. Ouvi dizer que ela não tinha ficado muito feliz quando as coisas terminaram da última vez. Guardo meu telefone.

Mas então ela agarra as minhas mãos nas dela. As minhas estão frias. As dela, quentes.

— Eu quis dizer, por que se incomodar em me ligar *mais tarde* quando estou bem aqui *agora*?

E está mesmo. Aqui agora. E eu também.

“A cura é a mesma”, em pensamento ouço Broodje dizer.

Talvez seja.



novembro

Utrecht

O dormitório de Ana Lucia é como um casulo, grossos edredons de pena, aquecedores a todo o vapor, inúmeros copos com algum tipo de chocolate quente cremoso. Durante os primeiros dias, estou contente apenas por estar aqui, com ela.

— Algum dia pensou que ficaríamos juntos de novo? — ela geme, se enroscando em mim como uma gatinha manhosa.

— Humm — respondo, pois não há um jeito certo de responder a essa pergunta. Nunca pensei se um dia voltaríamos a ficar juntos porque nunca considereei estarmos juntos, para começar. Ana Lucia e eu tivemos um caso de três, talvez quatro semanas durante aquela primavera nebulosa quando Bram morreu, quando eu ia espetacularmente mal na faculdade, mas, ao mesmo tempo, eu me saía espetacularmente bem com as garotas. Talvez sair bem não seja o termo mais correto. Implica algum tipo de esforço, quando, na verdade, era a única coisa em minha vida que não exigia nenhum esforço.

— *Eu imaginei* — ela diz, mordiscando minha orelha. — Pensei muito em você nesses últimos anos. E então, quando nos trombamos em Paris, senti que aquilo significava alguma coisa, meio coisa do destino.

— Humm — repito. Eu me lembro de dar de cara com ela em Paris e sentir que aquilo significava alguma coisa, mas não destino. Mais como uma invasão, um dia cedo demais em um mundo que eu deixara para trás.



— Mas então você não me ligou — ela continua.

— Ah, sabe como é. Apareceu uma coisa.

— Tenho certeza de que *alguma coisa* apareceu. — As mãos dela escorregam por entre as minhas pernas. — Vi você com aquela garota. Em Paris. Ela era bonita.

Ela diz aquilo casualmente, até mesmo com desdém, mas algo se agita em minhas entranhas. Um tipo de aviso. A mão de Ana Lucia continua entre minhas pernas e está causando o efeito esperado, mas agora Lulu também está em algum lugar do quarto. Assim como naquele dia em Paris, quando eu encontrei Ana Lucia e as primas dela enquanto andava pelo Quartier Latin com Lulu, não queria outra coisa exceto distância entre essas duas garotas.

— Ela era bonita, mas *você* é linda — digo, tentando mudar o rumo da conversa. Minhas palavras são verdadeiras, mas sem sentido. Ainda que Ana Lucia seja provavelmente mais bonita do que Lulu, esses tipos de competição raramente são vencidos nas technicalidades.

A mão dela aperta mais forte.

— Qual era o nome dela? — ela pergunta.

Não quero dizer o nome dela. Mas Ana Lucia me tem firmemente em sua mão, e, se eu não o disser, levantarei suspeitas.

— Lulu — digo dentro do travesseiro. Não é nem mesmo o verdadeiro nome dela, mas sinto como se fosse uma traição.

— Lulu — Ana Lucia repete. Ela me solta e se senta na cama. — Uma garota francesa. Ela era sua namorada?

A luz da manhã infiltra-se pela janela, pálida e cinzenta e tingindo tudo aqui de um leve tom de verde. De alguma forma, a fraca luz acinzentada fez Lulu brilhar naquele quarto branco.

— Claro que não.

— Então era só mais um de seus casos? — A risada de Ana Lucia responde à sua própria pergunta; a arrogância dela me enoja.

Aquela noite no prédio invadido, no ateliê de arte, depois de tudo, Lulu tinha esfregado o dedo no pulso, e eu fiz o mesmo. Um tipo de código para *mancha*, para algo que dura, mesmo quando não se quer que dure. Tinha significado alguma coisa, pelo menos naquele momento.

— Você me conhece — digo baixinho.

Ana Lucia ri de novo, um som profundo e encorpado, rico e indulgente. Ela sobe em cima de mim, montando sobre meus quadris.

— *Conheço* você muito bem — ela afirma, os olhos brilhando. Ela passa o dedo pela linha do meu abdômen. — Agora sei pelo que você passou. Antes eu não entendia. Mas eu amadureci. Você amadureceu. Acho que agora somos pessoas diferentes, com necessidades diferentes.

— Minhas necessidades não mudaram — digo. — São as mesmas de sempre. Muito básicas. — Eu a puxo em minha direção. Ainda estou bravo com ela, mas ela dizer o nome de Lulu me irritou. Passo o dedo pelo arremate da camisola dela. Enfio o dedo debaixo das alças.

Os olhos dela se fecham por um minuto e eu também fecho os meus. Sinto a maciez da cama e o caminho dos beijos grudentos dela em meu pescoço.



— *Dime que me quieres* — ela sussurra. — *Dime que me necesitas* — *Diga que me quer. Diga que precisa de mim.*

Eu não digo porque ela está falando em espanhol, e ela nem percebe que eu agora entendo. Mantenho os olhos fechados, mas mesmo na escuridão ouço a voz me dizendo que ela será a minha garota da montanha.

— Cuidarei de você — Ana Lucia diz, e eu dou um salto na cama ao ouvir as palavras de Lulu saírem da boca de Ana Lucia.

Mas, no momento em que a cabeça de Ana Lucia desliza para baixo das cobertas, percebo que é um tipo diferente de cuidado de que ela está falando. Não é o tipo de cuidado de que preciso. No entanto, não o recuso.

Depois de duas semanas enfiado no dormitório de Ana Lucia, faço o caminho de volta a Bloemstraat. Tudo está quieto, uma mudança bem-vinda depois do entra e sai constante do campus da University College, todo mundo se metendo na vida de todo mundo.

Na cozinha, abro os armários. Ana Lucia tem trazido comida da cafeteria para mim, ou pedido comida, comprando tudo com os cartões de crédito de seu pai. Estou louco por algo real.

Não há muita coisa aqui, alguns pacotes de macarrão, cebola e alho. Há uma lata de molho de tomate na despensa. Suficiente para um molho. Começo a picar as cebolas, e meus olhos imediatamente se enchem de lágrimas. Sempre fazem isso. Os de Yael também. Ela nunca cozinhou muito, mas, de vez em quando, quando sentia saudade de Israel, colocava música popular hebraica ruim e fazia *shakshouka*. Eu podia estar no andar de cima, no meu quarto, e ainda conseguia sentir o cheiro. Eu gravitava em direção à cozinha. Bram às vezes nos encontrava, juntos e de olhos vermelhos, ria e bagunçava meu cabelo, beijava Yael e fazia piada dizendo que picar cebola era a única hora em que veriam Yael Shiloh chorar.

Por volta das quatro horas, ouço a chave rodar na fechadura. Grito um “oi”.

— Willy, está de volta. E você cozinha... — Broodje diz, enquanto faz a curva para entrar na cozinha. Então para no meio da frase. — O que aconteceu?

— Hã? — E então percebo que ele está se referindo às minhas lágrimas. — São só as cebolas — explico.

— Ah... Cebolas. — Ele pega a colher de madeira e mexe o molho, assopra e depois prova. Em seguida, alcança a prateleira para pegar várias ervas secas e as esfrega entre os dedos antes de jogá-las lá dentro. Coloca umas pitadas de sal e

gira o moedor de pimenta várias vezes. Depois abaixa o fogo e coloca a tampa.
— Porque, se não são as cebolas... — ele continua.

— E o que mais poderia ser?

Ele balança o pé pelo chão.

— Estou preocupado com você desde aquela noite — ele explica. — Pelo que aconteceu depois do filme.

— O quê? — pergunto.

Ele começa a falar alguma coisa. Depois para.

— Nada — ele diz. — Então, a Ana Lucia, de novo.

— Sim. A Ana Lucia. De novo. — Não consigo pensar em outra coisa para dizer, então volto para a conversa fiada. — Ela mandou lembranças.

— Ah, tenho certeza que sim — Broodje diz, sem comprar a ideia nem por um minuto.

— Quer comer?

— Quero. Mas o molho ainda não está pronto.

Broodje sobe até o quarto dele. Estou perplexo. Não é do feitio dele recusar comida, não importa se ela está pronta ou não. Já o vi comer carne de hambúrguer crua. Deixei o molho ferver. O aroma enche a casa e ainda assim ele não desce. Então eu subo e paro na porta.

— Está com fome? — pergunto.

— Estou sempre com fome.

— Quer descer? Posso fazer macarrão.

Ele balança a cabeça.

— Está fazendo greve de fome? — brinco. — Como Sarsak.

Ele dá de ombros.

— Talvez eu entre em greve de fome.

— E por que faria greve de fome? — pergunto. — Teria que ser algo muito importante para você ficar sem comer.

— *Você* é muito importante.

— *Eu?*

Broodje gira na cadeira de sua escrivaninha.

— Não costumávamos contar as coisas um ao outro, Willy?

— Claro.

— Não fomos sempre bons amigos? Mesmo quando eu me mudei continuamos próximos. Mesmo quando você foi embora e nem entrou em contato comigo, achei que fôssemos bons amigos, e, agora que está de volta, e

depois de tudo, não somos amigos de verdade?

— Do que está falando?

— Por onde você andou, Willy?

— Por onde eu andei? Com a Ana Lucia. Jesus, foi você quem disse que eu precisava trepar para me recuperar.

Os olhos dele brilham.

— Se recuperar *do quê*, Willy?

Eu me sento na cama. Do quê? A questão é essa, está bem ali.

— É por causa de seu pai? — Broodje pergunta. — Não tem problema se ainda é por causa dele. Só faz três anos. Demorei mais do que isso para me recuperar de Varken, e ele era um cachorro.

A morte de Bram tinha acabado comigo. Mas aquilo foi antes e eu tenho estado bem, então não tenho certeza de por que tudo parece tão à flor da pele *agora*. Talvez por estar de volta à Holanda. Talvez tenha sido um erro ter ficado.



— Não sei o que é — digo a Broodje. É um alívio poder admitir pelo menos isso.

— Mas é *alguma coisa* — ele diz.

Sinceramente, não consigo explicar, porque não faz o menor sentido. Uma

garota. Um dia.

— É alguma coisa — digo a Broodje.

Ele nada diz, mas o silêncio é como um convite, e não tenho certeza de por que mantenho esse segredo. Então conto tudo a ele: sobre conhecer Lulu em Stratford-upon-Avon. Sobre encontrá-la novamente no trem. Sobre nosso flerte no trem, sobre o *hagelslag*, de todas as coisas neste mundo. Sobre chamá-la de Lulu, um nome que parecia combinar tão bem com ela que acabei me esquecendo que o nome dela de verdade não era aquele.

Conto a ele alguns dos pontos altos do dia que, em retrospecto, de tão perfeito parece que o inventei: Lulu andando de um lado para o outro na baía de La Villette com uma nota de cem dólares, subornando Jacques a nos levar pelo canal. Nós dois quase sendo presos por andarmos ilegalmente, os dois juntos, em uma mesma bicicleta Vélib; e então o policial me perguntou por que eu tinha feito uma coisa tão estúpida, e eu citei uma frase de Shakespeare sobre a beleza de ser uma bruxa, e ele a reconheceu e nos deixou seguir em frente, apenas com uma advertência. Lulu escolhendo à revelia uma estação de metrô e acabarmos em Barbès Rochechouart, e Lulu, que se dizia desconfortável com viagens, parecendo amar a falta de metodologia de tudo. Também conto a ele sobre os *skinheads*. Sobre como realmente não pensei em nada quando intervimos e tentei impedi-los de perturbar as duas garotas árabes por causa dos lenços que lhes cobriam a cabeça. Sinceramente nem imaginei o que eles poderiam fazer *comigo*, e, assim que me dei conta de que poderia me dar muito mal, lá estava Lulu, atirando um livro em cima deles.

Mesmo enquanto explicava, percebo que não estou fazendo justiça. Não ao dia. Não a Lulu. Também não estou contando toda a história, porque há coisas que simplesmente não consigo explicar. Como quando Lulu pagou a Jacques para nos dar aquela carona pelo canal. Não foi a generosidade dela que mexeu comigo. Nunca disse a ela que tinha crescido em um barco, ou que estava a um dia de abrir mão de tudo. Mas ela parecia saber. Como ela sabia? Como explicar aquilo?

Quando acabo a minha história, não tenho certeza se tudo fez sentido. Mas, de

alguma forma, me sinto melhor.

— Então — digo a Broodje. — E agora?

Broodje dá uma fungada no ar. O cheiro do molho se espalhou pela casa toda.

— O molho está pronto. Agora vamos comer.

12

— Estive pensando — Ana Lucia diz. Chove e neva lá fora, enquanto dentro do dormitório dela está torrando, com nossa pequena ceia de comida tailandesa sobre a cama.

— Palavras sempre perigosas — brinco.

Ela joga um sachê de molho de pato em mim.

— Estive pensando no Natal. Sei que você não comemora, mas talvez devesse vir comigo para a Suíça no mês que vem. Assim estaria em família.

— Não sabia que eu tinha parentes na Suíça — brinco, enfiando um rolinho primavera na boca.

— Quero dizer, a minha família — Ela olha para mim com os olhos incomodamente intensos. — Eles querem conhecer você.

Ana Lucia pertence a um extenso clã espanhol, herdeiros de uma companhia de navios cargueiros que foi vendida aos chineses antes que a recessão aleijasse a economia. Ela tem parentes que não acabam mais, irmãos e primos vivendo por toda a Europa e nos Estados Unidos, México e Argentina, e fala com eles em uma espécie de rodízio toda noite, em sequência escalonada.

Quero dizer que já tenho uma família, mas nem parece mais verdade. Quem sobrou? Yael e eu. E o tio Daniel, mas ele mal pode ser considerado família, para começar. O rolinho primavera fica preso em minha garganta. Engulo-o com um gole de cerveja.

— Lá é lindo — ela acrescenta.

Bram levou a mim e a Yael para esquiar uma vez na Itália. Nós dois ficamos trancados no hotel, congelados. Ele aprendeu a lição. No ano seguinte fomos para Tenerife.

— Faz muito frio na Suíça — digo.

— E aqui é muito gostoso? — ela pergunta.

Ana Lucia e eu estamos juntos há três semanas. O Natal é daqui a seis semanas. Não é preciso ser W para adivinhar a matemática nessa equação.

Quando eu não respondo, Ana Lucia diz:

— Ou talvez você queira que eu vá, assim pode ter outra pessoa para mantê-lo aquecido.

Assim, de uma hora para outra, o tom dela muda, e agora me dou conta de que a suspeita que esteve durante todo esse tempo à espreita lá fora entra correndo.



Na tarde seguinte, ao voltar para Bloemstraat, encontro os rapazes à mesa, papéis espalhados por todo lugar. Broodje levanta os olhos com a expressão de um cachorro culpado por ter roubado o jantar.

— Sinto muito — ele diz de pronto.

— Pelo quê? — pergunto.

— Talvez eu tenha contado um pouquinho sobre nossa conversa — ele gagueja. — Sobre o que você me contou.

— Não foi uma grande surpresa — W diz. — Era óbvio que *algo* estava errado desde que você voltou. E eu *sabia* que aquela cicatriz não era de um acidente de bicicleta. Não parece algo que teria a ver com uma queda.

— Minha história era que bati em um galho.

— Mas levou uma surra dos *skinheads* — Henk me diz. — Dos mesmos caras em quem a garota atirou o livro no dia anterior.

— Acho que Will sabe o que aconteceu com ele — Broodje comenta.

— Que loucura ter encontrado os mesmos caras! — Henk continua.

— Mais azar do que outra coisa — Broodje opina.

Eu nada digo.

— Achamos que você está com aquela coisa pós-traumática — Henk declara. — É por isso que tem estado deprimido.

— Então vocês deixaram de lado a teoria do celibato?

— Bem, sim — Henk concorda. — Porque agora você está trepando e continua deprimido.

— Acham que é por causa disso? — pergunto, passando a mão na cicatriz. — Não por causa da garota? — Olho para W. — Não acha que talvez Lien esteja certa?

Os três tentaram não rir.

— O que há de tão engraçado? — pergunto, repentinamente sentindo-me irritado e na defensiva.

— A garota não partiu seu coração — W diz. — Ela simplesmente cortou sua onda.

— O que quer dizer com isso? — pergunto.

— Willy, qual é? — Broodje diz, balançando o braço para nos acalmar. — Conheço você. Sei como você é com as garotas. Você se apaixona e depois desaparece como neve no sol. Se tivesse passado mais algumas semanas com essa garota, ficaria cansado dela, assim como sempre ficou com as outras. Mas não passou. Foi como se ela tivesse te dado um pé na bunda. Então você está se consumindo.

“Está comparando o amor a... uma mancha?”, Lulu havia perguntado. A princípio ela tinha sido cética.

“É algo que nunca desaparece, independentemente do quanto você queira que suma.” Sim, “mancha” parecia uma boa palavra.

— Tudo bem — W diz, clicando sua caneta. — Vamos começar pelo começo, com o máximo de detalhes que consiga dar.

— O começo de quê?

— Da sua história.

— Por quê?

W começa a explicar sobre o Princípio da Conectividade e como a polícia usa isso para encontrar os criminosos, através de quem se associam com eles. Ele

está sempre falando de teorias desse tipo. Ele acredita que tudo na vida acaba em matemática, que há um princípio numérico ou um algoritmo para descrever cada evento, até mesmo os eventuais (teoria do caos!). Levo um tempo para entender que ele pretende usar o Princípio da Conectividade para desvendar o mistério de Lulu.

— De novo, por quê? O mistério está resolvido — retruco. — Estou me consumindo pela garota que foi embora, porque ela foi embora. — Não tenho certeza se estou irritado por achar que é verdade ou por achar que não.

W revira os olhos como se isso não tivesse importância.

— Mas você quer encontrá-la, não quer?



Naquela noite, W tinha planilhas e gráficos e, na lareira, abaixo do pôster desbotado de Picasso, um quadro vazio.

— Princípio da Conectividade. Basicamente, procuramos as pessoas que conseguimos encontrar e vemos quais as conexões que têm com a garota misteriosa — W explica. — Nossa melhor pista é começar com Céline. Lulu pode ter voltado para buscar a mala. — Ele escreve o nome de Céline e desenha um círculo ao redor.

Essa ideia tinha passado pela minha cabeça inúmeras vezes, e a cada vez fiquei tentado a entrar em contato com Céline. Mas, então, penso de novo naquela noite, no olhar triste e ferido no rosto dela. De qualquer maneira, isso não importa. Ou a mala está no clube, e Lulu não voltou para pegá-la, ou a mala não está lá, e ela a pegou, encontrou meus bilhetes lá dentro e preferiu não responder. Saber o que aconteceu não muda a situação.

— Céline está fora de questão — digo.

— Mas ela é a conexão mais forte — W protesta.

Não conto a eles sobre Céline e o que aconteceu no apartamento dela naquela noite, nem o que eu prometi a ela.

— Está fora.

W faz um X bem dramático sobre o nome de Céline. Em seguida desenha um círculo. Dentro ele escreve “barca”.

— O que isso tem a ver? — pergunto.

— Ela preencheu algum formulário? — W pergunta. — Pagou com cartão de crédito?

Balanço a cabeça.

— Pagou com uma nota de cem dólares. Ela basicamente subornou Jacques.

Ele escreve “Jacques”. Circula o nome.

Balanço a cabeça de novo.

— Passei mais tempo com ele do que ela.

— O que sabe sobre ele?

— Ele é um típico marinheiro. Passa o ano inteiro na água. Diz que veleja quando o tempo está quente, mantém o barco ancorado em uma marina em Deauville, eu acho.

W escreve “Deauville” e faz um círculo ao redor da palavra.

— E os outros passageiros?

— Eles eram mais velhos. Dinamarqueses. Dois casais: um casado e um divorciado que parecia casado. Estavam todos muito bêbados.

W escreve “Dinamarqueses bêbados” em um círculo mais distante, do lado do quadro.

— Vamos considerá-los como último recurso — W diz, indo para a próxima linha. — Acho que a pista mais forte é provavelmente a que levará mais tempo. — Um sorriso ali. Então, bem embaixo do pôster ele escreve “EMPRESA DE TURISMO” em letras garrafais.

— O único problema é que eu não sei qual era a empresa.

— A probabilidade é que seja uma dessas sete — W diz, pegando uma folha impressa do computador.

— Você encontrou a empresa de turismo? Por que não disse antes?

— Eu não encontrei. Mas afunilei até chegar a sete empresas que fazem pacotes para estudantes americanos, e que fizeram pacotes para Stratford-upon-Avon nas noites em questão.

— Noites em questão — Henk brinca. — Isso está começando a parecer um programa de detetive.

Olho para a folha impressa.

— Como fez isso? Em uma noite?

Espero algum tipo de teorema matemático complicado, mas ele dá de ombros e diz:

— A internet. — Ele faz uma pausa. — Pode haver mais do que sete tours, mas esses são os sete cujas possibilidades eu confirmei.

— Mais? — Broodje pergunta. — Sete já parece muito.

— Houve um festival de música naquela semana — esclareço. Foi por isso que a Will Guerrilheiro foi para Stratford-upon-Avon, para começar. Tor geralmente o evitava; ela tinha uma implicância venenosa com a Royal Shakespeare Company, relacionada com uma implicância tóxica ainda maior contra a Royal Academy of Dramatic Art, que recusou a admissão dela duas vezes. Foi depois disso que ela resolveu ser anarquista e começar a Will Guerrilheiro.

W escreve e circula os nomes dos tours nos cartazes: “Vastos Horizontes”, “Europa Ilimitada”, “Esse É um Mundo Pequeno”, “Aventuras Extremas”, “Viaje!”, “Teen Tours!” e “Europa Legal”. — Minha opinião é que sua garota misteriosa estava em um desses.

— Tudo bem, mas há sete tours — Henk diz. — E agora?

— Ligo para eles? — questiono.

— Exatamente — W concorda.

— Procurando por... Merda! — De novo tudo me volta à cabeça: eu nem mesmo sei o nome dela.

— Que tipo de detalhes de identificação você sabe? — W pergunta.

Conheço o timbre da risada dela. Conheço o calor do hálito dela. Conheço o brilho da lua contra a pele dela.

— Ela estava viajando com uma amiga — digo — que era loira, e Lulu tinha cabelo escuro, cortado bem curto, tipo Louise Brooks. — Os caras trocam olhares. — Ela tinha uma marca de nascença bem aqui. — Toco meu pulso. Desde que ela a mostrara para mim no trem, eu me perguntei que gosto ela teria. — Ela a mantinha coberta por um relógio a maior parte do tempo. Ah, claro, ela tem um relógio de ouro muito caro. Ou tinha. Está comigo agora.

— Isso é dela? — Broodje pergunta.

Assinto em um menear da cabeça.

W anota tudo.

— Isso é bom — W informa. — O relógio, especialmente. Ele a identifica.

— E também lhe dá uma desculpa — Broodje diz. — Uma razão para estar atrás dela que não seja querer transar com ela mais algumas vezes até conseguir tirá-la de seu organismo. Pode dizer que queria devolver o relógio.

Meia hora atrás o quadro estava vazio, mas agora está cheio, todos aqueles círculos, essas conexões tênues, me conectam a ela. W também se vira para o quadro.

— Princípio da Conectividade — ele diz.



Durante a semana seguinte, um a um, os círculos do quadro de

conectividade de W se tornaram X, à medida que as conexões que nunca imaginei existir são cortadas. “Esse É um Mundo Pequeno” é para adolescentes e pais, então esta está fora. “Viaje!” não tem nenhum registro de alguém de cabelo preto e com um relógio. “Aventuras Extremas” se recusa a divulgar informações sobre seus clientes e “Europa Legal” aparentemente faliu. “Teen Tours!” não atende o telefone, apesar de eu ter deixado vários recados e e-mails.



É um processo desanimador este aqui. E também complicado, pois tenho de encaixar os fusos horários e disfarçar os retornos das ligações de uma Ana Lucia mais desconfiada do que nunca. Ela não está satisfeita com minhas ausências frequentes, que atribuí a uma liga de futebol à qual supostamente me juntei.

Uma noite, toca o telefone depois das onze.

— Sua namorada? — Ana Lucia pergunta, a voz inalterada. *Namorada* é como ela chama Broodje esses dias, pois acha que ele passa mais tempo comigo do que ela. É uma brincadeira, mas meu estômago se contorce de culpa toda vez.

Atendo o telefone e atravesso até o outro lado do quarto.

— Oi. Estou procurando por Willem de Ruiten. — A voz, em inglês, acaba com a pronúncia do meu nome.

— Sim, olá — respondo, tentando manter o tom formal pelo fato de Ana Lucia estar bem ali.

— Olá, Willem! Aqui é Érica, da “Teen Tours!” Estou respondendo ao seu e-mail sobre tentar devolver um relógio perdido.

— Ah, que bom — digo, mantendo-me tranquilo, apesar de Ana Lucia agora estar me observando com olhos suspeitos semicerrados, e percebo que é porque estou falando em inglês e, apesar de falar em inglês com ela, ao telefone, com os

rapazes sempre falo em holandês.

— Temos seguro contra perda e roubo para todos os nossos viajantes; então, se ela perdeu algo de valor, deverá haver uma reclamação.

— Ah — digo.

— Mas eu olhei todas as reclamações durante aquele período e tudo o que encontrei foi uma reclamação por um iPad roubado em Roma e uma pulseira que foi recuperada. Mas, se tiver um nome, posso olhar novamente.

Olho para Ana Lucia, que está decididamente olhando para mim agora, então sei que está ouvindo.

— Não posso lhe fornecer isso agora.

— Ah. Certo. Talvez possa me ligar mais tarde com essa informação.

— Eu realmente não posso fazer isso.

— Ah. Tem certeza de que foi num pacote da “Teen Tours!”?

Neste momento percebo que a história do relógio perdido é tão insana quanto o próprio relógio. Mesmo se esse fosse o tour correto, não há como os operadores de turismo saberem que Lulu perdeu o relógio, porque ela o perdeu depois do tour. É ficção. Isso tudo é ficção. A verdade é que estou procurando por uma garota cujo nome eu não sei, que se assemelha levemente a Louise Brooks. Nada disso eu posso dizer em voz alta. E nem quero fazê-lo. Isso é absurdo.

Érica continua:

— Sabe, uma de nossas veteranas foi responsável pelo grupo. Ela saberia se qualquer coisa tivesse acontecido. Quer o número dela?

— Viro-me para a cama. Ana Lucia está em pé, tirando a colcha.

— O nome dela é Patrícia Foley — Érica continua. — Quer o número dela?

Ana Lucia atravessa o quarto e fica na minha frente, totalmente nua, como se soubesse que está oferecendo uma opção. Mas não é uma opção real, quando a outra opção, na verdade, não existe.

— Não será necessário — respondo a Érica.



Acordo na manhã seguinte com uma batida na porta. Espio pela porta de vidro de correr. Lá está Broodje, segurando uma sacola e colocando os dedos sobre os lábios.

Abro a porta. Broodje enfia a cabeça e me passa a sacola.

Da cama, Ana Lucia esfrega os olhos, parecendo mal-humorada.

— Sinto muito por acordar você — ele diz para Ana Lucia. — Preciso roubá-lo. Temos um jogo de futebol. Lapland não apareceu, então agora vamos jogar contra Wiesbaden.

Lapland e Wiesbaden? Ana Lucia não sabe nada sobre futebol, mas isso já é forçar demais a barra. Mas o rosto dela não mostra nenhuma desconfiança sobre a dupla, apenas acidez pela chegada inesperada de Broodje.

Dentro da sacola tem um kit de futebol de alguém, camisa, calção, chuteiras e

um agasalho fino para usar por cima. Olho para Broodje. Ele me olha.

— É melhor você ir se trocar agora — ele diz.

— Quando você volta? — ela me pergunta quando retorno. O agasalho é alguns centímetros curto demais para mim. Não consigo dizer se ela nota.

— Tarde — Broodje responde. — É um jogo fora daqui. Na França. — Ele se vira para mim. — Em Deauville.

Deauville? Não. A busca acabou. Mas Broodje está a meio caminho da porta, e Ana Lucia já está com as mãos cruzadas sobre o peito. Já que estou levando a fama, então é melhor me deitar na cama.

Vou até ela para lhe dar um beijo de despedida.

— Deseje-me boa sorte — peço, me esquecendo por um segundo de que não há jogo nenhum, pelo menos nenhum jogo de futebol, e que ela seria a última pessoa a me desejar boa sorte.

Como esperado, Ana Lucia não me beija.

— Espero que perca — ela diz.

Deauville

É baixa temporada em Deauville, e o resort à beira-mar está fechado, um vento chicoteia, vindo do canal. De longe, consigo ver a marina, filas de barcos na doca seca, em seus postos, os mastros desmontados. Ao chegarmos mais perto, a marina inteira parece estar fechada, hibernando no inverno. E a ideia parece estar correta.

No carro de Lien, que cheirava a lavanda no início da viagem e que agora, de alguma forma, cheira a suor e roupa suja, os rapazes estão em polvorosa. W localizara a barca chamada *Viola* tarde da noite ontem e então decidiu que devíamos encarar uma viagem de carro até a França.

— Não seria mais fácil ligar? — eu havia perguntado depois que o plano me foi apresentado.

Mas não. Eles pareciam pensar que simplesmente deveríamos ir. Claro, estavam todos vestidos apropriadamente para isso, enquanto eu não tinha nada exceto um agasalho fino. E eles não tinham nada a perder, a não ser um dia de estudo. Eu tinha menos ainda, mas, de algum modo, sentia que tinha mais.

Dirigimos pelo labirinto da marina, finalmente chegando ao escritório principal, que encontramos fechado. Obviamente. Agora são quatro horas de um dia escuro de novembro; qualquer um em seu juízo perfeito está enfiado em algum lugar quente.

— Bem, então teremos que encontrá-lo por nossa conta — W diz.

Olho ao redor. Até onde posso ver, há mastros em todas as direções.

— Não consigo ver como.

— As marinas são organizadas por tipo de embarcação? — W pergunta.

Eu suspiro.

— Às vezes.

— Então deve haver uma seção só para barcas — ele prossegue.

Eu suspiro de novo.

— Possivelmente.

— E você disse que Jacques vive na barca o ano inteiro, então ele não teria que estar na doca seca?

— Provavelmente não. — Tínhamos de tirar nossa casa flutuante da água a cada quatro anos para fazer reparos gerais. Doca seca para uma embarcação daquele tamanho é uma tarefa gigantesca. — Provavelmente está ancorado.

— Ancorado onde?

— Provavelmente em um píer.

— Então é isso. Vamos andar por aí até encontrarmos as barcas — W diz, como se aquilo fosse fácil.

Mas está longe de ser fácil. Agora está chovendo muito e estamos completamente ensopados. E parece estar tudo deserto por aqui, nenhum som, exceto o barulho constante da chuva, as ondas quebrando nos cascos e o tilintar das vidraças.

Um gato atravessa um dos píeres, e, atrás dele, um cachorro latindo, e, atrás do cachorro, um homem com uma capa de chuva amarela, um ponto de cor em todo o sombrio. Observei-os passar e me perguntei se eu era como aquele cachorro, correndo atrás do gato simplesmente porque é isso o que os cachorros fazem.

Os garotos se protegem embaixo de um toldo. Agora estou tremendo, pronto para jogar tudo para o alto. Viro-me para sugerir um bistrô quente e uma boa refeição, e alguns drinques antes da longa jornada de volta para casa. Mas os garotos estão apontando para trás de mim. Eu me viro de volta.

As cortinas de aço azul do *Viola* estão fechadas, fazendo a barca parecer solitária aqui, amarrada junto às passarelas de cimento e aos grossos postes de madeira. Ela também parece com frio, como se desejasse estar de volta ao quente verão parisiense.

Piso no píer, e, por um segundo, quase posso sentir os raios de sol sobre minha pele, posso ouvir Lulu me apresentando à dupla felicidade. Foi bem ali que nos sentamos, ao lado da grade. Bem ali discordamos sobre qual era o verdadeiro significado da dupla felicidade. “Sorte”, ela disse. “Amor”, eu contra-ataquei.

— Que diabos está fazendo aqui?

Caminhando em nossa direção está o homem com a capa de chuva amarela, o vira-lata fujão agora na coleira e tremendo.

— Muitos ladrões subestimaram Napoleão e pagaram com a própria carne, não é mesmo? — o homem diz ao cachorro. Ele puxa a coleira e Napoleão late penosamente.

— Não sou um ladrão — digo em francês.

O homem torce o nariz.

— Pior ainda! Você é um estrangeiro. Logo vi que você era alto demais. Alemão?

— Holandês.

— Não faz diferença. Saia daí antes que eu chame a polícia ou solte o Napoleão em cima de você.

Seguro minhas mãos.

— Não estou aqui para roubar nada. Estou procurando Jacques.

Não tenho certeza se foi por dizer o nome de Jacques ou pelo fato de Napoleão ter começado a lamber as bolas, mas o homem recuou.

— Conhece Jacques?

— Um pouco.

— Se conhece Jacques um pouco sabe onde encontrá-lo quando ele não está no *Viola*.

— Talvez menos do que um pouco. Eu o conheci no verão passado.

— Conhecemos muitas pessoas. E não se sobe no barco de um homem sem ser convidado. Esta é a pior violação deste reino.

— Eu sei. Só quero encontrá-lo, e este é o único lugar em que consigo pensar.

Ele estreita os olhos.

— Ele lhe deve dinheiro?

— Não.

— Tem certeza? Isso não tem a ver com as corridas, tem? Ele sempre aposta nos cavalos errados.

— Nada a ver com isso.

— Ele dormiu com a sua esposa?

— Não! No verão passado ele levou quatro passageiros por Paris.

— Os dinamarqueses? Canalhas! Ele perdeu quase toda a tarifa da viagem de volta para eles. É um péssimo jogador de pôquer. Ele perdeu dinheiro para você?

— Não! Ele tirou dinheiro de nós. Cem dólares. De mim e dessa garota americana.

— Terríveis esses americanos. Eles nunca falam francês.

— Ela falava chinês.

— E qual a serventia *disso*?

Eu suspiro.

— Veja bem, essa garota... — começo a explicar. Mas ele me afasta com um aceno.

— Se quer Jacques, vá ao Bar de La Marine. Quando ele não está na água, está bebendo.



Encontro Jacques no comprido bar de madeira, caído sobre um copo quase vazio. Assim que entramos, ele acena para mim; se é porque ele me reconhece ou porque é simplesmente seu cumprimento padrão, não tenho certeza. Ele está muito envolvido em uma conversa sobre as novas taxas das docas com o atendente do bar. Compro uma rodada de cerveja para os garotos, acomodo-os em uma mesa de canto e me sento ao lado de Jacques.

— Dois do que ele está tomando — digo ao garçom do bar, e ele serve, a cada um de nós, um copo de conhaque doce de arder a garganta, puro.

— Bom vê-lo de novo — Jacques me diz.

— Então você se lembra de mim?

— Claro que me lembro de você. — Ele semicerra os olhos, tentando me situar. — Paris. — Ele arrota e então bate no peito com o punho. — Não fique tão surpreso. Foi apenas algumas semanas atrás.

— Foi três meses atrás.

— Semanas, meses. O tempo é tão fluido.

— Sim. Eu me lembro de você dizendo isso.

— Quer alugar a *Viola*? Ela está seca para a estação, mas podemos colocá-la de volta na água de novo em maio.

— Não preciso de um aluguel.

— Então como posso lhe ajudar? — Ele manda para baixo o restante do drinque e morde o gelo com força. Então começa a beber do outro copo.

Eu, sinceramente, não tenho uma resposta para ele. Como ele *poderia* me ajudar?

— Eu estava com aquela garota americana e estou tentando entrar em contato com ela. Por acaso ela entrou em contato com você?

— A garota americana. Ah, sim, ela entrou em contato.

— Verdade?

— Sim. Ela disse para dizer àquele idiota grandalhão que não queria mais nada com ele porque tinha encontrado um novo homem. — Ele aponta para si mesmo. Depois ri.

— Então ela não entrou em contato com você?

— Não. Sinto muito, garoto. Ela te deixou assim, sem mais nem menos?

— Algo assim.

— Eu poderia perguntar àqueles dinamarqueses idiotas. Uma delas fica me mandando mensagens de texto. Deixe-me ver se consigo encontrá-la. — Ele

pega um smartphone e começa a fuçar. — Minha irmã me deu isto aqui, disse que me ajudaria com a navegação, agendamentos... Mas eu não consigo entender. — Ele passa o telefone para mim. — Tente você.

Checo a fila de mensagens e encontro um bilhete de Agnethe. Abro a mensagem e há muitas antes dessa, inclusive fotos do último verão, de quando eles viajavam no *Viola*. A maioria das fotos é de Jacques, em frente aos campos de açafraão-da-terra, ou vacas, ou um pôr do sol, mas só reconheço uma foto: um tocador de clarineta em cima da ponte sobre o canal Saint-Martin. Estou prestes a devolver o telefone a ele quando vejo: no canto, uma parte de Lulu. Não é o rosto, mas a parte de trás dela — ombros, pescoço, cabelo. É ela. Uma lembrança de que ela não é fruto de minha imaginação.

Sempre me perguntei em quantas fotos eu saí por acaso. Há outra foto daquele dia, mas longe de ser por acaso. Uma foto intencional de Lulu e eu, que ela pedira a Agnethe que tirasse com o telefone dela. Lulu se ofereceu para mandá-la para mim. E eu disse não.

— Posso mandar isto para mim mesmo? — peço a Jacques.

— Como quiser — ele responde com um aceno de mão.

Encaminho a foto para o telefone de Broodje, porque era verdade que o meu não aceitava textos com fotos, apesar de essa não ter sido a razão por não ter querido minha foto com Lulu quando ela ofereceu. Era automática aquela negação, quase um reflexo. Mesmo que saiba que estou nas fotos de muitas pessoas, não estou em nenhuma minha.

Em minha mochila, naquela que perdi no trem para Varsóvia, havia uma antiga câmera digital. E, naquela câmera, havia fotos de mim, Yael e Bram, do meu aniversário de dezoito anos. Aquelas foram as últimas fotos que nós três tiramos juntos, e eu não as descobri até estar na estrada uma noite, entediado, e ficar repassando todas as fotos do meu cartão de memória. E lá estávamos nós.

Eu deveria ter mandado aquelas fotos por e-mail para algum lugar. Ou imprimido. Feito algo permanente com elas. Planejei fazê-lo, de verdade. Mas adiei, e então minha mochila foi roubada e aí era tarde demais.

A grande tristeza me pegou de surpresa. Há uma diferença entre perder algo que sabia ter e perder algo que se descobriu ter. Uma é decepção. A outra é perda de verdade.

Não tinha percebido antes. Mas me dou conta disso agora.

Utrecht

Na viagem de volta a Utrecht, ligo para Agnethe, a dinamarquesa, para ver se Lulu tinha lhe mandado fotos, se recebera algum tipo de correspondência. No entanto ela mal se lembra de quem eu sou. É deprimente. Aquele dia, tão marcado em minha memória, é apenas mais um dia para o restante das pessoas. E, de qualquer forma, foi apenas um dia, e agora está tudo acabado.

Agora também está tudo acabado com Ana Lucia. Posso sentir, apesar de ela não. Ao voltar, arrasado, dizendo a ela que a temporada de futebol terminou, ela se mostra simpática, ou talvez vitoriosa. É toda beijos e *cariños*.

Eu os aceito. Mas sei agora que é tudo questão de tempo. Em três semanas ela vai para a Suíça. Quando voltar, quatro semanas depois, já terei partido. Faço uma anotação mental para fazer a renovação de meu passaporte.

É como se Ana Lucia pudesse sentir tudo isso. Pois ela começa a me pressionar cada vez mais para me juntar a ela na Suíça. Todos os dias, um novo apelo.

— Veja como o tempo está gostoso — ela diz em uma manhã, enquanto se apronta para a aula. Ela abre o computador e lê para mim a previsão do tempo de Gstaad. — Céu ensolarado todos os dias. Nem tanto frio assim.

Eu não respondo. Apenas forço um sorriso.

— E aqui — ela diz, clicando em um site de viagens de que ela gosta e virando o laptop em minha direção para me mostrar fotos dos alpes cobertos de neve e dos quebra-nozes pintados. — Aqui mostra tudo o que se pode fazer além de esquiar. Não precisa ficar sentado no chalé. Estamos perto de Lausanne e Berna. Nem mesmo Genebra é muito longe. Podemos ir até lá para fazer

compras. É famosa pelos relógios. Eu já sei! Vou lhe dar um relógio de presente!

Meu corpo inteiro enrijece.

— Já tenho um relógio.

Tem? Nunca vi você com ele.

Está em Bloemstraat, em minha mochila. Ainda batendo. Quase posso ouvi-lo daqui. E, de repente, três semanas parecem uma eternidade.

— Precisamos conversar. — As palavras saem antes que eu possa saber o que virá depois. Terminar um namoro é algo que não faço há algum tempo. Tão mais fácil dar um beijo de despedida e pegar um trem.

— Agora não — ela diz, levantando-se para passar batom em frente ao espelho. — Já estou atrasada.

Tudo bem. Agora não. Mais tarde. Bom. Isso me dará tempo para encontrar as palavras certas. Há sempre a palavra certa.



Depois que ela sai, eu me visto, faço café e sento-me ao computador dela para dar uma olhada em meus e-mails antes de ir embora. A página de viagem ainda estava aberta e eu estou prestes a fechar o navegador quando vejo um dos banners de propaganda. MÉXICO!!!, ela grita. Do lado de fora está frio e cinzento, mas as fotos prometem apenas calor e sol.

Clico no link, que me leva a uma página listando vários pacotes de férias, não o tipo de coisa que eu faria, mas já me sinto mais quente só de olhar para as praias. E então vejo algumas propagandas de viagens para Cancún.

Cancún.

Aonde Lulu vai todo ano.

Aonde ela costuma ir com a família, todo ano, para o mesmo lugar. A previsibilidade de sua mãe, que tanto a incomodava, é agora minha maior esperança.

Tento me lembrar dos detalhes. Como tudo relacionado àquele dia, está tão fresco quanto tinta fresca. Um resort construído como um templo maia. Como os Estados Unidos atrás das paredes com as canções de Natal em estilo *mariachi*. Natal. Eles iam durante as festas de fim de ano. Natal. Ou era Ano-Novo? Não posso ir para as duas coisas!

Canalizando W, começo a pesquisar os resorts de Cancún. Uma praia com água cristalina depois da outra aparece na tela. Não há fim para aquilo, aqueles mega-resorts como fortalezas e templos maias. Ela disse que tinha algum tipo de rio. Eu me lembrava de ficar me perguntando sobre aquilo, um resort com um rio. Não há muitos rios naturais passando por Cancún. Há quadras de golfe e piscinas e penhascos para mergulho e escorregadores de água. Mas rios? Estou olhando para a lista, para o Palácio Maia, quando dou de cara com ele. Um rio *preguiçoso*, um tipo de riacho de mentira sobre o qual se desliza com uma boia inflável.

Afunilo minha pesquisa. Aparentemente não há tantos resorts que se pareçam com templos maias e que tenham rios preguiçosos. Pelo que posso ver, são quatro. Quatro nos quais Lulu pode estar se hospedando por um tempo, durante o Natal e o Ano-Novo.

Lá fora está chovendo bastante, mas o site diz que o tempo no México está quente, com céu infinitamente azul e calor. Durante todo esse tempo estive paralisado, tentando descobrir qual seria o próximo passo. Por que não aqui? Para encontrá-la? Clico no link de voos e olho os preços para duas passagens para Cancún. Caras, mas, de novo, posso pagar por elas.

Fecho o computador rapidamente, uma lista se forma em minha cabeça. Tudo parece tão simples.

Tirar meu passaporte.

Convidar Broodje.

Comprar as passagens.

Encontrar Lulu.

Às seis horas, naquela noite, eu já tinha reservado minha passagem e a de Broodje e um hotel barato na Playa del Carmen. Sinto uma onda de satisfação, por ter feito em um único dia mais do que fiz nos dois últimos meses. Há apenas uma coisa que ainda preciso fazer.

“Precisamos conversar”, passo uma mensagem de texto para Ana Lucia. Ela me manda uma mensagem de volta. “Sei sobre o que quer conversar. Venha às oito.” Fico mole de tanto alívio. Ana Lucia é esperta. Ela sabe, assim como eu, que o que quer que isso seja, não é uma mancha.

Compro uma garrafa de vinho no caminho até a casa dela. Não há razão para não sermos civilizados.

Ela me recebe na porta, vestindo apenas um biquíni vermelho e com os lábios ainda mais vermelhos. Tirando o vinho da minha mão, me puxa para dentro. Há muitas velas decorativas em todo o lugar, como uma catedral em um dia santo. Tenho um mau pressentimento.

— *Cariño*, agora eu entendo. Toda aquela conversa sobre o quanto você odeia o frio. Eu deveria ter adivinhado.

— Deveria ter adivinhado?

— Claro que você queria ir a algum lugar quente. E sabe que minha tia e meu tio estão na Cidade do México, mas o que não consigo entender é como sabe sobre a vila na Isla Mujeres.

— Isla Mujeres?

— É linda. Bem na praia, com uma piscina e empregados. Eles nos

convidaram para ficar lá se quisermos, ou podemos ficar no continente, mas não em um desses lugares baratos. — Ela torce o nariz. — Eu insisto em pagar o hotel, sem discussão. Nada mais justo, já que você comprou as passagens.

— Comprei as passagens. — Tudo o que consigo fazer é repetir as palavras dela.

— Ah, *cariño* — ela geme. — Finalmente conhecerá minha família. Eles farão uma festa para nós. Meus pais estão bravos por eu ter cancelado a viagem à Suíça, mas entendem as coisas que fazemos por amor.

— Por amor — repito, com uma sensação de enjoo por estar começando a entender o que aconteceu. O browser da internet dela. Meu histórico de busca. Passagens para dois. O hotel. Meu sorriso é nervoso, cheio de falsa doçura. Como posso encontrar as palavras para isso? Um mal-entendido, direi a ela; as passagens são para férias de rapazes, para mim e Broodje, o que é verdade.

— Sei que queria fazer uma surpresa para mim — ela continua. — Agora sei por que tem se escondido com o telefone, mas, *amor*, vamos daqui a três semanas. Quando pretendia me contar?

— Ana Lucia — começo. — Está havendo um mal-entendido.

— Como assim? — diz ela. E a esperança ainda está lá, como se o mal-entendido fosse com relação a um detalhe menor, como o hotel.

— Aquelas passagens. Não são para você. Elas são para...

Ela me interrompe.

— É aquela outra garota, não é? Aquela de Paris?

Talvez eu não seja tão bom ator quanto imaginava que fosse. Pois a maneira como a expressão dela muda dramaticamente, de adoração para suspeita, me diz que ela sempre soube de tudo. E agora devo ser um ator terrível, pois, mesmo quando minha boca começa a formar uma explicação plausível, meu rosto deve entregar tudo. Posso dizer isso pela expressão de Ana Lucia — seus lindos traços se alternam entre a crença e a descrença.

— *Hijo de la gran puta!* É a garota francesa? Tem estado com ela todo esse tempo, não tem? — Ana Lucia grita. — Foi *por isso* que você foi para a França?

— Não é o que você está pensando — digo, jogando as mãos para cima.

Com toda a força, ela abre a porta de correr que dá para o quadrilátero do lado de fora.

— É exatamente o que eu estou pensando — ela diz, me empurrando pela porta. Eu fico lá em pé. Ela pega uma vela e a atira. A vela passa voando por mim e aterrissa em uma das almofadas que ela deixa no chão da varanda — Esse tempo todo você tem saído com uma puta francesa! — Outra vela passa voando, aterrissando no arbusto.

— Vai causar um incêndio.

— Bom! Vou queimar as minhas lembranças de você, *culero!* — Ela atira outra vela em mim.

A chuva parou, e, embora a noite esteja fria, é como se metade da faculdade estivesse ao redor de nós neste momento. Tento trazê-la de volta para dentro, acalmá-la. Não consigo fazer uma coisa nem outra.

— Cancelei minha viagem para a Suíça por você! Meus parentes preparam uma festa para você. E, esse tempo todo, você estava saindo para ver sua puta francesa. Na minha terra. Onde minha família vive. — Ela bate no peito nu,

como se estivesse reclamando a posse não só da Espanha, mas de toda a América Latina.

Ana Lucia joga outra vela. Essa eu consigo pegar, e ela explode, espalhando vidro e cera quente pela minha mão. Minha pele borbulha até formar uma bolha. Eu me pergunto, vagamente, se isso deixará uma cicatriz. Suspeito que não.



dezembro

Cancún

O auge da civilização Maia foi há mais de mil anos, mas é difícil imaginar que o mais sagrado dos templos tenha sido tão bem guardado quanto o Maya del Sol é agora.

— Número do quarto? — os guardas perguntam a Broodje e a mim quando nos aproximamos do portão no muro imponentemente esculpido que parece se estender por um quilômetro de cada lado.

— Quatro-zero-sete — Broodje diz antes de eu ter a chance de falar.

— Cartão-chave — o guarda diz. Há manchas de suor cobrindo os lados do seu colete de malha.

— Humm, deixei no quarto — Broodje responde.

O guarda abre uma prancheta e vasculha uma pilha de papéis.

— Sr. e Sra. Yoshimoto? — ele pergunta.

— Hã-hã — Broodje responde, entrelaçando os braços nos meus.

O guarda parece irritado.

— Só para hóspedes — Ele fecha a prancheta e vai fechar a janelinha.

— Não somos hóspedes — digo, sorrindo conspirativamente. — Mas estamos tentando encontrar um hóspede.

— Nome? — Ele pega a prancheta de novo.

— Não sei, exatamente.

Uma Mercedes preta com os vidros escuros desliza e quase não para antes de os guardas abrirem o portão e fazerem sinal para ela passar. O guarda se volta para nós, cansado, e, por um segundo, acho que ganhamos. Mas então ele diz:

— Vão embora agora, antes que eu tenha de chamar a polícia.

— A polícia? — Broodje exclama. — Ei, ei, ei. Vamos nos acalmar por um minuto. Vamos tirar nossos coletes de malha. Talvez tomar um drinque. Podemos ir até o bar; o hotel deve ter alguns bares bem legais. Traremos uma cerveja para você.

— Isto não é um hotel. É um clube de férias.

— O que isso significa, exatamente? — Broodje pergunta.

— Significa que você não pode entrar.

— Tenha piedade. Viemos da Holanda. Ele está procurando uma garota — Broodje diz.

— E não estamos todos? — o guarda atrás dele pergunta, e os dois riem. Mesmo assim, ainda não nos deixam entrar.

Dou um chute frustrado na bicicleta motorizada, que pelo menos resolve dar sinal de vida. Até agora nada sai conforme o planejado, nem mesmo o tempo. Achei que estivesse calor no México, mas é como estar em um forno o dia inteiro. Ou talvez a sensação seja essa porque, em vez de passarmos nosso primeiro dia na praia fresca pela brisa, como Broodje teve o bom senso de fazer, fiquei o dia de ontem nas ruínas de Tulum. Lulu tinha dito que a família dela ia às mesmas ruínas todo ano, e Tulum era a mais próxima, assim, achei que pudesse me encontrar com ela lá. Durante quatro horas assisti a milhares de pessoas gritando de ônibus de turismo e, minivans e carros alugados. Por duas vezes pensei tê-la visto e corri atrás da garota. O cabelo certo, a garota errada. E então me dei conta de que ela pode nem ter mais aquele corte de cabelo.

Voltei para o nosso hotelzinho com insolação e dor de cabeça, o otimismo que tinha com relação a essa viagem transformando-se rapidamente em um sentimento de fracasso. Broodje sugeriu animadamente que tentássemos ir aos hotéis, um ambiente mais restrito. E, se isso não funcionasse, ele apontara em direção à praia.

— Há tantas garotas aqui — ele disse em tom baixo, quase reverente, fazendo um gesto para a areia, que estava, cada metro quadrado, coberta de biquínis.

Tantas garotas, pensei. Por que estou tentando encontrar só essa?



O Palácio Maia, outro dos falsos resorts maias em minha lista de ataque, fica a poucos quilômetros ao norte daqui. Andamos tranquilamente pela estrada, respirando a fumaça dos ônibus de turismo e dos caminhões que passam. Desta vez, estacionamos a bicicleta motorizada em um arbusto de flores ao longo do caminho serpenteado e bem cuidado que leva aos portões da frente. O Palácio Maia assemelha-se muito ao Maya del Sol, mas, em vez de um muro monolítico, é frontado por uma pirâmide gigante, com um guarda no portão bem no centro. Desta vez, estou pronto. Em espanhol, digo ao guarda que estou tentando encontrar uma amiga que está aqui, mas quero surpreendê-la. Então lhe dou uma nota de vinte dólares. Ele não diz nada, apenas abre os portões.

— Vinte dólares — Broodje diz, balançando a cabeça. — Muito mais “estiloso” do que algumas cervejas.

— É provavelmente o preço de duas cervejas em um lugar como este.

Caminhamos pela trilha pavimentada, esperando encontrar um hotel, ou alguma evidência de um, mas o que encontramos é outro guarda no portão. Os guardas sorriem para nós e dizem “*buenos días*”, como se já nos esperassem, e, pela maneira como nos examinam, como se fossem gatos e nós, ratos, percebo que os outros guardas devem ter avisado. Sem dizer uma palavra, pego minha carteira e dou mais dez dólares.

— Oh, *gracias, señor* — diz o guarda. — *Que generoso!* — Mas então ele olha ao redor. — O problema é que somos dois.

Pego minha carteira de novo. A fonte secou. Mostro a carteira vazia. O guarda balança a cabeça. Deveria ter oferecido dez primeiro.

— Por favor — digo. — Só tenho isso.

— Sabe quanto custa um quarto aqui? — ele pergunta. — Mil e duzentos dólares a noite. Se quiser que eu deixe você e seu amigo entrarem para curtir as piscinas, as praias, o tênis, os bufês, terão de pagar.

— Bufês? — Broodje interrompe.

— Shhh! — eu sussurro. Para o guarda eu digo: — Não estamos interessados em nada disso. Só estamos tentando encontrar uma hóspede aqui.

O guarda levanta a sobrancelha.

— Se conhece uma hóspede, por que está entrando como um ladrão? Acha

que só porque tem a pele branca e uma nota de dez dólares nós pensamos que você é rico? — Ele ri. — Esse é um truque antigo, amigo.

— Não estou tentando me infiltrar. Estou tentando encontrar uma garota. Uma garota americana. Talvez ela esteja hospedada aqui.

Isso faz o guarda rir ainda mais alto.

— Uma garota americana? Eu também gostaria de uma dessas. Elas custam mais do que dez dólares.

Encaramos um ao outro.

— Devolva o meu dinheiro — digo.

— Que dinheiro? — o guarda pergunta.

Estou furioso quando voltamos até a bicicleta. Broodje também está resmungando sobre ser roubado em trinta dólares. Mas eu não me importo com o dinheiro, e não estou bravo com os guardas.

Fico repetindo a conversa com Lulu em minha cabeça. Aquela na qual ela me contou sobre o México. Sobre o quanto era frustrante ir ao mesmo resort com a família todo ano. Eu havia dito a ela que talvez devesse sair do roteiro da próxima vez que fosse a Cancún. “Teste a sorte”, eu havia dito. “Veja o que acontece.” Então brinquei que um dia também iria ao México, daria de cara com ela e fugiríamos para a selva, não fazendo ideia, na ocasião, de que essa pequena brincadeira se tornaria um tipo de missão. “Você acha que isso aconteceria?”, ela havia perguntado. “Simplesmente daríamos de cara um com o outro, por acaso?” Eu disse a ela que teria de haver outro acaso bem grande, e ela brincou de volta, dizendo: “Ah, então você está querendo dizer que *eu* sou um acaso?”.

Depois que eu disse que ela era um acaso, Lulu respondeu algo estranho. Ela

me falou que considerá-la um acaso talvez fosse o maior elogio que alguém já lhe havia dirigido. Ela não buscava apenas elogios. Revelava algo com aquela honestidade dela, tão absurdamente aniquiladora que era como se não expusesse apenas a si mesma, mas a mim também. Quando ela disse aquilo, me senti como o depositário de algo muito importante. E também me senti triste, porque tive a impressão de que era verdade. E, se era, estava errado.

Eu já havia lisonjeado muitas garotas; muitas mereceram, outras muitas não. Lulu merecia, ela merecia muitos mais elogios do que ser chamada de acaso. Então abri a boca para lhe dizer algo legal. O que saiu, eu acho, surpreendeu a ambos. Eu lhe disse que ela era o tipo de pessoa que, quando encontrava dinheiro, o devolvia, que chorava nos filmes que não eram para chorar, que fazia coisas que a assustavam. Nem mesmo tinha certeza de onde vinham essas coisas, mas, ao dizê-las, sabia que eram verdadeiras. Por mais improvável que pudesse parecer, eu a *conhecia*.

Só agora me dou conta de quão errado eu estava. Eu não fazia ideia de quem ela era. E não perguntei a questão mais simples de todas, tal como onde ela ficava no México e quando ela vinha aqui ou qual era o seu último ou o seu primeiro nome. E, como resultado, aqui estou eu, à mercê dos seguranças.

Seguimos de volta para nosso albergue na parte empoeirada da Playa del Carmen, cheia de cachorros vira-latas e lojas decadentes. A cantina ao lado serve cerveja barata e tacos de peixe. Pedimos muitos de cada um. Alguns viajantes do nosso albergue entram. Broodje faz sinal para se aproximarem e começa a lhes contar sobre o nosso dia, enfeitando tanto que até quase soa divertido. É assim que nascem as boas histórias de viajantes. Pesadelos transformados no auge da história. Mas minha frustração está latente demais para que qualquer coisa pareça engraçada.

Marjorie, uma linda garota canadense, ri com simpatia. Uma garota britânica chamada Cassandra, com o cabelo castanho curto e espetado, lamenta o estado de pobreza do México e os fracassos da NAFTA, enquanto T.J., um cara do Texas queimado de sol, apenas ri.

— Já vi esse lugar, Maya del Sol. É como a Disneylândia na Riviera.

Em uma mesa atrás de nós, ouço alguém falar abafando o riso.

— *Más como Disneyland del infierno.*

Eu me viro.

— Conhece o lugar? — pergunto em espanhol.

— Trabajamos lá — o mais alto responde em espanhol.

Estico minha mão.

— Willem — me apresento.

— Esteban — ele responde.

— José — diz o mais baixo. — Eles também são como uma dupla de almôndega e espaguete.

— Alguma possibilidade de você me enfiar lá dentro?

Esteban balança a cabeça.

— Não sem arriscar meu emprego. Mas existe um jeito fácil de entrar lá. Eles o pagarão para visitar o lugar.

— Verdade?

Esteban me pergunta se eu tenho um cartão de crédito.

Tiro minha carteira e mostro o Visa novinho, presente do banco depois do meu grande depósito.

— Ok, bom — Esteban diz. Então ele olha para minha roupa, uma camiseta e calça cáqui surradas. — Também precisará de roupas melhores. Não essas coisas de surfista.

— Sem problemas. E depois?

Esteban explica que Cancún é cheia de representantes de vendas tentando levar as pessoas àqueles resorts para comprar uma cota de participação. Eles ficam em locais de alugueis de carro, nos aeroportos, até mesmo em algumas das ruínas.

— Se acharem que você *tem* dinheiro, eles o convidarão para fazer um tour. Eles chegam até a pagar pelo seu trabalho: dinheiro, tour grátis, massagens.

Explico tudo a Broodje.

— Parece bom demais para ser verdade — diz ele.

— Não é bom demais e é verdade — José responde em inglês. — Tanta gente compra, toma essa decisão tão importante depois de apenas um dia. — Ele balança a cabeça, cético, ou desgostoso, ou as duas coisas.

— Os tolos e o dinheiro — T.J. diz, rindo. — Então vocês precisam parecer que estão cheios da grana.

— Mas ele é cheio da grana — Broodje diz. — Por que a aparência dele deveria fazer diferença?

José diz:

— Não interessa quem você é; a única coisa que interessa é o que você parece ser.



Compro algumas calças de linho e camisas sociais para mim e Broodje por quase nada e gasto um valor absurdo em dois pares de óculos de sol Armani em um dos estandes da seção turística da cidade.

Broodje está estupefato com o preço dos óculos. Mas digo a ele que são necessários.

— São os pequenos detalhes que contam as grandes histórias. — Isso é o que Tor sempre dizia, para explicar por que tínhamos figurinos tão mínimos no Will Guerrilheiro.

— E qual é a grande história? — ele pergunta.

— Somos playboys preguiçosos com fundos de investimento, alugando uma casa em Isla Mujeres.

— Então, exceto pela casa, pretende ser você mesmo?



O dia seguinte é Natal, então esperamos mais um dia para darmos início ao plano. Na primeira agência de viagem nós tínhamos praticamente alugado um carro quando percebemos que não havia ninguém lá para fazer um tour. Na segunda agência de aluguel de carros, fomos recebidos por uma americana loira dentuça e sorridente que nos perguntou quanto tempo ficaríamos na cidade e

onde estávamos hospedados.

— Ah, eu adoro a Isla — ela ronrona depois de lhe contarmos sobre nossa vila. Já comeram no Mango?

Broodje parece levemente em pânico, mas eu apenas sorrio de leve.

— Ainda não.

— Ah — ela diz. — A sua vila tem um cozinheiro?

Eu apenas continuo a sorrir, um pouco timidamente desta vez, como se a grandeza me envergonhasse.

— Espere aí. Vocês estão alugando aquele lugar de tijolo branco com a piscina infinita?

De novo, eu sorrio. Balanço levemente a cabeça.

— Então Rosa é a cozinheira lá?

Não respondo, não preciso responder. Uma mexida de ombros envergonhada já dará conta do recado.

— Ah, eu *adoro* aquele lugar. E o molho de chocolate da Rosa é divino. Só de pensar me dá água na boca.

— Eu sempre estou com fome — Broodje diz, olhando de atravessado. Ela olha para ele, zombeteira. Dou-lhe um chute discreto.

— Aquele lugar é muito caro — ela diz. — Já pensaram em comprar alguma

coisa por aqui?

Eu rio.

— Responsabilidade demais — diz Willem, o playboy milionário.

Ela assente, como se também entendesse as mazelas de administrar muitas propriedades.

— Sim, mas há outro jeito. Você pode ser dono e ter alguém para tomar conta, até mesmo para alugar para você. — Ela puxa as brochuras brilhantes de vários hotéis diferentes, inclusive o Maya del Sol.

Dou uma olhada nas brochuras, coçando o queixo.

— Sabe, ouvi falar sobre esse tipo de investimento, por questões de redução de imposto de renda — digo, agora incorporando Marjolein.

— Ah, é uma ótima fonte de renda e uma ótima fonte de poupança. Deveria conhecer uma dessas propriedades.

Finjo olhar casualmente para as brochuras.

— Esta aqui parece interessante — digo, colocando o dedo sobre a brochura do Maya del Sol.

— É muito decadente. — Então ela começa a me falar todas as coisas que já sei sobre o lugar, sobre a praia e as piscinas e os restaurantes e o cinema e o campo de golfe. Finjo não estar interessado.

— Não sei — digo.

— Ah, pelo menos venha fazer o tour! — Ela está praticamente implorando agora. — Poderia fazer um hoje mesmo.

Dou um suspiro profundo e deixo meus olhos brilharem na direção dela por um breve minuto.

— Tínhamos planejado ver as ruínas. É por isso que estamos alugando um carro.

— Posso organizar um tour grátis nas ruínas para vocês. — Ela pega outra brochura. — Este aqui vai para Coba, e vocês podem nadar em um cenote, essas lagoas subterrâneas, e ir até uma tirolesa. Posso acrescentar isso para vocês. Grátis.

Faço uma pausa, como se estivesse pensando sobre o assunto.

— Veja bem, podem ir passar o dia. — Ela chega mais perto. — Não diga a elas que lhes contei, mas podem até mesmo passar a noite. Uma vez que você atravessa os portões, já era.

Olho para Broodje, como se buscasse sua permissão para fazer um favor a essa garota e levá-la a um tour. Ele entra no jogo, me dando um olhar irritado que diz *bem, se tem mesmo que fazer isso*.

Dou um sorriso para a garota e ela brilha de volta, positivamente.

— Ah, fantástico! — Ela começa a preencher nossa papelada, enquanto fala sobre o tour no qual embarcaremos. — E, quando voltarem para a Isla, precisam ir ao Mango. Os *brunches* são de morrer. — Ela levanta os olhos dos formulários. — Talvez eu possa levá-los.

— Talvez — admito.

— Ainda estarão aqui para o Ano-Novo?

Eu balanço a cabeça.

— O que vão fazer?

Dou de ombros, abro as mãos, como se para sugerir muitas, muitas opções.

— Há uma grande festa na praia em Puerto Morelos. La Olas de Molas; uma banda de reggae legal estará tocando. Geralmente é a melhor coisa que acontece em toda a Playa. Muitas pessoas dançam a noite toda, e às vezes pegam a balsa para a Isla para tomar o *brunch* da ressaca.

— Talvez encontremos você lá.

Ela escancara um sorriso.

— Vou cruzar os dedos. Aqui está tudo de que precisam para o tour — ela diz, me passando alguns formulários, assim como um cartão com o número do celular pessoal. — Eu me chamo Kayla. Liguem pra mim caso precisem de alguma coisa. *Qualquer* coisa.



Os mesmos guardas suados e usando coletes de moletom estão guarnecendo o portão do Maya del Sol, mas não nos reconhecem. Ou não estão nem aí. No banco de trás do táxi, com a papelada oficial em três vias na mão, estou transformado.

Somos deixados na recepção da frente, um átrio enorme cheio de bambu, flores e pássaros tropicais amarrados a galhos. Sentamos em uma namoradeira de vime enquanto uma mulher mexicana arrumada pega nossos documentos de

identidade e tira cópias de meu cartão de crédito. Então somos entregues a um homem mexicano mais velho, com uma mecha de cabelo loiro presa para trás por um par de Ray-Bans de casco de tartaruga.

— Bem-vindos — diz ele. — Meu nome é Johnny Máximo e eu estou aqui para lhe dizer que no Maya del Sol as fantasias se tornam realidade.

— É exatamente por isso que ele está esperando — Broodje diz.

Johnny sorri. Ele dá uma olhadela para o pedaço de papel na mão.

— Então, William, Robert. É Robert ou Bob?

— Robert-Jan, na verdade — Broodje explica.

— Robert, então. Já teve uma propriedade de férias?

— Não posso dizer que já tive.

— E você, William?

— Sou mais o tipo de cara que gosta de ver o mundo.

Johnny ri.

— Eu também. Ver todas as mulheres do mundo. Então acredito que vocês dois, solteiros, nunca estiveram em um clube de férias antes.

— Não posso dizer que já estive, Johnny — Broodje fala.

— Digo a vocês: isso é que é vida. Por que alugar para viajar de férias quando se pode ser o dono? Por que viver a vida pela metade quando se pode vivê-la por inteiro?

— Ou mesmo duas vidas — Broodje comenta.

— Aqui está uma de nossas piscinas. Temos seis — Johnny se gaba. A piscina é rodeada por espreguiçadeiras e arbustos floridos. Além disso, o Caribe brilha como se seu único objetivo fosse ser um cenário ao fundo. — A vista é linda, não? — Johnny ri, apontando para uma fila de mulheres tomando sol.

— Muito linda — digo, analisando-as uma a uma.

— Então, o que você faz, William?

— Tenho propriedades — digo.

— Ah, então já sabe o quanto isso é lucrativo. Sabe... — Ele me puxa mais para perto. — Eu já fui um grande astro de cinema no México — ele diz em um sussurro exagerado. — Mas agora...

— Você era ator? — interrompo.

Isso o pega de surpresa.

— Antes. Mas ganho mais dinheiro como proprietário aqui do que ganhava no ramo cinematográfico.

— Quais os filmes em que trabalhou? — pergunto.

— Ah, nenhum de que tenha ouvido falar.

— Temos muitos filmes estrangeiros na Holanda. Tente.

— Sinceramente, acho que nunca ouviu falar deles. Trabalhei em um filme com Armand Assante. Geralmente trabalhava em telenovelas.

— Novelas? Tipo *Good Times*, *Bad Times* — Broodje diz, zombando um pouquinho.

— Aqui elas são levadas muito a sério — Johnny diz, com uma fungada.

— Que legal! — digo. — Que tenha ganhado a vida assim.

Por um segundo, o rosto de Johnny fica sem expressão. Até mesmo seu bronzeado parece desbotar. E então ele retruca.

— Isso já passou. Ganho muito mais dinheiro agora. — Ele junta as mãos e se vira em minha direção. — Então, William, o que gostaria de ver? — Ele faz um gesto em direção aos gramados, e eu tenho essa primeira impressão, leve, porém real, de que ela talvez esteja aqui. É pouco, mas de algum modo estou mais feliz do que estive em meses.

— Cada centímetro do resort — digo.

— Bem, temos mais de um quilômetro quadrado, então isso vai demorar um pouco, mas fico feliz que esteja tão animado.

— Ah, não faz ideia do quanto estou animado. — O que é uma coisa engraçada de dizer, pois ontem eu não estava animado. Mas agora é como se eu tivesse entrado no personagem.

— Por que não começamos com um de nossos restaurantes de categoria internacional? Temos oito: mexicano, italiano, bar de hambúrguer, sushi...

— Sim — Broodje diz.

— Por que não nos mostra o que é mais popular para os hóspedes que almoçam neste horário? — sugiro. — Gostaria de ver como a multidão se comporta.

— Ah, então seria o Olé, Olé, nossa cantina ao ar livre. Ela tem um bufê de almoço.

Broodje sorri. Bufê de almoço. Palavras mágicas.



Lulu não está no bufê do almoço, ou em qualquer um dos outros sete restaurantes que visitamos durante nosso tour de cinco horas. Ela não está em nenhuma das cinco piscinas ou nas duas praias ou nas doze quadras de tênis ou nas duas boates ou nas três recepções ou no Zen Day Spa ou nos infindáveis jardins. Ela também não está no zoológico de pequenos animais.

À medida que o dia se arrasta, me dou conta de que simplesmente há variáveis demais. Talvez este seja o lugar errado. Ou talvez este seja o lugar certo, mas na hora errada. Ou talvez seja o lugar certo e a hora certa, mas ela estava vendo TV no quarto enquanto eu estava na piscina. Talvez neste momento ela esteja sentada em uma das piscinas enquanto eu estou olhando um dos quartos-modelo.

Ou talvez eu tenha passado por ela e nem tenha notado.

A sensação boa de antes começa a entrar em colapso por si só. Ela poderia estar em qualquer lugar. Ela poderia estar em nenhum lugar. E, pior de tudo, ela poderia estar bem aqui e eu não tê-la reconhecido.

Duas garotas de biquíni passam por mim, rindo. Broodje me dá um cutucão,

mas eu mal olho para ele. Estou começando a pensar que me convenci de minha própria mentira. Pois a verdade é que eu não a conheço. Tudo o que sei é que ela é uma garota que se parece vagamente com Louise Brooks. Mas o que é isso? Os contornos de uma pessoa, mas, na verdade, não mais reais do que uma fantasia projetada em uma tela.

— Anime-se, *hombre*, é quase Ano-Novo!

Esteban me passa uma garrafa. Ele, José, Broodje, Cassandra e eu estamos espremidos dentro de um táxi, a passos de tartaruga pelo trânsito do feriado, rumo ao norte, em direção àquela festa em Puerto Morelos sobre a qual Kayla me contou. José e Esteban também já ouviram falar da festa, então aparentemente é *o lugar* para estar esta noite.

— Isso mesmo, anime-se. É Ano-Novo — Cassandra diz.

— E você não sairá de mãos abanando se não quiser — Broodje diz. — Diferentemente de alguns de nós — ele acrescenta, cheio de autopiedade exagerada.

— Coitadinho do Broodje — Cassandra comenta. — Estou falando certo?

— Bro-djuh — Broodje corrige, continuando. — Significa “sanduíche”.

Cassandra sorri.

— Não se preocupe, Garoto Sanduíche. Pode ter certeza de que alguém lhe dará uma mordidinha esta noite.

— *Acho que ela quer um pedaço do meu sanduíche* — Broodje diz em holandês, sorrindo diante da perspectiva. Eu tento sorrir de volta. Mas, sinceramente, para mim já deu. Já estou farto desde o Maya del Sol, mesmo tendo verificado diligentemente outros resorts, graças a José e Esteban, que me ensinaram a entrar no Palácio Maia e me arrumaram pulseirinhas de hóspedes para o Maya Vieja. Mas é como agir por impulso. Nem ao menos sei o que estou procurando, então, como irei encontrá-la?

O táxi para em um pedaço de praia deserta. Pagamos o motorista e entramos na cena. Batidas de música vindas de grandes alto-falantes e centenas de pessoas espalhadas pela praia. Todos parecem estar descalços, a julgar pela enorme pilha de sapatos bem na entrada da festa.

— Talvez eu consiga encontrá-la pelo sapato — Cassandra diz. — Como a Cinderela. Como seria um sapatinho de cristal para uma garota moderna? Que tal este aqui? Ela segura um par de chinelos laranja brilhante. Experimenta-os. — Grandes demais — ela diz, atirando-os de volta à pilha de sapatos.

— A linda dama gostaria de dançar? — José pergunta a Cassandra.

— Claro — diz ela, sorrindo. Eles se afastam, José já com uma mão no quadril dela.

Broodje faz uma cara triste.

— Acho que o *taco* dele era mais apetitoso do que o meu sanduíche.

— Como você fica me lembrando, há muitas garotas aqui. Tenho certeza de que uma delas vai querer morder seu sanduíche.

E realmente havia muitas garotas. Centenas delas, para todos os gostos, perfumadas e preparadas para festejar. Em qualquer outra festa de Ano-Novo este seria um início promissor.

A fila para o bar serpenteava por entre as palmeiras e as redes. Estamos andando um pouco para a frente na fila quando uma garota vestindo um sarongue, um sorriso e não muito mais que isso tropeça em mim.

— Tome cuidado — digo, equilibrando-a pelo cotovelo. Ela segura a garrafa

de tequila pela metade, faz uma medida e dá um longo gole.

— É melhor pegar leve — digo.

— Por que você não tenta me fazer pegar leve?

— Tudo bem — tiro a garrafa da mão dela e dou um gole. Passo a garrafa para Broodje, que faz o mesmo. Ele dá a garrafa de volta para ela.

Ela segura e chacoalha a garrafa, e a larva lá dentro dá cambalhotas.

— Pode ficar com a lagarta, se quiser — ela fala com a voz enrolada. — Verme, verme, o gostosão pode comer você? — Ela segura a garrafa perto da orelha. — A lagarta diz que sim. — Ela se inclina para mais perto, e, com um sussurro quente, acrescenta: — Eu também.

— Na verdade não é uma lagarta — Broodje diz. — É uma planta decorativa. — José é um garçom e nos explicou isso.

Os olhos dela rolam, tontos.

— Que diferença faz? Lagarta, larva. Sabem o que eles dizem? Deus ajuda quem cedo madruga; ajuda o passarinho que acorda cedo e consegue pegar a lagarta. — Ela dá a garrafa para Broodje, em seguida coloca os dois braços nos meus ombros e me dá um beijo na boca, rápido, molhado e bêbado. Ela se afasta, pegando de volta a garrafa de tequila. — Ajuda a ganhar o beijo também — ela diz, rindo. — Feliz Ano-Novo.

Broodje e eu ficamos olhando-a tropeçar pela areia. Então ele se vira para mim.

— Tinha me esquecido de como é sair com você. De como você é.

Seis meses antes eu teria beijado a garota de volta e a noite estaria feita. Broodje pode até saber quem eu sou, mas eu não.

Ao pegarmos nossos drinques, Broodje vai em direção à pista de dança. Digo que me encontrarei com ele mais tarde. Mais para cima na praia, longe do palco e da pista de dança, vejo uma pequena fogueira com um grupo de pessoas ao redor, tocando violão. Começo a ir para lá, mas então vejo alguém caminhando em minha direção. Kayla, da agência de aluguel de carros, acenando timidamente, sem ter certeza de que era realmente eu.

Fingi não ser eu, e dei meia-volta em direção à praia. Por mais lotada e caótica que esteja a festa, a água está surpreendentemente tranquila. Há algumas pessoas brincando dentro do mar. Mais para a frente está vazio, apenas o luar refletindo sobre a água. Mesmo à noite a água é mais azul do que eu imaginava; é a única parte da viagem que chega perto de atingir as expectativas.

Fico só de cueca e mergulho, nadando bem longe, até encontrar uma jangada boiando. Agarro as ripas de madeira. O som dos violões tocando “Stairway to Heaven” e a batida grave do baixo da banda de reggae ecoam pela água. É uma festa legal, numa praia linda, numa noite quente e amena. Todas as coisas que um dia foram suficientes.

Nado um pouco mais para longe e mergulho de novo. Peixinhos prateados passam por mim. Estico a mão para alcançá-los, mas eles escapam tão rápido que parecem deixar um rastro de fumaça para trás. Quando não consigo mais segurar o fôlego, subo para respirar e ouço o cantor de reggae anunciar:

— Meia hora para o Ano-Novo. Até tudo começar de novo. *Año Nuevo*. É uma folha em branco.

Tomo fôlego e outra vez volto para baixo da água. Encho a mão de areia e a deixo escapar, observando os grãos se dispersarem pela água. Volto à superfície.

— Assim que chegar a meia-noite, antes de beijar seu *amor*, guarde *un beso*

para tí.

Um beijo para você.

Momentos antes de eu beijá-la pela primeira vez, Lulu dissera outra daquelas coisas estranhas: “Escapei do perigo”. Ela fora enfática com relação a isso, seus olhos tinham um fogo, o mesmo fogo de quando ela ficara entre os *skinheads* e eu. Parecia uma coisa estranha a dizer. Até eu beijá-la. E então eu senti, tão visceral e tão envolvente como a água que me circunda agora. Escapar do perigo. Não tenho certeza de qual seria o perigo ao qual ela se referia. Tudo o que eu sabia era que beijar Lulu me fazia sentir aliviado, como se tivesse chegado a algum lugar depois de uma longa jornada.

Fico de costas, boiando, olhando para a tela do céu estrelado.

— Folha em branco... Hora *de hacer borrón y cuenta nueva*, hora de apagar tudo e começar de novo — o cantor entoava.

Apagar tudo? Sinto meu quadro-negro limpo demais, quase sempre sem nada. O que eu quero é o oposto: um rabisco bagunçado, constelações de coisas indelévels que nunca possam ser apagadas.

Ela *tem de* estar aqui. Talvez não nesta festa, nem nesta praia, nem nos resorts que visitei, mas *em algum lugar* aqui. Nadando *nesta* água, na mesma água em que estou agora.

Mas o oceano é imenso. E o mundo é ainda maior. E talvez tenhamos chegado o mais próximo que devêssemos chegar.



janeiro

Cancún

O ônibus tem o formato de um macaco, está cheio de pessoas idosas, e eu não quero estar dentro dele. Mas Broodje quer, e, depois de carregá-lo por metade dos resorts na Riviera Maya, não posso discutir.

— Primeira parada, Coba, depois vamos para o vilarejo maia. Então seguimos sem parar; não tenho muita certeza se quero seguir sem parar com este pessoal — Broodje diz, balançando a cabeça para nossos companheiros de viagem, grisalhos em sua maioria. — Depois vamos nadar em um cenote, que é um tipo de lago dentro de uma caverna, e depois Tulum. — Ele vira a brochura de um lado para o outro. — Este tour custa cento e cinquenta dólares por pessoa e nós o conseguimos de graça.

— Humm — digo.

— Eu não entendo. Você é holandês de um lado e israelense de outro. Isso por si só deveria fazer de você o maior pão-duro do mundo.

— Hã-hã.

— Está ouvindo?

— Desculpe. Estou cansado.

— Isso está mais para ressaca. Quando pararmos para almoçar, vamos tomar tequila. *Cabelo de cão* é como o T.J. a chama.

Enrolo minha mochila em um travesseiro improvisado e encosto a cabeça na janela. Broodje pega um exemplar da *Voetbal International*. O ônibus parte ruidosamente. Eu pego no sono, acordo ao chegarmos a Coba. Saímos do ônibus com dificuldade, ficando em pé, amontoados, enquanto um guia nos fala sobre as antigas ruínas maias, uma série de templos e pirâmides isoladas, metade delas já tomada pelas árvores e pelos galhos da floresta.

— É uma experiência única — ela diz. — É uma das poucas ruínas que ainda podemos escalar. E vocês também vão se interessar pela lagoa, La Iglesia, ou igreja, e, claro, as quadras de jogos.

Atrás de nós uma garota, a única pessoa de nossa idade, pergunta:

— Quadras de jogos? Que tipo de jogos eles tinham?

— Um tipo de basquete — a guia responde.

— Ah. — Ela parece decepcionada.

— Você não gosta de basquete? — Broodje pergunta a ela. — Achei que os americanos adorassem basquete.

— Ela é jogadora de futebol — explica uma mulher mais velha. — Foi uma das melhores na escola secundária.

— Vovó!

— É mesmo? Qual posição? — Broodje pergunta.

— Atacante.

— Meio-campista. — Ele bate no peito.

Eles se entreolham.

— Quer dar uma olhada nas quadras de jogos? — ela pergunta.

— Claro.

— Esteja de volta em meia hora, Candace — a senhora diz.

— Ok.

Broodje direciona um olhar para que eu siga com ele, mas balanço a cabeça para ele ir sozinho. Quando o restante do tour sai em direção à lagoa, vou direto para a pirâmide Nohoch Mul, subindo até o topo os cento e vinte degraus quase verticais. É meio-dia e está quente, assim não há quase ninguém lá em cima, só uma família tirando fotos. Mesmo assim, o silêncio ainda é mais alto: o farfalhar da brisa das árvores, o chilrear dos pássaros tropicais, o trinar metálico dos grilos. Uma lufada de vento quente arrasta uma folha seca e a carrega até a sombra da floresta.

O silêncio é interrompido por duas crianças que começam a gritar o próprio nome uma para a outra, como pássaros berrando.

— *Josh!* — a garota berra enquanto o irmão dela ri.

— *Allie!* — o garoto, Josh, presumivelmente, berra de volta.

— Joshua, Allison, shhh! — a mãe deles os repreende, apontando para mim.
— Vocês não estão sozinhos aqui.

As crianças olham para mim, erguem a cabeça como se me convidassem a

gritar meu nome também. Eu levanto as mãos e dou de ombros, pois, na verdade, não sei o nome que quero gritar. Nem mesmo tenho certeza se quero gritar.

De volta ao “ônibus-macaco”, encontro Broodje e Candace dividindo uma Coca-Cola, uma garrafa, dois canudos. Quando subimos de volta no ônibus, deslizo para dentro de um assento perto de um senhor viajando sozinho, deixando Broodje e Candace se sentarem juntos em nossa fila. Quando os ouço discutindo se Van Persie ou Messi é o melhor atacante, eu sorrio e o cavalheiro que está sentado comigo sorri de volta.

Depois do almoço, paramos em um tradicional vilarejo maia, e nos oferecem uma limpeza espiritual, feita por um pastor maia, por dez dólares. Eu fico de lado, enquanto os outros fazem rodízio ficando em pé embaixo de uma cobertura fumacenta. Em seguida, somos arrebanhados de volta para o ônibus. As portas deslizantes se abrem. Broodje sobe, Candace sobe, meu colega de assento, de sandálias e meias, sobe, e o guia sobe. Todo mundo sobe, exceto eu.

— Willy, você vem? — Broodje pergunta.

Ele me vê hesitante ao lado da porta e volta pelo corredor para falar comigo.

— Willy, está tudo bem? Está bravo porque estou sentado com a Candace?

— Claro que não. Acho ótimo.

— Venha.

Faço os cálculos em minha cabeça. Candace disse que estaria na cidade até o dia 8, mais do que nós ficaríamos. Broodje teria companhia.

— Vou ficar aqui — tão logo digo isso, sinto o alívio familiar. Quando se está na estrada, há sempre a promessa de a próxima parada ser melhor do que a última.

O semblante dele fica sério.

— Está se afastando por causa do que eu disse antes, por você pegar todas as garotas? Não se preocupe. Acho que uma realmente gosta de mim.

— Tenho certeza disso. Então você deveria aproveitar. Eu me encontrarei com você no aeroporto para o nosso voo de volta para casa.

— *O quê?* Mas isso é daqui a quatro dias. E você não está com as suas coisas.

— Tenho tudo de que preciso. Só traga o restante para o aeroporto.

O motorista do ônibus liga o motor. A guia bate no relógio. Broodje parece em pânico.

— Está tudo bem — eu o tranquilizo, apertando as tiras de minha mochila.

— Não vai ser perder? — ele pergunta.

Coloco um sorriso reconfortante no rosto. A verdade, porém, é que é exatamente isso o que pretendo fazer.



Valladolid, México

Duas caronas de caminhão mais tarde, eu me encontro nas redondezas de Valladolid, uma pequena cidade colonial. Caminho pela praça central, repleta de prédios baixos em tom pastel, refletindo uma grande fonte. Logo dou de cara com um hotelzinho barato.

Aqui pareço estar a um mundo de distância da Riviera Maya. Não só pela ausência dos mega-resorts e dos turistas festeiros, mas também pela maneira como cheguei até aqui. Sem procurar, apenas encontrando.

Não tenho compromisso. Durmo quando estou cansado, como quando estou com fome, pegando algo quente e ardido de um dos carrinhos de comida. Fico acordado até tarde da noite. Não procuro por ninguém. Não converso com ninguém. Depois dos últimos meses em Bloemstraat, com os rapazes sempre em volta e, se não eles, Ana Lucia, não estou acostumado a ficar sozinho.

Sento-me na borda da fonte e observo as pessoas e, por um minuto, sonho acordado imaginando Lulu sendo uma delas, imaginando que realmente tínhamos fugido para as florestas do México. É para cá que viríamos? Será que nos sentaríamos em um café, com nossos tornozelos entrelaçados, nossa cabeça encostada, como aquele casal ali debaixo do guarda-sol? Será que caminharíamos à noite, nos escondendo dentro dos túneis para roubar um beijo? Será que acordaríamos na manhã seguinte, desvencilharíamos nossos corpos, pegaríamos um mapa, fecharíamos os olhos e resolveríamos qual seria o próximo destino? Ou nunca sairíamos da cama?

Não! Pare com isso! Isso não faz sentido. Um caminho para lugar nenhum. Eu me levanto, tiro a poeira da calça e volto para o hotel. Deitado na cama, giro uma moeda de vinte pesos pelos ossinhos da mão e penso no que vou fazer depois. Quando a moeda cai no chão, eu a pego. E então paro. Cara, fico em Valladolid mais um dia. Coroa, sigo viagem. Coroa.

Não está mostrando no mapa. Mas mostrará.



Na manhã seguinte, desço os degraus atrás de café. A sala de jantar decadente está praticamente vazia: uma família de língua espanhola à mesa, e, no canto, perto da janela, uma linda mulher mais ou menos da minha idade, com o cabelo da cor de ferrugem.

— Estava pensando em você — ela diz em inglês. Parece americana.

Sirvo café do samovar.

— Eu também penso muito em mim — respondo.

— Vi você a noite passada em um dos carrinhos de comida. Tenho tentando arrumar coragem para comer em um deles, mas não tinha certeza do que estavam servindo ou se poderia matar uma gringa como eu.

— Acho que era carne de porco. Não faço muitas perguntas.

— Bem, não matou você. — Ela riu. — E o que não nos mata nos torna mais fortes.

Ficamos ali em pé por um segundo. Eu faço um gesto perguntando se posso me juntar a ela, ao mesmo tempo em que ela gesticula me convidando para sentar. Sento-me bem em frente a ela. Um garçom com um smoking surrado deixa um prato de pão doce mexicano.

— Tenha cuidado — ela diz, cutucando seu próprio pedaço de pão com a unha azul-turquesa. — Quase lasquei meu dente.

Eu dou uma batidinha no pão. Soa como um tronco vazio.

— Já comi piores.

— O que você é, algum tipo de degustador aventureiro profissional?

— Algo do gênero.

— De onde é? — Ela ergue a mão. — Não, espere, deixe-me adivinhar. Diga algo mais.

— Algo mais?

Ela bate o dedo na testa, então estala os dedos.

— Você é holandês.

— Bom ouvido.

— Mas não tem muito sotaque.

— Ouvido muito bom. Cresci falando inglês.

— Viveu na Inglaterra?

— Não, é que minha mãe não gostava de falar holandês; achava que parecia muito com alemão. Então, em casa, era só inglês.

Ela dá uma olhada rápida para o telefone sobre a mesa.

— Bem, imagino que haja uma história fascinante por trás disso, mas infelizmente terá de continuar um mistério. — Ela faz uma pausa. — Já estou com um dia de atraso.

— Atrasada para quê?

— Para Mérida. Era para eu ter chegado lá ontem, mas meu carro quebrou e, bem, tem sido uma sequência engraçada de erros. E você? Para onde está indo?

Faço uma pausa.

— Mérida, se você me der uma carona.

— Não sei o que vai deixar o David mais puto: dirigir sozinha ou dar carona a estranhos.

— Willem. — Estendo minha mão. — Agora não sou mais um estranho.

Ela semicerra os olhos para minha mão estendida.

— Vai precisar fazer melhor do que isso.

— Desculpe. Willem de Ruiter. — Alcanço minha mochila e pego meu passaporte novo, ainda duro, e o entrego a ela. — Aqui está minha identificação.

Ela folheia o documento.

— Bela foto, Willem. Eu sou Kate. Kate Roebeling. E não vou mostrar meu passaporte porque minha foto é muito ruim. Terá de acreditar em mim.

Ela sorri e desliza meu passaporte de volta pela mesa.

— Então, combinado, Willem de Ruiten, degustador aventureiro e viajante. A oficina acabou de abrir e eu vou pegar o carro. Assumindo que ele já esteja pronto, vou pegar a estrada daqui a meia hora. Será que dá tempo de você fazer as malas e ficar pronto?

Eu mostro minha mochila no chão, do meu lado.

— Sempre estou de malas prontas, pronto para ir.



Kate me pega em um jipe Volkswagen cuspidando faíscas, os assentos rasgados, a espuma do estofado saindo.

— Isso aqui está consertado? — pergunto, subindo no veículo.

— É só cosmética. Deveria tê-lo visto antes. O amortecedor estava caindo, literalmente pendurado atrás do carro, soltando fagulhas. A floresta tropical inteira poderia ter sido tomada pelo fogo por causa dessa beleza. Sem ofensa. Não é uma beleza? — Ela dá uma batidinha no painel e se vira para mim, sussurrando. — É preciso ser legal com ela. Ou então ela não funciona.

Eu bato a ponta do dedo em um chapéu imaginário para o veículo.

— Minhas desculpas.

— Este é, na verdade, um ótimo carro. As aparências podem enganar, sabia?
— Ela liga o motor.

— Pois é, notei.

— Graças a Deus, ou eu estaria desempregada.

— Assaltante de banco?

— Rá! Sou atriz.

— Mesmo?

Ela se vira para mim.

— Por quê? Você é membro da tribo?

— Não exatamente.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Não exatamente? Isso soa como “estar ligeiramente grávida”. Ou você é ou você não é.

— Que tal “eu era, não muito seriamente, e agora não sou mais”?

— Ah, você conseguiu um emprego “de verdade”? — ela pergunta, com simpatia.

— Não. Também não tenho um desses.

— Então você só viaja e come coisas perigosas?

— Mais ou menos.

— Vida boa.

— Mais ou menos. — O jipe bate em uma fossa e meu estômago parece ir parar no teto e, em seguida, na mesma velocidade, cair no chão. — Que tipo de interpretação você faz? — pergunto assim que recobramos o equilíbrio.

— Sou cofundadora e diretora artística de uma pequena companhia teatral em Nova York chamada Ruckus. Fazemos produções, mas também treinamentos e programas de ensino.

— Isso não impressiona nem um pouco.

— Eu sei, não é mesmo? Eu nunca quis ser muito ambiciosa, mas, quando minhas amigas e eu nos mudamos para Nova York, não conseguíamos o tipo de papel que queríamos, então criamos nossa própria companhia. E o negócio foi crescendo. Produzimos nossas próprias peças e damos aulas. E agora começamos com essa iniciativa internacional. É por isso que estamos aqui no México. Estamos fazendo um workshop sobre Shakespeare em Mérida, em parceria com a Universidad Autónoma de Yucatán.

— Está ensinando Shakespeare em espanhol?

— Bem, eu não estou porque não falo um pinga de espanhol. Vou trabalhar com os falantes de inglês. David, meu noivo, fala espanhol. Mas uma coisa engraçada é que, mesmo quando fazemos Shakespeare com a tradução, eu, de algum jeito, sei onde estamos nas peças. Talvez porque as saiba tão bem. Ou porque Shakespeare transcenda a língua.

Eu meneio a cabeça em concordância.

— A primeira vez que fiz Shakespeare foi em francês.

Ela se vira para mim. Os olhos dela são verdes, brilhantes como as maçãs do

outono, e há um pouco de sardas sobre o osso do nariz.

— Quer dizer então que já fez Shakespeare? E em francês?

— A maioria em inglês, é claro.

— Ah, *claro*. — Ela faz uma pausa. — Isso é bom demais para um ator que não é sério.

— Eu nunca disse que era bom.

Ela ri.

— Ah, mas consigo ver que você era bom.

— É mesmo?

— Sim. Tenho um instinto de aranha para essas coisas. — Ela tira um pacote de chiclete, pega um e me oferece outro. O chiclete tem gosto de talco e coco, e faz meu estômago embrulhado se rebelar ainda mais. Eu o cuspo.

— Horrível, não é? Mas estranhamente viciante. — Ela pega outro chiclete. — Então, como é que um holandês acabou fazendo Shakespeare em francês?

— Eu estava viajando. Quebrado. Estava em Lyon. Conheci esse grupo de Shakespeare chamado Will Guerrilheiro. Eles basicamente se apresentavam em inglês, mas a diretora é um pouco... excêntrica e pensou que uma maneira de chamarmos mais atenção do que os outros artistas de rua era fazer Shakespeare na língua nativa deles. Ela montou um elenco de falantes franceses para fazer *Muito Barulho por Nada* na França, em francês. Mas o cara que faria Cláudio acabou indo embora para ficar com um norueguês que ele conheceu; todo mundo já estava fazendo dois papéis, então eles precisavam de alguém que pudesse se

virar em francês. E eu podia.

— Nunca tinha feito Shakespeare antes?

— Nunca tinha representado antes. Tinha viajado com um grupo de acrobatas. Então, quando digo que foi tudo por acaso, não estou brincando.

— Mas fez outras peças?

— Sim, *Muito Barulho* foi um desastre, mas nós a representamos por quatro noites até Tor se dar conta disso. Então o Will Guerrilheiro voltou para o inglês e eu continuei. Dava um bom dinheiro.

— Ah, você é um *desses*. Que interpreta Shakespeare pelo dinheiro — ela brinca. — Seu puto!

Eu rio.

— Então, que outras peças já fez?

— *Romeu e Julieta*, claro. *Sonho de uma Noite de Verão*. *Tudo está Bem Quando Termina Bem*. *Noite de Reis*. Todos os sucessos de público.

— Adoro *Noite de Reis*. Estamos pensando em fazer essa no ano que vem, quando tivermos tempo. Acabamos de fechar um contrato off-Broadway de dois anos para *Cimbelino* e estamos fazendo o tour. Você conhece?

— Já ouvi falar, mas nunca assisti.

— É uma peça adorável, engraçada, romântica, com muita música. Pelo menos do jeito que nós fazemos.

— Nós também. Tivemos um círculo de percussão em nossa *Noite de Reis*.

Ela me olha de soslaio enquanto mantém a atenção na estrada.

— Nossa *Noite de Reis*?

— Deles. Do Will Guerrilheiro.

— Parece que a puta se apaixonou pelo cliente.

— Não. Sem essa de paixão — digo.

— Mas sente falta?

Balanço a cabeça.

— Segui minha vida.

— Entendo.

Ficamos quietos durante um tempo, então ela pergunta:

— Você sempre faz isso? Segue a vida? — Ela bate um ritmo no volante, audível apenas para ela mesma. — Ou talvez viaje muito porque isso lhe faz seguir a vida.

— Talvez.

Ela fica quieta de novo. Então:

— Então agora está seguindo a vida? É isso o que trouxe você à grande metrópole de Valladolid?

— Não. O vento me trouxe até aqui.

— O quê? Como um saco plástico?

— Prefiro pensar em mim como um navio. Como um barco a vela.

— Mas barcos a vela não são levados pelo vento; a força deles vem do vento. Há uma grande diferença.

Olho para fora da janela. A floresta está por todo lado. Olho de volta para ela.

— Dá para fugir de alguma coisa quando não se tem certeza do que se está tentando fugir?

— Dá para fugir de absolutamente qualquer coisa — ela responde. — Mas isso parece um pouco complicado.

— E é — digo. — Complicado.

Kate não responde, e o silêncio prolonga-se brilhante como a estrada à nossa frente.

— É uma longa história — acrescento.

— É uma longa viagem — ela continua.

Há algo em Kate que me faz lembrar Lulu. Talvez seja o fato de as duas serem

americanas ou a maneira como nos conhecemos: durante uma viagem, falando de comida.

Ou talvez seja porque, em algumas horas, eu nunca mais a verei novamente. Não há nada a perder. Assim, enquanto viajamos, conto a Kate a história daquele dia, mas é uma versão diferente da que eu contei a Broodje e aos rapazes. Representa-se de acordo com o público, era o que Tor sempre dizia. E é por isso que, talvez, possa contar a Kate as partes da história que eu não contei — não pude contar — a Broodje e aos rapazes.

— Era como se ela me conhecesse — digo a Kate. — Logo de cara, ela me conhecia.

— Como?

Conto a Kate sobre Lulu achar que eu a deixaria no trem quando passei tempo demais no café. Rindo histericamente e então, do nada — meu vislumbre da estranha honestidade dela —, ela me dizendo que achava que eu fosse descer do trem.

— E você ia mesmo? — Kate pergunta, com os olhos arregalados.

— Não, claro que não — respondo. E não ia, mas a lembrança daquilo ainda me envergonhava por causa do que eu faria mais tarde.

— Então, como exatamente ela *enxergava* você?

— Ela disse que não conseguia entender por que eu a convidara sem ter um motivo secreto.

Kate ri.

— Eu não consigo imaginar que querer dormir com uma garota bonita se qualifique com um motivo secreto.

Eu queria dormir com ela, claro.

— Mas esse não foi o motivo secreto. Eu a convidei para ir a Paris porque não queria voltar para a Holanda naquele dia.

— Por que não?

Meu estômago revira novamente. Bram se foi. Yael também. A casa no barco a uma assinatura de também partir. Forço um sorriso.

— Essa história é muito mais longa e eu ainda não terminei a que estou contando.

Conto a Kate sobre a história da dupla felicidade que Lulu me contou. Sobre o garoto chinês viajando para fazer um teste importante e ficando doente no meio do caminho. Sobre a filha do médico recitando a estranha estrofe de um verso para ele. Sobre o imperador que, depois de o garoto se sair bem no teste, recita a estrofe misteriosa para ele. Sobre o garoto imediatamente reconhecer a estrofe como a outra metade daquela que a garota tinha recitado para ele, e repetindo a estrofe que ela recitara, agradando ao imperador, conseguindo o trabalho, voltando e se casando com a garota. Sobre a dupla felicidade.

Verdes árvores contra o céu chuvoso da primavera, que deixa escuro o caminho das árvores enquanto se afasta. A brisa passa, salpicando a terra de flores vermelhas, e a terra se colore de vermelho depois do beijo.

Aquilo era uma copla. Assim que Lulu me disse, senti algo muito familiar, embora nunca o tivesse ouvido antes, nunca tivesse escutado a história antes. Desconhecido e familiar. Àquela altura, exatamente o que Lulu parecia ser.

Conto a Kate sobre Lulu me pedir para cuidar de mim — como se ela já soubesse a resposta — e, em seguida, fazer exatamente isso. Colocar-se entre mim e os *skinheads*. Atirar aquele livro. Distraí-los para que pudéssemos fugir antes de nos machucarmos. Só ela se machucou. Até agora, a lembrança do sangue no pescoço dela, de quando um dos *skinheads* jogou a garrafa nela, ainda me deixava nauseado depois de todos esses meses. E envergonhado. Não digo isso a Kate.

— Isso foi muito valente da parte dela — Kate comenta quando conto a ela o que Lulu fez.

Saba costumava dizer que havia uma diferença entre valentia e coragem. Valentia era fazer algo perigoso sem pensar. Coragem era encarar o perigo sabendo exatamente dos riscos envolvidos.

— Não — digo a Kate. — Foi muito corajoso.

— Vocês dois foram corajosos.

Eu não fui, pois tentei mandar Lulu de volta. Covardemente. E então não consegui. Covardemente. Também não conto essa parte a Kate.

— Então está aqui no México fazendo o quê? — ela pergunta.

Penso nos rapazes. Eles acham que eu estou aqui para me imunizar. Para encontrar Lulu, dormir com ela mais algumas vezes e seguir a vida.

— Não sei... para encontrá-la. No mínimo para esclarecer as coisas.

— Que coisas? Você deixou um bilhete.

— Deixei, mas... — Eu quase digo, então me obrigo a parar.

— Mas o quê? — Kate insiste.

— Mas... eu não voltei — termino.

Kate me olha por um longo tempo. O carro começa a sair da estrada antes de ela voltar a prestar atenção na direção.

— Willem, caso não tenha notado, Cancún fica lá atrás, naquela direção. — Ela aponta para o lado contrário. Eu balanço a cabeça. — As chances de você encontrar essa garota parecem desfavoráveis o bastante sem que você vá a uma cidade completamente diferente.

— Não ia acontecer. Dava para sentir.

— Como dava para sentir?

— Porque nunca encontramos as coisas quando as procuramos. Encontramos quando não as procuramos.

— Se isso fosse verdade, ninguém nunca encontraria as chaves.

— Chaves, não. As coisas mais importantes.

Ela suspira.

— Não entendo. De um lado, você bota a maior fé nessas coisas do acaso, e, de outro lado, descarta a chance de ao menos um acaso acontecer.

— Eu não descartei. Vim até Cancún.

— E rapidamente foi para Mérida.

— Eu não a encontraria. Procurando. — Balanço a cabeça. É difícil explicar essa parte. — Não era para ser.

— Era para ser — Kate zomba. — Desculpe, estou tendo dificuldade para comprar essa “lenga-lenga”. — Ela abana os braços no ar e eu tenho de pegar a direção até que ela a tome novamente. — Nada acontece por acaso, Willem. Nada. Essa sua teoria de que a vida é regida pelo acaso, será que isso não é uma grande desculpa para a passividade?

Começo a discordar, mas então a imagem de Ana Lucia me vem à cabeça. O lugar certo na hora certa. Na época, pareceu um acidente fortuito. Agora parece mais com “entregar os pontos”.

— Como explica nós dois? — Eu aponto para mim, depois para ela. — Agora, aqui, tendo esta conversa, se não por acaso? Se não fosse pelo amortecedor quebrado do seu carro ter lhe colocado em Valladolid, onde eu nem deveria estar? — Não menciono a moeda virada ter sido um fator decisivo, ainda que pudesse reforçar meu argumento.

— Ah, não, nem venha se apaixonando por mim. — Ela ri e bate a mão no anel em seu dedo. — Veja bem, eu não descarto a mão mágica do destino. Afinal, sou uma atriz, e nada menos do que uma atriz shakespeariana. Mas isso não pode ser a força motora de sua vida. Você tem de ser o guia. E, por falar nisso, sim, estamos tendo esta conversa porque meu carro, o doce e lindo carro no qual você está — ela faz voz de criancinha, acariciando o painel —, teve alguns problemas mecânicos. Mas foi *você* que *me* pediu carona, que me convenceu a lhe dar uma carona, então isso invalida sua própria teoria bem aí. Aquilo foi puro desejo, Willem. Às vezes o destino ou a vida, ou seja lá como queira chamá-lo, deixa a porta entreaberta e você simplesmente entra. Mas, às vezes, ela tranca a porta e é preciso encontrar a chave, ou arrancar o cadeado, ou colocar a porcaria da coisa para baixo. E, outras vezes, nem mesmo lhe mostra a porta, e é necessário construí-la por conta própria. Mas, se ficar esperando as portas serem abertas para você... — Ela sai da estrada.

— O quê?

— Acho que tem dificuldade para encontrar a felicidade sozinha, quanto mais a porção dupla.

— Estou começando a duvidar que a dupla felicidade realmente exista — digo, pensando nos meus pais.

— É porque está procurando por ela. A dúvida faz parte da busca. Assim como a fé.

— Não são coisas opostas?

— Talvez sejam apenas duas partes da mesma copla.

Isso me fez lembrar de algo que Saba costumava dizer: “A verdade e a mentira são os dois lados da mesma moeda”. Aquilo nunca fez sentido para mim antes.

— Willem, suspeito que, lá no fundo, você sabe *exatamente* por que está aqui, sabe *exatamente* o que quer, mas não quer se comprometer, não quer se comprometer com o querer, muito menos com o ter. Porque essas duas possibilidades são assustadoras.

Ela se vira para mim e me dá um longo e pungente olhar. Dura um certo tempo, e o carro começa a sair da pista. De novo, pego a direção para nos colocar de volta no caminho. Ela a solta completamente e eu tenho de agarrar o volante com as duas mãos.

— Veja só, Willem. Você agarrou a direção.

— Só para evitar uma batida.

— Ou, pode-se dizer, só para evitar um acidente, um acaso.

Mérida, México

Mérida é uma versão maior de Valladolid, uma cidade colonial pintada em tom pastel. Kate me deixa em frente a um prédio histórico cor de pêssego, que ela ouvira dizer ser um albergue decente. Faço o check-in em um quarto com uma varanda com vista para a praça e me sento para observar as pessoas se protegerem do sol da tarde. As lojas estão fechando para a *siesta*, e, apesar de ter planejado fazer um reconhecimento da área e procurar algum lugar para o almoço, não estou com fome. Estou um pouco dolorido da viagem desta manhã e ainda sinto meu estômago como se estivesse em uma estrada esburacada. Resolvo fazer uma *siesta* também.



Acordo coberto de suor. Está escuro lá fora, o ar dentro do quarto é parado e malcheiroso. Sento-me ereto para abrir a janela, ou a porta da varanda, mas, ao fazê-lo, meu estômago revira. Eu me jogo de volta na cama e fecho os olhos, tentando voltar a dormir. Às vezes consigo convencer meu corpo a entrar nos eixos antes mesmo de ele perceber que há algo errado. Às vezes funciona.

Mas não esta noite. Penso na carne de porco, no molho marrom que comi no jantar na noite passada, e a lembrança daquilo faz meu estômago ondular e revirar, como se houvesse um animal feroz preso dentro dele.

Intoxicação alimentar. Só pode ser. Suspiro. Tudo bem. Algumas horas de desconforto e, depois, dormir. Então tudo estará terminado. Tem tudo a ver com pegar no sono.

Não tenho certeza de que horas são, assim não sei quanto tempo leva até o sol nascer; no entanto, quando ele nasce eu ainda não preguei os olhos. Já vomitei tantas vezes que o lixo de plástico está quase cheio. Tentei, algumas vezes, me arrastar até o banheiro comunitário no final do corredor, mas não consegui

passar da porta. Agora que o sol nasceu, o quarto está esquentando. Quase consigo ver a fumaça tóxica do lixo se espalhando, me envenenando de novo.

Continuo vomitando. Não há trégua ou descanso entre os episódios. Vomito até não haver mais nada: comida, bile, nada de mim, aparentemente.

E foi neste momento que bateu a sede. Já tinha bebido o restante da água de minha garrafa fazia bastante tempo, e tinha vomitado aquilo também. Comecei a sonhar com riachos nas montanhas, cachoeiras, chuviscos e com os canais holandeses; beberia até água de um deles, se pudesse. Eles vendem água engarrafada lá embaixo. E há uma torneira no banheiro. Mas não consigo me sentar, muito menos me levantar, e muito menos chegar até a água.

— *Tem alguém aí?* — chamo. Em holandês. Em inglês. Tento me lembrar do espanhol, mas as palavras se misturam. Acho que estou falando, mas não consigo dizer, e faz muito barulho na praça, e não há chance para a minha voz fraca.

Ouçõ uma batida na porta, torcendo para que seja uma oferta de água, lençóis limpos, uma compressa fria, uma mão macia em minha testa. Mas não é nada disso. Isto aqui é um albergue, básico do básico, sem serviço de quarto, e eu paguei adiantado por duas noites.

Tento vomitar de novo. Não sai nada, exceto minhas lágrimas. Tenho vinte e um anos e ainda choro quando vomito.

Finalmente o sono vem me resgatar. E então acordo e a vejo, tão perto. E tudo o que consigo pensar é: *Tudo valeu a pena se me trouxe você.*

— *Quem está cuidando de você agora?* — ela sussurra. O hálito dela parece uma brisa refrescante.

— *Você* — eu sussurro de volta. — *Você cuida de mim.*

— *Serei sua garota da montanha.*

Tento alcançá-la, mas agora ela se foi e o quarto está cheio de outras pessoas: Céline e Ana Lucia e Kayla e Sara e a garota com o verme, e ainda há outras — uma tal de Franke em Riga, uma Gianna em Praga, uma Jossra em Túnis. Todas começam a falar comigo.

— *Nós cuidaremos de você.*

— *Sumam daqui, quero Lulu de volta. Digam a ela para voltar.*

— *Tartarugas verdes, sangue vermelho, céu azul, dupla felicidade, lá lá lá —* elas cantarolam.

— *Não! Não é assim. Não é assim que é a dupla felicidade.*

Mas também não consigo lembrar como é.

— *Ela deixou você assim.*

— *Tomarei conta de você.*

— *Puta francesa.*

— *Ligue se precisar de alguma coisa,*

— *Quer dividir comigo?*

— *Parem! —* grito.

— *Pegue a direção!* — agora é Kate gritando. Mas não consigo ver nenhuma direção e tenho a terrível sensação, como nos sonhos, de que vou bater.

— *Não! Parem! Sumam daqui! Todas vocês! Não são reais! Nenhuma de vocês! Nem mesmo Lulu.*

Fecho os olhos com força e cubro os ouvidos com um travesseiro ensopado de suor e me encolho em posição fetal. E finalmente, finalmente, dessa maneira, pego no sono.



Acordo. Minha pele está fria. O céu está púrpura. Não tenho certeza se é do crepúsculo ou do alvorecer, nem quanto tempo fiquei fora do ar. Estou consciente o bastante para saber que logo terei de estar de volta a Cancún para encontrar Broodje e voar de volta para a Holanda, e preciso avisá-lo, de algum modo, de que talvez ele tenha que ir sem mim. Balanço as pernas do lado da cama. O quarto treme em frente aos meus olhos, mas não gira. Coloco os pés no chão. Fico em pé. Como um bebê aprendendo a andar ou um velho, dou alguns passos, um de cada vez, até o lobby.

No canto há um cybercafé onde posso fazer ligações interurbanas. Sinto-me como se tivesse estado no escuro durante meses, as luzes de todos aqueles monitores machucam meus olhos. Passo o dinheiro e peço um telefone e sou enviado para uma fila de computadores com fones de ouvido. Abro minha caderneta de endereços. O cartão de Kate, COMPANHIA DE TEATRO RUCKUS, esparramado na capa com letras vermelhas, cai.

Começo a digitar. Os números flutuam na página e eu não tenho certeza se estou digitando o código certo do país nem os números do telefone.

Mas há um sinal baixinho. E então uma voz: distante, como se viesse de um túnel, mas inquestionavelmente a voz dela. Assim que a escuto, minha garganta

se fecha.

— Alô. Alô? Quem é?

— Mãe? — consigo dizer.

Silêncio. E quando ela diz meu nome tenho vontade de chorar.

— Mãe? — repito.

— Willem, onde você está? — A voz dela é ríspida, oficiosa e profissional, como sempre.

— Estou perdido.

— *Perdido?*

Já estive perdido antes, em cidades novas sem nenhum tipo de sinalização para me guiar, acordando em camas estranhas, sem ter certeza de onde estava e de quem estava ao meu lado. Mas agora percebo que não estava perdido. Era outra coisa. Isto... posso até saber onde estou — em um albergue, na praça central, em Mérida, México —, mas nunca me senti tão absolutamente à deriva.

Há um longo silêncio na linha e tenho medo de que a ligação tenha caído. Mas então Yael diz:

— Venha para cá. Eu mandarei a passagem. Venha para cá!

Não é exatamente isso o que eu quero ouvir. O que eu quero, o que eu desejo, do fundo do coração, é ouvir *venha para casa*.

Porém, ela não pode me dizer para voltar para um lugar que não existe mais, assim como eu também não posso ir até esse lugar. Por ora, isso é o melhor que

nós dois podemos fazer.



fevereiro

Mumbai, Índia

Emirates 148

13 Fev: Saída 14:40 Amsterdã — 00:10 Dubai

Emirates 504

14 Fev: Saída 03:55 Dubai — 08:20 Mumbai

Boa viagem!

Esse e-mail, contendo meu itinerário, compila toda a comunicação entre Yael e mim desde que voltei do México, no mês passado. Quando voltei de Cancún, um agente de viagem muito simpático chamado Mukesh me ligou para pedir uma cópia de meu passaporte. Uma semana depois, recebi o itinerário de Yael. Desde então, tive poucas notícias dela.

Tento não ler muito nas entrelinhas. Esta é Yael. E este sou eu. A explicação mais bondosa é que ela está guardando a conversa fiada para termos algo a dizer um ao outro durante as próximas... duas semanas, um mês, seis semanas? Não tenho certeza. Ainda não conversamos sobre isso. Mukesh me disse que a passagem era válida por três meses e que, se eu quisesse ajuda para reservar voos para dentro ou para fora da Índia, deveria entrar em contato com ele. Aqui também tento não ler muito nas entrelinhas.

Na fila de imigração, estou com os nervos à flor da pele. A barra de Toblerone do free-shop (comprada para Yael) que acabei comendo quando o avião descia em Mumbai provavelmente não ajudou muito. À medida que a fila serpenteia para a frente, uma mulher indiana impaciente me empurra com sua prodigiosa

barriga enrolada no sári, como se aquilo nos fizesse ir mais rápido. Quase troquei de lugar com ela. Para parar com os empurrões. E para nos fazer ir mais devagar.

Ao sair dentro do saguão de desembarque do aeroporto, o cenário é tanto cibernético quanto bíblico. O aeroporto é novo e moderno, mas o saguão está amontoadado de pessoas que parecem carregar a vida inteira em carrinhos de metal. No minuto em que saio da aduana, sei que Yael não está ali. Não que não a veja, e eu realmente não a vejo. É que percebo, tarde demais, que ela nunca disse especificamente que me encontraria. Eu simplesmente presumi. E, com minha mãe, não se podem fazer presunções.

Mas já faz quase três anos. E ela me convidou para vir aqui. Ando para cima e para baixo pelo saguão. Ao meu redor, as pessoas pulam, empurram e se acotovelam como se estivessem correndo em direção a uma linha de chegada invisível. Mas não há nenhuma Yael.

Sempre otimista, saio para ver se ela está me esperando lá fora. O brilho da luz da manhã machuca meus olhos. Espero dez minutos. Quinze. Nem sinal de minha mãe.

Há uma luta de gladiadores entre motoristas de táxi e porteiros competindo por passageiros.

— *Psiu* — eles assoviam para mim. Olho para meu itinerário, agora amolecido em minhas mãos, como se, de alguma forma, ele fosse me dar novas informações importantes.

— Alguém vem lhe buscar?

Na minha frente há um homem. Ou um garoto. Ou algo entre uma coisa e outra. Ele parece da minha idade, exceto pelos olhos, que são de um ancião.

Dou mais uma olhada rápida no local.

— Parece que não.

Precisa de um motorista?

— Parece que sim.

— Para onde está indo?

Olho o endereço nos formulários de imigração que acabei de preencher em três vias.

— Bombay Royale. Em Colaba. Conhece?

Ele faz um meio movimento de cabeça, um balanço pela metade que não é lá muito tranquilizador.

— Levo você lá.

— Você é motorista?

Ele balança a cabeça de novo.

— Onde está sua mala?

Aponto para a pequena mochila em minhas costas.

Ele ri.

— Igual Kurma.

— A comida?

— Não. A comida é korma. Kurma é uma das encarnações de Vishnu, uma tartaruga que carrega a casa nas costas. Mas, se gosta de korma, posso lhe mostrar um bom lugar.

O garoto se apresenta como Prateek e, em seguida, confiante, nos embrenha pela multidão passando pela garagem do aeroporto até um terreno empoeirado. De um lado ficam as rodovias, do outro, arranha-céus e guindastes ainda mais altos, balançando ao vento. Prateek localiza o carro — algo que em casa poderia ser considerado vintage, mas, quando eu o elogio, ele me diz que o carro pertence a um tio e que um dia comprará seu próprio carro, um bom carro feito no exterior, um Renault, ou um Ford, não um Maruti ou um Tata. Ele paga com algumas moedas o garoto magricela que guardava o carro e abre a porta de trás. Eu jogo minha mochila lá dentro e tento abrir a porta da frente. Prateek me diz para esperar e, com uma sequência complicada de safanões e apertos, abre-a a partir de dentro, tirando uma pilha de revistas do assento do passageiro.

O carro vem à vida e a pequena estatueta de latão colada no painel — um elefantinho com o tipo de sorriso de quem está sempre feliz — começa a dançar.

— Ganesha — Prateek diz. — Removedor de obstáculos.

— Onde você estava no mês passado? — pergunto à estátua.

— Estava bem aqui — Prateek responde, solenemente.

Saímos do complexo do aeroporto, passamos por vários barracos, antes de subirmos por uma rodovia expressa elevada. Meneio a cabeça para fora da janela. Está agradavelmente quente, mas não tão quente quanto ainda vai ficar, Prateek avisa. Ainda é inverno; ficará mais quente até a chegada das monções,

em junho.

À medida que andamos, Prateek aponta para alguns marcos importantes. Um templo famoso. Uma ponte suspensa, com aparência de teia de aranha, atravessando a baía de Mahim.

— Muitos astros de Bollywood vivem nesta área. É mais perto dos estúdios, que por sua vez estão próximos ao aeroporto. — Com o polegar, ele aponta para trás. — Mas alguns moram na praia de Juhu e alguns na colina de Malabar. Alguns moram em Colaba, onde você vai ficar. O hotel Taj Mahal fica lá. Angelina Jolie, Brad Pitt, Roger Moore, 007. Presidentes americanos também já se hospedaram lá.

O trânsito começa a ficar pesado. Diminuímos a velocidade e Ganesha para de dançar.

— Qual é o seu filme favorito? — Prateek me pergunta.

— É difícil escolher um só.

— Qual o último filme a que assistiu?

Dei uma passada por meia dúzia deles durante o voo, mas estava muito agitado para me concentrar. Acho que o último filme a que assisti foi *A Caixa de Pandora*. Esse foi o filme que deu início a tudo, que nos levou à viagem desastrosa até o México, a qual, por incrível que pareça, me trouxe até aqui. Lulu. Se ela já estava longe antes, agora está mais ainda. Não um, mas dois oceanos nos separam agora.

— Nunca ouvi falar desse filme — Prateek diz, balançando a cabeça. — Meu filme favorito do ano passado é um empate. *Gangs of Wasseypur*. Aventura. E *Londres, Paris, Nova York*. Sabe quantos filmes os estúdios de Hollywood produzem por ano?

— Não faço ideia.

— Chute.

— Mil.

Ele franze o cenho.

— Estou falando de estúdios, não de amadores com uma câmera. Mil seria impossível.

— Cem?

O sorriso dele se acende como um interruptor.

— Errado! Quatrocentos. Agora, sabe quantos filmes Bollywood produz por ano? Não o farei tentar adivinhar porque errará. — Ele faz uma pausa para um efeito dramático. — Oitocentos!

— Oitocentos? — repito, porque é evidente que ele acha que o número é digno de ser repetido.

— Sim! — O sorriso dele agora vai de orelha a orelha. — Duas vezes o número de Hollywood. Sabe quantas pessoas na Índia vão ao cinema todos os dias?

— Tenho a impressão de que você vai me contar.

— Quatorze milhões. Será que quatorze milhões de pessoas vão ao cinema todos os dias na Alemanha?

— Eu não saberia dizer. Sou da Holanda. Mas, já que a população inteira não passa muito de dezesseis milhões, eu duvido.

Ele agora reluz de orgulho.

Saímos da via expressa, entramos nas ruas do que deve ser a Mumbai colonial e em seguida em uma área com uma fileira de árvores e uma fila de ônibus de dois andares parados soltando fumaça preta.

— Este é o Portal da Índia — Prateek informa, apontando para um monumento arqueado e esculpido à beira do Mar Arábico. — O Taj Mahal Hotel, sobre o qual lhe falei — ele diz, passando por uma construção linda e imponente, toda cheia de domos e cornijas. Um grupo de homens árabes em túnicas brancas impecáveis entra em vários utilitários esportivos com os vidros escurecidos. — Lá dentro tem uma Starbucks. — Ele abaixa a voz até um tom de sussurro. — Já tomou alguma vez um café da Starbucks?

— Já.

— Meu primo diz que na América eles o bebem em todas as refeições. — Ele estaciona em frente a outro prédio envelhecido, aparentemente vitoriano, quase suando com o calor. O letreiro, em uma letra cursiva elaborada e desbotada, diz BO BAY RO AL. — Aqui está. Bombay Royale.

Sigo Prateek para dentro de um saguão fresco e escurecido, quieto exceto pelos ruídos e estalidos dos ventiladores de teto e do débil cricrilar dos grilos escondidos em algum lugar das paredes. Atrás de um longo balcão de mogno, um homem tão velho que parece ter a mesma idade do prédio tira uma soneca. Prateek toca a sineta com força e o homem acorda de sobressalto.

Imediatamente os dois começam a discutir, em grande parte em híndi, mas com algumas palavras em inglês aqui e ali.

— *Regulamentos* — o velho fica dizendo.

Por fim, Prateek volta-se para mim:

— Ele diz que você não pode ficar aqui.

Balanço minha cabeça. *Por que ela me trouxe aqui? Por que eu vim?*

— É um clube residencial privado, não um hotel — Prateek explica.

— Sim. Já ouvi falar deles.

Prateek franze o cenho.

— Há outros hotéis em Colaba.

— Mas deve ser este o lugar. — Este é o endereço que tenho dela nos últimos anos. — Procure pelo nome da minha mãe. Yael Shiloh.

Ao mencionar o nome dela, a cabeça do velho senhor levanta.

— Willem *saab*? — ele pergunta.

— Willem. Sim, sou eu.

Ele semicerra os olhos e pega minhas mãos.

— Você não é nada parecido com a *memsahib* — ele diz.

Não preciso saber o que ele quer dizer para saber de quem está falando. É o

que todo mundo diz.

— Mas onde ela está? — ele pergunta.

Há uma semente de conforto. Não sou o único que não sei de nada.

— Ah, você a conhece? — digo.

— Sim, sim, sim — ele responde, fazendo o mesmo balanço de cabeça que Prateek.

— Então posso ir até o apartamento dela? — pergunto ao velho.

Ele reflete, coçando o tufo de barba grisalha em seu queixo.

— O regulamento diz que apenas membros podem se hospedar aqui. Quando a *memsahib* fizer de você um membro, então você será um membro.

— Mas ela não está aqui — Prateek comenta, tentando ajudar.

— Regulamentos — o velho diz.

— Mas você sabia que eu viria — eu digo.

— Mas não está com ela. E se você não for você de verdade? Tem alguma prova?

Prova? Como o quê? Um sobrenome? O meu é diferente. Fotos?

— Aqui — digo tirando o e-mail, agora úmido e amassado.

Ele aperta os olhos escuros, que ficaram embaçados com o tempo. Deve decidir se aquilo é suficiente. Porque faz dois balanços rápidos com a cabeça e diz:

— Seja bem-vindo, Willem *saab*.

— Finalmente! — diz Prateek.

— Sou Chaudhary — o velho se apresenta, ignorando Prateek e me passando uma pilha de papéis para preencher. Ao terminar, ele levanta a portinha de abertura da recepção e sai de trás. Percorre o corredor de madeira desgastada. Eu o sigo. Prateek segue atrás de mim. Quando chegamos aos elevadores, Chaudhary faz um gesto de tique-taque com os dedos para Prateek. — Somente membros no elevador — o velho diz a ele. — Você pode subir pelas escadas.

— Mas ele está comigo — digo.

— Regulamentos, Willem *saab*.

Prateek balança a cabeça.

— É melhor eu levar o carro de volta para o meu tio — diz ele.

— Certo, deixe-me pagá-lo. — Tiro um molho de rupias imundas.

— Trezentas rupias sem AC. Quatrocentas rupias com AC. — Chaudhary informa. — Essa é a lei.

Passo quinhentas rupias para Prateek, mais ou menos o preço de um sanduíche na Holanda. Ele dá meia-volta para ir embora.

— Ei, e aquele korma? — pergunto a ele.

O sorriso dele é bobo, um pouco como o de Broodje.

— Entro em contato — ele promete.

O elevador chega ao quinto andar. Chaudhary abre o portão que dá para um corredor cheio de luz, cheirando a cera de assoalho e incenso. Ele vai à frente, passando por várias portas de tábuas de madeira, para na mais distante e tira uma chave mestra.

A princípio, acho que o velho entrou no quarto errado. Yael vive aqui há dois anos, mas esta é uma suíte de quartos vazios. Móveis de madeira pesada feitos por alguém desconhecido, quadros comuns de fortalezas no deserto e tigres de bengala pendurados na parede. Uma mesa pequena redonda encostada em duas portas de estilo francês.

Então sinto o cheiro. Sob a mistura dos cheiros de cebola, incenso, amônia e cera há um inegável aroma de fruta cítrica e terra molhada. O cheiro eu reconheço com a clareza de algo que sempre se conheceu, mas que nunca precisou ser reconhecido antes, o cheiro de minha mãe.

Tento dar um passo para dentro do corredor e outra explosão me atinge. E, num piscar de olhos, não estou na Índia. Estou de volta a Amsterdã, em casa, num longo crepúsculo de verão. Finalmente tinha parado de chover, então Yael e Bram estavam do lado de fora celebrando o pequeno milagre do brilho do sol. Ainda com frio por causa da chuva, fiquei enfurnado do lado de dentro embaixo de um cobertor de lã áspero e assistia a eles pela imensa janela de vidro emoldurada. Alguns estudantes que moravam em um dos apartamentos do outro lado do canal ouviam música bem alta. Começou uma canção, algo antigo e new wave, de quando Yael e Bram eram jovens, e ele agarrou a mão dela e eles dançaram, de rosto colado, mesmo não sendo uma música lenta. Eu os observava pelo vidro, hipnotizado pela visão deles, mas fingindo não estar. Devia ter uns onze ou doze anos, uma idade quando demonstrações daquele tipo deveriam me fazer sentir envergonhado, mas não. Yael viu que eu os olhava e — isso foi uma surpresa para mim na época, e ainda me causa espanto agora quando eu me

lembro — entrou. Ela não me puxou para fora, exatamente, nem me convidou para dançar com eles, como Bram teria feito. Ela apenas dobrou o cobertor e me puxou pelo cotovelo. Fui envolvido pelo cheiro dela, laranjas e folhas, aquele cheiro forte e terroso, sempre presente, de seus condimentos, dos canais e de todos os seus segredos submersos. Tentei fazer parecer que concordava, me permitindo ser levado, não transparecendo quanto eu estava feliz. Mas não devo ter conseguido conter totalmente minha felicidade, pois ela sorriu de volta e disse: “Temos que aproveitar o sol enquanto ele está aí, não é?”.

Ela podia ser carinhosa assim. Porém, essas coisas aconteciam com a mesma frequência com que o sol aparecia na Holanda. Exceto com Bram. Mas talvez fosse carinho refletido, afinal ele era o sol dela.

Depois que Chaudhary sai, eu me deito no sofá. Minha cabeça descansa confortavelmente sobre o pesado braço de madeira, mas eu não me mexo, pois estou no sol e o calor parece necessário, um tipo de transfusão. *É melhor entrar em contato com Yael*, penso, mas a sonolência e a diferença de horário e um tipo de alívio estão me puxando para baixo, e, antes de tirar os sapatos, já estou dormindo.



Estou voando novamente. De volta no avião, o que parece errado, pois acabei de sair de um avião. Mas é tudo tão vívido e tão real que demora um pouquinho mais do que o normal para reconhecer que é um sonho; e então se contorce e se transforma em algo fantástico e surreal, pesado e vagaroso, do jeito que os sonhos fazem quando a mente está se rebelando contra o relógio biológico enganado. Talvez seja por isso que seja sonho, pois não há aterrissagem. Não há a iluminação do cinto de segurança, não há anúncios do capitão. Apenas o barulho dos motores, a sensação de estar à deriva. Apenas voando.

Mas há alguém ao meu lado. Eu viro e tento perguntar *Onde estamos?*. Mas tudo é pesado, lúgubre e eu não consigo mexer direito minha boca porque o que sai dela é:

— *Quem é você?*

— Willem — uma voz chama a distância.

A pessoa do sonho se vira. Ainda sem rosto; porém já familiar.

— Willem. — A voz novamente. Eu não respondo. Não quero sair do sonho ainda, não desta vez. De novo, me viro para meu companheiro de assento.

— Willem! — A voz desta vez é ríspida e me tira do doce inebriante do sono.

Abro os olhos. Sento-me e, por um segundo, apenas olhamos um para o outro piscando os olhos.

— O que está fazendo aqui?

Tenho me perguntado isso durante o último mês, depois que meu otimismo inicial com relação a essa viagem aos poucos se transformou em ambivalência e, em seguida, desandou para o pessimismo e agora tinha degenerado ao ponto do arrependimento. *O que estou fazendo aqui?*

— Você me mandou uma passagem. — Tento fazer parecer uma piada, mas minha cabeça está anuviada pelo sonho, e Yael apenas franze o cenho.

— Quero dizer, o que está fazendo *aqui*? Ficamos procurando você no aeroporto como loucos.

Nós?

— Eu não vi você.

— Fui chamada na clínica. Mandeí um motorista e ele estava um pouco

atrasado. Ele disse que lhe mandou várias mensagens de texto.

Pego meu telefone e o ligo. Nada acontece.

— Acho que aqui não funciona.

Ela olha, enojada, para o meu telefone, e, de uma hora para outra, sinto uma profunda sensação de lealdade para com ele. Em seguida ela suspira profundamente.

— O importante é que você chegou — diz ela, o que parece ao mesmo tempo óbvio e otimista.

Eu me levanto. Estou com torcicolo e, quando viro o pescoço, o estalo é tão alto que faz Yael franzir o cenho novamente. Fico em pé, me espreguiço e olho ao redor do quarto.

— Lugar legal — elogio, continuando a conversa fiada que sempre nos sustentou durante os últimos três anos. — Gosto do que fez aqui.

É como um reflexo tentar fazê-la sorrir. Nunca funcionou antes e não funciona agora. Ela se afasta, abrindo as portas de vidro que dão para a sacada com vista para o Portal, a água ao fundo.

— Provavelmente seria melhor ter um lugar mais perto de Andheri, mas parece que me acostumei a viver na água.

— Andheri?

— Onde fica a *clínica* — ela explica, como se eu soubesse disso. Mas como exatamente? O trabalho dela era um assunto sobre o qual nunca falávamos em nossos e-mails de bate-papo informal. O tempo. A comida. A miríade de

festivais indianos. Cartões-postais sem as lindas paisagens.

Sei que Yael veio à Índia para estudar medicina aiurvédica. Era o que ela e Bram tinham a intenção de fazer assim que eu entrasse na faculdade. Viajar mais. Para Yael poder estudar os métodos tradicionais de cura. A Índia era a primeira parada. As passagens foram compradas antes de Bram falecer.

Depois que ele morreu, imaginei que Yael perderia o controle. Só que desta vez eu estaria lá. Colocaria meu próprio luto de lado e a ajudaria. Finalmente, em vez de ser um intruso em seu grande caso de amor, eu seria o produto dele. Seria um conforto para ela. O que ela não foi como mãe, eu seria como filho.

Durante duas semanas, ela se trancou no quarto do último andar, o que Bram construía para ela, cortinas fechadas, porta trancada, ignorando a maioria dos visitantes que passavam por ali. Em vida, Bram fora totalmente dela, e na morte isso não tinha mudado.

Então, seis semanas depois, ela partiu para a Índia, conforme programado, como se nada tivesse acontecido. Marjolein disse que Yael estava apenas lambendo as feridas. Que ela voltaria logo.

Dois meses depois, no entanto, Yael mandou um recado dizendo que ela não voltaria mais. Há muito tempo, antes de ela estudar naturopatia, ela tinha se formado em enfermagem, e agora voltaria a fazer isso, trabalhando em uma clínica em Mumbai. Ela disse que fecharia o barco; já tinha empacotado as coisas importantes e todo o restante seria vendido. Eu deveria pegar o que quisesse. Empacotei algumas caixas e as guardei no sótão da casa do meu tio Daniel. Deixei todo o restante. Não muito depois disso, fui expulso do meu curso. Então arrumei minha mochila e caí na estrada.

— Você é exatamente como sua mãe — Marjolein falou, meio triste, quando eu disse a ela que estava indo embora.

Mas ambos sabíamos que não era verdade. Eu não tinha nada a ver com minha

mãe.



A mesma emergência que impediu Yael de ir ao aeroporto aparentemente a está chamando de volta para a clínica depois de uma longa hora em minha companhia. Ela me convida para ir com ela, mas o convite é indiferente e costumeiro, muito parecido com este convite para vir até a Índia, suponho. Declino educadamente, dando como desculpa os problemas com o fuso horário.

— Deveria ir lá para fora, ficar no sol; é a melhor cura. — Ela olha para mim. — Mas cubra isso. — Ela toca a imagem espelhada do rosto dela onde está minha cicatriz. — Parece recente.

Toco a cicatriz. Agora já faz seis meses. E, por um minuto, me imagino contando sobre ela a Yael. Ela ficaria furiosa se soubesse o que eu disse para os *skinheads* para tirar a atenção das garotas e voltá-la para mim. *Um quatro seis zero três* — o número de identificação que os nazistas tatuaram no punho de Saba —, mas pelo menos eu conseguiria a atenção deles.

No entanto, não conto nada a Yael. Isso vai muito além de conversa fiada. Atinge coisas dolorosas que nunca mencionamos: Saba. A guerra. A mãe de Yael. A infância inteira dela. Toco a cicatriz. Ela está quente, como se, só de pensar naquele dia, ela já pudesse pegar fogo.

— Não é tão recente assim — digo a ela. — Só não está cicatrizando direito.

— Posso fazer uma mistura para isso. — Yael esfrega a cicatriz. Os dedos dela são ásperos e calosos. Mãos de trabalhadora, Bram costumava dizer, apesar de ser ele quem devesse ter mãos mais ásperas. Percebo, neste momento, que até agora não nos abraçamos, beijamos ou fizemos qualquer uma das coisas esperadas de um encontro.

Mesmo assim, quando ela afasta a mão, desejo que não a tivesse tirado. E,

quando começa a se arrumar com promessas de coisas que faremos quando ela tiver um dia de folga, me pego desejando ter lhe contado sobre os *skinheads*, sobre Paris, sobre Lulu. Mas, mesmo que tivesse tentado, não saberia como. Minha mãe e eu, ambos, falamos holandês e inglês. Nunca fomos capazes de falar a mesma língua.

Sou acordado pelo toque de um telefone. Estico a mão para pegar meu celular, me lembro de que não funciona aqui. O telefone continua tocando. É o interfone. Não para. Finalmente eu atendo.

— Willem *saab*. Aqui é Chaudhary. — Ele pigarreia. — Está na linha para você Prateek Sanu — ele continua, formalmente. — Gostaria que perguntasse a natureza de sua ligação?

— Não, tudo bem. Pode passar.

— Um momento. — Há uma série de cliques. Então a voz de Prateek ecoa “olás”, interrompida por Chaudhary declarando: — Prateek Sanu ligando para Willem Shiloh.

É engraçado ser chamado pelo sobrenome de Yael e Saba. Eu não o corrijo. Após um momento de silêncio, Chaudhary desliga.

— Willem! — Prateek saúda como se fizesse meses e não apenas horas desde a última vez que nos falamos. — Como vai?

— Estou bem.

— E o que está achando da Cidade Máxima?

— Ainda não vi muita coisa — admito. — Estava dormindo.

— Mas agora está acordado. Quais são seus planos?

— Ainda não pensei em nada.

— Deixe-me fazer uma proposta: venha me visitar no mercado Crawford.

— Parece uma boa ideia.

Prateek me dá as coordenadas. Depois de um banho frio, sigo em direção à saída com Chaudhary andando atrás de mim com avisos cuidadosos sobre “trombadinhas, ladrões, prostitutas e gangues”. Ele marca as ameaças com seus dedos grossos.

— Eles vão abordá-lo.

Asseguro-lhe de que posso me virar, e, de qualquer forma, as únicas pessoas que me abordam são mães pedintes, que se congregam em grupos no meio das ruas sombreadas, pedindo dinheiro para comprar leite em pó para os bebês que dormem em seus braços.

Esta parte de Mumbai me faz lembrar um pouco de Londres com seus prédios coloniais decadentes, exceto pela supersaturação de cores: os sáris das mulheres, os templos enfeitados de calêndulas, as pinturas malucas dos ônibus. É como se tudo absorvesse e refletisse o brilho do sol.

Do lado de fora, o mercado Crawford parece com outro prédio tirado da antiga Inglaterra, mas dentro é totalmente Índia: comércio efervescente e, de novo, mais cores surrealmente brilhantes. Caminho pelas bancas de frutas, pelas bancas de roupas, abrindo caminho em direção às bancas de eletrônicos onde Prateek me disse para encontrá-lo. Sinto um tapinha no ombro.

— Perdido? — Prateek pergunta, com um sorriso de orelha a orelha.

— Não de um modo ruim.

Ele franze o cenho diante da resposta, confuso.

— Eu estava preocupado — diz ele. — Queria ligar, mas não tinha o número do seu celular.

— Meu celular não funciona aqui.

O sorriso volta.

— Por sorte temos muitos celulares na banca de eletrônicos do meu tio.

— Então foi por isso que me trouxe até aqui? — brinco.

Prateek parece ofendido.

— Claro que não. Como eu iria saber que não tinha um telefone? — Ele aponta para as bancas ao nosso redor. — Pode comprar de outro lugar.

— Estou brincando, Prateek.

— Ah. — Ele me leva até a banca do tio, abarrotada até o teto com celulares, rádios, computadores, imitações de iPads, televisões e mais. Apresenta-me ao tio e compra xícaras de chá para todos do *chai-wallah*, o caixeiro-viajante de chá. Em seguida, me leva até a parte de trás da banca e nos sentamos em dois banquinhos bambos.

— Você trabalha aqui?

— Segundas, terças e sextas.

Ele faz aquela mexida com a cabeça.

— Estou estudando contabilidade. Também trabalho para minha mãe alguns dias. E às vezes ajudo meu primo a encontrar *goreh* para os filmes.

— *Goreh*.

— Pessoas brancas, como você. Foi por isso que eu estava no aeroporto hoje. Tive de levar meu primo.

— Por que não *me* perguntou? — brinco.

— Ah, não sou diretor de elenco, nem mesmo um assistente do assistente. Eu só levei Rahul ao aeroporto para procurar mochileiros precisando de dinheiro. Precisa de dinheiro, Willem?

— Não.

— Não achei que precisasse. Está hospedado no Bombay Royale. Alta classe. E visitando sua mãe. Onde está o seu pai? — ele pergunta.

Já fazia tempo que ninguém me perguntava isso.

— Ele morreu.

— Ah, o meu também — Prateek diz, quase com alegria. — Mas tenho muitos tios. E primos. Você?

Quase digo sim. Tenho um tio. Mas como posso explicar sobre o Daniel? Não é uma ovelha negra, mas uma ovelha invisível, eclipsada por Bram. E Yael. Daniel, a nota no pé da página para a história de Yael e Bram, a letrinha que

ninguém se importa em ler. Daniel, o irmão mais novo, o mais confuso, o mais bagunceiro, o menos objetivo — e, não podemos esquecer, o mais baixo. Daniel, relegado ao banco de trás do Fiat e, conseqüentemente, ao que parecia, ao banco de trás da vida.

— Não tenho muita família — é tudo o que digo ao final, marcando minha ambigüidade com um dar de ombros, minha própria versão do balançar da cabeça.

Prateek me mostra várias opções de celulares. Escolho um e compro um chip. Ele imediatamente grava o número dele e, por educação, o do seu tio também. Terminamos o nosso chá e então ele anuncia:

— Acho que agora devíamos ir ao cinema.

— Mas acabei de chegar aqui.

— Exatamente. O que é mais indiano do que isso? Quatorze milhões de pessoas...

— Que vão ao cinema a cada dia — interrompo. — Sim, já me contaram.

Ele puxa uma pilha de revistas de sua sacola, as mesmas que eu vi no carro. *Magna. Stardust*. Abre uma e me mostra as páginas de pessoas atraentes, todas com dentes absolutamente brancos. Ele solta um bando de nomes, desolado por eu não conhecer nenhum deles.

— Agora vamos — ele declara.

— Você não tem de trabalhar?

— Na Índia, o trabalho é o mestre, mas o convidado é deus — Prateek informa. — Além disso, se somar o telefone e o táxi... — Ele sorri. — Meu tio não fará objeção. — Ele abre o jornal. — Está passando *Dil Mera Golmaal*. E

também *Gangs of Wasseypur*. Ou *Dhal Gaya Din*. O que acha, Baba?

Prateek e o tio começam uma conversa animada em uma mistura de híndi e inglês, discutindo os méritos e os defeitos dos três filmes. Finalmente entram em um acordo pelo *Dil Mera Golmaal*.

O cinema é um prédio *art déco*, com tinta branca descascando, diferente das casas restauradas às quais Saba costumava me levar quando visitava. Compro nossos ingressos e nossa pipoca. Em retorno, Prateek promete traduzir o filme.

O filme — uma versão enrolada de *Romeu e Julieta*, envolvendo famílias em disputa, gângsteres, um plano terrorista para roubar armas nucleares, além de inúmeras explosões e números de danças — não exige muita tradução. É tão absurdo quanto autoexplicativo.

Mesmo assim, Prateek faz uma tentativa.

— Aquele homem é o irmão daquele, mas ele não sabe — ele cochicha. — Um é mau, o outro é bom, e a garota é noiva do malvado, mas ama o bonzinho. A família dela odeia a família dele e a família dele odeia a família dela, mas os dois, não, pois o problema tem a ver com o pai do outro, que criou a situação ao roubar o bebê no nascimento, entende? Ele também é terrorista.

— Certo!

Depois vem um número de dança e uma cena de briga, e então, de repente, estamos no deserto.

— Dubai — Prateek sussurra.

Prateek explica que o consórcio de petróleo fica lá. Assim como os terroristas.

Há várias cenas no deserto, incluindo um duelo entre dois *monster trucks* que Henk adoraria.

Em seguida, o filme muda subitamente para Paris. Em um momento, há uma visão geral do rio Sena. E, um segundo depois, uma cena mostrando as margens do rio. Então vemos a heroína e o irmão gêmeo bom, que, Prateek explica, se casaram e fugiram juntos. Começam a cantar. Mas não estão mais no Sena; agora estão em uma das pontes arqueadas que cortam os canais em Villette. Eu a reconheço. Lulu e eu passamos embaixo dela, sentados lado a lado, nossas pernas batendo no casco do barco. De vez em quando batíamos acidentalmente os tornozelos e havia algo eletrizante nesse ato, uma atração, só naquilo.

Sinto isso agora neste cinema mofado. Quase como reflexo, meu polegar vai até a parte de dentro do meu pulso, mas o gesto não significa nada aqui no escuro.

Logo a música termina e voltamos à Índia para o *grand finale*, quando as famílias se reúnem e se reconciliam e então há outra cerimônia de casamento e um grande número de dança. Diferentemente do Romeu e da Julieta, esses amantes têm um final feliz.

Depois do filme, caminhamos pelas ruas apinhadas de gente. Agora está escuro e o calor está instável. Cortamos caminho até uma faixa de terra em forma de meia-lua.

— Praia de Chowpatty — Prateek me informa, apontando para os arranha-céus luxuosos na Marine Drive. Eles brilham como diamantes contra a curva estreita da baía.

Há uma atmosfera de carnaval com todos os vendedores de comida ambulantes, palhaços, modeladores de balões e os amantes furtivos aproveitando-se da escuridão para roubar beijos atrás de uma palmeira. Tento não olhar para eles. Tento não me lembrar dos beijos roubados. Tento não me lembrar daquele primeiro beijo. Não nos lábios dela, mas na marca de nascença em seu pulso. Quis beijá-lo durante o dia inteiro. De alguma forma, eu já sabia

exatamente qual seria o sabor.

A água lambe a praia. O mar Árábico. O oceano Atlântico. Dois oceanos nos separam. E, mesmo assim, não é o suficiente.

Após quatro dias, Yael finalmente tira um dia de folga. Em vez de acordar em minha cama de armar e encontrá-la saindo correndo pela porta, vejo-a de pijamas.

— Pedi café da manhã — ela diz com aquela voz seca, o som gutural de seu sotaque israelense praticamente desaparecido depois de tantos anos falando inglês.

Há uma batida na porta. Chaudhary, que parece fazer todos os trabalhos daqui, desliza para dentro do cômodo, empurrando um carrinho.

— Café da manhã, *Memsahib* — ele anuncia.

— Obrigada, Chaudhary — Yael agradece.

Ele nos analisa e depois balança a cabeça.

— Ele não tem nada a ver com você, *Memsahib* — Chaudhary comenta.

— Ele se parece com o *baba* dele — Yael explica.

Sei que é verdade, mas é estranho ouvi-la dizer aquilo. Não tão estranho, imagino, quanto ver o rosto de seu marido morto olhando de volta para ela. Às vezes, quando estou me sentindo generoso, uso isso como justificativa para a distância que ela colocou entre nós nos últimos três anos. E nos dias em que meu lado menos generoso me pergunta: *E os dezoito anos antes disso?*

Com um movimento dramático, Chaudhary serve a torrada, café, chá e suco. Então sai pela porta.

— Ele sai algum dia? — pergunto.

— Para ser sincera, não. Os filhos moram todos fora e a esposa já morreu. Então ele trabalha.

— Parece horrível.

Ela me dá um daqueles seus olhares inescrutáveis.

— Pelo menos ele tem um objetivo na vida.

Ela abre o jornal no meio. Até isso é colorido, uma tonalidade rosa salmão.

— O que fez nesses últimos dias? — ela me pergunta enquanto olha as manchetes.

Voltei para a praia de Chowpatty, os mercados ao redor de Colaba, o Portal. Fui ver outro filme com Prateek. Basicamente andei por aí. Sem destino.

— Um pouco disso, um pouco daquilo — respondo.

— Então hoje vamos fazer um pouco daquilo e disso — ela diz.

No andar de baixo, somos cercados pela costumeira multidão de pedintes.

— Dez rupias — diz uma mulher carregando um bebê dormindo. — Para comprar leite em pó para o meu bebê. Venha comigo para comprar.

Começo a tirar dinheiro, mas Yael me adverte para parar e, em seguida, dá uma bronca na mulher, em híndi.

Eu não digo sequer uma palavra. Mas minha expressão deve ter me denunciado, pois Yael dá uma exasperada explicação.

— É um embuste, Willem. Os bebês são meros acessórios. As mulheres fazem parte de grupos de pedintes, administrados por sindicatos de crime organizado.

Olho para a mulher, agora em pé do outro lado do Taj Hotel, e dou de ombros.

— E daí? Ainda assim ela precisa do dinheiro.

Yael balança a cabeça e franze o cenho.

— Sim, *ela* precisa. E o *bebê* precisa de comida, sem dúvida, mas nenhum deles terá o que precisa. Se você comprasse leite para aquela mulher, pagaria um preço maior, e teria uma maior sensação de benevolência. Teria ajudado uma mãe a alimentar seu filho. O que poderia ser melhor?

Eu não digo nada, pois estive dando dinheiro todos os dias e agora me sinto idiota por isso.

— Assim que você sair, o leite será devolvido para a loja. E seu dinheiro? O dono da loja recebe uma parte; o chefe do crime recebe uma parte. As mulheres, as mulheres são forçadas e não recebem coisa nenhuma. Quanto ao que acontece aos bebês... — Ela se afasta de modo ameaçador.

— O que acontece aos bebês? — A questão sai antes de eu perceber que posso não querer saber a resposta.

— Eles morrem. Às vezes de subnutrição. Às vezes de pneumonia. Quando a vida é tão frágil, qualquer coisa pode tirá-la.

— Eu sei — comento. *Às vezes, mesmo quando a vida não é tão frágil*, penso, e me pergunto se ela está pensando a mesma coisa.

— Na verdade, no dia em que você chegou, eu me atrasei exatamente por causa de uma dessas crianças. — Ela não elabora o assunto, me deixando juntar as peças.

A omissão de Yael consegue me deixar culpado retroativamente por culpá-la — aconteceu algo mais importante, e mais triste —; há sempre algo mais importante. Mas, na maioria das vezes, isso me deixa cansado. Será que ela não poderia simplesmente ter me dito e me poupado de toda a culpa e chateação?

Mas, de novo, às vezes acho que a culpa e a infelicidade são a nossa verdadeira língua comum.



Nossa primeira parada é Shree Siddhivinayak, um templo parecido com um bolo de casamento sendo atacado por uma horda de turistas, como formigas. Yael e eu nos posicionamos entre a multidão e nos empurramos para dentro de um saguão dourado, caminhando até uma estátua do deus elefante coberta de flores. O elefante é vermelho, tom de beterraba, como se estivesse envergonhado, ou talvez só estivesse com calor, como nós.

— Ganesha — Yael me explica.

— O removedor de obstáculos.

Ela assente.

Ao nosso redor, as pessoas colocam guirlandas de flores em volta do manto, ou cantam ou rezam.

— É necessário fazer uma oferenda? — pergunto. — Para que os obstáculos sejam removidos?

— Você pode — ela responde. — Ou apenas entoe um mantra.

— Que mantra?

— Há vários. — Yael não diz nada durante um tempo. E então, com uma voz baixa e nítida, ela entoia: — *Om Gam Ganapataye Namaha*. — Ela me dá uma olhada, como para dizer que aquilo era o suficiente.

— O que quer dizer?

Ela ergue a cabeça.

— A tradução é mais ou menos “acorde!”.

— Acorde?

Ela me olha por um segundo, e, apesar de termos os mesmos olhos, eu realmente não faço ideia do que ela vê.

— No mantra, não é a tradução que importa. É a intenção — ela explica. — E é isso o que se diz quando deseja um novo começo.



Depois do templo, subimos em um riquixá.

— Agora para onde? — pergunto.

— Vamos nos encontrar com Mukesh para o almoço.

Passamos a próxima meia hora em silêncio à medida que nos embrenhamos no trânsito e desviamos de mais vacas, finalmente chegando a uma espécie de shopping center empoeirado. Enquanto pagamos ao motorista, um homem alto, encorpado e sorridente, de camisa branca volumosa, sai correndo de um lugar chamado Outbound Travels.

— Willem! — ele diz, me cumprimentando efusivamente, pegando minhas duas mãos. — Seja bem-vindo.

— Obrigado! — digo, olhando de um lado para o outro entre ele e Yael, que, definitivamente, não está olhando para ele, e eu me pergunto o que exatamente está acontecendo. Eles estão juntos? Seria bem característico dela, apresentar a ideia de um namorado sem apresentá-lo como namorado e deixar que eu mesmo descubra.

Mukesh diz ao nosso motorista para esperar, e então volta à agência de viagens para pegar uma bolsa de plástico, e em seguida subimos de volta no riquixá e passamos mais quinze minutos no trânsito até chegarmos ao restaurante.

— É do Oriente Médio — Mukesh diz, orgulhosamente. — Como a mamãe.

Mukesh afasta o cardápio para o lado e chama o garçom, pedindo porções de homus e folhas de uva, baba ganoush e tabule.

Quando a primeira porção de homus chega, Mukesh me pergunta se até o momento tenho gostado da comida indiana.

Eu conto sobre as dosas e as pakoras que tenho comido nas barraquinhas.

— Ainda não experimentei um curry de verdade.

— Precisamos providenciar para você — ele diz. — E é para isso que estou aqui. — Ele enfia a mão na bolsa de plástico e tira várias brochuras brilhantes. — Não tem muito tempo aqui, então sugiro que escolha uma região, Rajastão, Kerala, Uttar Pradesh, e explore-a. Tomei a liberdade de trazer algumas amostras de itinerários. — Ele me passa uma folha impressa no computador. Uma delas é para o Rajastão. Tem tudo. Voos de volta para Jaipur, conexões para Jodphur, Udaipur e Jaisalmer. Tem até um passeio de camelo. Há também um pacote com itinerário parecido para Kerala, voos, conexões, passeios de barco pelo rio.

Estou confuso.

— Vamos fazer uma viagem? — pergunto a Yael.

— Ah, não, não — Mukesh responde no lugar dela. — A mamãe tem de trabalhar. Esta é uma viagem especial para você, para ter certeza de que sua estada na Índia seja maravilhosa.

E então eu compreendo o olhar culpado. Mukesh não é o namorado. Ele é o agente de viagem. O escolhido para me trazer aqui. O escolhido para me mandar embora.

Pelo menos sei por que estou aqui. Não para um novo começo. Um convite impetuoso que não deveria ter sido feito, um convite que não deveria ter sido aceito, e, acima de tudo, um convite no qual não deveríamos ter insistido.

— Qual viagem você prefere? — Mukesh pergunta. — Ele parece não ter noção do terreno espinhoso onde está pisando.

Sinto minha raiva fervente e biliosa, mas a mantenho trancada até que ela se reverta e eu fique furioso comigo mesmo. Qual é a definição de insanidade? Fazer sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes.

— Esta aqui — digo, dando um peteleco na brochura no topo da pilha. Eu nem mesmo olho para onde vai. Mas essa não é a questão neste momento.

março

Jaisalmer, Índia

São dez horas em Jaisalmer, e o sol do deserto está tinindo sobre as pedras de areia colorida da cidade fortificada. As ruelas estreitas e as escadarias estão inundadas de calor e fumaça da queima de esterco durante a madrugada, e isso, juntamente com as vacas e os camelos sempre presentes, dá um aroma particular à cidade.

Passo por um grupo de mulheres com os olhos pintados de kajal, olhando para baixo, parecendo tímidas, apesar de conseguirem flertar de outras maneiras, com o farfalhar de seus sáris de cores eletrizantes e o tilintar de suas tornozeleiras.

No sopé da montanha, percorro várias barracas vendendo tecidos locais. Paro em uma delas, dando uma olhada em um painel roxo espelhado.

— Gosta do que vê? — o jovem atrás do balcão pergunta casualmente, sem dar sinal de que me conhece, exceto pelo brilho nos olhos.

— Talvez — digo, indiferente.

— Gosta de alguma coisa específica?

— Estou procurando algo.

Nawal meneia a cabeça solenemente, sem vestígio de sorriso, sem vestígio de que tivemos quase essa mesma conversa nos últimos quatro dias. É quase um jogo. Ou uma peça de teatro que começamos a interpretar quando encontro o tapete que quero. Ou, melhor, que Prateek quer.

Dois dias de tour pelo Rajastão, quando ainda estava tomado pela amargura e pela bile, e com a cabeça quase feita para voltar para Amsterdã mais cedo, Prateek me mandou uma mensagem de texto sobre sua “grande proposta!!!!”. Acabou não sendo tão grande assim. Ele queria que eu comprasse artesanato rajastani para revender em Mumbai, com um adicional. Ele me reembolsaria pelo que eu tinha gastado e nós dois dividiríamos o lucro. A princípio eu disse não, especialmente depois de ele ter me mandado a lista de compras. Mas, então, um dia em Jaipur fui parar no Bapu Bazaar sem nada para fazer, daí comecei a procurar pelos tipos de sandália que ele queria. E a partir daí continuei. Combinar os mercados de temperos e pulseiras e um tipo muito particular de sandálias de couro deu um pouco de sentido à viagem, me fazendo esquecer de que ela era, na verdade, um exílio. E, por isso, prolonguei meu exílio, pedindo que Mukesh estendesse a viagem por mais uma semana. Agora faz três semanas que parti, e voltarei a Mumbai a poucos dias de meu voo de volta para Amsterdã.

Em Jaisalmer, Prateek me instruiu a comprar um tipo específico de tapeçaria pela qual a região é conhecida. Deve ser de seda, e saberei se é seda, pois tenho de queimar um fio e ele terá o odor de cabelo queimado. Precisa ser bordado costurado, não colado, e saberei que é costurado porque tenho de virá-lo do avesso e puxar o fio, que também deve ser de seda e testado com um fósforo. E não é para custar mais do que duas mil rupias, e preciso barganhar, e muito. Prateek tinha dúvidas profundas sobre minha habilidade de barganha, pois diz que paguei muito caro pela minha viagem de táxi, mas eu o assegurei de que já vira meu avô abaixar o preço de um bloco de queijo curado pela metade no mercado Albert Cuyp, e que estava no sangue.

— Chá, talvez, enquanto olha? — Nawal pergunta. Olho embaixo do balcão e vejo que, como ontem, o chá já está pronto.

— Por que não?

Neste ponto, o script termina e a conversa começa. Durante horas. Sento-me na cadeira de lona perto da de Nawal, e, assim como fizemos nos últimos quatro dias, conversamos. Quando fica muito quente, ou quando Nawal tem um cliente importante, eu vou embora. Antes de ir, ele abaixa o preço em quinhentas rupias,

para ter certeza de que eu voltarei no dia seguinte para fazer tudo de novo.

Nawal serve o chá de ervas de uma chaleira de metal enfeitada. O rádio dele está tocando a mesma música maluca indiana que Prateek adora.

— Jogo de críquete mais tarde. Se quiser ouvir — ele me informa.

Eu tomo um gole de chá.

— Críquete? É mesmo? A única coisa mais chata do que assistir a um jogo de críquete é ouvi-lo.

Nawal gosta de me ensinar todas as coisas que eu não entendo. Eu não entendo de críquete, nem de futebol, para falar a verdade, e não entendo a política entre a Índia e o Paquistão, e não entendo a verdade sobre o aquecimento global, e, certamente, não entendo por que casamentos por amor são inferiores aos casamentos arranjados. Ontem cometi o erro de perguntar por que os casamentos por amor eram tão errados, e ouvi um sermão e tanto.

— O índice de divórcio na Índia é o menor do mundo. No Ocidente, é de cinquenta por cento. E isso se considerarmos que realmente se casem — Nawal disse, contrariado. — Aqui, vou lhe contar uma história: os meus avós, todos os meus tios, minhas tias, meus pais, meus irmãos, todos tiveram casamentos arranjados. Vida longa e feliz. Meu primo, ele escolheu se casar por amor, e, depois de dois anos sem filhos, a esposa o deixou em desgraça.

— O que aconteceu? — perguntei.

— O que aconteceu foi que eles não eram compatíveis — ele respondeu. — Eles dirigiam sem um mapa. Não se pode fazer isso. Deve-se planejar direito. Amanhã eu lhe mostrarei.

Assim, hoje Nawal trouxe uma cópia do relatório astrológico feito para decidir

se ele e sua noiva, Geeta, são compatíveis. Nawal insiste que ele mostra o futuro feliz dele e de Geeta, ordenado pelos deuses.

— Por questões como essa, é preciso confiar em forças maiores que o coração humano — diz ele.

O quadro não se parece em nada com uma das equações de W, com o papel dividido em duas seções e símbolos diferentes em cada uma. Sei que W acredita que todas as questões da vida podem ser resolvidas através de princípios matemáticos, mas acho que até ele acharia isso um pouco demais.

— Você não acredita, não é? — Nawal me desafia. — Me diga um bom casamento por amor que tenha durado.

Lulu tinha feito uma pergunta parecida. Sentada naquele café, discutindo sobre o amor, ela quis saber de um casal que tivesse permanecido apaixonado, que ficou manchado para sempre. E então eu disse *Yael e Bram*. O nome deles simplesmente saiu. E foi muito estranho porque, em dois anos de viagem, não falei sobre eles a ninguém, nem mesmo para as pessoas com quem viajei durante muito tempo. Assim que dissera aquilo, quis lhe contar tudo sobre eles, a história de como se conheceram, como pareciam se encaixar como peças de um quebra-cabeça, e como, às vezes, eu parecia não fazer parte da equação. Mas fazia tanto tempo que eu não falava sobre eles que não sabia mais como fazê-lo. Apesar de, estranhamente, aquilo parecer ser outra coisa não dita sobre a qual ela já sabia. Mesmo assim, gostaria de ter lhe contado tudo. Mais uma coisa na minha lista de arrependimentos.

Estou prestes a contar a Nawal sobre eles. Meus pais, que tiveram um casamento por amor absolutamente fabuloso; mas, de novo, talvez estivesse escrito lá nos relatórios astrológicos, desde sempre, como terminaria. E eu me perguntei: se soubesse que um casamento de vinte e cinco anos de amor, ao final, acabaria com você, ainda assim se arriscaria? Pois não é inevitável? Quando se faz um saque de felicidade, em algum ponto não é necessário fazer um depósito do mesmo tamanho? Tudo leva de volta à lei do equilíbrio.

— Acho que esse negócio de se apaixonar é um erro — Nawal continua. — Quer dizer, olhe só para você — ele diz, como se fosse uma acusação.

— Qual o problema *comigo*?

— Você tem vinte e um anos e está sozinho.

— Não estou sozinho. Estou aqui com você.

Nawal me olha com pesar, me lembrando de que, por mais prazerosos que esses dias tenham sido, ele está aqui para vender e eu estou aqui para comprar alguma coisa.

— Você não tem esposa. E aposto que já esteve apaixonado. E aposto que já se apaixonou muitas vezes, como sempre aparece nos filmes ocidentais.

— Na verdade, já me apaixonei. — Nawal me olha com surpresa e eu estou prestes a explicar que, apesar de nunca ter tido um amor, eu já me apaixonei muitas vezes. Que estas são duas entidades completamente separadas.

Mas, então, paro. Pois, de novo, sou transportado dos desertos do Rajastão para aquele café em Paris. Quase consigo ouvir o ceticismo da voz de Lulu quando eu disse a ela: “Existe uma enorme diferença, Lulu, entre ficar apaixonado e se apaixonar”. Em seguida, passei o dedo sobre a Nutella que havia no pulso dela, supostamente para demonstrar meu ponto, mas, na verdade, era uma desculpa para ver qual o sabor que ela tinha.

Ela riu de mim. Disse que a distinção entre se apaixonar e ficar apaixonado era falsa. “Parece que você gosta de aprontar por aí. O que não tem problema nenhum. Mas pelo menos admita isso para si mesmo.”

Sorrio ao me lembrar daquilo, apesar de Lulu, que sempre estivera correta com relação a muitas coisas sobre mim naquele dia, estar errada neste ponto.

Yael fora treinada como soldada paraquedista nas Forças de Defesa de Israel e uma vez descreveu como era pular de um avião: empurrar o ar, o vento por todo lado, a euforia, a velocidade, o estômago na garganta, a aterrissagem difícil. Aquilo sempre me pareceu a maneira exata de descrever como eram as coisas com as garotas — o vento e a euforia, o empurrão, o desejo, a queda livre. O fim abrupto.

No entanto, por mais estranho que possa parecer, aquele dia com Lulu não se pareceu em nada com uma queda. Pareceu uma chegada.



Nawal e eu bebemos nosso chá e ouvimos música, conversamos sobre a proximidade das eleições e do campeonato de futebol na Índia. O sol tórrido atravessa o teto da tenda, e nós ficamos quietos no calor. Nenhum cliente aparece nesta hora do dia.

O toque do meu telefone perturba nosso idílio. Só podia ser Mukesh. Ele é a única pessoa que me liga aqui. Prateek passa mensagem de texto. Yael não faz nem uma coisa nem outra.

— Willem, está tudo indo bem? — ele pergunta.

— Muito bem — eu respondo. Na hierarquia de Mukesh, muito bem é um degrau acima de excelente.

— Excelente. Não precisa se preocupar, mas eu ligo com uma pequena mudança de planos. O tour de camelo foi cancelado.

— Cancelado? Por quê?

— Os camelos ficaram doentes.

— Doentes?

— Sim, sim; vômito, diarreia, terrível, terrível.

— Não dá para marcar outro? — O passeio de três noites pelo deserto, de camelo, era a única parte do itinerário planejado pela qual eu esperava. Quando prorroguei minha viagem por uma semana, pedi a Mukesh para remarcar o passeio de camelo para mim.

— Eu tentei. Mas, infelizmente, só consegui outro tour daqui a uma semana, e, se for nesse, perderá seu voo para Dubai na próxima segunda-feira.

— Algum problema? — Nawal pergunta.

— Meu passeio de camelo foi cancelado. Os camelos ficaram doentes.

— Meu primo faz um tour. — Nawal já estava pegando o celular. — Posso arranjar tudo para você.

— Mukesh, acho que meu amigo aqui consegue me colocar em um tour diferente.

— Ah, não, Willem. Isso seria inaceitável. — O tom dele, sempre amigável, fica brusco. Então, em uma voz mais branda, ele continua: — Já marquei seu trem de volta para Jaipur esta noite, e um voo de volta para Mumbai amanhã.

— Hoje à noite? Por que a pressa? Eu só vou embora daqui a uma semana. — Quando pedi a Mukesh para prorrogar minha viagem no Rajastão por mais uma semana, também tinha pedido a ele para marcar meu voo de volta para Mumbai. Tinha tudo cronometrado perfeitamente, assim só precisaria ver Yael por dois dias no final da viagem. — Talvez eu pudesse ficar aqui por mais alguns dias.

Mukesh estala a língua, que, em seu dialeto particular, é exatamente o oposto de “muito bem”. Ele começa a tagarelar sobre os horários dos voos e as mudanças de preços e o risco de ficar preso na Índia a não ser que viesse para Mumbai agora, e finalmente, não há nada a fazer senão concordar com ele.

— Bom, bom. Eu enviarei a você o itinerário por e-mail — ele diz.

— Meu e-mail não está funcionando direito. Fui bloqueado e tive de refazer a senha e então muitas mensagens recentes sumiram — explico. — Aparentemente há um vírus por aí.

— Sim, isso seria o vírus Jagdish, ai, ai — ele lamentou de novo. — Será preciso abrir uma nova conta. Enquanto isso, eu mandarei uma mensagem de texto com seu itinerário do trem e do voo.

Desligo a ligação com Mukesh e enfio a mão na mochila procurando minha carteira. Conto três mil rupias, o último preço que Nawal tinha dado. Ele fica boquiaberto.

— Tenho de ir embora — explico. — Hoje à noite.

Nawal alcança um quadrado grosso embrulhado em papel pardo embaixo do balcão.

— Separei no primeiro dia, assim ninguém pegaria. — Ele desembrulha o papel, me mostrando a tapeçaria. — Coloquei uma coisinha extra para você.

Dizemos adeus. Desejo a ele sorte no casamento.

— Não preciso de sorte; está escrito nas estrelas. É você quem precisa de sorte, eu acho.

Isso me faz lembrar algo que Kate disse quando me deixou em Mérida.

“Eu gostaria de lhe desejar boa sorte, Willem, mas acho que precisa parar de contar com isso.”

Não tenho certeza sobre qual dos dois está certo.

Empacoto minhas coisas e caminho até a estação de trem sob o calor do fim da tarde. A cidade parece dourada até o ápice das montanhas, as dunas de areia se amontoando atrás dela, e já faz me sentir melancólico e nostálgico.

O trem me deixa em Jaipur às seis da manhã no dia seguinte. Meu voo para Mumbai é às dez horas. Ainda não tive a chance de abrir uma nova conta de e-mail e Mukesh não me passou nada sobre a viagem de avião. Passo uma mensagem para Prateek. Ele não respondeu a nenhuma de minhas mensagens nos dois últimos dias. Então tento ligar para ele.

Ele atende, distraído.

— Ei, Prateek, é o Willem.

— Willem, onde você está?

— No trem. Estou com seus tapetes aqui. — Balanço o pacote.

— Ah, que bom. — Para quem estava tão entusiasmado com essa última aventura, Prateek parece estranhamente *blasé*.

— Está tudo bem?

— Melhor do que bem. Muito bem. Meu primo, Rahul, está com gripe.

— Isso é terrível. Ele está bem?

— Sim. Sim. Mas muito repouso para ele — Prateek diz alegremente. — Eu o estou ajudando. — Ele abaixa o tom de voz para um sussurro. — Com os filmes.

— Com os filmes?

— Sim! Encontro *goreh* para trabalhar nos filmes. Se eu conseguir dez, colocam o meu nome nos créditos. Assistente do assistente do diretor de elenco.

— Parabéns.

— Obrigado — ele responde formalmente. — Mas só se eu encontrar mais quatro. Amanhã, volto ao Exército da Salvação e talvez ao aeroporto.

— Na verdade, se você for para o aeroporto, é perfeito. Preciso de uma carona.

— Mas pensei que você iria embora no sábado.

— Mudança de planos. Vou embora amanhã.

Há um silêncio durante o qual Prateek e eu temos a mesma ideia.

— Você gostaria de entrar no filme? — ele pergunta ao mesmo tempo em que eu ofereço:

— Você gostaria que eu entrasse...?

A linha ecoa com nossa risada. Dou a ele minha informação de voo e desligo.

Do lado de fora, o sol está se pondo; atrás do trem, uma chama brilhante, e à nossa frente, a escuridão. Pouco depois, tudo está escuro.

Mukesh reservou para mim uma poltrona noturna em um vagão com ar-condicionado que a India Rail esfria tanto quanto um refrigerador de açougue. A cama não tem nada exceto um lençol. Eu tremo e então penso no tapete, grosso e quente. Desembrulho o papel; de dentro cai algo pequeno e duro.

É uma pequena estátua de Ganesha, segurando um machado e sua flor de lótus, sorrindo aquele sorriso de quem sabe algo que o restante de nós ainda não descobriu.



Mumbai

O nome do filme é *Heera Ki Tamanna*, que se traduz, mais ou menos, por *Em Busca de um Diamante*. É um romance estrelado por Billy Devali — um grande astro — e Amisha Rai — uma superestrela — e dirigido por Faruk Khan, que aparentemente é tão famoso que não precisa de grandes apresentações. Prateek me diz tudo isso em um monólogo sem fôlego; ele mal parou de falar desde que me pegou no saguão de desembarque do aeroporto e me apressou para entrar no carro, mal passando o olho pelas mercadorias do Rajastão que eu comprei e barganhei com tanto cuidado nas últimas três semanas.

— Ah, Willem, esse era o último plano — ele diz, balançando a cabeça, consternado por ter de explicar coisas desse tipo. — Estou trabalhando em Bollywood agora. — Em seguida, ele me conta que ontem Amisha Rai passou tão perto dele que a ponta do sári dela roçou seu braço. — Posso lhe dizer como foi? — ele pergunta, agora esperando minha resposta. — Foi como um carinho dos deuses. Posso lhe contar o cheiro dela? — Ele fecha os olhos e respira fundo. Aparentemente, o cheiro dela desafia as palavras.

— O que exatamente eu faço?

— Você se lembra de *Dil Mera Golmaal*, a cena depois do tiroteio?

Eu assinto. Era como em *Cães de Aluguel*, mas em um navio. Com dança.

— De onde você acha que vêm todas essas pessoas brancas?

— Do mesmo lugar mágico dos gogo boys?

— De diretores de elenco como eu. — Ele bate no peito.

— Diretor de elenco? Então é oficial. Conseguiu os dez?

— Você é o oitavo. Mas chego lá. Você é tão alto e bonito e... branco.

— Talvez eu possa contar como dois — brinco.

Prateek me olha como se eu fosse um idiota.

— Não. Você conta por um. Você é só um homem.



Chegamos à Cidade Cinematográfica, um subúrbio que abriga muitos dos estúdios, e entramos em um complexo e em seguida dentro do que parece um enorme hangar.

— Ah, por falar nisso, o pagamento — Prateek diz, indiferentemente. — Devo lhe dizer que são dez dólares por dia.

Eu não respondo. Não esperava receber nenhum pagamento.

Ele interpreta meu silêncio erroneamente.

— Sei que não é muito para os ocidentais — ele explica. — Mas terá as refeições e também alojamento, assim não precisará pegar condução para Colaba toda noite. Por favor, diga que concorda.

— Claro que concordo. Não estou aqui pelo dinheiro. — É exatamente o que Tor costumava dizer sobre o Will Guerrilheiro. “Não estamos aqui pelo dinheiro.” No entanto, metade das vezes que dizia isso estava contando cuidadosamente o lucro da noite, ou olhando os relatórios sobre a previsão de

tempo no *International Herald Tribune* para definir os lugares mais ensolarados, e mais lucrativos, para irmos depois.

Naquela época eu estava naquilo pelo dinheiro. Até mesmo o pouco que ganhava no Will Guerrilheiro era suficiente para me impedir de voltar para um lar indesejado.

É engraçado como as coisas pouco mudaram.



No estúdio, Prateek me apresenta a Arun, o assistente do diretor de elenco, que faz uma breve pausa de sua conversa ao celular para me avaliar. E ele diz algo para Prateek, em híndi, então balança a cabeça e brada:

— Figurino.

Prateek aperta meu braço enquanto me leva até a sala de figurino, que é uma série de cabideiros rolantes cheios de ternos e vestidos, mantidos por uma mulher de óculos mal-humorada.

— Encontre alguma coisa que lhe sirva — ela ordena.

Tudo é pelo menos uma cabeça mais curta para mim. Que é mais ou menos o tanto que sou mais alto do que a maioria dos indianos. Prateek olha, preocupado.

— Você tem um terno? — ele pergunta.

A última vez que usei um terno foi no funeral de Bram. Não, não tenho um terno.

— Qual é o problema? — Neema, a mulher do guarda-roupa, refuta.

Prateek abaixa a cabeça, desculpando-se por minha altura, como se fosse um defeito de personalidade.

Ela respira fundo.

— Espere aqui.

Prateek olha para mim, alarmado.

— Espero que não lhe mandem de volta. Arun acabou de me dizer que um dos *ashram* foi embora hoje de manhã e agora estou de volta para os sete.

Eu curvo os ombros, ficando mais baixo.

— Isso ajuda?

— O terno não servirá — ele diz, balançando a cabeça como se eu fosse um imbecil.

Neema volta com um porta-terno. Dentro há um terno recém-passado, azul brilhante, de tecido bem liso.

— Isto é do guarda-roupa dos atores, então não estrague — ela me avisa, me empurrando para dentro de uma área acortinada para experimentar a roupa.

O terno serve. Quando Prateek me olha, sorri.

— Você parece tão alta classe — ele diz, embasbacado. — Venha, passe perto de Arun. Casualmente, como quem não quer nada. Ah, sim, ele vê. Muito bom. Acho que acabei de garantir um lugar nos créditos. E pensar que um dia poderei

ser como Arun.

— Ouse sonhar.

Estou brincando, mas me esqueço de que Prateek entende tudo literalmente.

— Ah, com certeza. Sonhar é a ousadia suprema, não é?



O set de filmagem é um falso bar, com um piano de cauda bem no meio. As estrelas indianas circulam pela área em torno do bar, e então mais para dentro, no meio do círculo de cinquenta e poucos extras. A maioria é de indianos, mas há mais ou menos quinze ou vinte ocidentais. Eu fico parado ao lado de um indiano de smoking, mas ele semicerra os olhos para mim e sai de fininho.

— São uns esnobes! — diz, rindo, uma garota magra e bronzeada com um vestido azul brilhante. — Não falam com a gente!

— É como um colonialismo reverso, ou coisa do gênero — diz um cara com cabelo rastafári amarrado em um elástico. — Nash — ele se apresenta, oferecendo a mão.

— Tasha — diz a garota.

— Willem.

— Willem — eles repetem, sonhadores. — Você está no *ashram*?

— Não.

— Ah. Pensamos que não estivesse. Teríamos reconhecido você — Tasha comenta. — Você é tão alto. Como Jules.

Nash balança a cabeça. Eu também. Todos balançamos a cabeça para a altura dessa tal de Jules.

— O que os traz à Índia? — pergunto, escorregando rapidamente de volta para a língua dos cartões-postais.

— Somos refugiados — Tasha explica. — Do famoso mundo materialista e obcecado por celebridades dos Estados Unidos. Estamos aqui para nos purificar.

— Aqui? — Eu aponto para o set.

Nash ri.

— A purificação não é de graça. Na verdade, é bem cara. Então estamos aqui tentando ganhar tempo. E você, cara? O que traz você para as terras de Bollywood?

— A fama, claro.

Os dois riem. Então Nash pergunta:

— Quer dar uma pitada? Eles não vão fazer nada a não ser nos fazer esperar.
— Ele tira um corpulento baseado. — Espero melhor assim, bem chapado.

Dou de ombros.

— Por que não?

Saímos sorrateiramente para onde metade dos extras parece fumar cigarros à sombra dos toldos. Nash acende o cigarro e dá uma tragada, passa para Tasha, que dá uma tragada longa e profunda, e depois passa o cigarro para mim. A erva é forte e eu não faço isso há tempos, assim, me atinge instantaneamente. Passamos o cigarro na roda algumas vezes.

— Você é muito... alto, Willem — Tasha comenta.

— É, acho que você já disse isso.

— Precisamos realmente apresentá-lo a Jules — Tasha enrola a língua. — Ela é alta. E canadense.

— Com certeza — Nash concorda. — Excelente ideia.

O mundo acaba de ficar um pouco confuso, muito brilhante e giratório.

— Quem é Jules? — pergunto.

— É uma garota — Nash responde. — Bonitinha. Cabelo vermelho. Ela está no *ashram*, mas deve vir aqui daqui um ou dois dias. Ela é alta. Ah, Tasha já disse isso. Que merda, aí vem o cara assistente do diretor. Esconda o baseado.

Tasha pinça o baseado entre os dedos no momento em que o homem parecido com um passarinho chega e nos olha. Apesar de ser Tasha quem está segurando o cigarro, é para mim que ele olha. Ele pega o celular e tira uma foto, e então desaparece sem dizer uma só palavra.

— Ah! Que merda! — Tasha diz, gargalhando. — Fomos pegos.

— *Ele* foi pego — Nash diz, parecendo um pouco ofendido. — Só tiraram foto dele.

— Se tem haxixe, a culpa é sempre de um holandês — digo.

— Ah, claro — Nash diz, balançando a cabeça.

— Agora estou doida — Tasha diz.

— Vamos voltar. Guarde o resto para mais tarde — Nash diz.

Com a maconha vibrando em minha cabeça, o set de espera fica mais devagar, não mais rápido. Passo alguns minutos virando a moeda de rupia em minha mão, mas ela fica caindo. Pego o celular para jogar Paciência, mas então, em um estranho capricho “viajante”, uso o celular para seu real objetivo. Faço uma ligação.

— Oi... aqui é o Willem — digo quando ela atende.

— Eu sei quem é — consigo ouvir a fúria na voz dela. Até ligar para ela me coloca em apuros? — Onde você está? — ela pergunta.

— Estou em um set de filmagem. Vou trabalhar como ator em um filme de Bollywood nos próximos dias.

Silêncio. Yael nunca teve muita paciência para cultura “menor”, exceto pela música pop e brega de Israel, à qual ela não resistia. Ela não gostava de filmes ou de shows de TV. Ela, com certeza, acha que tudo isso é perda de tempo.

— E quando resolveu fazer isso? — ela finalmente pergunta. A voz dela é como uma faísca a ponto de desencadear um incêndio.

— Ontem. Hoje de manhã, oficialmente.

— E quando pensou em me contar?

Talvez seja a maconha, mas eu dou uma gargalhada de verdade. Porque é simplesmente engraçado o jeito como as coisas absurdas são.

Yael não acha.

— O que é tão engraçado?

— O que é tão engraçado? — pergunto. — Você querendo saber meu itinerário, isso é muito engraçado. Quando não estive nem aí sobre meu paradeiro e meu bem-estar nos últimos três anos. Quando me trouxe para a Índia e uma semana depois me mandou zarpar de novo, e nem se deu ao trabalho de ligar uma só vez. Você nem se deu ao trabalho de ir ao aeroporto me buscar. Ah, eu sei que houve uma emergência, algo mais importante, mas sempre há, não é mesmo? Então, por que precisaria saber que eu estava trabalhando como ator em um filme em Bollywood?

Eu paro. E é como se os efeitos da maconha tivessem desaparecido, levando com eles minha raiva e minha coragem.

— O motivo de eu precisar saber — ela diz, a voz furiosamente contida — é para eu não ir buscá-lo no aeroporto desta vez.

Depois de ela desligar, viro meu telefone. Vejo meia dúzia de ligações perdidas, as mensagens de texto de “Onde você está?”

Outra conexão perdida. Atualmente, a história da minha vida.



Naquela noite, terminamos às oito horas e subimos em um ônibus capenga para uma viagem de uma hora até um hotel de cimento onde colocam quatro pessoas por quarto. Acabo ficando com Nash e Tasha e Argin, outro acólito do *ashram* deles. Os três passam um baseado na roda e contam histórias repetitivas sobre alcançar a luz espiritual. Oferecem o baseado para mim, mas, depois do desastre com Yael, embalado a haxixe, não confio em mim mesmo. Mais tarde, pego no sono, mas acordo no meio da noite com o barulho entusiástico da armação da cama. Nash e Tasha. Ou talvez os três juntos. É extremamente desagradável — e é patético, pois não consigo pensar em outro lugar onde gostaria de estar.



No dia seguinte, no set, é mais do mesmo. Depois de colocar meu terno, vejo Prateek por meio segundo antes de ele sair apressadamente.

— Preciso encontrar mais pessoas — ele me diz. — Três foram embora ontem. Preciso de quatro hoje!

Neema me joga um mau-olhado. O diretor assistente tira outra foto. Estão realmente levando a sério a história do terno.

No fim da tarde, Prateek volta com novos recrutas, incluindo uma mulher de pernas enormes com cabelo vermelho de mechas cor-de-rosa.

— Jules! — Nash e Tasha gritam quando ela chega. Eles todos se abraçam e dançam em um pequeno círculo, então Tasha acena para eu me juntar a eles.

— Jules — ela diz. — Este é Willem. Decidimos que ele é perfeito para você.

— Ah, é mesmo? — Jules revira um pouco os olhos. Ela é alta, não tão alta quanto eu, mas quase. — Sou Jules, mas aparentemente você já sabe disso — ela se apresenta.

— Sou Willem.

— Gosto do seu terno, Willem.

— E deveria mesmo. É um terno especial. Tão especial que eles não param de tirar fotos para ter certeza de que não vou estragá-lo.

— Obviamente é um homem que sabem como se virar no closet. Preciso ir até o local dos figurinos. Pode me mostrar aonde ir?

— Com prazer.

Ela enrosca o braço em volta do meu enquanto caminhamos até os cabideiros.

— Quer dizer que conheceu Nash e Tasha?

— Tive o prazer de passar a noite com eles.

Ela faz uma careta.

— Eles fizeram sexo, não foi?

Eu confirmo.

Ela balança a cabeça.

— Meus pêsames.

Eu rio do comentário.

— Bem, eu vou ficar no quarto com você esta noite. Vou tentar compensar as coisas. — Ela me dá uma olhada. — Não desse jeito, se é o que está pensando.

— Tudo em que estou pensando é colocar você dentro de um vestido — digo.

— Verdade? — ela pergunta. — Me colocar *dentro* de um vestido?

Eu rio de novo. Jules tem os braços enroscados nos meus, o que é uma boa distração da ressaca em que estou desde a briga com Yael ontem. Garotas sempre foram as melhores distrações do mundo.

Até uma garota se tornar o motivo pelo qual eu preciso me distrair.

Já passa das cinco horas quando finalmente começamos a filmar. Nossa cena é uma canção, o momento quando o personagem de Billy Devali acaba de conhecer o personagem de Amisha Rai e fica tão enlouquecido que começa a cantar e a tocar piano. Temos de assistir, encantados com sua autêntica demonstração de amor à primeira vista. Ao final, aplaudimos.

Passamos o restante do dia filmando. Quando a filmagem termina, o diretor assistente nos diz para planejarmos ficar por pelo menos mais dois dias. Prateek me puxa de lado para dizer que provavelmente será mais do que isso e se eu me importava em ficar. Eu não me importo. Estou feliz em ficar até o meu voo de volta para a Holanda.

Estamos fazendo fila para o ônibus de novo quando o diretor assistente tira outra foto minha.

— Cara, eles estão montando um caso sério contra você — Nash diz.

— Não entendo — respondo. — Nem estou usando o terno agora.

Aquela noite no hotel, somos cinco. Nash, Tasha, Argin, eu e Jules. Jules e eu dividimos um colchão no chão. Nada acontece. Pelo menos não conosco. A presença dela não impede Nash e Tasha de fazerem sua ginástica no meio da noite, mas, quando ela acontece, vejo Jules tremendo de tanto rir, e então, eu começo a rir também.

Ela vira de lado para me encarar.

— A miséria adora companhia — ela sussurra.



No dia seguinte, estou na fila do almoço para dal e arroz quando o diretor assistente me dá um tapinha nas costas. Desta vez, faço até uma pose esperando a foto, mas não há nenhuma câmera. Em vez disso, ele me instrui para ir com ele.

— Você sujou o terno? — Jules me pergunta.

Arun anda rápido atrás de nós, seguido por Prateek, que parece intrigado. Quanto pode custar esse terno?

— O que está havendo? — pergunto a Prateek ao passarmos pelo set em direção à fileira de trailers.

— Faruk! Khan! — Ele solta os nomes como se estivesse tossindo.

— O que tem Faruk Khan? — Mas, antes de Prateek responder, sou puxado escada acima e empurrado para dentro de um dos trailers. Dentro, Faruk Khan, Amisha Rai e Billy Devali estão sentados juntos. Todos olham fixamente para mim durante o que parece uma eternidade, até Billy finalmente soltar:

— Aí está! Eu não disse?

Amisha acende outro cigarro e chuta seu pé descalço, coberto com tatuagens de hena parecidas com folhas de uva.

— Você está absolutamente certo — ela concorda com um sotaque cantante e ritmado. — Ele parece um astro de cinema americano.

— Parece aquele lá... — Billy estala os dedos. — Heath Ledger.

— Só que não está morto — Faruk diz.

Eles estalam a língua em acordo.

— Acho que Heath Ledger era da Austrália — digo.

— Isso não importa — Faruk diz. — De onde você é? América? Reino Unido?

— Holanda.

Billy enrugou o nariz.

— Você não tem sotaque.

— Soa quase como um britânico — Amisha comenta. — Bem parecido com sul-africano.

— Isso é mais parecido com sul-africano — retruco com um sotaque africâner cortado.

Amisha bate palmas.

— Ele consegue fazer sotaques.

— Africâner é parecido com holandês — explico.

— Já trabalhou como ator antes? — Faruk pergunta.

— Não muito.

— Não muito? — Amisha pergunta arqueando uma sobrancelha.

— Um pouco de Shakespeare.

— Não se pode dizer “não muito” e depois dizer que fez Shakespeare — Faruk diz, desdenhoso. — Qual o seu nome? Ou devemos chamá-lo de sr. Não Muito?

— Prefiro Willem. Willem de Ruiter.

— Um tanto pomposo — Billy diz.

— Não é um nome muito bom para o palco — Amisha diz.

— Ele pode mudá-lo — Billy continua. — Todos os americanos fazem isso.

— Como se os indianos não o fizessem — Amisha retruca. — *Billy*.

— Não sou americano — interrompo. — Sou holandês.

— Ah, claro. Sr. De... Willem — Faruk diz. — Não faz diferença. Temos um problema. Um de nossos atores ocidentais, um americano chamado Dirk Digby, ele mora em Dubai, talvez já tenha ouvido falar dele.

Balanço a cabeça.

— Deixe para lá. Aparentemente o Sr. Digby teve alguns problemas de última hora com o contrato e precisou fazer outros planos, e isso nos deixa com um pequeno papel em aberto. É um comerciante de diamantes sul-africano, um personagem sombrio, que tenta conquistar nossa Srta. Rai ao mesmo tempo em que tenta roubar o diamante Shakti da família dela. Não é um papel muito grande, mas é significativo, e estamos em apuros. Estamos procurando alguém

que tenha o tipo físico do personagem e que consiga falar algumas poucas linhas de híndi e algumas de inglês. Como você se vira com as línguas?

— Muito bom — respondo. — Cresci falando muitas.

— Muito bem. Tente essa fala — Faruk diz, e ele lê alguma coisa para mim.

— Me diga o que significa.

— Estão vendo? — Amisha diz. — Um ator nato iria querer saber. Não acho que Dirk jamais saiba o que está dizendo.

Faruk faz um gesto com a mão. Ele se vira para mim.

— Você está tentando evitar que a personagem de Amisha, Heera, se case com Billy aqui, mas, na verdade, só quer os diamantes da família dela. É em híndi com um pouco de inglês. Esta é a parte em que diz a Heera que sabe quem ela é, e que o nome dela quer dizer diamantes. Vou dizer e você repete, está bem?

— Tudo bem.

— *Main jaanta hoon tum kaun ho*, Heera Gopal. Heera, isso significa diamante, não é? — Faruk diz.

— *Main jaanta hoon tum kaun ho*, Heera Gopal. Heera, isso significa diamante, não é? — repito.

Todos olham para mim.

— Como fez isso? — Amisha pergunta.

— O quê?

— Soou como se falasse híndi fluentemente — Billy comenta.

— Não sei. Sempre tive bom ouvido para línguas.

— Incrível, realmente — Amisha se vira para Faruk. — Nem precisaria cortar o diálogo.

Faruk olha fixamente para mim.

— É uma filmagem de três dias, começando na semana que vem. Aqui em Mumbai. Terá de aprender falas. Posso arrumar alguém para ajudá-lo com a pronúncia híndi e as traduções, mas tem bastante inglês. — Ele passa a mão na barba. — Posso lhe pagar trinta mil rupias.

Eu paro, tentando fazer a conversão.

Faruk entende meu silêncio como barganha.

— Certo — ele contra ataca. — Quarenta mil rupias.

— Quanto tempo terei de ficar?

— A gravação começa segunda-feira e deve durar três dias — Faruk explica.

Segunda-feira é quando eu deveria voar de volta para Amsterdã. Será que quero ficar mais três dias? Mas então Faruk continua:

— Nós o colocaríamos no hotel do elenco. É na praia de Juhu.

— A praia de Juhu é muito bonita — Billy diz.

— Eu deveria ir embora na segunda-feira. Tenho um voo.

— Não consegue mudar seu voo? — Faruk pergunta.

Tenho certeza de que Mukesh consegue. E, se vão me colocar em um hotel, eu não teria de voltar ao Bombay Royale.

— Cinquenta mil — Faruk diz. — Mas essa é minha última oferta.

— Isso é mais do que mil dólares, Sr. De Ruiter — Amisha me informa com uma risada rouca e uma baforada ondulante de fumaça de cigarro. — Bom demais para recusar, penso.

A produção imediatamente me transfere para um hotel chique na praia de Juhu. A primeira coisa que faço é tomar um banho. Em seguida, recarrego meu celular, que esteve sem bateria ontem o dia todo. Eu meio que espero uma mensagem de texto ou uma ligação de Yael, mas nada. Considero dizer a ela que vou ficar mais tempo, mas, depois de nossa última conversa, depois das últimas três semanas — dos últimos três anos —, sinto que ela não tem direito a essa informação. Em vez disso, passo uma mensagem de texto para Mukesh, pedindo para postergar a partida por mais três dias.

Imediatamente ele me liga de volta.

— Quer dizer que resolveu ficar um pouco mais conosco? — ele diz. Parece muito feliz.

— Só mais alguns dias — digo e explico a ele sobre fazer uma ponta em um filme e agora ganhar um papel pequeno.

— Ah, isso é muito bom! — ele exclama. — Sua mãe deve estar animadíssima.

— Minha mãe, na verdade, não sabe.

— Não sabe?

— Não a vi. Estive hospedado nos estúdios e agora estou em um hotel na praia de Juhu.

— Praia de Juhu. Que classe! — Mukesh diz. — Mas não viu sua mãe desde que voltou do Rajastão? Achei que ela tivesse ido buscar você no aeroporto.

— Mudança de planos.

— Ah. Entendo. — Há uma pausa. — Quando quer ir embora?

— Acho que começamos a filmar na segunda-feira e deve levar três dias.

— É mais seguro assumir que vai levar o dobro do tempo — Mukesh explica.
— Verei o que consigo fazer.

Desligamos e eu pego meu script. Faruk escreveu as traduções em inglês em cima do indiano, e alguém gravou uma fita do indiano. Passo a tarde toda repetindo as falas.

Quando acabo, ando um pouco pelo quarto. É moderno e chique, com uma banheira, um chuveiro e uma larga cama de casal. Não durmo num lugar tão bom quanto esse há tempos, e é muito tranquilo, muito limpo. Sento-me na cama, assisto à TV indiana só para ter companhia. Peço jantar no quarto. Aquela noite, quando caio na cama, não consigo dormir. A cama é muito macia, muito grande, depois de tantos anos dormindo em trens, carros, beliches, sofás, futtons, na cama apertada de Ana Lucia. Agora sou como um daqueles náufragos resgatados que, depois de salvos e de volta à vida civilizada, só conseguem dormir no chão.



Na sexta-feira acordo e pratico minhas falas novamente. A filmagem só começa daqui a três dias e eles se estendem, infinitos, como o grande mar azul acinzentado à minha frente. Quando o telefone toca, fico envergonhado com meu alívio.

— Willem, aqui é Mukesh. Tenho notícias sobre os seus voos.

— Ótimo.

— Então, o mais próximo que consegui é abril. — Ele me passa as datas.

— *O quê?* Por que tanto tempo?

— O que posso dizer? Todos os voos estão cheios até lá. Páscoa.

Páscoa? Em um país hindu/muçulmano? Suspiro.

— Tem certeza de que não há nada antes disso? Não me importo em pagar um pouco mais.

— Nada que se possa fazer. Fiz o melhor que pude — diz ele, soando um pouco ofendido ao dizer a última frase.

— E se marcar um novo voo?

— Sinceramente, Willem, é só uma questão de semanas, e os voos são caros e lotados nesta época do ano. — A voz dele ficou um pouco mais estridente. — São só mais alguns dias.

— Pode continuar procurando? Vendo se aparece algum assento?

— Com certeza! Pode deixar.

Desligo e tento deixar de lado a sensação de uma tragédia iminente. Pensei que o filme me manteria aqui por alguns dias a mais, todos no hotel. Agora estou preso. Lembro a mim mesmo que não preciso ficar em Mumbai depois da filmagem. Nash e Tasha e Jules vão passar uns dias em Goa caso consigam juntar dinheiro suficiente. Talvez eu vá com eles. Talvez até pague a viagem.

Mando uma mensagem de texto para Jules: “Goa ainda está de pé?”.

Ela me manda uma mensagem de volta: “Só se eu não matar N&T. Noite passada insuportavelmente alto. Você é um traidor por bater em retirada”.

Olho ao redor do meu quarto de hotel, onde a noite passada foi insuportavelmente quieta. Tiro uma foto da vista da varanda e mando para Jules. “Está quieto por aqui. E tem lugar para duas pessoas, se quiser se retirar também”, escrevo.

“Gosto de retirar”, ela me escreve de volta. “Me diga onde está.”

Algumas horas mais tarde, ouço uma batida na porta. Abro-a e Jules entra. Ela admira a vista e pula em cima da cama. Pega o roteiro da mesa de centro.

— Quer passar as falas? — pergunto. — Tem traduções em inglês.

Ela sorri.

— Claro.

Mostro a ela por onde começar. Ela pigarreia e arruma a expressão do rosto.

— E quem você pensa que é? — ela pergunta com uma voz esnobe, a tentativa dela, imagino, de imitar Amisha.

— Às vezes eu me pergunto — respondo. — O nome em minha certidão de nascimento diz Lars von Gelder. Mas eu sei quem você é, Heera Gopal. Heera significa diamante, não é? E você reluz tão brilhante quanto seu nome.

— Não quero discutir meu nome com você, Sr. Von Gelder.

— Ah, então você me conhece, afinal?

— Sei tudo o que me interessa.

— Então sabe que sou o maior exportador de diamantes da África do Sul, e conheço uma coisa ou outra sobre pedras preciosas. Consigo ver mais a olho nu do que a maioria dos ourives com uma lupa. E, olhando para você, posso dizer que vale um milhão de quilates. É perfeita.

— Dizem por aí que está atrás do diamante da minha família, Sr. Von Gelder.

— Ah, mas estou mesmo, Srta. Gopal. — Faço uma pequena pausa. — Porém talvez não seja o diamante Shakti.

Ao final da cena, Jules abaixa o roteiro.

— Isso é bem brega, Sr. Van Gelder.

— Na verdade, é Von Gelder.

— Ah. Desculpe. Sr. *Von* Gelder.

— Isso é muito importante, sabia? Nomes — explico.

— Ah, é? E Jules é o diminutivo de quê?

— Juliana? — tento adivinhar. — Como a rainha da Holanda?

— Não. — Jules se levanta da poltrona e caminha em minha direção, sorrindo enquanto se enrosca em meu colo. Em seguida, me dá um beijo.

— Julieta? — tento de novo.

Ela balança a cabeça, sorrindo enquanto desabotoa a sua camisa.

— Não é Julieta. Mas eu adoraria que você fosse o meu Romeu esta noite.



Na manhã seguinte, Jules vai embora, de volta para Puna e o *ashram*, com Nash e Tasha. Fazemos planos vagos de nos encontrarmos em Goa na semana seguinte. Acabo não descobrindo de qual nome Jules é o diminutivo.

Sinto-me de ressaca apesar de não termos bebido, e solitário, apesar de estar acostumado a ficar sozinho. Ligo para Prateek para saber o que ele fará no fim de semana, mas ele está ajudando a mãe em casa e amanhã vai a um grande jantar em família com o tio. Passo o dia andando sem rumo pela praia de Juhu. Assisto a um bando de homens jogar bola na areia e isso me faz sentir saudade dos rapazes em Utrecht. E, então, toda a saudade congela e é de Lulu que eu sinto falta, e sei que aquilo é fora de contexto, minha solidão é um míssil teleguiado pelo calor, e ela é o calor. No entanto, pareço não conseguir encontrar uma nova fonte de energia. Não sinto nem um pouco de saudade de Jules.



No domingo, já estou quase doido. Resolvo pegar um trem e sair da cidade, fazer uma viagem de um dia para algum lugar. Assim que abro meu guia de viagens para decidir aonde ir, meu telefone toca. Eu praticamente pulo em cima dele.

— Willem! — a voz jovial de Mukesh ecoa pela linha. Acho que nunca fiquei tão feliz em falar com ele. — O que vai fazer hoje?

— Estou exatamente tentando resolver isso. Estava pensando em fazer uma viagem de um dia até Khandala.

— Khandala é bem interessante, mas muito longe para um dia só, então terá de sair logo. Se quiser, posso arrumar um motorista para outro dia. Tenho uma proposta diferente para você. Que tal eu levá-lo para dar uma volta?

— Sério?

— Sim. Há muitos templos maravilhosos em Mumbai, templos menores que os turistas raramente veem. Minha esposa e filhas estão fora, então tenho o dia livre.

Aceito de muito bom grado, e ao meio-dia Mukesh me pega em um pequeno Ford surrado e começamos nosso tour por Mumbai. Paramos em três templos diferentes, assistindo a homenzinhos fazerem um tipo de ginástica parecida com ioga, observando um velho monge indiano meditando em oração. A terceira parada é um templo Jain, os acólitos todos seguram vassourinhas varrendo em frente a eles enquanto caminham.

— Para tirar qualquer criatura viva do caminho, assim não tiram uma vida sem querer — Mukesh explica. — Tanto apreço pela vida — ele diz. — Igualzinho à sua mãe.

— Com certeza. A mamãe é praticamente uma jainista — digo. — Ou talvez ela esteja tentando ser a próxima Madre Teresa.

Mukesh dá um olhar simpático que me faz querer quebrar alguma coisa.

— Você sabe como conheci sua mãe, não sabe? — ele pergunta enquanto passamos por um corredor no templo.

— Imagino que tenha a ver com o mundo fascinante das viagens aéreas. — Estou sendo injusto com Mukesh, mas este é o preço de passar por mensageiro dela.

Ele balança a cabeça.

— Isso veio depois. Eu estava com minha mãe, que tinha câncer — ele diz, estalando a língua. — Ela fazia os tratamentos, com médicos de primeira linha,

mas o câncer era nos pulmões, então não havia muito a ser feito. Um dia nós estávamos voltando de um especialista, esperando um táxi, mas Amma, minha mãe, se encontrava muito fraca e tonta e caiu no meio da rua. Sua mãe por acaso estava perto e correu para perguntar se precisávamos de ajuda. Eu expliquei a ela as condições de Amma, disse-lhe que era terminal — ele abaixa a voz até chegar a um sussurro. — Mas sua mãe me falou sobre coisas diferentes que poderiam ajudar não a curá-la, mas a melhorar a tontura e a fraqueza. E ela veio, toda semana, até minha casa, com as agulhas e as massagens dela, e aquilo ajudou muito. Quando chegou a hora de minha mãe, a jornada dela para a outra vida foi muito mais tranquila. Graças à sua mãe.

Vejo o que ele está fazendo. Mukesh está tentando passar para mim a imagem de minha mãe do jeito que Bram costumava fazer quando explicava por que Yael parecia tão melancólica ou distante. Era ele quem me contava, vagarosamente, as histórias sobre Saba, que, depois da morte de Naomi, mãe de Yael, sucumbiu a muitas tragédias. Ele passou a ser superprotetor, paranoico, ou ainda mais superprotetor e paranoico, Bram dizia, não permitindo que Yael fizesse as coisas mais simples — nadar em piscina pública, convidar um amigo para vir em casa — e forçando-a a manter listas de desastres preparadas para qualquer tipo de emergência. “Ela prometeu fazer tudo diferente”, ele dizia. “Será diferente para você. Não será opressivo.”

Como se só houvesse um tipo de opressão.



Depois dos templos, almoçamos. Estou me sentindo mal pela maneira como agi com Mukesh, então, quando ele me diz que tem algo especial que gostaria de me mostrar — algo que os turistas raramente veem —, colo um sorriso no rosto e finjo estar animado. À medida que rodamos por Mumbai, as ruas ficam mais densas: bicicletas, riquixás, carros, carroças puxadas por burros, vacas, mulheres carregando sacos na cabeça, tudo convergindo nas ruas apertadas que não parecem ser feitas para aquele tipo de tráfego. Os próprios prédios sofrem da mesma síndrome; a mistura de arranha-céus e favelas inundada por um mar de gente, dormindo em colchões, pendurando roupa nos varais, cozinhando em fogareiros do lado de fora.

Viramos em um beco úmido, de alguma forma escondido do sol brilhante. Mukesh aponta para a fila de jovens mulheres em pé, vestindo sáris esfarrapados.

— Prostitutas — ele diz.

Ao final do beco, paramos. Olho para trás para as prostitutas. Algumas são mais jovens do que eu, e seus olhos parecem vazios, e tudo aquilo, de alguma forma, me deixa envergonhado. Mukesh aponta para um prédio de cimento com um nome escrito com letras espiraladas, em híndi, e letras quadradas, em inglês.

— Aqui estamos — ele informa.

Leio o letreiro. MITALI. É vagamente familiar.

— O que é isto? — pergunto.

— Ora, o consultório de sua mãe, é claro — ele diz.

— O consultório de Yael? — pergunto, alarmado.

— Sim. Pensei em fazermos uma visitinha.

— Mas, mas... — cuspo desculpas. — É domingo — termino, como se o dia da semana fosse um problema.

— Doença não respeita o Sabbath. — Mukesh aponta para uma pequena loja de chá na esquina. — Esperarei por você ali. — E então ele sai.

Fico parado em frente ao consultório por um minuto. Uma das prostitutas — ela não parece ter mais do que treze anos — começa a caminhar em minha direção, e não suporto pensar que ela acha que sou um cliente, então abro a porta

do consultório com força. A porta escancara, bem em cima de uma velha senhora agachada do lado de dentro. Há gente por todo lado, com curativos caseiros, bebês apáticos dormindo sobre esteiras no chão. Estão todos acampados nos degraus de cimento e por toda a sala de espera, dando um novo significado ao termo.

— Você é Willem? — De trás da divisória de vidro, uma mulher indiana prática e objetiva, com um jaleco de laboratório, está olhando para mim. Dois segundos depois, ela abre a porta que sai na sala de espera. Sinto todos os olhos se virarem para mim. A mulher diz algo em híndi ou marati e muitas cabeças balançam em silêncio, dando, também, um novo significado à palavra *paciente*.

— Sou a Dra. Gupta — ela diz, a voz firme, eficiente, porém carinhosa. — Trabalho com a sua mãe. Vou procurá-la. Gostaria de tomar chá?

— Não, obrigado. — Tenho a sensação doentia de que tudo é uma grande brincadeira, exceto eu.

— Tudo bem. Espere aqui.

Ela me leva até um quarto sem janelas, com uma maca em frangalhos, e um turbilhão de lembranças toma conta de mim. A última vez que estive em um hospital: Paris. Antes disso: Amsterdã. Yael tinha me ligado no dormitório da faculdade, de manhã bem cedo, me pedindo para ir para casa. Bram estava doente.

Não conseguia entender a urgência. Eu o vira não fazia nem uma semana. Ele estava um pouco fora de forma, com dor de garganta, mas Yael estava cuidando dele com seus chás e infusões de costume. Eu tinha uma prova naquele dia. Perguntei se poderia ir depois.

— Venha agora — ela disse.

No hospital, Yael estava em pé, num canto do quarto, enquanto três médicos — do tipo tradicional, com estetoscópios e expressões preocupadas — fizeram um pequeno círculo sombrio à minha volta para me explicar que Bram tinha contraído uma cepa rara de estreptococo que deixara seu corpo em estado de choque séptico. Os rins já tinham entrado em falência e agora o fígado também pararia de funcionar. Estavam fazendo tudo o que podiam, colocando-o em diálise e dando os antibióticos mais potentes, mas, até aquele momento, nada tinha sido efetivo. Eu deveria me preparar para o pior.

— Não entendo — eu disse.

Nem eles, para falar a verdade. Tudo o que conseguiam dizer era: “É daqueles casos de um em um milhão”. Uma dessas respostas que servem de consolo, exceto quando se está envolvido.

Foi como descobrir que o mundo era feito de uma delicada teia de aranha que poderia ser facilmente destruída. Estar sozinho à mercê do destino. Mesmo com toda a conversa de Bram sobre acasos, aquilo parecia inconcebível.

Olhei para Yael, a poderosa Yael, para que interviesse, que tomasse conta de tudo, que cuidasse de Bram como sempre fizera. Mas ela apenas se encolheu no canto, sem dizer uma palavra.

“Faça alguma coisa, pelo amor de Deus!”, eu gritei para ela. “Precisa fazer alguma coisa.”

No entanto, ela não fez nada. Não podia. E, dois dias depois, Bram morreu.



— Willem.

Eu me virei e lá estava Yael. Sempre a acho assustadora, mas, na verdade, ela é bem pequena, mal chegando à altura do meu ombro.

— Você está chorando — ela diz.

Ergo a mão e toco meu rosto, e me deparo com ele molhado de lágrimas. Estou mortificado por fazer isso. Na frente dela. Eu me viro. Quero correr. Para longe deste consultório. Para longe da Índia. Esquecer a filmagem. Esquecer o atraso no voo. Comprar uma nova passagem. Não precisa ser de volta para Amsterdã. Qualquer lugar que não seja aqui.

Sinto as mãos dela em mim, me virando.

— Willem? — ela chama — Me diga por que está perdido.

É chocante ouvir as palavras dela, minhas palavras. Das quais ela se lembrou.

Mas como posso responder? Como posso responder quando tudo o que fiz foi estar perdido nos últimos três anos? Muito mais do que imaginei. Fico pensando em outra história que Bram costumava contar, na verdade uma história de horror, de quando Yael ainda era uma garota. Ela tinha dez anos e Saba a levava para acampar no deserto. Quando o sol começou a se pôr, Saba dissera a ela que voltaria logo, e então a deixou sozinha com uma daquelas listas de preparação para desastres que sempre a obrigava fazer. Yael, aterrorizada, mas ainda assim preparada devido às próprias listas, acendeu o fogo, cozinhou, armou acampamento, se defendeu. Quando Saba apareceu, no dia seguinte, ela gritou com ele: “Como pôde me deixar sozinha?”. E Saba respondeu: “Eu não ia lhe deixar sozinha. Estava cuidando de você o tempo todo. Estava lhe preparando”.

Por que ela não me preparou? Por que não me ensinou sobre a lei universal do equilíbrio antes de eu ter de aprender por mim mesmo? Talvez assim eu não sentisse tanta saudade de tudo.

— Sinto saudade... — começo a dizer, mas as palavras não saem.

— Sente saudade de Bram — ela continua.

E, sim, claro que sinto. Sinto saudade de meu pai. Sinto saudade de meu avô. Sinto saudade de casa. E sinto saudade de minha mãe. Mas a questão é que, por quase três anos, consegui não sentir saudade de nada. E então passei um dia com aquela garota. Um dia. Um dia olhando a respiração dela subir e descer enquanto dormia, sob as nuvens que passavam no parque, e sentindo tanta paz que eu mesmo peguei no sono. Um dia sob a proteção dela; ainda consigo sentir o aperto da mão dela quando voamos pelas ruas depois que ela atirou o livro nos *skinheads*, o aperto tão forte que senti como se fôssemos uma só pessoa, não duas. Um dia sendo o beneficiário da generosidade dela — o passeio de barco, o relógio, aquela sinceridade, a vontade de demonstrar medo, a vontade de demonstrar coragem. Foi como se ela tivesse se entregado totalmente a mim, e, de algum modo, a consequência disso foi que eu me entreguei a ela mais do que percebi que podia me entregar. E então ela se foi. E só depois de eu ter sido “preenchido” por ela, por aquele dia, pude entender o quanto eu estivera vazio.

Yael observa um pouco mais.

— De quem mais sente saudade? — ela pergunta, como se já soubesse da resposta.

— Não sei — respondo, e, por um minuto, ela parece frustrada, como se eu estivesse escondendo alguma coisa dela, mas não é isso, e não quero mais esconder nada dela. Então eu esclareço: — Não sei o nome dela.

Yael levanta os olhos, surpresa, mas nem tanto.

— O nome de quem?

— Lulu.

— *Esse não é o nome dela?*

Então conto tudo à minha mãe. Sobre essa garota, essa garota estranha e sem nome a quem eu não mostrei nada, mas que viu tudo. Conto a ela que, desde que a perdi, me senti perdido. E o alívio ao contar essa história para minha mãe é quase tão profundo quanto seria o alívio de encontrar Lulu.

Quando termino de contar a história sobre aquele dia em Paris, olho para ela. E fico chocado de novo, pois a vejo fazendo algo que só a vi fazer na cozinha enquanto cortava cebolas.

Minha mãe está chorando.

— Por que você está chorando? — pergunto a ela, eu mesmo voltando a chorar.

— Porque parece exatamente o jeito como conheci Bram — ela conta, rindo entre soluços.

É claro que parece. Penso nisso todos os dias desde que conheci Lulu. E me perguntei se não seria por isso que estou preso a ela. Pelo fato de a história ser tão parecida com a de Yael e Bram.

— Exceto por uma coisa — digo.

— O quê? — ela pergunta, limpando as lágrimas.

O detalhe mais importante de todos. E era de pensar que eu faria melhor, tendo ouvido a história de Bram tantas vezes.

— Dar o seu endereço à garota.



abril

Mumbai

Conforme Mukesh previu, a filmagem durou duas vezes mais do que o esperado. Assim, durante seis dias, tenho o prazer de me tornar Lars Von Gelder. E é mesmo. Um prazer. Uma agradável surpresa. No set, com meu figurino, com Amisha e outros atores na minha frente, as falas bregas de Lars von Gelder deixam de ser tão bregas. Nem mesmo parecem ser em outra língua. Elas saem da minha boca com facilidade, e eu sinto que sou ele, uma máquina de calcular que diz uma coisa e quer dizer outra.

Entre uma cena e outra, passo o tempo no trailer de Amisha, jogando cartas com ela e Billy.

— Estamos muito impressionados com suas habilidades — Amisha me diz. — Até Faruk, apesar de nunca admitir.

Ele não admite. Não exatamente. No entanto, ao final de cada dia, ele me dá um tapinha no ombro e diz:

— Nada mal, Sr. Não Muito. — E eu me sinto orgulhoso.

Mas, então, chega o último dia e eu sei que tudo terminou. Em vez de dizer “nada mal”, Faruk diz “bom trabalho”, e me agradece.

E é isso. Na semana seguinte, Amisha e os protagonistas estão fazendo as malas para Abu Dhabi, onde filmarão as cenas finais. E eu? Ontem recebi uma mensagem de texto de Tasha. Ela, Nash e Jules estão em Goa. Sou convidado para encontrar com eles. Mas não vou.

Tenho mais duas semanas aqui. E vou passá-las com minha mãe.

Em minha primeira noite de volta ao Bombay Royale, chego tarde. Chaudhary está roncando atrás do balcão, e eu subo pela escada até o quinto andar para não acordá-lo. Yael tinha deixado a porta encostada, mas ela também está dormindo quando eu entro. Fico ao mesmo tempo aliviado e decepcionado. Nós não conversamos de verdade desde aquele dia no consultório. Não sei exatamente o que esperar de nós. Será que as coisas mudaram? Será que agora falamos a mesma língua?

Na manhã seguinte ela me chacoalha para acordar.

— Oi! — digo, piscando os olhos.

— Oi! — ele diz de volta, quase tímida. — Queria saber, antes de sair para trabalhar, se você gostaria de se juntar a mim hoje à noite para o Seder. É a primeira noite do Pessach.

Chego quase a pensar que ela está brincando. Quando estava crescendo, nós só comemorávamos os feriados seculares. Ano-Novo. Dia da Rainha. Nunca tivemos um Seder. Eu nunca soube o que era até Saba começar a nos visitar e a me contar sobre todos os feriados que ele celebrava, que Yael costumava celebrar quando era pequena.

— Desde quando você vai a Sedarim? — pergunto. Minha pergunta é hesitante, pois o mero questionamento toca em uma ferida aberta da infância dela.

— Há dois anos — ela responde. — Tem uma família americana que abriu uma escola perto do consultório, queriam fazer um o ano passado, e eu era a única judia que eles conheciam, então me imploraram para ir, porque se sentiriam estranhos em celebrar o Seder sem um judeu.

— Então eles não são judeus?

— Não. São cristãos. Missionários, na verdade.

— Está falando sério?

Ela balança a cabeça, mas está sorrindo.

— Descobri que ninguém gosta mais de um feriado judeu do que um cristão fundamentalista. — Ela ri, e eu não consigo me lembrar da última vez que a ouvi rir desse jeito. — Acho que tem até uma freira católica lá.

— Uma freira? Isso está começando a parecer uma daquelas piadas do tio Daniel. Uma freira e um missionário em um Seder.

— Precisamos de três. Uma freira, um missionário e um imã em um Seder — Yael diz.

Imã. Lembro-me das garotas muçulmanas em Paris, e, de novo, me lembro de Lulu.

— Ela também era judia — digo. — Minha garota americana.

Yael ergue as sobrancelhas.

— Verdade?

Eu balanço a cabeça.

Yael joga as mãos para o ar.

— Bem, talvez ela tenha o próprio Seder esta noite.

Aquela ideia não tinha me passado pela cabeça, mas, assim que Yael a menciona, tenho a estranha sensação de que é verdade. E, por um segundo, mesmo com dois oceanos e tudo o mais entre nós, Lulu não parece estar tão longe.



Os Donnelys, a família que estava recebendo para o Seder esta noite, vivem em uma casa grande e ampla de estuque branco, com um campo de futebol improvisado na parte da frente. Quando chegamos, vários garotos loiros saem à porta, três dos quais Yael dissera não conseguir identificar. Consigo ver por quê. Exceto pela altura, eram absolutamente idênticos, todos de cabelos desgrehados, braços compridos e magros e o pomo de Adão proeminente.

— Um é Declan, um é Matthew e o pequeno acho que é Lucas — Yael comenta, não ajudando muito.

O mais alto joga para cima uma bola de futebol em uma das mãos.

— Tempo para um joguinho rápido? — ele pergunta.

— Não se enlameie muito, Dec — a mulher loira avisa. — Ela sorri. — Olá, Willem. Sou Kelsey. Esta é a irmã Karenn — ela diz, apontando para uma mulher sorridente e enrugada em um hábito católico completo.

— Bem-vindos, bem-vindos — a freira diz.

— Sou Paul — diz um homem de bigode com uma camisa em estilo havaiano, me dando um abraço apertado. — E você é a cara da sua mãe.

Yael e eu olhamos um para o outro. Ninguém nunca diz isso.

— Está nos olhos — Paul explica. Ele se vira para Yael. — Ouviu falar da epidemia de cólera na favela de Dharavi?

Imediatamente eles começam falar sobre isso, então vou jogar um pouco de

futebol com os garotos. Eles me contam que discutiram o Pessach e o Êxodo a semana toda, como parte dos estudos. Estudam em casa.

— Até fizemos *matzá* em uma fogueira — o menor, Lucas, me conta.

— Bom, você sabe mais do que eu — digo.

Eles riem, como se eu estivesse brincando.

Algun tempo depois, Kelsey nos chama para entrar. A casa me lembra um mercado de pulgas, um pouco disso, um pouco daquilo. Uma mesa de jantar de um lado, uma lousa do outro. Listas de tarefas na parede, juntamente com fotos de Jesus, Gandhi e Ganesha. A casa inteira cheira a carne assada.

— O cheiro está uma delícia — Yael diz.

Kelsey sorri.

— Fiz pernil de cordeiro assado, recheado com maçãs e amêndoas. — Ela se vira para mim. — Tentamos conseguir um peito bovino, mas é impossível por aqui.

— Vaca sagrada e tudo o mais — Paul explica.

— Esta é uma receita israelita — Kelsey continua. — Pelo menos é o que diz no site.

Yael fica em silêncio por um minuto.

— É o que minha mãe faria.

A mãe de Yael, Naomi, que escapou dos horrores pelos quais Saba passou, sobreviveu para depois morrer atropelada por um caminhão de entregas quando voltava para casa assim que deixou Yael na escola. Lei universal do equilíbrio. Escapa de um horror, é atingido por outro.

— Do que mais você se lembra? — pergunto hesitante. — De Naomi. — Ela também era um assunto intocável quando eu estava crescendo.

— Ela cantava — Yael disse baixinho. — O tempo todo. No Seder também. Então havia muita música no Seder antes. E gente. Quando eu era pequena, tínhamos sempre a casa cheia. Depois, não. Depois erámos apenas nós... — Ela tenta mudar de assunto. — Não era tão alegre.

— Então esta noite haverá música — Paul diz. — Alguém pegue meu violão.

— Ah, não. O violão, não! — Matthew brinca.

— Eu gosto de violão — Lucas diz.

— Eu também — Kelsey apoia. — Me faz lembrar quando nos conhecemos. — Os olhos dela e de Paul se encontram e contam uma história silenciosa, do jeito que Yael e Bram costumavam fazer, e sinto uma saudade tomar conta de mim.

— Vamos nos sentar? — Kelsey pergunta, apontando para a mesa.

Tomamos nossos lugares.

— Sei que estou fazendo isso de novo, mas, Yael, você se importaria de ser a líder? — Paul pergunta. — Estou estudando desde o ano passado e participarei, mas sinto que você é mais bem qualificada. Senão, podemos pedir à irmã Karenn para fazê-lo.

— O quê? Eu? — a irmã Karennia se intimida.

— Ela é um pouco surda — Declan cochicha para mim.

— Irmã, não precisa fazer nada além de relaxar — Kelsey diz, com a voz bem alta.

— Eu faço — Yael diz a Paul. — Se você ajudar.

— Nos juntaremos como um time — Paul diz, piscando para mim.

No entanto, Yael mal parece precisar de ajuda. Ela faz uma prece inicial sobre o vinho, com uma voz clara e forte, como se fizesse isso todos os anos. Então se vira para Paul:

— Talvez queira explicar a razão do Seder.

— Claro. — Paul pigarreia e começa uma longa explicação serpenteada sobre como o Seder é feito para comemorar o êxodo dos judeus do Egito, a fuga da escravidão e o retorno à Terra Prometida, os milagres que se sucederam para que isso se tornasse realidade. — Apesar de isso ter acontecido há milhares de anos, hoje em dia os judeus recontam a história todo ano para celebrar a história de triunfo, para lembrá-la. Porque não é apenas a recontagem ou a celebração da história. É também um lembrete do preço e do privilégio da libertação. — Ele se vira para Yael. — Isso parece correto?

Ela assente.

— É uma história que repetimos porque é uma história que queremos que se repita — ela explica.

O Seder continua. Fazemos preces sobre o *matzá*, comemos os legumes em sal

marinho e, em seguida, as ervas amargas. Kelsey serve sopa.

— Não é sopa de bolas de *matzá*; é *mulligatawny* — ela explica. — Espero que não tenham problemas com lentilhas.

Enquanto tomamos nossa sopa, Paul sugere que, já que o principal momento do Seder é recontar a história da libertação, que todos façamos um rodízio e falemos sobre uma época de nossa vida em que tenhamos escapado de algum tipo de opressão.

— Ou escapado de alguma coisa de verdade — ele começa, contando como costumava ser sua vida, bebidas, drogas, sem rumo e triste antes de encontrar Deus, e depois Kelsey, e tudo fazer sentido.

A irmã Karenna é a próxima, contando sobre escapar da brutalidade da pobreza ao ser levada por uma escola da igreja, e depois se tornar uma freira para servir aos outros.

Então é a minha vez. Eu paro. Meu primeiro instinto é contar sobre Lulu, pois, sinceramente, aquele foi o dia em que senti que tinha escapado do perigo.

Mas resolvo contar uma história diferente, em parte porque não acho que tenha sido contada em voz alta desde que ele morreu. A história de uma garota caronista e dois irmãos e os três centímetros que selaram o destino deles. Na verdade, a fuga não é minha. E, como Yael falou com relação ao Seder, é uma história que repito porque é uma história que quero que se repita.

Na noite anterior ao meu voo de volta para Amsterdã, Mukesh me liga para repassar os detalhes.

— Consegui um assento na fileira da saída de emergência — ele informa. — Ficará mais confortável, com toda a sua altura. Mas, se você lhes contar que é uma estrela de Bollywood, talvez façam um *upgrade* para a primeira classe.

Eu rio.

— Farei o melhor possível.

— Quando sai o filme?

— Não sei direito. Acabaram de filmar.

— Engraçado como tudo se encaixou.

— Lugar certo na hora certa — digo a ele.

— Sim, mas não estaria no lugar certo, na hora certa, se não tivéssemos cancelado a viagem de camelo.

— A que foi cancelada porque os camelos ficaram doentes, você quer dizer.

— Ah, não, os camelos estão ótimos. Sua mãe me pediu pra lhe trazer de volta mais cedo — ele diz, abaixando o tom de voz. — E há também muitos voos de volta para Amsterdã antes de amanhã, mas, quando você se envolveu com o filme, sua mãe me pediu para segurá-lo aqui mais um pouquinho. — Ele dá uma

gargalhada. — Lugar certo na hora certa.



Na manhã seguinte, Prateek vem nos buscar para nos levar ao aeroporto. Chaudhary fica na passagem para se despedir de nós, balançando o dedo e nos lembrando das tarifas de táxi obrigatórias por lei.

Desta vez sento-me no assento de trás, pois Yael está conosco. No percurso até o aeroporto ela fica quieta. Eu também. Não sei direito o que dizer. A confissão de Mukesh na noite anterior mexeu comigo, e quero perguntar a Yael sobre aquilo, mas não sei se deveria. Se ela quisesse que eu soubesse, teria me contado.

— O que vai fazer quando voltar? — ela me pergunta depois de um tempo.

— Não sei. — Sinceramente, não faço ideia. Ao mesmo tempo, estou pronto para voltar.

— Onde vai ficar?

Eu dou de ombros.

— Posso ficar no sofá do Broodje por algumas semanas.

— No sofá? Achei que você estivesse morando lá.

— Meu quarto foi alugado. — E, mesmo que não tivesse sido, todo mundo se mudará no final do verão. W se mudará com Lien para Amsterdã. Henk e Broodje vão alugar um apartamento juntos. “É o fim de uma era, Willy”, Broodje me escreveu num e-mail.

— Por que não volta para Amsterdã? — Yael pergunta.

— Por que não tenho para onde ir — respondo.

Olho diretamente para ela, e ela me olha de volta, como se ambos estivéssemos reconhecendo o fato. Então, ela levanta a sobrancelha.

— Nunca se sabe — ela continua.

— Não se preocupe. Vou aterrissar em algum lugar. — Olho pela janela. O carro está subindo a pista expressa. Já consigo sentir Mumbai ficando para trás.

— Vai continuar procurando por ela? Aquela garota?

O jeito que ela diz *continuar procurando*, como se eu nunca tivesse parado de procurar. E percebo que, de algum modo, nunca parei. E talvez seja esse o problema.

— Que garota é essa? — Prateek pergunta, surpreso. Eu nunca contei a ele sobre garota nenhuma.

Olho para o painel do carro, onde Ganesha está dançando do mesmo jeito que estava no primeiro percurso vindo do aeroporto.

— Ei, mãe. Como era o mantra? Aquele do templo de Ganesha?

— *Om Gam Ganapataye Namaha?* — Yael pergunta.

— Esse aí.

No banco da frente, Prateek o entoa.

— *Om Gam Ganapataye Namaha.*

Eu repito.

— *Om Gam Ganapataye Namaha.* — Paro quando o som se espalha pelo carro.

— Estou atrás disso. Recomeços.

Yael estica a mão para tocar a cicatriz no meu rosto. Agora está quase imperceptível, graças aos cuidados dela. Ela sorri para mim. E me ocorre que talvez eu tenha encontrado exatamente o que estava buscando.

maio

Amsterdã

Uma semana depois de voltar da Índia, enquanto ainda estou acampado no sofá em Bloemstraat tentando superar o jetlag e descobrir qual seria meu próximo passo, recebo uma ligação estranha.

— Ei, homenzinho. Está vindo limpar a merda do meu sótão? — Não há apresentação nem preâmbulo. Não que eu precisasse. Apesar de não nos falarmos há anos, conheço a voz. É muito parecida com a do irmão.

— Tio Daniel! — exclamo. — Ei, onde está?

— Onde estou? No meu apartamento. Com o meu sótão. Onde está toda a sua merda.

Isso é uma surpresa. Durante toda a minha infância eu nunca, de fato, vi Daniel no apartamento dele. É o mesmo apartamento na Ceintuurbaan onde ele e Bram moravam. Naquela época, era uma área de sem-tetos. É onde eles viviam quando Yael veio e bateu à porta e mudou tudo.

Em seis meses, Bram casou-se com Yael e eles se mudaram para o próprio apartamento. E, no ano seguinte, ele tinha amealhado os fundos para comprar uma velha barca em frangalhos no Nieuwe Prinsengracht. Daniel ficou no antigo apartamento invadido, conseguindo, mais tarde, alugá-lo, e, depois, comprá-lo da prefeitura por uma barganha. Ao contrário de Bram, que consertou o barco, piso por piso, até ele se tornar o “Bauhaus no Gracht”, Daniel deixara o apartamento em seu estado de bagunça anarquista e o alugara. Não ganhava quase nada com ele. “Mas nada é o suficiente para viver como um rei no sudeste da Ásia”, Bram costumava dizer. Assim, foi lá que Daniel ficou, no sobe e desce

da economia asiática, em uma série de aventuras profissionais que, na maioria dos casos, não chegou a lugar algum.

— Sua mãe ligou — Daniel continua. — Me disse que você estava de volta. Disse que talvez precisasse de um lugar para ficar. Eu falei a ela que você precisava vir tirar a merda do meu sótão.

— Quer dizer que eu tenho merda no seu sótão? — pergunto, me espreguiçando no sofá pequeno demais e tentando digerir minha surpresa. Yael tinha ligado para Daniel? Por minha causa?

— *Todo mundo* tem merda no sótão — Daniel diz, rindo uma versão mais rouca e mais grossa da risada de Bram. — Quando você pode vir?

Combinamos de eu ir no dia seguinte. Daniel me passa o endereço com uma mensagem de texto, apesar de ser absolutamente desnecessário. Conheço o apartamento melhor do que conheço a ele próprio. Conheço a mobília “parada no tempo” — a cadeira ovo com listras de zebra, os abajures dos anos cinquenta que Bram costumava encontrar nos mercados de pulga e consertar. Conheço até mesmo o cheiro, patchuli e maconha. “Tem sido o cheiro deste lugar por vinte anos”, Bram dizia quando ele e eu visitávamos o apartamento juntos para consertar uma torneira ou entregar as chaves para o novo inquilino. Quando eu era mais novo, a região efervescente e multicultural onde Daniel vivia, bem à frente dos tesouros do mercado de rua do Albert Cuyp, parecia outro país, de tão diferente que era do canal longínquo e silencioso onde morávamos.

Com o passar dos anos, a vizinhança mudou. Os antigos cafés para os trabalhadores ao redor do mercado agora servem artigos com trufas, e no mercado, acompanhando as barracas vendendo peixe e queijo, há butikques de designers. As casas também ficaram mais arrumadas. Dá para ver através das janelas de vidro emolduradas, das cozinhas reluzentes, da cara mobília estilo clean.

Mas não o apartamento de Daniel. Enquanto seus vizinhos reformaram e melhoraram, o apartamento dele mergulhou no túnel do tempo. Acredito que este

ainda seja o caso, especialmente depois que ele me avisa que a campainha não funciona e me instrui para chamar quando chegar, para que ele jogue as chaves. Assim, sou tomado de surpresa quando ele abre a porta do apartamento e sou convidado a entrar em um lounge, todo coberto por placas largas de bambu, paredes cor de sálvia, sofás baixos e modernos. Olho ao redor do ambiente. Está irreconhecível, exceto pela cadeira ovo, e até mesmo ela tinha o estofamento trocado.

— Homenzinho — Daniel diz, ainda que de pequeno eu não tenha nada e seja alguns dedos maior do que ele. Olho para Daniel. Seu cabelo ruivo talvez esteja um pouco chamuscado de cinza, as linhas do sorriso um pouco mais profundas, mas, ainda assim, ele é o mesmo.

— Tiozinho — brinco de volta, dando um tapinha na cabeça dele ao devolver as chaves. Dou uma volta pelo apartamento. — Você deu uma boa ajeitada neste lugar — comento, batendo o dedo no queixo.

Daniel ri.

— Ah. Ainda estou na metade do caminho, mas isso já é meio caminho a mais do que nada.

— Verdade.

— Tenho grandes planos. Planos de verdade. Onde estão meus planos? Do lado de fora da janela, há o rugido de um jato estremecendo por entre as nuvens. Daniel o observa, então continua a busca de um lado para o outro bisbilhotando pelas prateleiras lotadas. — Está indo um pouco devagar porque eu mesmo estou fazendo todo o trabalho, apesar de ter condições de contratar alguém, mas me pareceu que era assim que deveria fazer.

Ter condições de pagar alguém? Daniel sempre foi um quebrado; Bram costumava ajudá-lo. Mas Bram não está aqui. Talvez um dos negócios dele na Ásia finalmente tenha dado certo. Observo Daniel andando agitado pela sala,

procurando alguma coisa e finalmente localizando algumas páginas impressas enfiadas meio escondidas embaixo da mesa de centro.

— Gostaria que ele estivesse aqui para me ajudar; acho que ele ficaria feliz por eu finalmente estar dando minha cara a este lugar. Mas, de certa forma, acho que ele está aqui. Além do mais, ele está pagando a conta — diz.

Levo um minuto para entender de quem ele está falando e sobre o que está falando.

— O barco? — pergunto.

Ele assente.

Na Índia, Yael mal falou de Daniel. Achei que eles não mantivessem mais contato. Com a morte de Bram, por que deveriam? Eles nunca gostaram um do outro. Pelo menos é o que me parecia. Daniel era excêntrico, bagunceiro, gastador — todas as coisas que Yael amava em Bram de uma forma menos extrema —, e Yael fora a pessoa que entrou e virou a vida de Daniel de cabeça para baixo. Se não havia muito espaço para mim, posso imaginar como ele tenha se sentido. Eu entendia por que Daniel tinha se mudado para o outro lado do mundo alguns anos depois de Yael ter aparecido.

— Não houve um testamento — Daniel diz. — Ela não precisava fazer isso, mas claro que ela fez. Essa é sua mãe.

Será? Lembro-me da viagem para o Rajastão, um exílio que acabou sendo exatamente do que eu precisava. Então penso em Mukesh, não apenas cancelando a viagem de camelo e atrasando meu voo de volta a pedido de Yael, mas também me levando até o consultório naquele dia, quando todos pareciam estar me esperando. Sempre achei que minha mãe fosse totalmente ausente, cuidando de todos menos de mim. Mas começo a pensar se talvez não tenha compreendido mal o tipo de cuidado dela.

— Estou começando a entender isso — digo a Daniel.

— Em boa hora também — ele diz, coçando a barba. — Eu não lhe ofereci café. Quer café?

— Nunca diria não a um café.

Acompanho-o até a cozinha, que é uma cozinha velha, com armários lascados, azulejos rachados, sistema de gás antigo e pequeno, pia só com água fria.

— A cozinha é a próxima. E os quartos. Talvez meio caminho tenha sido um pouco otimista. É melhor eu começar a trabalhar. Você deveria vir morar comigo. Me ajudar — ele sugere, estalando as mãos bem alto. — Seu pai sempre disse que você era jeitoso.

Não tenho certeza se sou jeitoso, mas Bram sempre estava me arrastando para ajudar com um ou outro projeto de reforma.

Ele coloca o café no fogão.

— Preciso começar logo. Agora só tenho mais dois meses, então tique-taque, tique-taque.

— Dois meses até o quê?

— Ai, merda. Não contei a você. Só falei para sua mãe. — O rosto dele se abre em um sorriso tão parecido com o de Bram que chega a doer.

— Falou o quê para ela?

— Bem, Willem, eu vou ser pai.



Enquanto tomamos café, Daniel me conta todas as novidades. Aos quarenta e sete anos, o eterno solteirão finalmente encontrou o amor. Mas, como aparentemente os homens De Ruiten não são capazes de fazer as coisas da maneira mais simples, a mãe do filho de Daniel é brasileira. O nome dela é Fabíola. Eles se conheceram em Bali. Ela mora na Bahia. Ele me mostra a foto de uma mulher de olhos castanhos amendoados com um sorriso que vem da alma. Então me mostra uma pasta sanfonada bem grossa, a correspondência com vários órgãos do governo para provar a legitimidade do relacionamento deles, para que ela consiga um visto e eles possam se casar. Em julho ele irá ao Brasil para se preparar para o nascimento, que será em setembro, e, ele espera, para se casarem logo depois. Tudo correndo bem, estarão em Amsterdã no outono, e voltarão ao Brasil no inverno.

— Invernos lá, verões aqui, e, quando chegar a hora de ele ir para a escola, faremos o contrário.

— Ele? — pergunto.

Daniel sorri.

— É um garoto. Já sabemos. Já temos um nome para ele. Abraham.

— Abraão — repito, enrolando a língua.

Daniel balança a cabeça.

— É Abraão em português.

Ficamos em silêncio por um momento. Abraham é o nome completo de Bram.

— Vem morar aqui, ajudar, não quer? — Ele aponta para as folhas impressas, o único quarto, que será transformado em dois, o apartamento que um dia foi o lar de dois irmãos, e que, durante um breve período, foi a morada dos três antes de Daniel ficar sozinho. E então, nem mesmo ele.

E agora estamos nós dois aqui. E logo terá mais gente. Depois de tantas subtrações, inexplicavelmente, minha família volta a crescer.

junho

Amsterdã

Daniel e eu estamos a caminho da loja de encanamentos para buscar um sistema de chuveiro quando o pneu da bicicleta dele fura.

Paramos para inspecionar. Há um prego enfiado bem fundo no tubo. São quatro e meia. A loja de encanamentos fecha às cinco. E depois estará fechada no fim de semana. Daniel franze o cenho e joga as mãos para o alto como uma criança frustrada.

— Puta merda! — ele xinga. — O encanador vem amanhã.

Fizemos primeiro os quartos, uma mistura de vigas, paredes de gesso e argamassa, nenhum dos dois sabendo exatamente o que estava fazendo, mas, entre livros e alguns dos amigos de Bram, conseguimos fazer um pequeno quarto de casal, com uma cama suspensa, e um quarto de bebê ainda menor, onde estou vivendo neste momento.

Mas a curva de aprendizado foi alta e levou mais tempo do que esperávamos, e depois o banheiro, que Daniel pensou ser simples — trocando peças de setenta anos por outras mais modernas —, acabou sendo exatamente o contrário. Todos os canos tiveram de ser trocados. Coordenar a chegada da banheira, da pia e do encanador — outro amigo de Bram está fazendo o trabalho de graça, nas horas vagas, à noite ou nos fins de semana — já desafiara as habilidades logísticas de Daniel, mas o soldado continua de pé. Ele fica dizendo que, se Bram construiu um *barco* para a família dele, que porcaria!, ele vai construir um apartamento para a dele. E é uma coisa tão estranha de ouvir, pois eu sempre achei que Bram tinha construído o barco para Yael.

O encanador veio na noite passada, pensamos, para terminar as instalações da banheira e do chuveiro, mas nos disse que não poderia instalar a nova banheira que finalmente havia chegado até que tivéssemos o encanamento do banheiro. E não podemos terminar de azulejar o banheiro e começar a mexer na cozinha — que também, de acordo com o encanador, precisará ter todos os canos trocados — até termos o chuveiro.

Na maior parte do tempo, Daniel encarou a reforma com o entusiasmo sincero de uma criança construindo um castelo de areia na praia. Noite sim, noite não, quando ele e Fabíola se falavam pelo Skype, ele carregava seu velho laptop pelo apartamento, mostrando todas as últimas mudanças, discutindo a localização dos móveis (ela é grande adepta do *feng shui*) e das cores (azul-claro para o quarto deles; amarelo manteiga para o do bebê).

Mas, durante aquelas conversas no meio da noite, dava para ver a barriga crescendo. Depois que o encanador saiu, Daniel admitiu que quase podia ouvir o bebê lá dentro, batendo como aqueles antigos despertadores.

— Pronto ou não, aí vem ele — ele disse, balançando a cabeça. — Quarenta e sete anos, era de imaginar que eu estivesse pronto.

— Talvez nunca se esteja pronto até que a coisa aconteça — eu disse.

— Muito sábio, homenzinho — ele retrucou. — Mas, puta merda, se *eu* não estou pronto, pelo menos terei o *apartamento* pronto.

— Vá em frente, pegue a minha — digo a Daniel, saindo de cima de minha bicicleta. É o mesmo velho burro de carga que comprei de um viciado assim que voltei para Amsterdã no ano passado. Ela tinha ficado trancada ao relento na Bloemstraat todos esses meses que passei na Índia, e não ficara pior por causa disso. Quando comecei a trabalhar no apartamento, eu a trouxe para Amsterdã, juntamente com o restante das minhas coisas, e tudo coube nas duas prateleiras de baixo da estante de livros do quarto do bebê. Não tenho muita coisa: algumas roupas; alguns livros; a estátua de Ganesha que Nawal me deu. E o relógio de Lulu, que ainda funciona. Ouço-o bater à noite, às vezes.

Problema resolvido, e Daniel reluz como o brilho do sol novamente. Com um sorriso sem graça, ele monta em minha bicicleta e sai pedalando, acenando para trás, quase batendo em uma moto que vinha na direção dele. Carrego a bicicleta dele para uma viela estreita e viro no largo canal da Kloveniersburgwal. Estou em uma área entre o Distrito da Luz Vermelha, cada vez menor, e a universidade. Vou na direção da universidade, provavelmente uma área mais fácil para encontrar bicicletarias. Passo por uma livraria de língua inglesa pela qual já tinha passado várias vezes antes, sempre com um pouco de curiosidade. Na entrada há uma caixa de livros, cada livro por um euro. Dou uma bisbilhotada — a maioria é de livros americanos, em brochura, com capa de papelão, o tipo de coisa que eu lia em um dia e depois trocava, quando estava viajando. E então, no fundo da caixa, como um refugiado no lugar errado, está um exemplar de *Noite de Reis*.

Sei que provavelmente não o lerei. Mas agora tenho uma prateleira, a primeira desde minha época na faculdade, mesmo que seja apenas temporária.

Entro e pago.

— Conhece alguma oficina para consertar bicicletas aqui por perto?

— Dois quarteirões para baixo, na Boerensteeg — ele informa, sem tirar os olhos do livro.

— Obrigado. — Eu deslizo o Shakespeare.

Ele dá uma olhada rápida na capa, então ergue os olhos.

— Vai comprar isso? — ele soa cético.

— Vou — respondo, e então, dando uma explicação que não preciso dar, digo a ele que participei da peça de teatro no ano passado. — Fiz o papel de Sebastian.

— Fez em inglês? — ele pergunta, em inglês, com aquele estranho sotaque híbrido de alguém que viveu fora por muito tempo.

— Fiz — respondo.

— Ah. — Ele volta para o livro. Entrego a ele um euro.

Estou quase na porta quando ele me chama:

— Se você faz Shakespeare, deveria dar uma olhada no teatro no caminho. Eles montam umas peças de Shakespeare em inglês, bem legais, no Vondelpark durante o verão. Vi que este ano estão fazendo audições para seleção.

Ele fala aquilo casualmente, jogando a sugestão como se atira um pedaço de lixo. Eu reflito ali mesmo, em pé. Talvez não valha a pena, talvez sim. Só saberei caso eu agarre a oportunidade.



— Nome.

— Willem. De Ruiter — sai como um sussurro.

— Como?

Eu pigarreio. Tento de novo.

— Willem de Ruiter.

Silêncio. Consigo sentir meu coração batendo no peito, na cabeça, na garganta. Não consigo me lembrar de jamais ter ficado tão nervoso assim e não consigo entender direito. Nem mesmo naquela primeira vez com os acrobatas, nem mesmo com o Will Guerrilheiro, em francês. Nem quando Faruk gritou “ação” e as câmeras rolaram e eu tive de dizer as falas de Lars von Gelder em híndi.

Mas agora mal consigo pronunciar meu nome em voz alta. É como se, sem saber, existisse um botão de volume em mim e alguém o tivesse abaixado até o mínimo. Eu estreito os olhos e tento dar uma olhada na plateia, mas as luzes brilhantes estão ofuscando quem quer que esteja lá, invisível.

Eu me pergunto o que estão fazendo. Estão olhando para a foto promocional ridícula que montei? Daniel havia tirado a minha foto em Sarphatipark. E depois imprimimos minhas informações do Will Guerrilheiro. De longe não parece muito ruim. Tenho muitas peças em meus créditos, todas de Shakespeare. É só quando se analisa bem de perto é que se consegue ver que a foto é de péssima qualidade, com o máximo de pixels, tirada em um telefone e impressa em casa. E minhas credenciais de ator, bem, o Will Guerrilheiro não é exatamente um repertório teatral. Vi algumas fotos promocionais de outros atores. Eles vieram

de toda a Europa — República Tcheca, Alemanha, França e Reino Unido, e também daqui — e tinham peças de verdade em seus currículos. E fotos melhores.

Respiro fundo. Pelo menos eu *tenho* uma foto promocional. Graças a Kate Roebeling. Liguei para ela no último minuto, pedindo conselhos, já que nunca tinha feito uma audição de seleção antes. Com o Will Guerrilheiro, Tor decidia que papel cada um faria. Havia um pouco de troca de tiros por causa disso, mas eu não estava nem aí. O dinheiro era dividido em partes iguais, independentemente de quantas falas você tivesse.

— Ah, claro, Willem — uma voz indiferente responde. Parece maçante antes mesmo de eu começar. — O que lerá para nós hoje?

A peça que está sendo produzida este verão é *Como Gostais*, à qual eu nunca assistira ou nunca ouvira falar muito. Quando parei no teatro na semana passada, eles me disseram que eu poderia preparar qualquer monólogo de Shakespeare. Em inglês. Obviamente. Kate me pediu para dar uma olhada em *Como Gostais*; disse que eu poderia achar alguma coisa bem substancial ali.

— Sebastian, de *Noite de Reis* — respondo. Resolvi juntar três discursos menores de Sebastian. Era mais fácil assim. Era o papel que eu tinha feito. E eu ainda me lembrava da maioria das falas.

— Quando estiver pronto.

Tento me lembrar das palavras de Kate, mas elas giram dentro de minha cabeça como uma língua estrangeira que eu mal conheço. “Escolha alguma coisa que você sinta. Seja você mesmo, não alguém que queiram que você seja. Faça direito ou vá para casa.” E havia algo mais, algo importante que ela me disse antes de desligar. Era importante. Mas não consigo lembrar agora. A esta altura, será suficiente me lembrar das falas.

Alguém pigarreia.

— Quando estiver pronto. — Desta vez é a voz de uma mulher, em um tom que diz: “Ande logo com isso”.

“Respire.” Kate me pediu para respirar. Disso eu me lembro. Então respiro. E depois começo:

— *Gostaria que ficasses. Minhas estrelas brilham sombrias sobre mim: a má sorte de meu destino talvez arruíne o teu.*



A primeira fala sai. Nada mau. Eu continuo.

— *Permita-me dizer adeus e encarar o mal sozinho.*

As palavras começam a sair de dentro de mim. Não como elas fizeram no verão passado, naquela sequência infinita de parques e praças. Não travadas, como no banheiro de Daniel, onde pratiquei durante todo o fim de semana, para o espelho, para os azulejos, e, uma vez, para o próprio Daniel.

— *Não fosse o desejo de Deus, teríamos morrido na mesma hora.*

As palavras agora saem diferentes. Compreendidas por um novo ângulo. Sebastian não é apenas um errante, levado pelo vento. Ele é alguém se recuperando, maltratado e inseguro por sua maré de má sorte, pela perversidade do destino.

— *E tinha uma mente tão brilhante que mesmo aqueles que a invejam o admitiam* — digo, e é Lulu que vejo, naquela noite quente na Inglaterra, a última vez que eu falei essas palavras na frente do público. O sorriso tímido nos lábios dela.

— *Ela se afogou em águas salgadas, senhor, e agora minhas lágrimas estão prestes a chorar pela memória dela novamente.*

E então termina. Não há aplauso, apenas um silêncio ruidoso. Consigo ouvir minha própria respiração, meu coração batendo com toda a força. Supõe-se que o nervosismo vá embora assim que se sobe no palco, não? Assim que termina?

— Obrigada — a mulher diz. As palavras dela são secas, genéricas, sem grande gratidão. Por um segundo, acho que, talvez, eu é que deveria agradecer-lhes.

Mas não agradeço. Saio do palco um pouco tonto, me perguntando o que acabou de acontecer. Ao sair no corredor, vejo o diretor, o produtor e o coordenador de palco (Kate me disse por quem esperar) já conversando sobre o currículo de outra pessoa. Em seguida, estou piscando na luz brilhante do saguão. Esfrego os olhos. Não tenho certeza do que fazer depois.

— Feliz por ter acabado? — um cara magrelo me pergunta em inglês.

— Sim — digo instintivamente. Só que não é verdade. Já começo a sentir a melancolia tomando conta, como o primeiro dia de frio do outono depois de um verão quente.

“O que o fez mudar de ideia?”, Kate havia me perguntado ao telefone. Não tivemos nenhum tipo de contato desde o México, e, quando eu lhe contei meus planos, ela pareceu surpresa.

“Ah, não sei”, expliquei a ela sobre ter encontrado *Noite de Reis*, e então sobre terem me falado sobre as audições, sobre estar no lugar certo na hora certa.

— E então, como foi? — o cara magrelo me pergunta agora. Ele está com uma cópia de *Como Gostais* na mão, e os joelhos dele estão batendo para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Dou de ombros. Não faço ideia. De verdade. Não faço mesmo.

— Eu vou fazer o Jaques. E você?

Olho para a peça, que nunca li. Achei que faria o que eles me dessem, como sempre foi com Tor. Com uma sensação de fracasso, começo a suspeitar que aquele não era o caminho certo a seguir.

E foi então que me lembrei do que Kate dissera ao telefone, depois que expliquei todos os rodeios que me levaram até a audição de seleção.

“*Comprometa-se, Willem. Precisa se comprometer. Com alguma coisa.*”

Assim como tantas outras coisas importantes ultimamente, a lembrança vem tarde demais.

Uma semana se passa e eu não recebo nenhuma notícia. O cara magricela com quem havia conversado, Vincent, tinha dito que haveria uma série de reconvocações antes de decidirem o elenco final. Não recebo nenhuma ligação. Deixo isso de lado e volto a trabalhar no apartamento de Daniel, canalizando tanta energia na colocação dos azulejos que terminamos o banheiro dois dias antes do prazo e começamos a trabalhar na cozinha. Pegamos o metrô para ir à IKEA comprar os gabinetes. Estamos em uma cozinha pré-montada para exibição, com gabinetes da cor de esmalte vermelho lustroso, quando meu telefone toca.

— Willem, aqui é Linus Felder, do Allerzielentheater.

Meu coração dispara como se eu estivesse no palco novamente.

— Preciso que você aprenda o discurso de abertura de Orlando e venha aqui amanhã às nove. Acha que consegue fazer isso? — ele pergunta.

Claro que consigo. Quero contar a ele que consigo até mais.

— Claro — respondo. E, antes de ter a chance de perguntar qualquer detalhe, Linus desliga.

— Quem era? — Daniel pergunta.

— O diretor de palco daquela peça para a qual fiz o teste. Ele quer que eu volte lá. Para ler Orlando. O papel principal.

Daniel pula para cima e para baixo feito uma criança, derrubando a batedeira da cozinha em demonstração.

— Ah, merda! — Ele se afasta, assoviando inocentemente.

Deixo Daniel na IKEA e passo o restante do dia no chuveiro do Sarphatipark, decorando as falas. Quando é um horário decente em Nova York, ligo para Kate para pedir mais conselhos, mas acabo acordando-a porque ela agora está na Califórnia. Ruckus está prestes a começar um tour de seis semanas com *Cimbelino*, na Costa Oeste, antes de vir para o Reino Unido em agosto para vários festivais. Quando ouço isso, fico quase envergonhado em lhe pedir ajuda. Mas, generosa como sempre, ela passa alguns minutos me explicando o que devo esperar de uma reconvocação. Pode ser que eu leia várias cenas de vários personagens, com vários atores diferentes, e, mesmo eles tendo me pedido para ler Orlando, não deveria presumir que este seja o papel que querem que eu faça.

— Mas é promissor o fato de pedirem a você para lê-lo — ela diz. — É um papel e tanto para você.

— Como assim?

Ela suspira com força.

— Você *ainda* não leu a peça?

Fico com vergonha de novo.

— Vou ler, prometo. Hoje mais tarde.

Conversamos um pouco mais. Ela diz que está planejando passar os fins de semana que não forem do Festival viajando fora do Reino Unido, e talvez venha a Amsterdã. Digo a ela que é sempre bem-vinda. E então ela me diz novamente para não me esquecer de ler a peça.



Mais tarde naquela noite, depois de ter lido o monólogo de abertura tantas vezes a ponto de recitá-lo em meus sonhos, começo a ler o restante da peça. A essa altura, estou pegando no sono e está um pouco difícil me concentrar. Tento ver o que Kate quer dizer sobre Orlando. Suponho que seja porque ele conhece uma garota e se apaixona por ela e então se encontra com ela de novo, mas ela está disfarçada. Mas Orlando tem um final feliz.



Quando chego ao teatro na manhã seguinte, está quase vazio e escuro, exceto por uma única lâmpada acesa no palco. Sento-me no último assento e, pouco tempo depois, as luzes se acendem. Linus entra, prancheta na mão e, atrás dele, Petra, a diretora diminuta.

Não há gentilezas.

— Quando estiver pronto — Linus diz.

Desta vez estou pronto. Estou determinado a estar.

Mas não estou. Digo as falas direito, mas, ao falar uma, depois a próxima, posso me ouvir recitando-as e então me pergunto como elas soam; será que fiz a marcação correta? E, quanto mais faço isso, mais estranhas as palavras começam a soar, do jeito que uma palavra perfeitamente normal pode começar a soar quando se está tagarelando. Tento me concentrar, mas, quanto mais tento, mais difícil fica, e então ouço um grilo cricrilando em algum lugar atrás do palco e ele se parece com o do saguão do Bombay Royale, e em seguida estou pensando em Chaudhary e sua cama provisória, em Yael e Prateek, e estou em todo lugar do mundo, exceto neste teatro.

Ao terminar, estou furioso comigo mesmo. Todo aquele ensaio para sair essa merda. O monólogo de Sebastian, com o qual eu nem me importava muito, foi infinitamente melhor do que este.

— Posso tentar de novo? — pergunto.

— Não há necessidade — Petra diz. Ouço Linus e ela cochichando.

— Sério. Sei que poderia fazer melhor. — Tenho um sorriso amarelo no rosto, que talvez seja a minha melhor representação do dia, pois, na verdade, não sei se posso fazer melhor. Isso *fui* eu tentando.

— Foi bom — Petra grita. — Volte na segunda às nove. Linus lhe dará os formulários antes de ir embora.

É isso? Será que acabei de ganhar o papel de Orlando?

Talvez eu não devesse estar tão surpreso. Afinal, tinha sido fácil com os acrobatas e com o Will Guerrilheiro, e até mesmo com Lars von Gelder. Deveria estar exultante. Deveria estar aliviado. No entanto, por mais estranho que possa parecer, tudo o que sinto é decepção. Porque agora isso é importante para mim. E algo me diz que, se é importante, talvez não devesse ser tão fácil.

julho

Amsterdã

— Ei, Willem, como está se sentindo hoje?

— Estou bem, Jeroen. Como vai?

— Ah, você sabe, a gota está dando um pouco de trabalho. — Jeroen bate no peito e tosse.

— A gota está na sua perna, seu imbecil — Max diz, escorregando para dentro do assento ao meu lado.

— Ah, claro. — Jeroen exhibe seu sorriso mais charmoso ao mancar, rindo.

— Que babaca! — Max diz, largando a bolsa no meu pé. — Se eu tiver de beijá-lo, juro, sou capaz de vomitar no palco.

— Então reze pela saúde de Marina.

— Eu não me importaria em beijá-la. — Max sorri e olha para Marina, a atriz que fará o papel de Rosalinda, juntamente com o Orlando de Jeroen. — Ah, a doce Marina, por mais que seja egoísta, não gostaria de vê-la ficando doente. Ela é tão adorável. Além disso, se ela não puder continuar, eu teria de beijar aquele idiota. Queria que *ele* ficasse doente.

— Mas ele não fica doente — digo a Max, como se ela precisasse ser lembrada disso. Desde que fui escalado como seu substituto, ouvi dizer, infinita

e incansavelmente, que em seus doze anos fazendo teatro Jeroen Gosslers nunca, jamais perdera uma apresentação, nem mesmo quando vomitava de tanta gripe, nem quando perdeu a voz, nem quando sua namorada entrou em trabalho de parto da filha deles, horas antes de a cortina se abrir. De fato, o currículo imaculado de Jeroen aparentemente é a razão de eu ter sido testado, para começar, depois de o ator originalmente escalado como substituto conseguir uma propaganda do Mentos que exigiria que ele perdesse três ensaios para poder filmar o comercial. Três ensaios para um substituto que nunca subirá no palco. Petra exige tudo de seus substitutos, e, ao mesmo tempo, não exige nada.

Conforme solicitado, tenho estado no teatro todos os dias desde a primeira vez que fiz a leitura em grupo, quando o elenco se sentou ao redor de uma longa mesa de madeira desgastada no palco, passando o texto, linha por linha, analisando o significado, desconstruindo cada palavra, como aquela fala deveria ser interpretada. Petra foi surpreendentemente igualitária, aberta às opiniões de quase todos sobre o que a Triste Lucrecia representava ou por que Rosalinda insistiu em manter seu disfarce por tanto tempo. Se os homens do Duke Frederico queriam interpretar uma troca entre Célia e Rosalinda, Petra era a favor. “Se está nessa mesa, tem o direito de ser ouvido”, ela disse, magnânima.

Max e eu, no entanto, obviamente não estamos à mesa, mas sentados a alguns passos de distância, perto o bastante para ouvir, mas longe o suficiente para que nos sentíssemos intrusos ao participar da discussão. A princípio me perguntei se aquilo foi sem querer. Mas, depois de ouvir Petra repetir, várias vezes, que “interpretar é mais do que dizer falas; tem a ver com se comunicar com o público através de cada gesto, cada palavra não dita”, compreendi que era totalmente intencional.

Agora parece quase curioso que eu tenha me preocupado por aquilo ter sido *muito* fácil. Acabou sendo fácil, mas não do jeito que imaginei. Max e eu somos os únicos substitutos que não têm um papel de verdade na peça. Ocupamos um estranho lugar na montagem. Meio atores. Sombras dos atores. Esquenta-bancos. Pouquíssimas pessoas do elenco falam conosco. Vincent fala. Afinal de contas, ele conseguiu o papel de Jacques. E Marina, que faz o papel de Rosalinda, também fala, porque ela é particularmente gentil. E, obviamente, Jeroen faz questão de falar comigo todo dia, apesar de eu desejar que ele não o fizesse.

— Então, o que temos hoje? — Max pergunta em seu sotaque *cockney* londrino. Assim como eu, ela é uma vira-lata; o pai é holandês do Suriname e a mãe é de Londres. O sotaque *cockney* fica mais acentuado quando ela bebe muito, embora, ao ler Rosalinda, seu inglês seja tão sedoso como o da rainha da Inglaterra.

— Estão discutindo sobre a coreografia da cena de luta — digo a ela.

— Ah, bom. Quem sabe aquele puto se machuca de verdade. — Ela ri e passa a mão pelo cabelo espetado. — Quer passar as falas mais tarde? Não teremos muita chance depois que começarmos os ensaios técnicos.

Logo depois transferimos o set para fora do teatro para os últimos cinco dias de ensaios técnicos e os ensaios com figurino, no anfiteatro do Vondelpark, onde o espetáculo acontecerá durante seis fins de semana. Daqui a duas sextas-feiras teremos nossa pré-estreia e, então, no sábado, a estreia. Para Max e eu, é quando saímos de cena, quando qualquer sombra de nós participando do elenco desaparece. Linus nos disse para termos certeza de saber a peça inteira, todas as marcações de cena, decoradas, e que deveríamos seguir os passos de Jeroen e Marina durante o primeiro ensaio técnico. Petra e Linus não nos deram, nem uma única vez, direcionamento algum, nem nos pediram para passar as falas, nem comentaram sobre qualquer aspecto da peça. Max e eu passamos as falas incessantemente, só nós dois. Acho que é assim que nos sentimos como verdadeiros membros da produção.

— Podemos fazer as partes de Ganimedes? Você sabe que eu as adoro — Max diz.

— Só porque você pode ser um garoto.

— Bem, é lógico. Eu prefiro Rosalinda quando ela está canalizando o homem dentro dela. Ela é tão bobinha no início.

— Ela não é bobinha. Ela está apaixonada.

— Amor à primeira vista. — Ela revira os olhos. — Uma bobinha. Ela é mais atirada quando finge ter bolas.

— Eu acho que sim. É por isso que me tornei um maldito ator.

E então ela olha para mim e cai na gargalhada. Podemos até memorizar as falas. Podemos até saber as marcações de cena. Podemos até marcar presença. Mas nenhum de nós dois é ator. Somos esquentas-bancos.

Max suspira fundo e joga os pés em cima da cadeira, incitando uma reprimenda muda de Petra e uma consequente bronca de Linus, ou, como Max o chama, o Lacaio.

No palco, Jeroen está discutindo com o coreógrafo.

— Isso não está funcionando para mim. Não parece autêntico — ele diz. Max revira os olhos outra vez, mas eu me ergo para ouvir. Isso aconteceu dia sim, dia não durante as marcações de cena; Jeroen não “sentindo” os movimentos e Petra os alterando, mas Jeroen também não sentia as marcações e, na maioria das vezes, ela mudava de volta. Meu roteiro é um emaranhado de linhas rabiscadas e apagadas, um mapa da rota de Jeroen na busca por autenticidade.

Marina está sentada nas pilhas de cimento no palco, perto de Nikki, a atriz que faz o papel de Célia. Ambas pareciam entediadas enquanto assistiam à coreografia da luta. Por um segundo, meus olhos cruzam com os de Marina e trocamos um sorriso de simpatia.

— Eu vi isso — Max diz.

— Viu o quê?

— Marina. Ela quer você.

— Ela nem me conhece.

— Talvez esse seja o caso, mas ontem à noite, no bar, ela olhava para você com olhos de “foda-me”.

Toda noite, depois do ensaio, a maioria do elenco vai para um bar virando a esquina. Porque somos provocadores ou masoquistas, Max e eu vamos com eles. Geralmente acabamos nos sentando no balcão de madeira do bar, sozinhos, ou em uma mesa com Vincent. Parece nunca haver lugar para Max e eu na mesa grande.

— Ela não estava me olhando com olhos de “foda-me”.

— Ela olhava para *um* de nós dois com olhos de “foda-me”. Não senti nenhuma vibração sáfica dela, mas, com garotas holandesas, nunca se sabe.

Olho para Marina. Ela está rindo de alguma coisa que Nikki disse, enquanto Jeroen e o ator que interpreta Carlos, o lutador, trabalham em alguns golpes de mentira com o coreógrafo da luta.

— A não ser que não goste de garotas — Max continua —, mas também não estou sentindo essa vibração de você.

— Eu gosto de garotas.

— Então por que vai embora do bar comigo todas as noites?

— E você não é uma garota?

Max revira os olhos.

— Na boa, Willem, desculpe. Por mais charmoso que você seja, não vai rolar nada entre nós.

Eu rio e dou um beijo molhado na bochecha de Max, que ela limpa com excesso de drama. No palco, Jeroen tenta dar um soco de mentira em Carlos e tropeça em si mesmo. Max aplaude.

— Veja só aquele idiota — ela diz.

Petra vira-se, os olhos penetrantes cheios de desaprovação. Max finge estar absorvida em seu script.

— Que se foda a passagem das falas — Max sussurra quando a atenção de Petra se volta novamente para o palco. — Vamos encher a cara!



Naquela noite, entre um drinque e outro no bar, Max me pergunta:

— Então, por que não?

— Por que não o quê?

— Por que não sai com uma garota? Se não a Marina, qualquer outra cidadã do bar.

— E por que *você* não? — pergunto.

— Quem diz que eu não?

— Você vai embora comigo toda noite, Max.

Ela suspira, um suspiro profundo que parece muito mais velho do que Max, que é apenas um ano mais velha do que eu. E é por isso que ela não liga por ser uma esquentabanco. *Minha hora chegará*. Ela faz um sinal de corte no peito.

— Coração partido — ela conta. — Lésbicas levam anos de cachorro para se recuperar.

Eu assinto.

— E você? — Max pergunta. — Coração partido?

Às vezes, cheguei a pensar que fosse algo parecido com isso, afinal, nunca fui tão ligado a uma garota. Mas é uma coisa engraçada porque, desde aquele dia em Paris, me reconectei com Broodje e os rapazes, visitei minha mãe e estou falando com ela de novo, e agora estou morando com meu tio Daniel. E estou interpretando. Tudo bem, talvez não seja interpretar, exatamente. Mas também não é interpretação por acaso. E, no geral, estou melhor. Melhor do que estava desde que Bram morreu e, em alguns pontos, melhor do que estava antes disso. Não, Lulu não partiu meu coração. No entanto, estou começando a pensar se, indiretamente, ela o consertou.

Balanço a cabeça.

— Então o que está esperando? — Max me pergunta.

— Não sei — respondo.

Mas de uma coisa eu sei: da próxima vez, saberei assim que encontrá-la.

Antes de Daniel ir embora, instalamos os últimos gabinetes da cozinha. A cozinha está quase pronta. O encanador virá instalar a máquina de lavar louça e colocaremos o ladrilho atrás da pia, e é isso.

— Estamos quase lá — digo.

— Só precisa consertar a campainha e dar uma olhada na sua merda lá no sótão — Daniel continua.

— Certo. A merda no sótão. Tem muita coisa lá? — pergunto. Não me lembro de ter colocado tantas caixas assim.

Mas Daniel e eu carregamos para baixo pelo menos umas doze caixas com o meu nome nelas.

— Devíamos simplesmente jogar tudo fora — sugiro. — Já vivi tanto tempo sem nada disso.

Ele dá de ombros.

— Como queira.

A curiosidade toma conta de mim. Abro uma caixa, papéis e roupas do meu dormitório, não tenho certeza de por que as mantive. Coloco-as no lixo. Inspecciono mais uma e faço a mesma coisa. Chego à terceira caixa. Lá dentro há pastas coloridas, do tipo que Yael usava para manter as fichas dos pacientes, e acho que a caixa deve ter sido marcada com o meu nome por engano. Então vejo uma folha de papel escapando para fora de uma das pastas. Pego-a.

O vento em meu cabelo

As rodas batem nos pedregulhos

Tão grandes quanto o céu

Uma lembrança repentinamente vem à tona: “Não rima”, Bram dissera quando eu a mostrei a ele, cheio de orgulho porque o professor tinha me pedido para ler em voz alta para toda a classe.

“Não é para rimar. É um haicai”, Yael dissera, desviando os olhos para ele e me dando um raro sorriso conspiratório.

Eu puxo a pasta. Lá dentro estão alguns dos meus antigos trabalhos de escola, meus primeiros escritos, testes de matemática. Olho em outra pasta: não há trabalhos de escola, mas desenhos de um navio, uma estrela de Davi que Saba me ensinou a fazer com triângulos. Páginas e páginas dessas coisas. A insensível Yael e o maníaco por limpeza Bram nunca me mostraram nada disso. Achei que tivessem jogado fora.

Em outra caixa, encontro uma latinha cheia de pedaços de tíquetes: passagens de avião, ingressos de shows, passagens de trem. Um velho passaporte israelense de Yael, cheio de carimbos. Debaixo dele, descubro algumas fotos muito antigas, em preto e branco. Levo um momento para reconhecer que são de Saba. Nunca o tinha visto tão jovem antes. Mas é ele, sem a menor sombra de dúvida. Os olhos são de Yael. E meus também. Em uma das fotos ele está com o braço solto em cima de uma linda garota, de cabelos negros e olhos misteriosos. Ele olha para ela com adoração. Ela parece vagamente familiar, mas não pode ser Naomi, a quem ele conheceu só depois da guerra.

Procurro por mais fotos de Saba e da garota, mas encontro apenas um estranho clipe de jornal dela, em uma folha de plástico. Olho mais de perto. A garota está usando um vestido todo ornamentado e está acompanhada por dois homens de smoking. Seguro o clipe perto da luz. As letras apagadas estão em húngaro, mas há um texto explicativo com nomes: Peter Lorre, Fritz Lang — nomes de Hollywood que reconheço — e um terceiro nome, Olga Szabo, que não sei quem é.

Coloco as fotos de lado e continuo fuçando. Em outra caixa, há infinitos suvenires. Mais papéis. E então, em outra caixa, um grande envelope de papel manilha. Abro-o e mais fotos caem lá de dentro: eu, Yael e Bram, de férias na Croácia. Lembro-me novamente de que Bram e eu caminhávamos até as docas toda manhã para comprar peixe fresco, que ninguém sabia muito bem como cozinhar. Há outra foto: de nós, todos cheios de roupa para patinar no ano em que os canais congelaram e todos resolveram usar seus patins. E outra: comemorando o quadragésimo aniversário de Bram com aquela festa gigantesca que saiu do barco e se espalhou pelo píer, pela rua, até que todos os vizinhos chegaram e a festa tomou conta do quarteirão inteiro. Lá estavam as versões das fotos da revista de arquitetura, a foto de nós três antes de eu ser cortado. Quando chego ao final da pilha, há uma foto sobrando, presa ao envelope. Tenho de puxá-la com cuidado.

O fôlego que sai de dentro de mim não é um suspiro, nem um soluço, nem um dar de ombros. É algo vivo, como um pássaro batendo asas, alçando voo. E então desaparece para dentro da tarde silenciosa.

— Está tudo bem? — Daniel me pergunta.

Olho fixamente para a foto. Nós três, no meu aniversário de dezoito anos, não a foto que eu perdi, mas uma diferente, tirada de uma perspectiva diferente, da câmera de outra pessoa. Outra foto do acaso.

— Achei que tivesse perdido isto — digo, apertando a foto com força.

Daniel meneia a cabeça e coça a testa.

— Estou sempre perdendo as coisas, mas depois as encontro nos lugares mais esquisitos.



Alguns dias depois eu saio para o ensaio e Daniel sai para o aeroporto. É estranho pensar que quando eu voltar para casa, à noite, Daniel não estará lá. Mesmo assim, não terei o apartamento só para mim por muito tempo. Broodje ficou em Haia durante a maior parte do verão, fazendo estágio, e agora está na Turquia visitando Candace, que está em uma viagem de duas semanas com os avós. Quando voltar, ficará aqui comigo até ele e Henk se mudarem para o novo apartamento em Utrecht no outono.

O ensaio de hoje é agitado e frenético. O set foi desmontado e transportado para o parque para o ensaio técnico de amanhã, e a falta dos cenários parece ter enlouquecido a todos. Petra é um furacão de terror, gritando com os atores, gritando com os técnicos, gritando com Linus, que parece querer se esconder embaixo de sua prancheta.

— Pobre Lacaio — Max diz. — Para alguém na menopausa, Petra parece estar menstruada. Ela esfaqueou o celular da Nikki.

— Verdade? — pergunto a Max, escorregando para nosso assento de costume.

— Bem, sabe como ela é quando se coloca o celular “na sala sagrada de ensaio”. Mas ouvi dizer que ela está mais puta do que nunca porque Geert disse “Mackers” no teatro mais cedo.

— Mackers?

— A Tragédia Escocesa — ela explica. Como não consigo entender, ela balbucia *Macbeth*. — Um feitiço muito ruim para dizer em um teatro.

— Acredita nisso?

— Acredito que não se deve mexer com Petra um dia antes do ensaio técnico.

Jeroen passa por nós. Ele olha para mim e finge tossir.

— Isso é o melhor que consegue fazer? — Max diz a ele depois que ele passa, então ela se vira para mim. — E ele ainda se diz ator.

Linus faz todo o elenco passar o roteiro inteiro. É uma zorra. As falas são esquecidas. Os sinais são ignorados. As marcações estão erradas.

— *A maldição de Mackers* — Max sussurra.



Às seis horas, Petra está num estado tão ruim que Linus nos deixa sair mais cedo.

— Tenham uma boa noite de sono — ele diz. — Amanhã será um longo dia. A chamada é às dez.

— Está muito cedo para ir ao bar — Max diz. — Vamos comer e depois dançar ou ouvir alguma banda tocar. Podemos ver quem está no Paradiso ou no Melkweg.

Vamos de trem até Leidseplein. Max não se aguenta, pois algum músico que um dia fez parte de uma banda famosa está tocando sozinho hoje no Paradiso, e ainda há ingressos disponíveis. Compramos dois. Em seguida ficamos andando pela praça, que, nesta época do ano, é o marco zero para os turistas. Há uma multidão deles ao redor de alguns artistas de rua.

— Provavelmente são aqueles malditos músicos peruanos — Max reclama. — Sabe, quando eu era pequena, achava que era sempre a mesma trupe me seguindo. Levei anos para descobrir que são clones. — Ela ri e bate na cabeça

com os ossinhos da mão. — Posso ser bem insensível às vezes.

Não são os peruanos. É um grupo de malabaristas. Não são maus, equilibrando todos os tipos de coisas em chamas. Assistimos por um tempo, e, quando passam o chapéu, jogo um monte de moedas.

Viramo-nos para ir embora e Max me dá um cutucão de lado.

— Agora é o verdadeiro show — ela diz. Eu me viro e vejo de quem ela está falando: uma mulher está com as pernas enroscadas na cintura de um dos malabaristas, os braços dela enrolados nos cabelos dele. — Providencie um quarto! — Max brinca.

Eu assisto um pouco mais do que gostaria. E então a garota vai até o chão e se vira. Ela me olha e eu a olho, surpreso.

— Wills? — ela chama.

— Bex? — exclamo.

— *Wills?* — Max repete.

Empurrando o equilibrista atrás dela, Bex vem até mim e me dá um enorme abraço e um beijo teatral. É uma mudança e tanto desde a última vez em que a vi, quando ela mal queria me dar um aperto de mão. Ela me apresenta para Matthias. Eu a apresento a Max.

— Sua namorada? — Bex pergunta, causando um uivo de protesto teatral em Max.

Depois de um pouco de bate-papo, não temos mais nada a dizer, pois, na verdade, nunca tivemos muito a dizer mesmo quando dormíamos juntos.

— Precisamos ir. Matthias precisa de muito *descanso* para a sua *performance*.
— Bex dá uma piscadela óbvia, caso alguém não tenha entendido a que tipo de descanso e a que tipo de performance ela estava se referindo.

— Então, tudo bem. — Damos três beijinhos para nos despedir.

Estamos nos afastando quando Bex chama.

— Ei, a Tor chegou a lhe encontrar?

Eu paro.

— Tor estava me procurando?

— Ela estava tentando encontrar você. Parece que chegou uma carta para você em Headingley.

É como se tivessem ligado um interruptor, pela maneira como meu corpo acorda.

— Em Headingley?

— A casa da Tor em Leeds — Bex diz.

Sei onde Headingley fica. Mas eu quase não dou a ninguém um endereço de correspondência e não me lembro de algum dia ter dado o endereço da casa de Tor para alguém, que às vezes era a sede do Will Guerrilheiro, aonde íamos para ensaiar ou para descansar. Não há razão no mundo para pensar que ela mandaria uma carta para lá, que ela soubesse que deveria mandar uma carta lá para mim. Mesmo assim, caminho de volta em direção a Bex.

— Uma carta? De quem?

— Sei lá. Mas Tor queria muito entregá-la a você. Ela disse que passou e-mails, mas que você não respondeu. Consegue imaginar isso?

Eu ignoro a indireta.

— Quando?

— Não lembro direito. Faz um tempinho. Espere, quando estivemos em Belfast? — ela pergunta a Matthias.

Ele dá de ombros.

— Perto da Páscoa, não foi?

— Não. Acho que foi antes. Perto da terça-feira de Carnaval — Bex diz. Ela joga as mãos para cima. — Algum dia em fevereiro. Eu me lembro das panquecas. Ou março. Ou talvez tenha sido abril. Tor disse que tentou mandar e-mails e não teve resposta, então ela quis saber se *eu* sabia como encontrá-lo. — Ela arregala os olhos, para mostrar o absurdo de tal ideia.

Março. Abril. Quando eu estava na Índia, viajando, e minha conta de e-mail foi infectada por aquele vírus. Depois daquilo, mudei de endereço. Não checo a conta antiga há meses. Talvez esteja bem ali. Talvez tenha estado ali o tempo todo.

— Acho que ela não sabe de quem é a carta, sabe?

Bex parece irritada, trazendo de volta um monte de lembranças. Quando as coisas não funcionaram para nós, e Bex ficou asquerosa durante o restante da

estação, Skev havia tirado sarro de mim: “Você nunca escuta? Não cuspa no prato em que comeu, cara”.

— Não faço ideia — Bex me diz com um tom entediado que parece ter sido ensaiado, então não sei se ela realmente não sabe ou se não quer me dizer. — Se está tão interessado, então pergunte a Tor. — Então ela ri. Não é amigável. — Mas boa sorte para encontrá-la antes do outono.

Parte do método de Tor era tentar viver o máximo possível parecido com a época shakespeariana enquanto estava na estrada. Ela se recusava a usar um computador ou um celular, apesar de, às vezes, pedir emprestado a alguém para mandar um e-mail ou fazer alguma ligação importante. Ela não via TV ou ouvia música no iPod. E, apesar de checar a previsão do tempo obsessivamente, o que parecia ser uma inovação bem moderna, fazia isso nos jornais, que, de alguma forma, era um jogo justo, pois havia jornais na Inglaterra do século 17, pelo que ela dizia.

— Por acaso tem alguma ideia do que ela fez com a carta? — Meu coração dispara, como seu estivesse correndo, e sinto falta de ar, mas me forço a soar tão indiferente quanto Bex, por medo de que, se fizer a carta parecer importante, ela não me diga nada.

— Ela pode ter mandado para o barco.

— O barco?

— O barco onde você morava.

— E como ela sabe sobre o barco?

— Jesus Cristo, Wills, como vou saber? Provavelmente você contou a alguém sobre ele. Você viveu com todo mundo durante um ano, mais ou menos.

Eu contei a uma pessoa sobre o barco. Skev. Ele estava indo para Amsterdã e perguntou se eu poderia indicar algum lugar de graça para ele se hospedar. Eu mencionei alguns apartamentos de sem-teto e também disse que, se a chave ainda estivesse no esconderijo e ninguém estivesse lá, ele poderia acampar no barco.

— É. Mas não moro naquele barco há anos.

— Bem, é óbvio que não é muito importante — Bex diz. — Do contrário, seja lá quem foi que lhe escreveu saberia onde encontrá-lo.

Bex está equivocada, mas também está certa. Lulu deveria saber onde me encontrar. E então eu paro. Lulu. Depois de todo esse tempo? A carta provavelmente é de um fiscal do imposto de renda.

— O que foi tudo isso? — Max pergunta depois que Bex e Matthias vão embora.

Balanço a cabeça.

— Não tenho certeza. — Olho pela praça. — Você se importa? Preciso me enfiar em um cybercafé por um segundo.

— Ok — ela concorda. — Vou pegar um café.

Faço meu login na antiga conta do e-mail. Não há muita coisa lá além de porcarias. Volto até a primavera, quando a conta se infectou com aquele vírus, e há uma pasta cheia de nada. Quatro semanas de mensagens simplesmente desapareceram. Tento a caixa geral. Nada lá. Pela força do hábito, antes de sair da conta volto e procuro os e-mails de Bram e Saba, aliviado por ainda encontrá-los ali. Amanhã vou imprimi-los e também enviá-los para a minha nova conta. Enquanto isso, mudo a configuração de minha antiga conta para que envie todos os novos e-mails para o endereço atual.

Checo meu e-mail atual, embora Tor não soubesse dele, pois só disse a algumas pessoas o meu novo endereço. Procuro na caixa de mensagens recebidas, na caixa de spam. Nada.

Mando uma mensagem rápida para Skev, pedindo a ele que me ligue. Em seguida também mando uma mensagem para Tor, perguntando sobre a carta, o que dizia, para onde ela a enviou. Àquela altura, já fazia mais de um ano que eu conhecera Lulu. Qualquer pessoa em sã consciência diria que é tarde demais. Já parecia tarde demais no primeiro dia, quando eu acordei no hospital. Mesmo assim, continuei procurando.

Ainda estou procurando.



O ensaio técnico foi um horror. Exceto pelas falas, muitas das quais foram esquecidas na nova ambientação, tudo tem de ser reaprendido e remarcado no palco do anfiteatro. O dia inteiro eu fico atrás de Jeroen, Max atrás de Marina, à medida que eles passam pelas várias cenas. Mais uma vez, somos como as sombras deles. No entanto, nenhum de nós tem sombras, pois hoje não há sol, apenas um chuveiro constante que deixa todo mundo com o humor azedo. Jeroen nem sequer faz piada sobre sua doença do dia.

— Eu me pergunto de quem foi essa ideia brilhante — Max diz. — Maldito Shakespeare ao ar livre. Na Holanda, onde o inglês nem mesmo é a língua local e onde chove o tempo todo.

— Não se esqueça de que os holandeses são os eternos otimistas — digo a ela.

— Isso é verdade? — ela me pergunta. — Achei que fossem os eternos pragmáticos.

Não sei. Acho que o otimista sou *eu*. Dei uma olhada no meu e-mail quando voltei do Paraíso na noite passada e de novo antes de sair para o ensaio esta manhã. Havia um e-mail de Yael, e Henk me repassou uma piada, e um monte das porcarias de costume, mas nada de Skev ou de Tor. O que exatamente eu esperava?

Nem mesmo tenho certeza sobre o que posso ser otimista. Se a carta era dela, o que diria senão um “vai se danar” a longa distância? Ela tinha todo o direito de fazer isso.

Fazemos uma pausa para o almoço e eu checo meu celular. Broodje me passou uma mensagem de texto para dizer que está saindo de viagem em algum tipo de barco a vela de madeira e estará incomunicável por alguns dias, mas estará de volta a Amsterdã na semana que vem. Daniel também me passou uma

mensagem para avisar que chegou são e salvo ao Brasil e mandou uma foto da barriga da Fabíola. Amanhã, juro, vou comprar um telefone que aceite fotos.

Petra proíbe celulares durante os ensaios. Mas, quando ela está conversando com Jeroen, coloco a campainha no modo vibratório e enfio o telefone no bolso mesmo assim. Otimista com certeza.

Por volta das cinco horas, o chuvisqueiro faz uma pausa e Linus retoma o ensaio. Estamos tendo problemas com os sinais das falas, que não podemos ver. Uma vez que o show começa ao pôr do sol e vai noite adentro, as luzes se acendem só a partir da metade, de modo que o ensaio de amanhã será das duas da tarde à meia-noite, para podermos ter certeza de que a segunda metade, a parte no escuro, está adequadamente iluminada.

Às seis horas, meu telefone vibra. Tiro-o do bolso. Max arregala os olhos para mim.

— Me dê cobertura — eu sussurro, e escapo rapidamente para dentro das coxias.

É Skev.

— Ei, obrigado por retornar minha ligação — eu sussurro.

— Onde você está? — ele pergunta, sua voz agora sussurrando também.

— Amsterdã. E você?

— De volta a Brighton. Por que estamos cochichando?

— Estou em um ensaio.

— Para o quê?

— Shakespeare.

— Em Amsterdã. Puta merda, que legal! Eu desisti dessa merda toda. Agora estou trabalhando em uma Starbucks.

— Ah, que merda, sinto muito.

— Não, tudo bem, cara.

— Ouça, Skev, não posso falar muito, mas me encontrei com a Bex.

— Bex — ele assovia. — Como vai aquele docinho?

— A mesma de sempre, namorando um malabarista. Ela falou de uma carta que Tor estava tentando me entregar. No começo do ano.

Há uma pausa.

— Victoria. Cara, ela é do outro mundo.

— Eu sei.

— Perguntei se eu podia voltar e ela disse que não. Foi só aquela vez. Fora da temporada. Não cuspa no prato em que comeu.

— Eu sei. Eu sei. Mas, com relação à carta...

— É, cara, não estou sabendo de nada.

— Ah.

— Victoria não quis me dizer nada. Disse que era pessoal. Você sabe como ela fica. — Ele suspira. — Então eu disse a ela para lhe mandar a carta. Dei a ela o endereço do barco. Não sabia se você conseguia receber correspondências no barco.

— Sim, posso. Podíamos. Recebíamos.

— Então recebeu a carta?

— Não, Skev. É por isso que estou ligando.

— Bem, ela deve estar no barco, cara.

— Mas não moramos mais lá. Já faz tempo.

— Ah, que merda. Esqueci que estava vazio. Sinto muito.

— Não se preocupe, cara.

— Quebre a perna com seu Shakespeare e merda para você!

— Claro, para você também, com seus cappuccinos e tudo o mais.

Ele ri. E nos despedimos.

Volto para o ensaio. Max parece enlouquecida.

— Disse a eles que você precisava vomitar. O Lacaio está puto porque você não pediu antes de sair. Fico me perguntando se ele liga para Petra pedindo permissão antes de fazer amor com a esposa.

É uma imagem que faço o possível para não criar.

— Fico lhe devendo uma. Vou dizer para o Linus que foi alarme falso.

— Vai me contar o que está acontecendo?

Penso em Lulu, todas as buscas deste ano, tentando encontrar uma agulha no palheiro, sem chegar a lugar nenhum. Por que isso seria diferente?

— Provavelmente só o que você acabou de dizer: alarme falso — respondo a Max.



Só que o *provavelmente* vira uma pedra no meu sapato, me incomodando durante o restante do dia, tornando difícil não pensar na carta, onde ela está, o que diz, de quem veio. Quando o ensaio termina, sinto esse tipo de urgência em saber; assim, apesar de a chuva ter voltado, e apesar de estar cansado até os ossos, resolvo tentar Marjolein. Ela não atende o telefone e eu não quero esperar até amanhã. Ela mora perto, no andar térreo de uma casa enorme em um bairro sofisticado, no extremo sul do parque. Ela sempre me disse que eu poderia passar por lá a qualquer hora.

— Willem — ela diz, abrindo a porta. Tem um copo de vinho numa das mãos, um cigarro na outra e não parece muito feliz por eu ter aparecido. Estou pingando e ela não me convida para entrar. — O que o traz aqui?

— Me desculpe por incomodá-la, mas estou tentando encontrar uma carta.

— Uma carta?

— Que foi enviada para o barco, em algum momento durante a primavera.

— Por que ainda está recebendo correspondências no barco?

— Não estou. Alguém simplesmente a mandou para lá.

Ela balança a cabeça.

— Se foi para o barco, deveria ter sido remetida para o escritório e então para o endereço que você nos deu.

— Em Utrecht?

Ela suspira.

— Provavelmente. Pode me ligar amanhã de manhã?

— É importante.

Ela suspira.

— Tente a Sara. É ela quem cuida da correspondência.

— Tem o número da Sara?

— Achei que você tivesse o número da Sara — ela diz.

— Já faz tempo.

Ela suspira. Então pega o celular.

— Não comece nada com ela de novo.

— Pode deixar — prometo.

— Certo. Você é um homem mudado. — Não consigo saber se ela está sendo sarcástica ou não.

Do lado de dentro a música muda, de jazz suave para algo mais alegre, com trombetas berrantes. Marjolein olha demoradamente para dentro. Percebo que ela não está sozinha.

— Vou deixá-la em paz — digo.

Ela se inclina para a frente para me dar um beijo de despedida.

— Sua mãe ficará feliz quando eu disser que vi você.

Ela começa a fechar a porta.

— Posso lhe perguntar uma coisa? Sobre Yael?

— Claro — ela diz, distraidamente, sua atenção já de volta à casa morna e a quem quer que esteja esperando por ela lá dentro.

— Ela, sei lá, fez coisas para me ajudar... que eu não fiquei sabendo?

O rosto dela está meio encoberto nas sombras, mas seu sorriso aberto brilha na

luz refletida.

— O que ela disse?

— Ela não *disse* nada.

Marjolein balança a cabeça.

— Então eu também não direi. — Ela começa a fechar a porta. Em seguida, ela para. — Mas já parou para pensar por que, durante todos aqueles meses em que estive fora, sua conta nunca ficou zerada?

Nunca tinha pensado nisso, sinceramente. Eu raramente usava meu cartão do banco, mas, quando o usava, sempre funcionava.

— Alguém sempre estava de olho — Marjolein diz.

Ao fechar a porta, ela ainda está sorrindo.



Utrecht

Tudo está demorando. O trem está atrasado. A fila da bicicleta compartilhada está longa demais. Assim, em vez disso, pego um ônibus que vai parando, pegando todas as velhinhas da cidade. Não deveria ter saído tão atrasado, mas já estava tarde quando consegui falar com Sara esta manhã. E foi necessário um pouco de bajulação para que ela finalmente se lembrasse de que houve uma carta. Não, ela não a lera. Não, ela não se lembrava de onde viera. Mas ela acha que a mandou para o endereço no arquivo. O de Utrecht. Não faz muito tempo.

Quando chego a Bloemstraat já é quase meio-dia. O segundo ensaio técnico é às duas horas, em Amsterdã. Não tenho nada na vida exceto tempo, mas nunca é suficiente quando preciso dele.

Toco a campainha de olho. Ninguém atende. Não faço ideia de quem vive aqui agora. Passei uma mensagem de texto para Broodje, do trem, a caminho daqui, mas ele não me respondeu. Então eu me lembrei de que ele está em algum lugar no meio do Egeu. Com Candace. Cujo nome ele sabe, cujo número de telefone e endereço de e-mail ele pegou antes de deixar o México.

A porta da frente está trancada, mas eu ainda tenho minha chave e ela ainda funciona. O primeiro bom presságio.

— Olá! — chamo, minha voz ecoando pela casa vazia. Não parece mais o lugar onde eu morei. Sem sofá desnivelado. Sem cheiro de homem. Até mesmo as flores de Picasso se foram.

Há uma mesa de jantar, com a correspondência toda espalhada sobre ela. Eu mexo nas pilhas o mais rápido possível, mas não encontro nada, então me obrigo a olhar mais vagarosa e metodicamente cada envelope, dividindo-os em pilhas: para Broodje, para Henk, para W, até mesmo algumas para Ivo, que continua

recebendo a correspondência dele aqui, para duas garotas desconhecidas que devem morar aqui agora. Vejo alguns envelopes para mim, a maioria antigas cartas da universidade e um catálogo da agência de viagem que usei para comprar minhas passagens para o México.

Olho para as escadas. Talvez a carta esteja lá em cima. Ou no sótão, no meu antigo quarto. Ou em um dos gabinetes. Ou talvez não seja aquela que Sara enviou. Talvez ela ainda esteja na Nieuwe Prinsengracht. Ou em algum lugar no escritório de Marjolein.

Ou talvez não haja nenhuma carta dela. Talvez seja apenas outra falsa esperança que eu mesmo criei.

Ouçoo um tique-taque. Sobre a lareira, onde o Picasso ficava pendurado, há um antigo relógio de madeira, do tipo que Saba tinha em seu apartamento de Jerusalém. Foi uma das poucas coisas que Yael guardou depois que ele morreu. Fico me perguntando onde estaria o relógio agora.

É meio-dia e meia. Se quiser pegar o trem a tempo para o ensaio técnico, tenho de ir embora logo. Do contrário, chegarei atrasado. E chegar atrasado para o ensaio técnico? A única coisa pior, de acordo com as regras de Petra, seria não aparecer para um espetáculo. Penso no substituto original, trocado por ter de perder três ensaios. De qualquer forma, não sou mais do que uma sombra.

Ser cortado da peça não fará nenhuma grande diferença na minha vida neste momento. Mas não *quero* ser cortado. E, mais do que isso, não quero colocar essa decisão nas mãos de Petra. Se chegar atrasado, é exatamente isso o que acontecerá.

De repente, a casa parece imensa, como se eu fosse levar anos para procurar por todos os cômodos. O momento parecia ainda maior.

Eu já tinha desistido de Lulu antes. Em Utrecht. No México. Mas foi como se tivesse “jogado a toalha”. Como se *eu* estivesse desistindo de mim mesmo. Isso

aqui é, de algum modo, diferente. Como se, talvez, Lulu tivesse me trazido a este lugar, e pela primeira vez em muito tempo estivesse muito perto de algo real. Talvez *essa* seja a verdadeira questão. Talvez seja aqui o final da estrada.

Penso nos cartões-postais que deixei na mala de Lulu. Eu escrevi “sinto muito” em um deles. Mas só agora compreendo que, na verdade, deveria ter escrito “obrigado”.

— Obrigado — digo baixinho para a casa vazia. Sei que ela nunca me ouvirá, mas, de algum modo, a questão parece ser muito maior do que isso.

Em seguida, jogo minha correspondência no lixo reciclável e sigo de volta para Amsterdã, fechando a porta atrás de mim.

parte dois 

UM DIA



agosto

Amsterdã

O telefone está tocando. E eu estou dormindo. Duas coisas que não deveriam acontecer ao mesmo tempo. Abro meus olhos, tateio à procura do telefone, mas o toque continua, berrando na noite silenciosa.

Uma luz se acende. Broodje, nu feito um recém-nascido, está em pé na minha frente, semicerrando os olhos na luz amarelada do abajur, e nas paredes esverdeadas do quarto do bebê. Ele me passa o telefone.

— É para você — ele resmunga, depois apaga a luz e sonambula de volta para a cama.

Coloco o telefone no ouvido e ouço as exatas três palavras que não se quer ouvir do outro lado de uma ligação no meio da noite.

— Houve um acidente.

Meu estômago vai parar no pé e eu ouço um zunido nos ouvidos enquanto espero para ouvir quem. Yael. Daniel. Fabíola. O bebê. Alguma subtração em minha família que eu não posso mais aguentar.

Mas a voz continua a falar e eu levo um minuto para acalmar minha respiração e escutar o que está sendo dito. *Bicicleta e moto e tornozelo e fratura e espetáculo e emergência* e é nesse momento que eu entendo que não foi o tipo de acidente em que eu estava pensando.

— Jeroen? — finalmente digo, mas quem mais poderia ser? Quero rir. Não pela ironia, mas pelo alívio.

— Sim, Jeroen — Linus retruca. Jeroen, o invencível, atropelado por um motoqueiro bêbado. Jeroen, insistente, dizendo que consegue ir de qualquer maneira, com o pé engessado, e talvez ele possa, para os espetáculos dos próximos fins de semana. Mas este fim de semana? — Talvez precisemos cancelar — Linus diz. — Precisamos de você no teatro o mais rápido possível. Petra quer ver o que você consegue fazer.

Esfrego os olhos. A luz está entrando por entre as cortinas. Afinal, não estamos no meio da noite. Linus me diz para estar no teatro — o verdadeiro teatro, não o palco no Vondelpark — às oito.

— Será um longo dia — ele avisa.



Petra e Linus mal levantam os olhos quando eu chego ao teatro. Uma Marina de olhos inchados me dá uma olhada cansada e simpática. Ela está segurando um pãozinho, corta-o na metade e me dá um pedaço.

— Obrigado — agradeço. — Não tive tempo de comer.

— Eu imaginei — ela diz.

Eu me sento na ponta do palco, ao lado dela.

— Então, o que aconteceu?

Ela arqueia a sobrancelha.

— Aconteceu o carma. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Sei que é uma piada dele se vangloriar sobre o próprio *curriculum*, e já o ouvi fazê-lo muitas vezes e nada acontece. — Ela faz uma pausa para tirar as migalhas do colo. — Mas não se ri do destino desse jeito, sem que o destino um dia ria por último. O único problema é que isso não afeta apenas a ele. Pode acabar com o que resta do espetáculo.

— Acabar? Pensei que fosse só esta noite.

— Jeroen não conseguirá atuar em nenhuma das apresentações deste fim de semana, e, mesmo que ele consiga fazê-lo usando a bota de gesso, parece que precisará usá-la pelas próximas seis semanas, e terão de remarcar a coisa toda. Além disso, tem a questão do seguro. — Ela suspira. — Talvez seja mais fácil cancelar tudo.

Meus ombros caem com o peso daquela revelação. Então, cabe a mim.

— Acho que estou começando a acreditar na maldição de Mackers — digo a Marina.

Ela me olha, a preocupação estampada nos seus olhos, misturada à empatia. Ela parece estar prestes a dizer alguma coisa quando Petra me chama no palco.

Linus parece horrível. Petra, no entanto, ela, a rainha dos pitis, na verdade está calma, a fumaça do cigarro rodopiando em volta dela como uma estátua em chamas. Levo um minuto para perceber que não está calma. Está resignada. Ela já cancelou esta noite.

Subo no palco. Suspiro fundo.

— O que posso fazer? — pergunto a ela.

— O elenco todo está esperando para repassarmos toda a peça mais tarde —

Linus responde. — Agora gostaríamos de passar suas cenas com a Marina. Para ver como se saem.

Petra amassa o cigarro.

— Vamos pular para o Primeiro Ato, Cena Dois com Rosalinda. Eu lerei Célia. Linus lerá Le Beau e o Duque. Vamos começar um pouco antes da luta com a fala de Le Beau.

— *Sr. Desafiante, a princesa gostaria de lhe falar* — Linus diz. Petra assente.

— *Terei com elas, com todo o respeito e dever* — digo, entrando no ponto da próxima fala de Orlando.

Há um momento de surpresa, e todos olham para mim.

— *Meu jovem, já desafiou Carlos, o lutador?* — Marina pergunta como Rosalinda.

— *Não, minha adorada princesa, ele é o principal desafiante: só venho, como os outros, lutar com ele, contando com a força da minha juventude* — respondo, sem prepotência, como Jeroen faz, mas equilibrando a bravata com um pouco de incerteza, que, de algum modo, agora sei que o Orlando deve sentir.

Já tinha falado essas palavras centenas de vezes nas leituras com Max, mas elas eram apenas falas no script, e eu nunca tinha parado para descobrir o que significavam porque nunca precisei. Mas, assim como o monólogo de Sebastian veio à tona durante meu teste meses atrás, as palavras, de repente, parecem carregadas de significado. Elas se transformam em uma língua que conheço.

Vamos para a frente e para trás, e então chego a uma das falas de Orlando:

— *Não contrariarei meus amigos, pois não tenho ninguém para lamentar por mim, não causarei nenhum mal ao mundo, pois nele não tenho nada.* — Ao

dizer tais palavras, sinto um nó de emoção no fundo da garganta. Sei bem o que querem dizer. Por um minuto, penso em engolir a emoção, mas não o faço. Mergulho nela e deixo que ela me carregue pela cena.

Estou me sentindo bem e solto à medida que caminhamos para a cena da luta, na qual eu finjo lutar com um oponente invisível. Sei bem essa parte. Orlando vence a luta, mas perde, de qualquer maneira. Ele é expulso do reino do duque e avisado de que o irmão quer matá-lo.

Chegamos ao final da cena. Petra, Linus e até mesmo Marina olham fixamente para mim, sem dizer uma só palavra.

— Vamos continuar? — pergunto. — Com o Segundo Ato? — Eles balançam a cabeça. Faço aquela cena com Linus lendo a parte de Adam, e, quando termino, Petra limpa a garganta e me pede para fazer desde o início, o monólogo de abertura de Orlando, aquele que errei tanto quando me chamaram de volta para fazer o teste.

Desta vez eu não erro. Quando termino, há mais silêncio.

— Quer dizer que tem tudo memorizado, isso é óbvio — Linus finalmente diz. — E a marcação?

— Sim, isso também — confirmo.

Eles parecem incrédulos. O que eles acham que tenho feito esse tempo todo?

Esquentando o banco, é minha própria resposta. E talvez não devesse ficar tão surpreso pela surpresa deles. Não era exatamente isso o que eu mesmo também pensei estar fazendo?



Petra e Linus dispensam Marina e eu. Têm algumas coisas para conversar. Se resolverem manter a apresentação desta noite, haverá um ensaio geral com todo o elenco no teatro ao meio-dia, e eu terei de passar por um ensaio técnico no anfiteatro mais tarde, só com Linus.

— Fique firme. E fique com o telefone ligado — Linus diz, me dá um tapinha nas costas e um olhar quase paternal. — Logo nos falaremos.

Marina e eu vamos a um café para tomar alguma coisa. Está chovendo, e do lado de dentro as janelas estão embaçadas. Sentamo-nos a uma mesa. Esfrego um círculo na janela. Do outro lado do canal fica a livraria onde encontrei a cópia de *Noite de Reis*. Está abrindo as portas. Conto a Marina sobre o pneu furado e a parada na livraria, a estranha corrente de eventos que me levou a ser o substituto de Jeroen e agora, possivelmente, a fazer o papel de Orlando.

— Nada disso tem a ver com a atuação que acabou de fazer. — Ela balança a cabeça e sorri, um sorriso particular, e é isso, mais do que qualquer outra coisa, que me faz parar de me sentir como um membro do “elenco-sombra”. — Você estava escondendo o ouro.

Não sei o que dizer. Talvez estivesse escondendo o ouro de mim mesmo.

— Deveria contar a ele — ela sugere, apontando para a livraria. — O cara que lhe vendeu o livro e lhe falou sobre a peça. Se conseguir, deveria contar que ele tem parte nisso.

Se eu conseguir, há muitas pessoas a quem terei de contar.

— Você não ia gostar de saber? — Marina continua. — Que, mesmo que só um pouquinho, aleatoriamente, você teve impacto na vida de alguém? Como chamam isso mesmo? Efeito Borboleta?

Observo o homem abrir a livraria. Deveria contar a ele. Embora não possa

contar à pessoa a quem eu realmente queira contar, a pessoa que está, de algum modo, intrinsecamente ligada a tudo isso, quem realmente me trouxe até aqui.

— Aproveitando que estamos confessando — Marina diz —, devo dizer que fiquei intrigada por você, desde o início, esse ator misterioso que guarda tudo para si mesmo, de quem ninguém nunca ouviu falar, mas que é bom o bastante para ser escalado como substituto.

Bom o bastante? Aquilo me surpreende. Achei que fosse o oposto.

— Tenho uma política rígida de não ter “*showmances*” — ela continua. — Nikki fica me dizendo que você pode ser uma exceção, pois é um substituto e não está no espetáculo, mas, agora que talvez esteja nele, estou ainda mais curiosa. — Ela me dá aquele sorriso particular de novo. — Ou fechamos hoje à noite ou fechamos daqui a três semanas, mas, de qualquer forma, depois que tudo terminar, que tal passarmos um tempo juntos?

Aquele surto de saudade de Lulu ainda está na minha corrente sanguínea, como uma droga cujo efeito está pela metade. Marina não é Lulu. Mas nem mesmo Lulu é Lulu. E Marina é fantástica. Quem sabe o que pode acontecer?

Estou quase para dizer a ela que sim, dizer que depois que tudo terminar eu gostaria disso, mas sou interrompido pelo toque do meu celular. Ela olha para o número e sorri para mim.

— Seu destino está chamando.



Tanto a fazer. Há um ensaio com todo o elenco ao meio-dia. Depois um ensaio técnico geral. Preciso correr de volta até o apartamento, pegar algumas coisas, contar para os rapazes. E Daniel. E Yael.

Broodje está acordando. Sem fôlego, conto a novidade a ele. Assim que termino de contar, ele já está ao telefone ligando para os rapazes.

— Contou para sua mãe? — ele pergunta quando desliga.

— Vou ligar para ela agora.

Calculo a diferença de horário. Ainda não são nem cinco horas em Mumbai, Yael estará trabalhando. Em vez de ligar, envio um e-mail. Já que estou no e-mail, mando um também para Daniel. No último minuto, envio um e-mail para Kate, contando a ela sobre o acidente de Jeroen, convidando-a para o espetáculo de hoje à noite, se ela ainda estiver por aqui. Até a convido para ficar comigo e dou a ela o endereço do meu apartamento.

Estou quase desligando quando dou uma passada rápida na minha caixa de mensagens. Há uma nova mensagem de um endereço desconhecido e penso que é lixo. Até eu ver o assunto: Carta.

Minha mão está um pouco trêmula ao clicar na mensagem. É de Tor. Ou enviada em nome de Tor por intermédio de algum participante do Will Guerrilheiro cujo nome não consigo ver.

Oi, Willem:

Tor me pediu para passar um e-mail para dizer que ela se encontrou com Bex na semana passada e Bex disse a ela que você não tinha

recebido aquela carta. Tor ficou bem brava, porque a carta era importante, e ela teve muito trabalho para lhe mandar. Ela quer que saiba que a carta era de uma garota que você conheceu em Paris, que estava lhe procurando porque você “comeu e depois pulou fora”. (As palavras são de Tor, não minhas). Ela disse que precisa entender que suas ações têm consequências. De novo, palavras da Tor. Não atire na mensageira. 😊 Sabe como ela é.

Abraço! Josie

Eu me afundo na cama à medida que várias emoções diferentes se sobrepõem. *Comeu e pulou fora*. Posso sentir a raiva de Tor. E a de Lulu também. Vergonha e arrependimento vêm à tona, mas então eu paro, impedido por alguma força invisível. Ela está procurando por mim. Lulu também está me procurando. Ou estava. Talvez só para me mandar ir me danar. De qualquer forma, ela procurava por mim, do mesmo jeito que eu procurava por ela.

Enquanto caminho de um lado para o outro da cozinha, não sei o que sentir. É muita coisa para um dia só.

Encontro Broodje estalando ovos em uma frigideira.

— Quer um *uitsmijter*? — ele pergunta.

Eu balanço a cabeça.

— Deveria comer alguma coisa. Para manter o ânimo.

— Preciso ir.

— Agora? Henk e W estão vindo para cá. Querem ver você. Vai estar por aqui em algum momento antes de seu grande *debut*?

O ensaio começa ao meio-dia e levará pelo menos três horas, e então Linus disse que eu teria uma folga antes de dar uma passada nas cenas do anfiteatro, às seis.

— Provavelmente consigo estar de volta aqui às cinco.

— Ótimo. Até lá já teremos o plano da festa.

— Plano da festa?

— Willy, isso é muito legal! — Ele faz uma pausa para olhar para mim. — Depois do ano que você teve, dos *anos* que teve, precisamos comemorar!

— Ok, tudo bem — digo, ainda meio embasbacado.

Volto para meu quarto para arrumar uma muda de roupas para usar embaixo da fantasia, sapatos. Estou quase saindo quando vejo o relógio de Lulu na prateleira. Eu o seguro na palma da mão. Depois de todo esse tempo ele continua funcionando. Eu o seguro por mais um momento. Então o enfio no bolso.

No teatro, o restante do elenco já está reunido. Max aparece atrás de mim.

— *Estou na sua cola* — ela sussurra.

Estou prestes a perguntar o que ela quer dizer, e então vejo o que ela quer dizer. Durante a maior parte desses três meses, fui praticamente invisível para muitas dessas pessoas, um membro do elenco-sombra. E, agora, os holofotes estão brilhando e não há mais segurança nas sombras. As pessoas me olham com um misto de desconfiança e condescendência, um sentimento conhecido da época em que eu viajava e entrava em certos bairros onde um tipo como eu não costumava andar. Assim como eu fazia quando estava viajando, finjo não notar e sigo em frente. Logo Petra está batendo as mãos, nos juntando.

— Não temos tempo a perder — Linus diz. — Vamos fazer um ensaio geral diferente, pulando as cenas nas quais Orlando não está.

— Então por que chamou *todo mundo* aqui? — resmunga Geert, que faz dois papéis, um dos homens de Frederico e Sílvio; ele quase não tem cenas com Orlando.

— Eu sei. Ficar sentado vendo outras pessoas representarem é uma puta perda de tempo — Max diz, a voz dela tão sincera que leva alguns segundos para Geert ter o bom-senso de ficar envergonhado.

Max me dá um sorriso de lado. Estou feliz por ela estar aqui.

— Chamei a todos — Petra diz, com uma paciência exagerada, deixando claro para todo mundo que está no limite — para que possam se acostumar com os diferentes ritmos de um novo ator, e assim todos nós podemos ajudar Willem a ter certeza de que a transição entre ele e Jeroen é a mais tranquila possível. O

ideal seria que vocês nem notassem a diferença.

Max revira os olhos diante disso e, mais uma vez, fico feliz por ela estar aqui.

— Agora do começo, por favor — Linus diz, batendo em sua prancheta. — Sem cenário e sem marcação, então façam o melhor que puderem.

Assim que ponho os pés no palco, me sinto aliviado. Este é o lugar ao qual pertencço. Como Orlando. À medida que prosseguimos com a peça, descubro mais coisas sobre Orlando. Descubro o quanto é importante aquela primeira cena quando ele e Rosalinda se encontram. É só por alguns minutos, mas eles veem algo um no outro, reconhecem algo. E aquele é o brilho que sustenta a paixão, para ambos, durante o restante da peça. Eles não veem um ao outro — não cientes de que se veem — até a última cena.

Uma dança tão maravilhosa que Shakespeare escreve em apenas algumas páginas de texto. Orlando está prestes a lutar com um homem muito mais forte do que ele, mas se exhibe na frente de Rosalinda e Célia para impressioná-las. Ele está assustado, deveria estar, mas, em vez de demonstrar, se exhibe. Ele flerta. “Deixe que seu olhar justo e seus desejos acompanhem minha provação”, ele diz.

O mundo muda em questão de minutos. E, nesta peça, é o momento quando Rosalinda diz: “Desejo que esteja convosco a pouca força que tenho”.

Aquela única fala. Tira-lhe a máscara. Revela o que está disfarçado. Rosalinda vê Orlando. Ele a vê. A peça toda está aí, bem nesse momento.

Sinto as falas como nunca as senti antes, como se de fato entendesse as intenções de Shakespeare. Sinto como se sempre tivesse havido uma Rosalinda e um Orlando e que eu estou aqui para representá-los. Não é representação em uma peça. Vai muito além disso. É muito maior do que eu.

— Pausa de dez minutos — Linus grita ao final do Primeiro Ato. Todos saem para tomar café ou fumar. Mas eu fico relutante em deixar o palco.

— Willem — Petra me chama. — Uma palavrinha.

Ela está sorrindo, o que raramente faz, e eu a princípio acho que é de satisfação, pois não é essa a mensagem de um sorriso?

O teatro fica vazio. Estamos só nos dois agora. Nem mesmo Linus está.

— Quero lhe dizer o quanto estou impressionada — ela começa.

Dentro de mim, sou um garotinho sorrindo na manhã de aniversário, prestes a ganhar os presentes. Mas tento manter uma cara profissional.

— Com tão pouca experiência, saber tão bem o inglês. Fomos surpreendidos pela sua facilidade com a língua em seu teste, mas isso... — Ela sorri de novo, mas agora eu noto que o sorriso se parece com um cachorro rosnando com as presas para fora. — E a marcação, nem precisa olhar para o script. Linus me diz que você até aprendeu um pouco da coreografia da luta.

— Eu observei — digo a ela. — Prestei atenção.

— Excelente. É isso mesmo o que precisa fazer. — E lá está aquele sorriso de novo. Mas agora começo a duvidar que ele reflita qualquer satisfação. — Falei com Jeroen hoje — ela continua.

Eu não digo nada, mas meu estômago revira. Tudo isso, e agora Jeroen vai voltar para o elenco com o gesso dele.

— Ele está terrivelmente envergonhado pelo que aconteceu, mas, acima de tudo, está chateado por ter decepcionado a companhia.

— Ninguém tem culpa. Foi um acidente — digo.

— Sim. Claro. Um acidente. Ele quer muito estar de volta nas últimas duas semanas da temporada, e nós faremos o possível para tentar adaptar as necessidades dele, porque é isso que se faz quando você faz parte de um elenco. Entende?

Eu meneio a cabeça, apesar de não entender muito bem aonde ela quer chegar.

— Entendo o que está tentando fazer lá em cima com o seu Orlando.

Seu Orlando. Algo na maneira de ela falar aquilo me faz sentir que ele não será mais meu por muito tempo.

— Mas o papel do substituto não é tentar trazer sua própria interpretação para o papel — ela continua. — É interpretar o papel como o ator a quem está substituindo faria. Para todos os efeitos, você não está interpretando Orlando. Está interpretando Jeroen Gossiers interpretando Orlando.

Mas o Orlando de Jeroen está totalmente errado, tenho vontade de dizer. É todo machista, arrogante e dissimulado; sem vulnerabilidade, Rosalinda não o amaria, e, se Rosalinda não o ama, por que o público deveria se importar? Quero dizer: Deixe-me fazer isso. Deixe-me fazer direito desta vez.

Mas não digo nada disso. E Petra apenas me olha. Então, ela finalmente pergunta:

— Acha que consegue fazer isso?

Petra sorri de novo. Que tolice de minha parte — de todas as pessoas do mundo — não reconhecer o sorriso dela pelo que realmente era.

— Ainda podemos cancelar este fim de semana — ela diz, a voz baixa, a ameaça evidente. — Nosso astro sofreu um acidente. Ninguém nos culparia.

Toma lá dá cá. Será que sempre tem de ser assim?

O elenco começa a voltar para dentro do teatro, a pausa de dez minutos terminada, prontos para retomar o trabalho, para fazer acontecer. Quando veem Petra e eu conversando, todos ficam quietos.

— Estamos entendidos? — ela pergunta, com voz tão amigável que quase parece recitar um poema.

Olho para o elenco mais uma vez. Olho para Petra. Assinto. Estamos entendidos.

Quando Linus nos libera à tarde, corro em direção à porta.

— Willem — Max chama.

— Willem — Marina chama atrás dela.

Aceno para elas. Tenho de experimentar minha fantasia e depois tenho só duas horas até Linus me encontrar para passar minhas marcações no palco do anfiteatro. Quanto ao que Max e Marina têm a dizer: se são parabéns pela minha interpretação, tão parecida com a de Jeroen que até mesmo Petra ficou impressionada, não quero ouvir. Se são perguntas sobre por que estou interpretando desse jeito quando tinha feito tão diferente antes, então eu realmente não quero ouvir.

— Preciso ir — digo a elas. — Vejo vocês hoje à noite.

Elas parecem magoadas, cada uma a seu modo. Mas eu simplesmente me afasto.

De volta ao apartamento, encontro W, Henk e Broodje ocupados, trabalhando numa página de um bloco amarelo sobre a mesa do centro.

— Esta é Femke — Broodje está dizendo. — Ei, aí vem o astro!

Henk e W começam a me parabenizar. Eu só balanço a cabeça.

— O que é isso? — aponto para o projeto sobre a mesa.

— Sua festa — W responde.

— Minha festa?

— A que vamos dar hoje à noite — Broodje diz.

Eu suspiro fundo. Tinha me esquecido completamente disso.

— Não quero uma festa.

— Como assim? Você não quer uma festa? — Broodje pergunta. — Disse que estava tudo bem.

— Agora não está. Cancele tudo.

— Por quê? Você não vai continuar?

— Vou continuar. — Subo para meu quarto. — Nada de festa — grito.

— Willy — Broodje grita atrás de mim.

Bato a porta e me deito na cama. Fecho os olhos e tento dormir, mas nada acontece. Sento-me e folheio um dos exemplares da *Voetbal International* de Broodje, mas isso também não ajuda. Jogo-a de volta na minha prateleira. A revista cai perto de um grande envelope de papel manilha. O pacote de fotos que desenterrei do sótão no mês passado.

Abro o envelope, dou uma olhada nas fotos. Paro naquela de Yael, Bram e eu no meu aniversário de dezoito anos. Chega a doer o tanto de saudade que sinto deles. O tanto de saudade que sinto dela. Estou tão cansado de sentir saudade do que eu não tenho.

Pego o celular e nem penso em calcular a diferença de horário.

Ela atende prontamente. E, assim como da última vez, não tenho palavras. Mas Yael não. Não desta vez.

— O que aconteceu? Me diga.

— Recebeu meu e-mail?

— Ainda não olhei. Aconteceu alguma coisa?

Ela parece em pânico. Eu deveria saber que ela ficaria assim. Ligações assim, sem mais nem menos. Precisa ser tranquilizada.

— Não é nada daquilo.

— Daquilo o quê?

— Daquilo de antes. Quero dizer, ninguém está doente, embora alguém tenha quebrado o tornozelo. — Conto a ela sobre Jeroen, sobre pegar a parte dele.

— Mas isso não deveria deixá-lo feliz? — ela pergunta.

Eu achei que me deixaria feliz. Fiquei feliz hoje de manhã. Ficar sabendo sobre a carta de Lulu me deixou feliz esta manhã. Mas agora já tinha passado, e tudo que sinto é a recriminação dela. Qual a distância que um pêndulo pode percorrer em um dia? A esta altura, poderia se pensar que eu já soubesse.

— Aparentemente não.

Ela respira fundo.

— Mas Daniel disse que você parecia tão animado.

— Falou com Daniel? Sobre mim?

— Várias vezes. Pedi conselhos a ele.

— Você pediu conselhos a *Daniel*? — De alguma forma isso é ainda mais chocante do que ela ter perguntado por mim.

— Queria saber se ele achava que eu deveria convidá-lo para voltar para cá.
— Ela faz uma pausa. — Para viver comigo.

— Quer que eu volte para a Índia?

— Se você quiser. Pode ser ator aqui. As coisas parecem ter funcionado bem para você. E poderíamos achar um apartamento maior. Algo grande o suficiente para nós dois. Mas Daniel achou que eu deveria esperar um pouco. Achou que você tivesse encontrado uma coisa.

— Não encontrei coisa nenhuma. E você poderia ter *me* perguntado — o comentário sai muito amargo.

Ela deve ter entendido. No entanto, sua voz continuava suave.

— *Estou* perguntando a você, Willem.

E então percebo que ela está. Depois de todo esse tempo. As lágrimas enchem meus olhos. Estou agradecido, neste pequeno momento, pelos milhares de quilômetros que nos separam.

— Quando eu deveria ir? — pergunto.

Há uma pausa. Então ela dá a resposta da qual eu precisava:

— Assim que você quiser.

A peça. Terei de fazê-la neste fim de semana, e então Jeroen voltará ou poderei desistir.

— Segunda-feira?

— Segunda-feira? — Ela parece um pouco surpresa. — Precisarei ver com Mukesh o que ele consegue fazer.

Segunda-feira. Daqui a três dias. Mas por que deveria ficar? O apartamento está terminado. Logo Daniel e Fabíola estarão de volta com o bebê, e não haverá mais espaço para mim.

— É muito cedo? — pergunto.

— Não, não é muito cedo — ela responde. — E estou muito agradecida por não ser tarde demais.

Há um nó na minha garganta e eu não consigo falar. Mas nem preciso. Pois Yael começa a falar. Em torrentes, se desculpando por me manter tão distante, me dizendo o que Bram sempre dizia, que não era eu, era ela, Saba, a infância que ela teve. Todas as coisas que eu já sabia, mas nunca tinha entendido até agora.

— Mãe, está tudo bem — faço-a parar.

— Mas não está — diz ela.

Está. Eu entendo todas as maneiras de se tentar escapar, como às vezes se escapa da prisão apenas para descobrir que se construiu outra diferente.

É uma coisa engraçada. Acho que minha mãe e eu finalmente estamos falando a mesma língua. No entanto, agora as palavras parecem não ser tão necessárias.

Desligo o telefone, sentindo como se alguém tivesse aberto a janela e deixado o ar entrar. É assim com as viagens. Um dia, tudo parece sem esperanças, perdido. E então se toma um trem ou se recebe uma ligação e um novo leque de opções se abre. Petra, a peça, aquilo parecia ser alguma coisa, mas talvez fosse apenas o último lugar para onde o vento me levara. E agora ele está soprando de volta para a Índia. De volta para a minha mãe. O lugar a que eu pertencço.

Ainda estou segurando o envelope de fotos. Mais uma vez, esqueci de perguntar a Yael sobre elas. Olho para a de Saba com a garota misteriosa e percebo agora que ela me pareceu familiar desde a primeira vez que a vi. Com os cabelos escuros enrolados; e o sorriso brincalhão, ela se parece muito com a Louise Brooks, essa... pego o artigo do jornal... essa Olga Szabo. Quem era ela? Namorada de Saba? Será que era a namorada de Saba que fugiu?

Não tenho certeza sobre o que fazer com as fotos agora. A coisa mais segura seria colocá-las de volta no sótão, mas sinto um pouco como se as estivesse aprisionando. Poderia fazer cópias delas e levar os originais comigo, mas elas podem se perder.

Olho fixamente para a foto de Saba. Vou até a de Yael. Penso na vida impossível que os dois tiveram juntos simplesmente pelo fato de Saba amá-la demais e tentar mantê-la em segurança. Não tenho certeza de que seja possível amar e manter algo em segurança ao mesmo tempo. Amar alguém é um ato tão intrinsecamente perigoso. No entanto, é no amor que está a segurança.

Eu me pergunto se Saba compreendia isso. Afinal, ele é um dos que sempre disseram: “A verdade e a mentira são os dois lados da mesma moeda”.

São quatro e meia. Só preciso me encontrar com Linus às seis horas, para uma rápida passagem técnica antes de a cortina se abrir. Na sala, ouço Broodje e os rapazes. Não quero encará-los. Não consigo me imaginar dizendo a eles que voltarei para a Índia daqui a três dias.

Deixo meu telefone na cama e saio sorrateiramente pela porta, dizendo tchau para todos. Broodje me dá um olhar pesaroso.

— Ao menos quer que a gente apareça lá hoje à noite? — ele pergunta.

Não quero. Não de verdade. Mas não posso ser tão cruel assim. Não com ele.

— Claro — minto.

No andar de baixo, dou de cara com minha vizinha, a Sra. Van der Meer, que está saindo para dar uma volta com o cachorro.

— Parece que finalmente teremos um pouco de sol — ela me diz.

— Ótimo — respondo, apesar de, desta vez, eu preferir a chuva. Se chover, as pessoas não virão.

Mas, obviamente, o sol está lutando contra a nuvem teimosa. Caminho até o parquinho do outro lado da rua. Estou quase atravessando os portões quando ouço alguém dizer meu nome. Continuo caminhando. Há milhares de Willems. Mas o nome fica mais alto. E então a voz chama em inglês.

— Willem, é você?

Paro. Viro. Não pode ser.

Mas é. Kate.

— Jesus Cristo, graças a Deus! — diz ela, correndo até mim. — Estou ligando e ninguém atende, daí eu vim até aqui, mas sua campainha idiota não funciona. Por que não atende?

Parece que mandei aquele e-mail para ela há um ano. De outro mundo. Fico com vergonha por isso agora, por ter lhe pedido que viesse até aqui.

— Deixei o telefone no apartamento.

— Que bom que encontrei sua vizinha passeadora de cachorro e ela me disse que achava que você tinha ido por este caminho. É uma das suas obras do acaso. — Ela ri. — É um dia cheio deles. O seu e-mail chegou num momento muito oportuno. David queria, de todo jeito, me levar para a pomposa *avant-première* de *Medeia* em Berlim esta noite, e eu estava desesperada tentando encontrar uma desculpa para não ir, e então, hoje de manhã, recebi seu e-mail, e, em vez disso, vim até aqui. E estava no avião quando me dei conta de que não fazia ideia de onde você estaria se apresentando. E aí você não atendeu o telefone e eu fiquei meio em pânico, então achei melhor encontrá-lo. Mas agora aqui estamos nós e tudo está bem. — Ela passa a mão exageradamente sobre a sobrancelha. — Ufa!

— Ufa! — repito baixinho.

O radar de Kate capta alguma coisa.

— Ou talvez não.

— Talvez não.

— O que é?

— Posso lhe pedir uma coisa? — Já pedi tanto a Kate. Mas tê-la ali? Broodje e os rapazes, eles podem não entender nada. Mas Kate entenderá. Ela consegue enxergar através daquela merda toda.

— Claro.

— Pode não ir hoje à noite?

Ela ri. Como se fosse uma piada. E então percebe que não é uma piada.

— Ah — ela diz, ficando séria. — Eles não vão colocar você? O tornozelo do outro Orlando sarou misteriosamente?

Balanço a cabeça. Baixo os olhos e vejo que Kate está segurando a mala. Ela literalmente veio direto do aeroporto. Para me ver.

— Onde vai ficar? — pergunto a Kate.

— No único lugar que consegui encontrar na última hora. — Ela tira uma folha de papel da bolsa. — Major Rug Hotel? — ela diz. — Não faço ideia de como pronunciar o nome, quanto mais onde fica. — Ela me passa o pedaço de papel. — Conhece?

Hotel Magere Brug. Sei exatamente onde fica. Passei por ele quase todos os dias da minha vida. Nos fins de semana costumavam servir massas caseiras no saguão, e Broodje e eu às vezes entrávamos escondido para pegar alguma coisa. O gerente fingia não notar.

Pego a mala dela.

— Venha. Vou levá-la para casa.



A última vez que estive no barco foi em setembro; cheguei até o píer e dei meia-volta. Parecia tão vazio, tão assombrado, como se também estivesse de luto pela perda dele, o que fazia um pouco de sentido, pois ele o construíra. A trepadeira que Saba plantara — “pois até um país coberto de nuvens precisa de sombra” —, que um dia tinha se espalhado pelo deque, tinha murchado e secado. Se Saba estivesse aqui, ele a teria podado de volta. Era o que ele fazia quando voltava no verão e encontrava as plantas sentindo sua ausência.

A trepadeira está de volta agora, encorpada e selvagem, derrubando pétalas roxas por todo o deque. O deque está cheio de outras flores, treliças, vinhas, arbustos, potes, coisas de flores trepadeiras.

— Aqui era minha casa — digo a Kate. — Foi onde cresci.

Kate estava quieta na viagem de bonde.

— É lindo — ela diz.

— Meu pai o construiu. — Posso ver o sorriso disfarçado de Bram, ouvi-lo anunciar como se fosse para ninguém: “Preciso de um ajudante esta manhã”. Yael se escondia embaixo do cobertor. Dez minutos depois eu estava com uma furadeira na mão. — Mas eu também ajudei. Faz muito tempo que não venho aqui. Seu hotel é logo virando a esquina.

— Que coincidência — ela diz.

— Às vezes acho que tudo é.

— Não. Não tudo. — Ela olha para mim, então pergunta. — O que foi, Willem? Medo do palco?

— Não.

— Então o que é?

Conto a ela. Sobre receber a ligação hoje de manhã. Sobre aquele momento do primeiro ensaio, encontrar algo novo, encontrar algo real em Orlando, e então ter de mandar tudo para o inferno.

— Agora só quero subir lá, fazer o que tenho de fazer e acabar tudo — digo a ela. — Com o mínimo de testemunhas possível.

Espero simpatia. Ou o conselho indecifrável, mas de algum modo ressonante, de Kate. Em vez disso, recebo uma gargalhada. Fungadas e soluçadas. Então ela diz:

— Só pode estar brincando.

Não estou brincando. Não digo nada.

Ela tenta se conter.

— Desculpe, mas a oportunidade de uma vida cai no seu colo, um daqueles seus gloriosos acasos finalmente acontece, e vai deixar que a porcaria de uma diretora desvie seu caminho?

Ela faz tudo parecer tão pequeno, um conselho ruim. Mas sinto como se fosse muito mais. Um tapa na cara, não um direcionamento errado, mas um redirecionamento. *O caminho não é esse*. E quando eu achei que tinha realmente encontrado alguma coisa. Tento achar as palavras para explicar essa... essa

traição.

— É como encontrar a garota dos seus sonhos — começo.

— E perceber que nem mesmo sabe o nome dela? — Kate termina.

— Eu ia dizer “e descobrir que, na verdade, ela é um garoto”. Que tinha entendido tudo errado.

— Isso só acontece nos filmes. Ou Shakespeare. Mas é engraçado você falar da garota dos seus sonhos, porque fiquei pensando na sua garota, naquela que você esteve procurando no México.

— Lulu? O que ela tem a ver com isso?

— Estava contando para David sobre você e sua história e ele fez essa pergunta ridiculamente simples pela qual fiquei obcecada desde então.

— Sim?

— É sobre a sua mochila.

— Você ficou obcecada pela minha *mochila*? — Faço soar como uma piada, mas, de repente, meu coração dispara.

Deu o fora. Comeu. Era capaz de ouvir o nojo de Tor, naquele sotaque de Yorkshire.

— É o seguinte: se você só ia sair para pegar café ou croissants ou para reservar um quarto de hotel, ou fazer sei lá o quê, por que levou com você sua mochila, com todas as suas coisas dentro?

— Não era uma mochila grande. Você a viu. Era a mesma que estava comigo no México. Eu sempre viajo com pouca coisa daquele jeito — falo rápido, como alguém com alguma coisa a esconder.

— Certo. Certo. Viajando leve. Assim você pode seguir em frente. Mas você ia voltar para aquele lugar, e tinha de escalar, se eu me lembro, até o segundo andar do prédio. Não é isso? — Eu assinto. — E você levou a mochila com você? Não teria sido mais fácil deixar a maioria das coisas lá? Mais fácil para escalar. No mínimo teria sido um sinal certo de que você tinha a intenção de voltar.

Eu estava lá naquele batente, uma perna do lado de dentro, a outra do lado de fora. Uma lufada de vento, tão cortante e tão fria depois de todo aquele calor, me atravessou. Do lado de dentro, ouvi um farfalhar quando Lulu se virou para se embrulhar na lona. Eu a observei por um momento, e, ao fazê-lo, esse sentimento tomou conta de mim mais forte do que nunca. Eu pensei: *Talvez seja melhor esperá-la acordar*. Mas já estava para fora da janela, e dava para ver a pâtisserie lá embaixo na rua.

Caí pesado dentro de uma poça d'água, a água da chuva espirrando ao redor dos meus pés. Quando olhei de volta para a janela lá em cima, a cortina branca esvoaçando na brisa forte, senti tristeza e alívio, a briga dos opostos do peso e da leveza, enquanto um me empurrava para baixo, o outro me levantava. Compreendi, naquele momento, que Lulu e eu tínhamos começado algo, algo que eu sempre quis, mas também algo que tinha medo de ter. Algo do qual eu queria mais. E também algo do qual eu queria fugir. A verdade e a mentira.

Saí em direção à pâtisserie sem saber direito o que fazer, sem saber se deveria voltar, se deveria ficar outro dia, mas sabendo que, se ficasse, tudo isso ficaria escancarado. Comprei os croissants, ainda sem saber o que fazer. Então virei a esquina e lá estavam os *skinheads*. E, de um jeito maquiavélico, fiquei aliviado: eles tomariam a decisão por mim.

Mas, assim que acordei naquele hospital, sem conseguir me lembrar de Lulu, ou do nome dela, ou de onde ela estava, mas desesperado para encontrá-la, compreendi que tinha sido a decisão errada.

— Eu *estava* voltando — digo a Kate. Mas há uma lâmina de incerteza em minha voz, e ela corta minha mentira ao meio.

— Sabe o que eu acho, Willem? — Kate pergunta, com a voz suave. — Acho que representar, aquela garota, é tudo a mesma coisa. Você chega perto de algo e fica assustado, então acha uma maneira de se distanciar.

Em Paris, no momento em que Lulu tinha me feito sentir a pessoa mais segura do mundo, quando ela tinha se colocado entre mim e os *skinheads*, quando tinha cuidado de mim, quando tinha se tornado minha garota das montanhas, eu quase a mandei embora. Naquele momento, quando encontramos segurança, eu olhei para ela, a determinação queimando em seus olhos, o amor já ali, improvável depois de apenas um dia. E eu senti tudo — o querer e o precisar —, mas também o medo, pois já sabia o que perder esse tipo de coisa poderia causar. Queria ficar sob a proteção do amor dela, mas, ao mesmo tempo, me proteger dele.

Naquela ocasião, não entendi. O amor não é algo que se protege. É algo que se arrisca.

— Sabe qual é a ironia de ser ator? — Kate pondera. — Usamos milhares de máscaras e somos especialistas em disfarces, mas o único lugar onde é impossível se esconder é no palco. Então não é à toa que você está tão doido! E Orlando, nossa!

Ela está certa de novo. Sei que está. Petra não fez nada hoje exceto me dar outra desculpa para dar outra escapada. Mas a verdade é que naquele dia eu realmente não quis fugir com Lulu. E também não quero fugir agora.

— Qual a pior coisa que pode acontecer se você fizer do seu jeito esta noite? — Kate me pergunta.

— Ela me demitir — Mas, se ela o fizer, será minha ação que decidirá. Não minha falta de ação. Começo a sorrir. É tentador, mas é real.

Kate faz o mesmo, uma enorme versão americana do sorriso.

— Você sabe o que eu sempre digo: faça direito ou vá para casa.

Olho para o barco; está quieto, mas o jardim está tão exuberante e tão bem cuidado, de um jeito que nunca estive conosco. É um lar, não o meu, mas o de alguém.

“Faça direito ou vá para casa.” Ouvi Kate dizer isso antes e não entendi direito. Mas agora entendo, embora ache que, desta vez, Kate não tenha entendido direito. Porque para mim não é fazer direito ou ir para casa. É fazer direito *e* ir para casa.

Preciso fazer uma coisa para fazer a outra.

Nos bastidores. É a mesma loucura de sempre, só que desta vez me sinto estranhamente calmo. Linus me puxa para o vestiário improvisado, onde tiro as minhas roupas comuns e me visto com as roupas de Orlando, ajustadas às pressas para servirem em mim. Coloco a maquiagem. Dobro minhas roupas dentro dos armários atrás do palco. Meu jeans, minha camiseta, o relógio de Lulu. Seguro-o em minha mão mais um segundo, sinto o tique-taque vibrar na palma de minha mão, e então o coloco no armário.

Linus nos junta em um círculo. Há exercícios vocais. Os músicos afinam os violões. Petra grita instruções de última hora, sobre encontrar minha luz e manter o foco e os outros atores me apoiarem, e para fazer o melhor que eu puder. Ela me dá um olhar penetrante e preocupado.

Linus diz que faltam cinco minutos e coloca seus fones de ouvido, e Petra se afasta. Max veio ficar nos bastidores esta noite, e está sentada em um banquinho de três pernas nas coxias. Ela não diz nada, apenas me olha e me joga beijos com a ponta dos dedos. Beijo os meus mesmos dois dedos e jogo os beijos de volta para ela.

— *Quebre a perna!* — alguém sussurra em meu ouvido. É Marina, em pé atrás de mim. Os braços dela rapidamente me circundam por trás e ela me beija em algum lugar entre minha orelha e meu pescoço. Max vê a cena e dá um sorrisinho.

— Em seus lugares! — Linus diz. Petra não está em lugar algum. Ela desaparece antes de a cortina se abrir e não reaparece até que o espetáculo tenha terminado. Vincent diz que ela vai a algum lugar andar, ou fumar ou estripar gatinhos.

Linus me pega pelo pulso.

— Willem — ele diz. Eu viro para olhar para ele. Ele aperta meu pulso de leve e assente. Eu balanço a cabeça de volta. — Músicos, comecem! — Linus dá o comando em seu fone de ouvido.

Os músicos começam a tocar. Tomo meu lugar ao lado do palco.

— Sinal de luz um, vá — Linus diz.

As luzes se acendem. O público fica em silêncio.

Linus:

— Orlando, vá!

Eu hesito um momento.

“Respire”, ouço Kate dizer. Respiro fundo.

Meu coração está batendo em minha cabeça. *Tum, tum, tum*. Fecho meus olhos e posso ouvir o tique-taque do relógio de Lulu; como se ainda o estivesse usando. Paro e ouço os dois antes de entrar no palco.

E então o tempo para. É um ano e um dia. Uma hora e vinte e quatro. É o tempo acontecendo, tudo de uma só vez.

Os últimos três anos se solidificam neste exato momento, em mim, em Orlando. Este jovem despojado, sem pai, sem família, sem lar. Este Orlando, que conhece, por acaso, esta Rosalinda. E, apesar de se conhecerem por apenas alguns minutos, reconhecem algo um no outro.

— *Desejo que esteja convosco a pouca força que tenho* — Rosalinda diz,

revelando tudo.

“Quem cuida de você agora?”, Lulu perguntou, me abrindo ao meio.

— *Use isto por mim* — Marina diz como Rosalinda, me dando uma corrente que tirou de seu pescoço.

“Serei sua garota da montanha e cuidarei de você”, Lulu disse, momentos antes de eu tirar o relógio do pulso dela.

O tempo está passando. Sei que deve estar. Entro no palco, saio do palco. Faço meus sinais, vou para minhas marcações. O sol mergulha no céu, dançando em direção ao horizonte, e as estrelas aparecem, os refletores se acendem e os grilos cricrilam. Sinto tudo acontecendo enquanto eu, de alguma forma, pairo sobre tudo. Estou aqui, agora. Neste momento. No palco. Sou Orlando, me entregando a Rosalinda. E também sou Willem, me entregando a Lulu, de um modo que deveria ter feito um ano atrás, mas não pude.

— *Deveria me perguntar qual o tempo do dia: não há relógio na floresta* — digo para minha Rosalinda.

“Você esqueceu? O tempo não existe mais. Você o deu para mim”, eu disse para minha Lulu.

Sinto o relógio em meu pulso naquele dia em Paris; ouço o tique-taque em minha cabeça agora. Não posso dizer qual é um, qual é o outro, o ano passado, este ano. São únicos e o mesmo. O passado é agora. Agora é o passado.

— *Não seria curado, jovem* — meu Orlando diz à Rosalinda de Marina.

— *Eu curaria de você, se me chamasse de Rosalinda* — Marina responde.

“Cuidarei de você”, Lulu prometeu.

— *Honestamente, em nome de Deus, e de todas aquelas lindas promessas que não apresentam perigo* — a Rosalinda de Marina diz.

“Escapei do perigo”, Lulu disse.

Nós dois escapamos. Alguma coisa aconteceu naquele dia. Ainda está acontecendo. Está acontecendo aqui em cima deste palco. Foi apenas um dia e apenas um ano. E talvez um dia seja o bastante. Talvez uma hora seja o bastante. Talvez o tempo não tenha nada a ver com isso.

— *Meu bom jovem, gostaria de poder fazê-lo acreditar que estou apaixonado* — meu Orlando diz a Rosalinda.

“Defina amor”, Lulu exigira. “O que seria ‘ficar manchado’?”

Assim, Lulu.

Seria assim.



E então tudo termina. Como uma enorme onda quebrando na praia, os aplausos ecoam e eu estou aqui, no palco, cercado pelos sorrisos chocados e encantados de meus companheiros de elenco. Estamos de mãos dadas e saudando o público, e Marina está me puxando para a frente para voltar ao palco, e dando um passo para o lado e me apontando para caminhar para a frente, e eu faço, e os aplausos aumentam ainda mais.

Nos bastidores está uma loucura. Max está gritando. E Marina está chorando e Linus está sorrindo, apesar de ficar olhando de soslaio para a entrada lateral por onde Petra saiu horas atrás. As pessoas estão à minha volta, me dando tapinhas

nos ombros, me dando parabéns e beijos, e eu estou aqui e não estou — ainda estou em algum estranho limbo, onde as fronteiras do tempo, do espaço e do ser não existem, onde posso estar aqui e em Paris, onde pode ser o agora e o passado, onde sou eu e também sou Orlando.

Tento permanecer neste lugar enquanto troco minhas roupas, tiro a maquiagem do rosto. Olho para mim no espelho e tento digerir o que acabei de fazer. Parece completamente irreal, e, ao mesmo tempo, a coisa mais verdadeira que já fiz. A verdade e a mentira. No palco, interpretando um papel, revelando a mim mesmo.

As pessoas se juntam ao meu redor. Há conversas sobre festas, comemoração, uma festa do elenco hoje à noite, embora o espetáculo só termine daqui a duas semanas e comemorar agora tecnicamente dê azar. Mas, aparentemente, todo mundo desistiu da sorte esta noite. Fazemos nosso próprio destino.

Petra volta aos bastidores, o rosto lívido e sem dizer uma palavra. Ela passa por mim. Vai direto até Linus.

Deixo os bastidores e saio pelo portão que serve como porta do palco. Max está ao meu lado, pulando para cima e para baixo como um filhotinho animado.

— E, então, a Marina tem um beijo decente? — ela me pergunta.

— Tenho certeza de que estava feliz por não estar beijando Jeroen — Vincent diz, e eu rio.

Do lado de fora, passo os olhos pela área, procurando meus amigos. Não tenho certeza de quem estará ali. E então eu a ouço chamar meu nome.

— Willem! — ela diz de novo.

É Kate, correndo em minha direção, uma mancha dourada e vermelha. Meu

coração parece aumentar quando ela pula em meus braços e rodopiamos.

— Você conseguiu. Você conseguiu. Você conseguiu! — ela murmura em meu ouvido.

— Consegui. Consegui. Consegui — repito, rindo com alegria, alívio e surpresa pelo rumo que este dia tomou.

Alguém bate no meu ombro.

— Você deixou cair alguma coisa.

— Ah, é mesmo. Suas flores — Kate diz, abaixando-se para pegar um buquê de girassóis. — Pela sua estreia maravilhosa!

Eu pego as flores.

— Como está se sentindo? — ela pergunta

Não tenho resposta, não tenho palavras. Sinto-me completo. Tento explicar, mas então Kate interrompe:

— Como se acabasse de fazer o melhor sexo da sua vida? — E eu rio. Sim, algo desse tipo. Pego a mão dela e a beijo. Ela enrosca o braço ao redor da minha cintura.

— Pronto para conhecer o seu adorável público? — ela pergunta.

Não estou. Neste momento, só quero curtir isso tudo. Com a pessoa que me ajudou a fazer tudo acontecer. Puxando-a pela mão, levo-a até um banco quieto embaixo de um gazebo e tento, de alguma forma, articular o que acabou de acontecer.

— Como isso aconteceu? — É tudo o que penso em perguntar.

Ela segura minhas mãos nas dela.

— Você realmente precisa perguntar isso?

— Acho que sim. Senti como se fosse uma coisa fora deste mundo.

— Ah, não — ela diz, rindo. — Acredito em fadas e tudo o mais, mas não me venha atribuir aquela interpretação a uma de suas obras do acaso. Foi totalmente você lá em cima.

E foi. E não foi. Porque eu não estava sozinho lá em cima.

Ficamos sentados lá um pouco mais. Sinto meu corpo inteiro vibrar, zunir. Esta noite está perfeita.

— Acho que seus fãs estão esperando — Kate diz um pouco depois, apontando para trás de mim. Eu me viro e lá estão Broodje, Henk, W, Lien e algumas outras pessoas, nos observando com curiosidade. Pego Kate pela mão e a apresento aos rapazes.

— Vem para a festa, não vem? — Broodje pergunta.

— *Nossa festa?* — pergunto.

Broodje tenta parecer um pouquinho inocente.

— É difícil desfazer uma festa em cima da hora.

— Especialmente depois que ele já convidou todo o elenco e metade do público — Henk diz.

— Não é verdade! — Broodje diz. — Metade não. Só alguns canadenses.

Reviro os olhos e rio.

— Tudo bem. Vamos lá.

Lien ri e pega minha mão.

— Vou dizer boa-noite. Um de nós precisa estar com a cabeça no lugar amanhã. Dia de mudança. — Ela beija W. Depois me beija. — Bom trabalho, Willem.

— Vou segui-la para sair do parque — Kate diz. — Esta cidade me deixa confusa.

— Você não vem? — pergunto.

— Tenho algumas coisas que preciso fazer primeiro. Vou mais tarde. Deixe a porta aberta para mim.

— Sempre — digo. Vou lhe dar um beijo no rosto e ela sussurra no meu ouvido: — Eu sabia que você conseguiria!

— Não sem você — digo.

— Não seja bobo. Você só precisava de um empurrãozinho.

Mas não me refiro ao empurrãozinho. Sei que Kate acredita que eu preciso me comprometer, não acreditar nos acasos, assumir a direção. Mas, se não tivéssemos nos conhecido no México, será que eu estaria aqui agora? Isso foi um

acidente? Ou foi o destino?

Pela centésima vez nesta noite, estou de volta com Lulu, na barca de Jacques, improvavelmente chamada *Viola*. Ela acabou de me contar a história da dupla felicidade e nós estamos conversando sobre o significado. Ela achava que significava a sorte do garoto conseguindo o trabalho e a garota. Mas eu discordei. Achava que era a combinação do casal, as duas metades se encontrando. Era o amor.

Talvez ambos estivéssemos errados, e ambos estivéssemos certos. Não é uma coisa ou outra, sorte *ou* amor. Acaso *ou* destino.

Para a dupla felicidade, talvez se precise dos dois.

Dentro do apartamento está um caos completo. Mais de cinquenta pessoas, do elenco, de Utrecht, até mesmo alguns amigos da escola da minha época de Amsterdã. Não faço ideia de como Broodje conseguiu encontrar todo mundo tão rápido.

Max me agarra assim que entra pela porta, seguida por Vincent.

— Puta merda! — Max diz.

— Você podia ter mencionado ao menos que sabia interpretar! — Vincent continua.

Eu sorrio.

— Gosto de preservar um pouco do mistério.

— Ah, tá. Bem, todo mundo no elenco está absolutamente encantado — Max conta. — Exceto Petra. Ela está puta como sempre.

— Só porque o substituto acabou de arrasar completamente o astro dela. E agora ela tem de decidir se vai colocar um astro aleijado, e quero dizer isso tanto literal quanto figurativamente, ou se vai deixar que você siga conosco até o final.

— Decisões, decisões — Max acrescenta. — Não olhe agora, mas Marina está olhando você com os olhos de “foda-me” de novo.

Todos olham. Marina está olhando diretamente para mim e sorrindo.

— E não dá para negar, a não ser que seja *comigo* que ela queira transar — Max diz.

— Volto logo — digo a Max. Vou até onde Marina está de pé, ao lado da mesa que Broodje transformou em bar. Ela tem uma caneca de alguma coisa na mão. — O que tem aí? — pergunto.

— Não tenho muita certeza. Um dos seus amigos deu isso para mim com a promessa de não dar ressaca. Estou acreditando na palavra dele.

— Esse é o seu primeiro erro.

Ela passa um dedo sobre a borda da caneca.

— Tenho a sensação de que já passei do meu primeiro erro faz tempo. — Ela dá um gole da bebida. — Não está bebendo?

— Já estou me sentindo bêbado.

— Aqui. Já que está bêbado, aproveite.

Ela me passa o copo e eu dou um gole. Sinto o gosto da tequila amarga que Broodje agora aprecia, misturada com alguma outra bebida com sabor de laranja.

— Claro. Isto aqui não dá ressaca. Obviamente que não.

Ela ri, toca no meu braço.

— Não vou dizer o quanto você foi fantástico esta noite. Imagino que já esteja cansado de tanto ouvir.

— Você algum dia se cansa de ouvir?

Ela sorri.

— Não. — Ela afasta o olhar. — Sei o que tinha lhe dito mais cedo, sobre depois do espetáculo, mas todas as regras parecem estar se quebrando hoje... — Ela para de falar um pouco. — Na verdade, três semanas podem fazer muita diferença?

Marina é sexy e linda e inteligente. E está errada. Três semanas podem fazer toda a diferença. Sei disso porque um dia pode fazer toda a diferença.

— Sim, fazem — respondo a Marina.

— Ah — ela comenta, parecendo surpresa, um pouco magoada. E em seguida: — Você está com alguém?

Esta noite, no palco, senti como se estivesse. Mas *era* um fantasma. Shakespeare está cheio deles.

— Não — respondo.

— Ah, acabei de ver você com aquela mulher. Depois do show. Não tinha certeza.

Kate. A necessidade de vê-la passa a ser urgente. Porque o que eu quero agora está muito claro.

Peço licença para Marina e dou uma andada pelo apartamento, mas não há sinal de Kate. Vou para o andar de baixo para ver se a porta ainda está encostada. Está. Dou de cara com a Sra. Van der Meer de novo, andando com o cachorro do lado de fora.

— Sinto muito por todo esse barulho — digo a ela.

— Não tem problema — ela diz e olha para cima. — Costumávamos ter umas festas de arromba aqui.

— Você vivia aqui quando isto ainda era uma área invadida? — pergunto, tentando reconciliar a *vrouw* de meia-idade com os jovens anarquistas que tinha visto nas fotos.

— Ah, sim. Conheci seu pai.

— Como ele era naquela época? — Não sei por que estou perguntando aquilo. Bram nunca foi o mais difícil de ser entendido.

Mas a resposta da Sra. Van der Meer me surpreende.



— Ele era um jovem um tanto quanto melancólico — ela comenta. E então seus olhos se levantam até o apartamento, como se ela o estivesse vendo ali. — Até sua mãe aparecer.

O cachorro dela puxa a coleira e ela continua a caminhada, me fazendo pensar no quanto sei, e não sei, sobre os meus pais.



O telefone está tocando. E eu estou dormindo.

Tateio procurando-o. Está ao lado do meu travesseiro.

— Alô — resmungo.

— Willem! — Yael diz, sem fôlego. — Acordei você?

— Mãe? — pergunto. Espero para sentir o pânico de costume, mas nada acontece. Em vez disso, há algo mais, um resíduo de algo bom. Esfrego os olhos e ainda estou aqui, flutuando como uma bruma: um sonho que eu estava tendo.

— Falei com Mukesh. E ele mexeu os pauzinhos dele. Conseguimos que você saísse na segunda-feira, mas temos de reservar agora. Desta vez faremos uma passagem em aberto. Venha passar um ano. Depois decida o que fazer.

Minha cabeça está tonta pela falta de sono. A festa foi até as quatro da manhã. Fui dormir por volta das cinco. O sol já tinha nascido. Aos poucos a conversa que tive ontem com minha mãe começa a voltar. A oferta que ela me fez. O quanto eu queria aquilo. Ou achei que quisesse. Não sabemos que queremos algumas coisas até o dia em que as perdemos. Outras, pensamos querer, mas não entendemos que já as temos.

— Mãe? — digo. — Não vou voltar para a Índia.

— Não vai? — Há um tom de curiosidade na voz dela, e de frustração também.

— Não pertenço a esse lugar.

— Você pertence a aonde eu pertenço.

É um alívio, depois de todo esse tempo, ouvi-la dizer isso. Mas eu não acho que seja verdade. Fico agradecido por ela ter feito um novo lar para ela na Índia, mas não é o lugar para onde preciso ir.

Faça direito ou vá para casa.

— Vou interpretar, mãe — digo. E sinto. A ideia, o plano, completamente formado desde a noite passada, talvez já existisse há muito tempo. A urgência para ver Kate, que nunca apareceu na festa, me amaldiçoa. Esta é uma chance que não vou deixar escapar por entre os dedos. Isto é algo de que preciso. — Vou interpretar — repito. — Porque sou um ator.

Yael ri.

— Claro que é. Está no seu sangue. Assim como Olga.

O nome soa imediatamente familiar.

— Olga Szabo, você quer dizer?

Há uma pausa. Posso sentir a surpresa dela atravessando a linha.

— Saba lhe contou sobre ela?

— Não. Encontrei as fotos. No sótão. Estou para perguntar sobre elas faz tempo, mas não perguntei porque tenho estado ocupado... — Mudo o rumo da conversa. — E porque nunca realmente conversamos sobre essas coisas.

— Não. Nunca conversamos, não é mesmo?

— Quem era ela? A namorada de Saba?

— Ela era irmã dele — Yael responde. E eu deveria estar surpreso, mas não estou. Nem um pouco. É como se todas as peças do quebra-cabeça se encaixassem.

— Ela teria sido sua tia-avó — Yael continua. — Ele sempre disse que ela era uma atriz fabulosa. Era para ter ido para Hollywood. Mas então veio a guerra e ela não sobreviveu.

Ela não sobreviveu. Somente Saba.

— Szabo era o nome artístico dela? — pergunto.

— Não. Szabo era o sobrenome de Saba antes de ele emigrar para Israel e “hebraizá-lo”. Muitos europeus fizeram isso.

Para se distanciar, imagino. Entendo aquilo. Embora nunca tenha se distanciado de verdade. Todos aqueles filmes mudos aos quais ele me levou. Os fantasmas que ele mantinha em volta e aos quais se agarrava.

Olga Szabo, minha tia-avó. Irmã de meu avô, Oskar Szabo, que se tornou Oskar Shiloh, pai de Yael Shiloh, esposa de Bram de Ruiter, irmão de Daniel de Ruiter, prestes a se tornar pai de Abraão de Ruiter.

E, simples assim, minha família aumenta novamente.



Ao sair do meu quarto, Broodje e Henk estão acabando de acordar, supervisionando os destroços como dois generais que perderam uma grande batalha terrestre.

Broodje se vira para mim, o rosto contorcido em desculpas.

— Sinto muito. Posso limpar tudo mais tarde. Mas prometemos encontrar W às dez horas para ajudá-lo com a mudança. E já estamos atrasados.

— Acho que vou vomitar — Henk diz.

Broodje pega uma garrafa de cerveja, dois terços cheia de guimba de cigarros.

— Pode passar mal *mais tarde* — ele diz. — Fizemos uma promessa ao W. — Broodje olha para mim. — E ao Willy. Vou limpar o apartamento mais tarde. E o vômito de Henk, que ele por ora manterá travado.

— Não se preocupe — digo. — Limpo tudo depois. Ajeito tudo.

— Não precisa ficar tão feliz com isso! — Henk diz, piscando e enrugando a testa.

Pego as chaves do balcão.

— Sinto muito — digo, sem estar nem um pouco sentido. Vou em direção à porta.

— Aonde vai? — Broodje pergunta.

— Tomar as rédeas da minha vida.



Estou destrancando minha bicicleta no andar de baixo quando meu telefone toca. É ela. Kate.

— Estou ligando para você faz uma hora — digo. — Estou indo para o seu hotel.

— Meu hotel, hein? — ela diz. Posso ouvir o sorriso na voz dela.

— Estava preocupado que fosse embora. E tenho uma proposta para você.

— Bem, propostas são melhores quando feitas pessoalmente. Mas fique onde está porque, na verdade, estou a caminho. É por isso que estou ligando. Está em casa?

Penso no apartamento, Broodje e Henk de cueca, a bagunça inacreditável. O sol já está brilhando, brilhando mesmo, pela primeira vez em dias. Em vez disso, sugiro nos encontrarmos no Sarphatipark.

— Do outro lado da rua. Onde estávamos ontem — lembro a ela.

— Proposta rebaixada de um hotel para um parque, Willem? — ela brinca. — Não tenho certeza se devo ficar lisonjeada ou ofendida.

— É, também não sei.

Vou direto ao parque e espero, sentado em um dos bancos perto do tanque de

areia. Um garotinho e uma garotinha estão discutindo os planos para um forte.

— Será que pode ter cem torres? — o garotinho pergunta.

A garotinha diz:

— Acho que vinte é melhor.

Então o garotinho continua:

— Podemos morar lá para sempre?

A garotinha analisa o céu por um momento e responde:

— Só até chover.

Quando Kate aparece, eles já fizeram um progresso significativo, cavando um fosso e construindo duas torres.

— Me desculpe pela demora — Kate diz, sem fôlego. — Eu me perdi. Essa sua cidade, toda em círculos.

Começo a explicar sobre os canais concêntricos, o Ceintuurbaan sendo um cinturão que faz toda a volta da cidade. Ela me dispensa com um abano de mão.

— Não se dê ao trabalho. Não tenho salvação. — Ela se senta ao meu lado. — Alguma novidade da Frau Directeur?

— Silêncio total.

— Isso parece sinistro.

Dou de ombros.

— Talvez. Nada que eu possa fazer. De qualquer forma, tenho um novo plano.

— Ah — Kate diz, arregalando seus já enormes olhos verdes. — Tem?

— Tenho. Na verdade, minha proposta é sobre isso.

— A trama está cada vez mais interessante...

— O quê?

Ela balança a cabeça.

— Deixe para lá. — Kate cruza as pernas, inclina-se na minha direção. — Estou pronta. Faça a proposta.

Pego na mão dela.

— Quero você. — Faço uma pausa. — Como minha diretora.

— Isso não é meio como dar um aperto de mãos depois de ter feito amor?

— O que aconteceu a noite passada — começo — aconteceu por sua causa. E eu quero trabalhar com você. Quero ir estudar com o Ruckus. Ser um estagiário.

Os olhos de Kate se transformam em sorrisos.

— Como sabe sobre os nossos programas de estágio? — ela diz pausadamente.

— Acho que olhei seu site umas cem vezes. E sei que geralmente trabalham com americanos, mas eu cresci falando inglês, eu interpreto em inglês. Na maior parte do tempo, eu sonho em inglês. Quero fazer Shakespeare. Em inglês. Quero fazê-lo. Com você.

O sorriso desapareceu do rosto de Kate.

— Não seria como a noite passada, Orlando no palco principal. Nossos estagiários fazem de tudo. Constroem cenários. Fazem a parte técnica. Estudam. Interpretam em grupo. Não estou dizendo que um dia não teria papéis principais; não descartaria essa hipótese, não depois de ontem à noite. Mas levaria um tempo. E há problemas de visto a serem levados em conta, sem falar no sindicato, então você não poderia vir esperando estar sob os holofotes. E eu disse a David que ele precisa conhecer você.

Olho para Kate e estou prestes a dizer que não esperaria aquilo, que seria paciente, que sei construir coisas. Mas paro porque me ocorre que não preciso convencê-la de nada.

— Onde acha que eu estava a noite passada? — ela pergunta. — Estava esperando pelo David voltar da *Medeia* dele para poder lhe contar sobre você. Depois consegui colocar a bunda dele num avião para que pudesse vê-lo hoje à noite, antes de aquele inválido voltar. Ele está a caminho e, na verdade, tenho de ir embora logo para ir ao aeroporto buscá-lo. Depois de todo esse trabalho, é melhor eles o escalarem novamente, do contrário terá de fazer um solo para ele.

Ela ri.

— Estou brincando. Mas o Ruckus é pequeno, então podemos tomar decisões desse tipo em conjunto. Isso é outra coisa para a qual deve se preparar, como somos absurdamente dependentes uns dos outros. — Ela joga os braços para

cima. — Mas toda família é assim!

— Espere aí. Quer dizer que você ia me convidar?

O sorriso está de volta.

— E você tinha alguma dúvida? Mas me agrada muito, Willem, que você tenha *me* pedido. Isso mostra que esteve prestando atenção, que é o que um diretor quer de um ator. — Ela bate a mão na têmpora. — Além disso, é muito esperto de sua parte se mudar para os Estados Unidos. Bom para sua carreira, mas também é de onde vem sua Lulu.

Penso na carta de Tor, só que hoje o arrependimento e a culpa se foram. Ela procurou por mim. Eu procurei por ela. E ontem à noite, de um jeito estranho, nós nos encontramos.

— Não é por isso que eu quero ir — digo a Kate.

Ela sorri.

— Eu sei. Estou só brincando. Embora ache que vai adorar o Brooklyn. Tem muito a ver com Amsterdã. As casinhas de tijolinhos, e as casas em fileiras, a amável tolerância pela excentricidade. Acho que se sentirá em casa.

Quando ela diz isso, aquela sensação toma conta de mim. De paz, de descanso, de todos os relógios do mundo pararem de bater.

De lar.



A casa de Daniel, essa está uma bagunça.

Quando volto, os rapazes já saíram e há lixo por todo lado. Parece como Bram costumava descrever as festas naqueles tempos, antes de Yael chegar e estabelecer o seu tipo de ordem.

Há garrafas, cinzeiros, pratos, caixas de pizza, e toda a louça parece estar fora dos armários e suja. Tudo cheira a cigarro. Com certeza não é um lugar para um bebê morar. Fico momentaneamente paralisado, sem saber por onde começar.

Coloco um CD de Adam Wilde, aquele cantor e compositor a quem Max e eu fomos assistir algumas semanas atrás. E começo. Esvazio as garrafas de cerveja e vinho e as coloco em uma caixa para reciclagem. Depois, esvazio os cinzeiros e os lavo. Apesar de agora existir uma máquina de lavar louça, encho a pia com água quente e sabão e lavo toda a louça suja, depois a seco. Escancaro as janelas para arejar o lugar, e o sol e o ar fresco começam a entrar.

Ao meio-dia, já recolhi as garrafas, joguei as guimbas de cigarro, lavei e sequei a louça, limpei e passei o aspirador de pó. Está tão limpo quanto estive em seus melhores dias com Daniel, embora, quando ele chegar com Abraão e Fabíola, o apartamento estará um brinco. Pronto.

Faço café. Checo meu celular para ver se há alguma notícia de Linus, mas o aparelho está em cima da minha cama, morto. Coloco-o na tomada para recarregar, ponho o café na prateleira. O envelope ainda está lá, com minhas fotos, de Yael, Bram, Saba, Olga. Passo o dedo sobre a dobra do envelope, sinto o peso da história lá dentro. Aonde quer que eu vá daqui para a frente, as fotos irão comigo.

Dou uma olhada no celular. Ainda está morto, mas logo terei alguma novidade de Linus e Petra. Parte de mim acha que serei demitido. Que este seja o preço a

ser pago pelo triunfo da noite passada, e não faz mal, porque é um preço que não me importo em pagar. Mas outra parte de mim está perdendo a fé na lei universal do equilíbrio, que funciona desse modo.

Volto para dentro da sala. O CD de Adam Wilde está se repetindo e as canções estão começando a se tornar tão conhecidas que já sei que serei capaz de ouvi-las quando não estiverem tocando.

Olho ao redor do quarto. Afofo as almofadas e me deito no sofá. Deveria estar em suspense, aguardando alguma notícia sobre hoje à noite, mas me sinto o oposto. Como naquele momento de pausa quando desço na estação de trem ou de ônibus ou do aeroporto em uma nova cidade e não existe nada senão possibilidades.

Pela janela aberta, os sons dissonantes da cidade — os chiados do bonde, as buzinas das bicicletas, os ocasionais rugidos dos jatos nas nuvens — entram e se misturam com a música e me fazem pegar no sono.

Pela terceira vez em um dia, sou acordado pelo chamado do telefone. Assim como hoje de manhã, quando Yael ligou, tenho a mesma sensação de estar em algum lugar, no lugar certo.

O telefone para de tocar. Mas sei que deve ser Linus. *Minha sina*, Marina o chamara. Mas não é a minha sina, é apenas sobre hoje à noite. A minha sina depende de mim.

Entro no quarto e pego o telefone. Pela janela, subindo através das nuvens, consigo ver a parte de baixo de um jato da KLM, azul e branco. Vejo-me em um avião, saindo de Amsterdã, sobrevoando o mar do Norte, sobrevoando a Inglaterra e a Irlanda, passando pela Islândia e pela Groenlândia, descendo pela ilha Terra Nova e margeando a costa leste, até Nova York. Sinto o baque, ouço o deslizar das rodas tocando o chão, a explosão de aplausos dos passageiros. Porque somos, todos nós, muito agradecidos por termos finalmente chegado.

Olho para o meu telefone. Está lotado de mensagens de parabéns pela noite passada, e uma mensagem de voz de Linus. “Willem, por favor, poderia ligar assim que possível?”, ele diz.

Respiro fundo, me preparo para seja lá o que for que ele vá dizer. Fiz direito e agora estou indo para casa.

Assim que Linus atende, ouço uma leve batida na porta da frente.

— Alô, alô... — ecoa a voz de Linus.

Há outra batida, desta vez mais forte. Kate? Broodje?

Digo a Linus que ligo de volta em um minuto. Coloco o telefone de lado. Abro a porta. E, mais uma vez, o tempo para.

Estou chocado. E não estou. Ela está exatamente como eu me lembrava dela. E completamente transformada. Uma estranha. E alguém a quem eu conheço. “A verdade e a mentira são os dois lados da mesma moeda”, ouço Saba dizer.

— Olá, Willem — ela diz. — Meu nome é Allyson.

Allyson. Digo o nome em minha cabeça, e um ano digno de lembranças e fantasias e conversas solitárias é revisitado e atualizado. Não Lulu. Allyson. Um nome forte. Um nome sólido. E, de algum modo, um nome conhecido. Tudo nela parece familiar. Conheço esta pessoa. Sou conhecido desta pessoa. E é então que compreendo o que eu sonhava esta manhã, quem estivera sentada ao meu lado no avião durante todo este tempo.

Allyson entra.

A porta se fecha com um clique atrás dela. E, por um minuto, eles também

estão conosco na sala. Yael e Bram, trinta anos atrás. A história inteira deles passando pela minha cabeça, pois é também a nossa história. Só que agora eu percebo que era uma história incompleta, pois, independentemente de quantas vezes eu a contara, Bram nunca contou a parte mais importante. O que aconteceu durante aquelas primeiras três horas juntos no carro.

Ou talvez tenha contado, só que sem palavras. Com seus atos.

“E então eu a beijei. Como se sempre a tivesse esperado” — meu pai, antes um tanto melancólico, teria dito, sempre com um encanto em sua voz.

Sempre achei que o encanto fosse pelos acasos. Mas talvez não fosse. Talvez o encantamento fosse pela mancha. Três horas no carro, foi esse o tempo necessário. E, dois anos depois, lá estava ela.

Talvez ele tivesse ficado estupefato, assim como eu estou estupefato, por aquela misteriosa encruzilhada onde o amor se encontra com a sorte, onde o destino se encontra com o desejo. Ele estava esperando por ela. E lá estava ela.

Então ele a beijou.

Eu beijo Allyson.

Completo a história que se desenrolou diante de nós, e, ao fazê-lo, dou início à nossa própria história.

Dupla felicidade: agora eu entendo.

agradecimentos

Um romancista é um ladrão por necessidade. Primeiramente, gostaria de me desculpar e depois agradecer a todas as pessoas que conheci ao longo dos anos durante minhas viagens e em minha vida, cujos pedacinhos eu roubei, disfarcei e coloquei neste livro. Há muitos de vocês para listar, e nem sei se eu seria capaz de lembrar o nome de todos. Mas lembro de todos mesmo assim. As pessoas com quem nos encontramos por um dia podem realmente nos inspirar de maneiras às quais nem conseguimos reconhecer até que, décadas depois, um pedacinho delas acaba sendo colocado em um romance.

A todos aqueles que reconhecidamente me ajudaram neste grande livro de confusão e vaivém internacional, de coração, *merci, bedankt, gracias, köszönöm* e obrigada. Especialmente para Jessie Austrian, Fabiola Bergi, Michael Bourret, Libba Bray, Sarah Burnes, Heleen Buth, Mitali Dave (e seus pais). Danielle Delaney, Céline Faure, Fiasco Theater Company, Greg Forman, Lee e Ruth Forman, Rebecca Gardner, Logan Garrison, Tamara Glenney, Marie-Elisa Gramain, Tori Hill, Bem Hoffman, Marjorie Ingall, Anna Jarzab, Maureen Johnson, Deborah Kaplan, Isabel Kyriacou, E. Lockhart, Elyse Marshall, Tali Meas, Stephanie Perkins, Mukesh Prasad, Will Roberts, Philippe Robinet, Leila Sales, Tamar e Robert Schamhart, William Shakespeare, Deb Shapiro, Courtney Sheinmel, Slings & Arrows, Andreas Sonju, Emke Spauwen, Margaret Stohl, Julie Strauss-Gabel, Alex Ulyett, Robin Wasserman, Cameron e Jackie Wilson, Ken Wright e toda a equipe da Penguin Young Readers Group. Seria necessário um vilarejo — neste caso, um vilarejo global.

E, finalmente, obrigada a Nick, Willa e Denbele: minha família. Meu lar.

Table of Contents

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[parte um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[parte dois](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[agradecimentos](#)